Megan Maxwell

Quase um Romance

Da autora de
Peça-me o que quiser



SUMA de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Megan Maxwell

Quase um Romance



Da autora de
Peça-me o que quiser

SUMA de letras

Megan Maxwell

Quase um Romance

TRADUÇÃO
Lígia Azevedo

SUMA de letras

Para Santi, meu amor, meu amigo, meu marido

e meu motoqueiro preferido. Te amo.

1

— Finalmente é sexta-feira — sussurrou Rebeca ao sair do escritório.

Às vezes o trabalho era opressivo, e ultimamente estava sendo. Ela foi andando apressadamente até o carro. Entrou, jogou a bolsa no banco do passageiro e, quando ia fechar a porta, viu uma caixa de pizza se mexendo debaixo do carro ao lado. Fechou a porta na mesma hora.

Deve ser um rato, pensou, horrorizada.

Deu a partida, mas, quando olhou de novo, viu uma carinha peluda e branca saindo da caixa. Um cachorro. Não resistiu: desligou o carro, saiu e tirou a caixa de cima do bichinho.

— Ei, sai daí — murmurou ela, sorrindo. — Cadê seu dono?

Olhou em volta. Não havia mais ninguém no estacionamento. Estava sozinha ali.

Voltou a olhar para o cãozinho peludo, se derretendo toda.

— Está com fome, é? — Como se tivesse entendido, ele latiu. — Ah, que fofo!

Achando graça, Rebeca pegou o bichinho com uma das mãos e o aproximou do rosto. Era pequeno e com olhos tristonhos que a comoveram. Logo ia escurecer, e ela teve dó de deixá-lo ali sozinho. Mas não podia ficar com ele. Com a vida que levava, com seu trabalho, não havia espaço para um animal de estimação. Morrendo de pena, ela o colocou de volta no chão.

— Sinto muito. Não posso pegar você.

Rebeca abriu a porta do carro e, quando ia entrar, o cachorro tentou entrar também, mas ela não deixou.

— Nada disso, amiguinho. Não posso ficar com você e fim de papo.

Ele se sentou sobre o traseiro rechonchudo. Rebeca olhou para ele e não aguentou. Não podia deixá-lo ali. Era um cachorrinho. Um filhote. Saiu novamente do carro, pegou-o e, depois de uma leve bufada, murmurou:

— Tudo bem, vem comigo. Mas só essa noite. Amanhã eu chamo o controle de animais para irem buscar você.

No caminho, o bichinho branco com manchinhas marrons se enroscou no banco e dormiu ao lado da bolsa. Rebeca o observava comovida e imaginava como seria divertido ficar com ele. Mas logo afastou a ideia. Não podia, ou melhor, não lhe convinha ter um cão, pois quase não parava em casa. Acabaria sobrando para Angela, a amável senhora de Toledo que limpava o pouco que Rebeca sujava. Conhecendo Rebeca desde pequena, Angela sempre a repreendia por comer tão pouco e passar tanto tempo sozinha.

Depois de estacionar, Rebeca aninhou o filhote no colo e entrou com ele em casa.

— Bom, vamos comer alguma coisa um pouco mais saudável que um pedaço de pizza.

Rebeca soltou o filhote no chão da cozinha, onde ele fez o primeiro estrago.

— Ah, não… Ah, não… — lamentou enquanto ia às pressas pegar o esfregão. — Começamos mal.

O cachorro, no entanto, parecia feliz, e começou a correr e a latir como um louco. Rebeca sorriu e se dirigiu à geladeira para pegar o leite. Depois, procurou biscoitos e uma tigela. Quando o cão viu aquilo, levantou as patinhas dianteiras, mostrando um apetite voraz. Rebeca ficou vendo-o se refestelar com a refeição enquanto ligava para o serviço de informações a fim de saber o telefone do controle de animais.

Anotou o número que lhe passaram e uma gravação indicou que o serviço funcionava apenas nos dias de semana, em horário comercial. Ela deveria informar endereço, tipo de animal, telefone e nome. Pensou por alguns instantes. Ele era tão fofo! Mas, assim que o viu fazendo xixi no chão de novo, não teve dúvida.

— O que eu faço com você até segunda? — perguntou ela, olhando para o filhote.

Decidiu revisar alguns relatórios que havia levado para casa, depois do jantar. Estava sempre trabalhando.

— Bom, é melhor eu me mexer — disse, observando o bichinho encolhido no tapete.

Às nove horas começou a analisar as estatísticas anuais da empresa e à meia-noite decidiu ir dormir. Espreguiçando-se, levantou-se da poltrona, desligou o

laptop e, quando já ia subindo a escada, ouviu alguns passinhos rápidos atrás de si. Ao se virar, lá estava o cachorro, encarando-a com olhinhos meigos e balançando o rabo.

— Tudo bem, pode subir e dormir comigo. Só não vá fazer xixi outra vez. Combinado?

Mas foi só soltá-lo no quarto que ele fez. Rebeca bufou, limpou o piso, estendeu um cobertor pequeno no chão e murmurou:

— Minha cama está terminantemente proibida, ouviu?

O cachorro emitiu um barulho que a fez sorrir. Dez minutos depois, Rebeca o pegou do chão e o colocou na cama. Os dois dormiram profundamente.

2

O fim de semana com o cachorro foi sensacional. Diferente. Rebeca se divertiu com ele, mesmo estando o tempo todo com o esfregão nas mãos. No sábado, depois de comer, ela ficou olhando fixamente para o cãozinho. Se iam passar o fim de semana juntos, era melhor dar um banho nele. E

foi assim que acabou descobrindo se tratar de uma cadela. Uma fêmea. A cadelinha ficou limpa e fofa, como um bichinho de pelúcia. Mas Rebeca se recusava a dar um nome a ela. *Se eu fizer isso, vou ficar ainda mais apegada*, pensou. Então a chamava simplesmente de "filhote".

Na segunda-feira de manhã, Rebeca esperou Angela chegar para avisar que viria uma pessoa buscar o bichinho.

— Deus do céu! Que coisa mais fofa! — exclamou a mulher assim que entrou e viu a cadelinha.

— Já era hora de você arranjar companhia. Vem aqui, meu amor — disse ela, agachando-se para fazer carinho no animal.

— Angela, não vou ficar com ela — explicou Rebeca, enquanto comia cereal. — Eu a encontrei na sexta, e hoje o controle de animais vai vir buscá-la. Vão encontrar um lar para ela.

A mulher a encarou com seus olhos azuis, franzindo o cenho.

— Como você pode entregar essa coisa linda? — reclamou ela. — Eu ajudo, querida. Posso cuidar dele o dia todo, você assume às seis.

Rebeca suspirou. Conhecia Angela, sabia que a mulher logo ficaria brava. Respondeu na defensiva:

— Como se fosse fácil! Não dá. Eu saio cedo para trabalhar, só apareço em casa para comer. Você sabe que às vezes volto bem tarde. Como vou cuidar dela?

— Dela? É fêmea?

— É.

— E qual é o nome?

— Ela não tem nome, Angela. Já disse que não vou ficar com ela.

Nesse momento, a cadelinha fez xixi. Antes mesmo que Rebeca saísse do lugar, Angela já tinha pegado um pano de chão.

— Prontinho! — Com as mãos na cintura, Angela acrescentou: — Minha avó Gregoria sempre dizia: "Tudo o que você planta hoje, colhe amanhã". Pense nisso.

Ao ver a expressão de Rebeca, soube que tinha entrado num assunto espinhoso. Mas não se importava. As duas se conheciam havia tantos anos que tinham a liberdade de dizer uma à outra o que bem quisessem.

— Você é jovem, querida — continuou Angela. — Tem só vinte e três anos. É linda, inteligente, tem uma casa bonita. Mas de que serve tudo isso? — Rebeca fechou a cara, mas a mulher prosseguiu: — Sei que você não gosta que eu me meta na sua vida, e eu não faço isso, mas a sua

história com Félix já acabou, e acho que é hora de encontrar alguém que a mereça. Você sabe que é como uma filha para mim, que eu faria qualquer coisa por você. Por isso, mesmo correndo o risco de que me mande pastar, como faz às vezes, preciso dizer que nem todos os homens são iguais.

Existem bons e maus, melhores e piores, bonitos e feios, e é preciso conhecê-los!

— Angela, eu não preciso de um homem ao meu lado, nem quero — respondeu Rebeca, irritada.

— Agora estou com pressa e sem a menor vontade de discutir isso.

Assim que pegou a bolsa e as chaves do carro, Rebeca se virou para a mulher, que ainda a encarava.

— Vão levar a cadelinha hoje. Entendido?

— Ah. Claro, querida, claro — respondeu Angela. — Entendido.

Rebeca se deteve diante do filhote, que balançava o rabo alegremente.

— Espero que encontrem um lugar legal para você. Tchau! — disse, com os olhos cheios de lágrimas. — Angela… até logo.

Mas a mulher não prestou atenção. Quando se irritava, murmurava consigo mesma, e era o que fazia naquele momento.

3

Rebeca pensava no ex-namorado enquanto dirigia pelas ruas de Madri. Ela o amara de todo o coração, e ele, em troca, a tinha feito de idiota após três anos de relacionamento. Certa noite, ele mandou uma mensagem dizendo que estava apaixonado por outra e simplesmente desapareceu.

Rebeca chorou muito, mas depois de um tempo reconheceu que tinha sorte de se livrar de uma pessoa como ele. Só esperava que algum dia alguém ensinasse uma lição àquele cretino. Ainda perdida em pensamentos, chegou ao escritório. Belém, sua amável secretária, entrou com ela em sua sala.

— Bom dia, Rebeca — cumprimentou ela, alegre. — Como foi o fim de semana?

— Bom, e o seu?

Como sempre, Belém começou a contar suas histórias:

— Fui a uma festa e conheci um cara incrível. Saímos para jantar, mas não sei, acho que não é nada sério.

Enquanto ouvia como tinha sido maravilhoso o encontro, Rebeca só conseguia pensar no que Angela havia dito sobre a cadelinha. Talvez não fosse mesmo tão difícil de cuidar. Depois do que tinha acontecido com os pais e com Félix, Rebeca estava tão acostumada a ficar sozinha que se tornara quase uma ermitã. Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Belém, ligue para minha casa, preciso falar com Angela. É urgente.

A secretária fez a ligação.

— Alô? — atendeu a senhora, com seu sotaque inconfundível de Toledo.

— Desculpe, Angela, eu não queria ter falado daquela maneira.

Sorrindo carinhosamente, a mulher respondeu:

— Ah, minha flor, eu é que peço desculpas. Você sabe que sou meio cupido, mas não devia ter mencionado Félix. Só quero que você seja feliz, não gosto de te ver sozinha.

De repente, Rebeca ouviu um grande estrondo, seguido por latidos.

— Meu Jesus! — gritou Angela.

— O que foi? — perguntou Rebeca, preocupada. — Angela, o que houve?

A mulher respondeu rindo:

— Nossa amiguinha derrubou o pote de chocolate em pó e uma xícara. Nada de mais.

Rebeca sorriu, surpresa.

— Como ela conseguiu fazer isso? É tão pequenininha!

— É o que eu queria saber. — Angela mudou o tom de voz. — Ah, querida… Por que não pensa melhor antes de entregar essa pestinha? Ela é tão fofa… Vai se acostumar com seus horários, você vai ver. E seria uma ótima companhia.

Mas Rebeca já havia pensado melhor.

— Se o pessoal do controle de animais aparecer, diga que decidimos ficar com ela — disse, decidida. — Qualquer coisa você me liga e eu converso com eles. Estamos combinadas?

Angela ficou louca de felicidade.

— Pode deixar! Daqui ninguém a tira! Dou uma vassourada em qualquer um que se aproximar.

— Isso mesmo — concordou Rebeca, rindo ao imaginar a dramática Angela com a vassoura na mão.

Quando desligou, estava satisfeita. Sabia que tinha dado um passo importante. A cadelinha lhe devolveria parte do que haviam tirado dela. Rebeca passou o dia

feliz, exceto pelos momentos em que cruzava com o desagradável sr. Cavanillas, seu chefe. Não o suportava, e a antipatia era mútua.

Foi para casa às cinco, mas antes passou em um pet shop. Precisava comprar ração, uma cestinha, uma coleira e, de acordo com a vendedora, um montão de outras coisas. Quando chegou em casa, às seis, Angela a esperava com um sorriso de orelha a orelha.

— Oi, minha querida, como foi seu dia?

— Por que ainda está aqui? — perguntou Rebeca, estranhando.

— Queria dar um abraço em você por ter tomado a decisão certa! E não queria deixar a pestinha só. Mas agora que você chegou, já estou indo. Até amanhã, querida.

— Até amanhã.

Angela foi embora com os olhos cheios de lágrimas. Queria que sua menina começasse a viver e acreditava que, pouco a pouco, estava conseguindo. A vida tinha sido dura com Rebeca. Mas tudo tinha seu fim, e Angela sabia que algum dia ela seria feliz.

Quando ficou a sós com a cadelinha, Rebeca a pegou no colo e se sentou na poltrona.

— Muito bem, pestinha. Agora preciso de um nome para você. Vamos ver… — disse, observando-a. — Dani! Gostou? Acho que não… Então… Greta? Lara? Luna? Também não. — Então Rebeca se lembrou de quando a viu pela primeira vez e começou a rir. Olhou bem em seus olhinhos, sorriu e decretou: — A partir de hoje, seu nome é Pizza.

4

Quatro anos depois

O Natal chegou e, com ele, caíram os primeiros flocos de neve. Angela queria comprar enfeites para a casa e Rebeca foi junto para não desagradá-la, ainda que não gostasse de celebrar as festas de fim de ano. As duas passearam pelas ruas Serrano e Goya, olhando as vitrines. De volta ao carro, pararam no sinal vermelho da Guzmán el Bueno.

Enquanto Angela falava sem parar, como sempre, Rebeca pensava nos presentes que precisava comprar. Angela, Belém, Carla, Noelia; seus irmãos, Kevin e

Donna, sua sobrinha, Maria, e seu cunhado, Miguel. Recordou com nostalgia quando eram crianças e passavam o Natal com a família da mãe no Kansas ou com a do pai em Madri.

Como tudo tinha mudado...

Cada um havia seguido com sua vida. Donna se apaixonara pelo arquiteto Miguel Jover enquanto passava férias em Sevilha. Em cinco meses se casaram e ela foi morar lá, mas agora estavam em Chicago, por causa do trabalho dele. As duas se falavam por telefone algumas vezes por mês e por Facebook sempre que podiam.

Já Kevin ela via mais. Ele gostava de dizer que era o espírito livre da família: viajava de um lado para outro e gostava de agito. Tocava baixo em uma banda e ligava para Rebeca toda semana para se manter a par de tudo que acontecia com sua irmãzinha, como a chamava carinhosamente.

Os olhos de Rebeca se encheram de lágrimas quando pensou na mãe. Ela era a alma da família.

Se estivesse viva, os filhos não teriam se afastado. Tinha morrido anos antes, em um acidente de carro causado por um motorista embriagado. Rebeca nunca esqueceria o fatídico dia, nem tudo que acontecera depois…

— O que foi, querida? — perguntou Angela, preocupada.

Buzinas soavam. O sinal tinha aberto, mas Rebeca continuava parada.

— Nada, Angela. É só o Natal, as recordações que ele traz. — Ao ver que a mulher ainda a observava, tentou mudar de assunto: — O que você quer de presente?

— Ora essa! Mas eu digo a mesma coisa todos os anos: o maior presente para mim seria você passar a virada de ano lá em casa. Dessa vez você vai, não é? — Como Rebeca não respondeu, ela continuou: — Garanto a você que, se me enrolar, sou bem capaz de aparecer com toda a minha família na sua casa. Não duvide disso!

— Depois a gente vê — disse Rebeca, rindo. — Ainda faltam duas semanas. Agora vamos estacionar e comprar os enfeites que você tanto ama.

Entraram no centro comercial El Corte Inglés, que estava lotado. Ali certamente encontrariam tudo o que procuravam. Pegaram fitas e bolas coloridas,

encomendaram uma árvore de Natal e

seguiram para o andar dos brinquedos, onde escolheram algumas coisas para Noelia, filha da melhor amiga de Rebeca, Carla, e para Maria, sua sobrinha.

No terceiro andar, enquanto escolhia uma pulseira para Belém, Rebeca fingiu não notar o interesse de Angela em um par de brincos. Agora já sabia o que comprar de presente para ela, ainda que a mulher provavelmente fosse matá-la por isso, já que, segundo a própria, o preço era um roubo.

Saíram da loja carregadas de sacolas, mas ainda faltava um presente para o irmão. Então Rebeca viu uma jaqueta de couro marrom numa vitrine. Era perfeita! Ela foi até lá decidida a comprá-la, mas o homem que entrou pouco antes na loja a levou.

Droga, pensou Rebeca.

Era a última peça, e só receberiam mais na semana seguinte. Disposta a levar a jaqueta, Rebeca olhou para o homem e, surpreendendo a si mesma, disse:

— Acho que não é do seu tamanho. Nem do seu estilo.

O homem se virou, sem ter certeza de que era com ele que falavam. Olhou surpreso para Rebeca e perguntou, com um sorriso:

— Por que acha isso?

E agora? O que eu faço? , pensou ela, aflita.

— É que… essa cor não combina com seu tom de pele. E vai ficar pequena. De longe se vê.

Após trocar um olhar com ela, o desconhecido, sem palavras, voltou a olhar para o espelho e provou a jaqueta. Rebeca não tirava os olhos dele. Era um homem muito atraente. Pelo sotaque, dava para notar que não era espanhol; parecia americano. Devia ter trinta e poucos anos, era mais alto que ela, tinha um bom porte e vestia um terno Armani impecável. Rebeca observou seu cabelo escuro e então seus olhos inquietantes, que a encaravam pelo espelho.

— Acho que ficou bom — disse o homem, para tristeza dela.

Encantada com aquela sedutora voz rouca e pensando em como convencê-lo a não levar a jaqueta, Rebeca não se deu conta de que o homem havia se virado para dizer algo e agora a olhava.

Aquela moça pequena, com um gorro engraçado de listras azuis e brancas, era muito bonita. Tinha cabelo loiro cacheado e um narizinho de criança. O jeans surrado que usava só a tornava mais interessante. Por um instante ele pensou na sorte do homem para quem ela queria dar a jaqueta.

Ficaram os dois sem falar nada, até que ele rompeu o silêncio:

— Como eu disse, acho que ficou boa, mas se você discorda, pode ficar. — Ele tirou a jaqueta e a estendeu para Rebeca. — Provavelmente vai ficar melhor no seu namorado. Tanto pelo tom de pele quanto pela cor do cabelo — disse ele, com um sorriso brincalhão.

Atordoada pelo magnetismo do homem, ela respondeu, ofendida:

— Não é para meu namorado. — E, franzindo o cenho, completou: — E quem você acha que é para falar assim comigo?

Boquiaberto com o atrevimento dela, o homem já ia responder à altura quando notou a mulher sorridente e calada ao lado da moça, olhando-o de cima a baixo. Ele voltou a olhar para a jovem e abriu seu melhor sorriso.

— Desculpe, mas quem começou a conversa foi você. Eu só estava provando a jaqueta e não pedi opinião de ninguém. Não foi?

Recostada no balcão, Angela se divertia com a cena. *Que homem! Essa menina é uma tonta se não aproveitar a situação!* , pensou, permanecendo calada.

— É verdade. Fui eu, admito — reconheceu Rebeca, incomodada. — Desculpe. Não quero a jaqueta e não tenho mais nada a dizer.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. Não estava acostumado a ser tratado daquele jeito pelas mulheres. Era mais comum que elas o perseguissem, na verdade. Sem prestar mais atenção nele, Rebeca comentou algo com o vendedor. Quando se abaixou para pegar as sacolas, viu Angela falando com o homem da jaqueta.

— Espero você lá fora — disse Rebeca, irritada com a forma como a mulher sorria para aquele idiota.

— Tchau — atreveu-se a dizer o homem. Ele esperava que ela se virasse ao ouvi-lo, para poder olhá-la outra vez. Sem saber disso, Rebeca atendeu à sua vontade.

— Tchau. Feliz Natal.

Angela recolheu depressa o restante das sacolas e saiu atrás dela, não sem antes se despedir com um sorriso encantador. Já na rua, Rebeca a repreendeu:

— Muito bem, Angela, posso saber o que estava falando com aquele homem?

— Ah, querida, ele era tão interessante e educado! O que eu não faria com um homem assim… Se tivesse uns trinta anos a menos, claro.

— Angela! Não acredito que estou ouvindo isso — sussurrou Rebeca, incrédula.

As duas começaram a rir no meio da rua. Entre uma risada e outra, chegaram ao carro, onde colocaram as sacolas. No caminho de volta para casa, Rebeca pensou algumas vezes no homem da loja. Ele era mesmo bem interessante. Do tipo que as mulheres corriam atrás. Do tipo que ela nunca chegaria perto. *Nem morta!*

5

Faltava apenas uma semana para o Natal. A casa em que morava, em Majadahonda, estava linda, cheia de enfeites em branco, vermelho e prateado. Já fazia alguns dias que ela tinha mandado pelo correio os presentes de Donna, Maria e Miguel, e estava brincando com Pizza quando o telefone tocou.

— Alô?

— Rebeca — ouviu bem baixinho. — Oi, irmãzinha. Sou eu.

— Kevin! Onde você está?

— Em Berlim. Como andam as coisas em Madri?

Emocionada por ouvir a voz de seu querido irmão, ela respondeu, olhando pela janela e vendo o boneco de neve que havia feito:

— O que posso dizer? Um frio insuportável. Está nevando bastante. Já mandei os presentes para Donna. E você, o que vai fazer no Natal?

— Então… eu estava pensando… O que acha de eu pegar um trem e comemorarmos juntos?

Era exatamente o que Rebeca queria.

— Venha, venha! — gritou ela, louca de alegria. — Ah, Kevin, vou adorar!

Quando você chega?

— Quarta. Comprei uma passagem que vai me deixar direto na estação Atocha. Chego às seis e meia. Você pode ir me buscar?

— Claro, seu bobo! — respondeu ela, batendo palmas como uma criança.

Depois de conversarem um pouco, eles se despediram e desligaram. Que maravilha, ia passar o Natal com Kevin! Tinha que rever seus planos. Precisava comprar mais comida e, principalmente, um presente para ele. Pegou na bolsa o cartão da loja da jaqueta para ligar, e lhe confirmaram que haviam recebido mais daquele modelo. Ótimo!

Naquela tarde, Rebeca pegou o carro e foi até o Corte Inglés para comprar os brincos de Angela, além de uma echarpe de seda que ela ia adorar. Depois foi comprar a jaqueta de Kevin. Ao entrar na loja, olhou para o ponto onde o homem de olhar penetrante estivera e sorriu ao se lembrar dos comentários de Angela.

Caminhando pela rua Preciados, viu um vestido de festa numa vitrine. Era lindo! O preço era um escândalo, mas Rebeca merecia. Seu irmão vinha para o Natal, e ela queria estar bonita na virada do ano. Além disso, parecia feito especialmente para ela. Era coral, de seda e acinturado, com uma fenda lateral. Não sabia aonde iria com Kevin, mas, aonde quer que fosse, estaria linda.

Na quarta-feira, Rebeca foi com Pizza buscar o irmão na estação Atocha. Descobriu em que plataforma chegaria o trem e se dirigiu à enorme sala de espera. Ali, viu um rosto familiar: o

homem da jaqueta, sentado em um banco segurando um grande buquê de flores. Ao seu lado havia uma menina, que ria do que ele dizia. Os dois tinham os mesmos olhos e o mesmo riso zombeteiro.

Só pode ser filha dele, pensou Rebeca, olhando para os dois.

Ela tinha que passar diante do homem, então segurou firme a coleira de Pizza e andou o mais rápido que pôde. Ele não a viu, mas a menina correu até Rebeca, encantada com a cadelinha.

— Oi — disse a menina. — É sua?

— Sim.

— E qual é o nome dela?

Rebeca respondeu rapidamente, sem parar de andar:

— Pizza.

Mas ele já a tinha visto. Sabia que era a intrometida da loja. A princípio parecia não acreditar no que seus olhos viam, mas então se levantou e se aproximou, achando graça.

— Pizza?! — A menina riu, acompanhando Rebeca. — Que nome engraçado. Nunca tinha visto.

De onde você tirou?

Rebeca, agoniada, queria apertar o passo, mas a menina não deixava. Então escutou aquele sotaque estrangeiro peculiar.

— Mundo pequeno, não?

Ela teve que parar. *Educação acima de tudo*, pensou.

Ao se virar, viu o homem pegando a mão da menina.

— Não tive tempo de me apresentar aquele dia. Paul Stone — disse ele, com um sorriso, e estendeu a mão, segurando a da menina e o buquê com a outra.

Rebeca soltou uma leve bufada, mas se deu por vencida diante daquele olhar implacável.

— Prazer. Rebeca Rojo — respondeu, apertando a mão dele.

Ele sorriu.

— Quantos anos tem a cadelinha? — perguntou a menina, tagarela e incansável, puxando o casaco de Rebeca.

Percebendo que não conseguiria escapar, Rebeca se agachou para falar com ela.

— Quatro — respondeu, enquanto Pizza se deitava no chão de barriga para cima. — E gosta de carinho. Viu? Está assim porque quer que façam cosquinhas na barriga dela. — A menina sorriu e fez. — E você, quantos anos tem?

— Quatro também, e também gosto que façam cosquinhas na minha barriga. Não é, papai?

Do alto, ele sorriu. Amava a filha acima de todas as coisas.

— Ah, é? Você sente cócegas? — brincou Rebeca, tentando pegar a barriga da menina, que se escondeu atrás das pernas do pai.

Ao ver isso, Pizza pulou e ficou correndo de lá para cá, enroscando a coleira na perna dos três, o que rendeu boas risadas.

— Olha só, papai. É como no *101 dálmatas* — comentou a pequena, ao ver aquela balbúrdia.

Quando conseguiram controlar a situação, Paul disse, com um sorriso:

— Esta maluquinha é minha filha, Lorena. Como você já deve ter notado, é um terremoto e está naquela idade em que pergunta tudo.

Rebeca assentiu e teve que sorrir. Foi quando anunciaram pelos alto-falantes a chegada do trem em que vinha seu irmão. Era sua oportunidade de ir embora.

— Bom, Paul, foi um prazer — disse ela, depressa. — Acabou comprando a jaqueta aquele dia?

Ele riu, e ia responder quando alguém chamou Rebeca. Era Kevin, que se aproximava correndo.

Ao vê-lo, ela acenou, então olhou para Paul e a menina, despediu-se desejando um feliz Ano-Novo e correu para abraçar o irmão. Paul a seguiu com o olhar, até que a menina voltou a atrair sua atenção com um sonzinho agudo. Uma mulher acenava para os dois. Era a mãe dele.

— Mas quem é essa menina tão linda? — perguntou Tina, uma mulher corpulenta, de voz doce.

— Sou eu, vovó. Lorena — respondeu a menina, dando um abraço na mulher.

Paul se aproximou da mãe, deu um beijo carinhoso nela e lhe entregou as flores.

— Você está cada dia mais jovem e mais bonita. Como foi de viagem? — perguntou, enquanto pegava as malas dela.

Tina olhou para o filho. Como tinha orgulho dele! Criava sozinho aquela menina, o que a deixava muito feliz.

Não muito longe dali, Rebeca estava muito animada com a chegada do irmão.

Fazia três meses que não o via, e queria aproveitar cada minuto com ele.

— Como vai minha irmãzinha? — perguntou Kevin, sorrindo e a abraçando.

— Acho que não estou nada mal, como você vai ver — respondeu ela, com uma voz de mulher fatal que fez os dois rirem.

Kevin se agachou para fazer carinho na cadelinha, que saltava e latia ao redor dele.

— Oi, Pizza. Como vai, sua doidinha?

Pouco depois, os dois se dirigiam abraçados à saída da estação quando Rebeca ouviu uma vozinha a chamando. Era a menina, Lorena, que rapidamente pegou sua mão.

— O que você está fazendo aqui? Cadê seu pai?

Olhando para Kevin, a menina respondeu:

— Ele está com a vovó. Quem é esse?

Surpresos pela pergunta direta, os irmãos olharam para a menina e começaram a rir.

— Lorena, este é meu irmão, Kevin — apresentou Rebeca, agachando-se.

Ela abriu um sorriso espetacular para ele.

— Oi, Kevin. Você também veio passar o Natal aqui?

Ele sorriu.

— Isso mesmo. Vim passar as férias com minha irmã e com Pizza. — Então ele se aproximou dela e sussurrou: — E também para ver se Papai Noel vai me trazer algum presente este ano.

— Depende se você foi bonzinho — sussurrou a menina. — Eu fui. E você?

Como um vendaval, Paul se aproximou deles. Tinha ficado preocupado ao notar o sumiço da filha, mas se tranquilizara ao encontrá-la com Rebeca.

— Lorena! Não faça mais isso. Você nos deu um susto — repreendeu ele enquanto pegava a mão dela com força.

— Calma, papai. Eu só queria dar tchau — disse a menina, puxando a blusa de Rebeca.

Kevin observou aquele homem, que parecia realmente assustado, então se abaixou e disse à menina:

— Você não pode assustar o papai assim. Precisa ser bem boazinha, lembra?

Rebeca tapou a boca para conter uma risada. Aquele gesto tão natural e infantil fez Paul sorrir.

— É verdade — sussurrou a pequena. — Será que ficaram bravos comigo e eu não vou ganhar presente?

Paul ia responder, mas Rebeca foi mais rápida:

— Não se preocupe, Lorena, desta vez não. Você só queria dar um beijo na gente. Mas não pode fazer isso de novo, porque senão aí, sim, vão ficar bravos. Entendido?

A menina assentiu, e naquele momento a avó chegou.

— Lorena! Está tudo bem? — perguntou a afobada senhora, já notando que a menina continuava agarrada a Rebeca. — Desculpem, é que essa diabinha nos assustou. Desapareceu enquanto estávamos conversando. Ainda bem que vocês a encontraram. Lorena, solte a moça, não a incomode.

— Não se preocupe, não é nenhum incômodo — disse Rebeca, depois de fitar a senhora e reparar no olhar intenso de Paul. — Meu nome é Rebeca. — Ela estendeu a mão, enquanto percebia que alguns garotos passavam olhando para eles. O que será que estavam olhando? — Este é meu irmão Kevin, que acabou de chegar no trem de Barcelona.

— Muito prazer. Meu nome é Tina. Sou mãe de Paul e avó desta pestinha.

— E essa é a Pizza — acrescentou Lorena.

— Ah, que nome original — comentou a senhora. — Kevin e eu viemos no mesmo trem. Mundo pequeno, não é verdade? — comentou Tina, rindo e observando como aquela moça era encantadora.

Paul e Rebeca sorriram um para o outro. Só naquela última hora já haviam escutado aquela frase duas vezes.

— Bom, temos que ir — anunciou Rebeca. — Foi um prazer conhecer vocês. Tenham um feliz Natal! — Ela olhou para a menina e se agachou para lhe dar um beijo. — Seja boazinha e vai ganhar uma porção de presentes!

Assim que se levantou, ela olhou para Paul e, sentindo a boca seca, só conseguiu sussurrar um

"até logo". Não sabia por quê, mas aquele homem a deixava nervosa.

— Humm… Tem alguma coisa para me contar? — comentou Kevin, com um sorrisinho, no caminho até o carro.

Achando graça, Rebeca sorriu.

— Como assim? Se eu tivesse algo para contar, não acha que já teria feito?

— Pode ser — respondeu ele, sem dar muita importância. Olhando para a irmã de soslaio, Kevin continuou: — Acho que ele não é seu tipo. Bonito demais. Mas então, quais são os planos para hoje, irmãzinha?

Entre risos e empurrões, foram brincando como crianças até o carro. Não muito longe deles, Tina e a neta caminhavam ao lado de Paul, conversando. Sem que ninguém notasse, ele pegou o celular e anotou a placa do carro de Rebeca. No caminho para casa, a mãe tentou falar sobre a moça que haviam encontrado na estação — tinha lhe causado uma boa impressão. Paul estava pensativo, e ela conhecia muito bem a expressão em seu rosto.

Está tramando alguma coisa, pensou Tina, satisfeita.

6

Com Kevin, os dias eram diferentes. Ele era muito engraçado e extrovertido, conversava com todo mundo e parecia sempre superanimado. Rebeca o achava lindo. Era alto, de cabelo claro e tinha um ar aventureiro que atraía as mulheres. Como irmã, ela era suspeita para falar, mas de fato Kevin fazia muito sucesso. Todas queriam falar com ele, o que às vezes a cansava.

Angela insistiu que passassem o Ano-Novo com sua família, mas eles recusaram. Queriam fazer algo diferente. Iriam a um jantar seguido por uma festa.

Na véspera de Natal, Rebeca desceu no escuro para deixar os presentes de Kevin e Angela debaixo da árvore. Sorriu consigo mesma quando viu que o irmão já tinha feito o mesmo. Curiosa, sentou-se no chão e pegou o embrulho com seu

nome. Sacudiu-o como uma criança, sem se dar conta de que o irmão estava bem ali à janela, fumando um cigarro. Ele se divertia com a cena.

Rebeca estava muito fofa em seu pijama de corações vermelhos, com o cabelo solto.

Tem o cabelo da mamãe, pensou Kevin, observando que sua irmãzinha tinha se tornado uma mulher.

— Você não vai adivinhar o que é, não adianta — disse ele de repente, dando um susto em Rebeca.

— Minha nossa! Por que ainda está acordado?

— Por que *você* ainda está? — perguntou ele, rindo.

Ela abriu bem os olhos e sussurrou, de novo como uma criança:

— Acho que fiquei nervosa esperando o Papai Noel.

Kevin se aproximou dela e se sentou no chão.

— Você se comportou bem este ano? — perguntou. — Senão, ele pode te castigar. Ou talvez simplesmente passe direto e não traga a Ferrari que você tanto queria.

— Seu bobo — disse ela, rindo.

Os dois ficaram conversando sobre a vida. Quando deu seis da manhã, decidiram que já podiam abrir os presentes. Rebeca foi a primeira.

Em um dos embrulhos havia uma fada de porcelana antiga, muito linda. Em outro, brincos, uma pulseira e uma fivela de cabelo de madrepérola. Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Caramba, Kevin! Obrigada — disse baixinho, emocionada. — São lindos! — E já foi colocando os brincos. — Agora você tem que abrir o meu, toma. Anda!

Ele pegou o embrulho, observou-o bem e começou a sacudi-lo, numa excelente imitação de Rebeca.

— Abra logo, seu bobo.

Ele obedeceu, abrindo a caixa muito bem embrulhada. Deixou escapar um

assobio alto ao ver a jaqueta.

— Como diria Angela: meu pai do céu! Deve ter custado um rim e meio! Adorei — exclamou ele.

Depois de vestir, perguntou: — Como ficou?

— Perfeito! Você está lindo!

Abaixando-se, ele deu um beijo carinhoso na irmã.

— Obrigado, adorei mesmo. Parece que fomos muito bonzinhos este ano — disse Kevin, fazendo voz de criança, e começou a rir.

Rebeca pegou uma almofada próxima e a jogou na cabeça do irmão.

7

Na manhã de Natal, havia um monte de presentes debaixo da árvore na casa de Paul Stone, a maioria, claro, para Lorena. Quando a menina acordou e viu aquilo, ficou tão empolgada que saiu em disparada para o quarto dele.

— Papai! Papai! Você precisa acordar para ver o que tem embaixo da árvore! — gritou, agitada.

— Vem, levanta! Deve ter algum para você! Vou chamar a vovó.

Era bom vê-la tão contente.

Paul a adorava, e sentia como se tudo o que fazia por ela ainda não fosse o bastante. Papai Noel não havia esquecido nada aquele ano. Quando descobriu entre os presentes um cachorrinho de pelúcia, Lorena olhou para o pai e sentenciou:

— Vai se chamar Pizza, que nem a da Rebeca. Quando vamos ver elas de novo? — Ela olhava para ele esperando a resposta. — Gostei muito dela, papai. Posso ter um cachorro de verdade também?

Ele ficou surpreso com o pedido.

— Por enquanto você vai ter que se conformar com o de pelúcia — respondeu, e lhe deu um beijo na testa.

À tarde, Paul saiu para dar uma volta de carro.

Ele havia ligado para um amigo que trabalhava no Departamento de Trânsito e, informando a placa do carro, pediu que descobrisse onde Rebeca morava. Agora, com o endereço em mãos, deu algumas voltas por Majadahonda até encontrar.

Era uma casinha modesta, mas bonita. No pequeno jardim da frente, viu um boneco de neve já meio caído. Sorriu, imaginando que tivesse sido feito por ela. Queria muito vê-la e conhecê-la melhor, mas não sabia que desculpa dar para bater na sua porta. Por fim, depois de muito pensar, decidiu voltar para casa. Sentia-se meio ridículo naquela situação.

***

Como previsto, Angela ficou chocada quando abriu seu presente e viu o par de brincos. Levou as mãos à cabeça e protestou contra aquele disparate até não poder mais. Em seguida, encheu Rebeca de beijos.

De Kevin, que também adorava Angela, ganhou uma blusa de lã bege, ao que agradeceu com beijos e abraços. Ela também havia comprado presentes: para ele, uma carteira muito bonita e um conjunto de luvas e cachecol, e para Rebeca, uma bolsa que sabia ser do gosto dela. Tinha trazido um pouco do bolo que havia feito em casa, e os três tomaram café juntos, entre risos e latidos de Pizza, que estreava uma roupinha amarela.

Os dias passaram e chegou a noite de Ano-Novo. Rebeca colocou o vestido novo e os brincos de madrepérola. Quando a viu, Kevin deu um assobio alto e brincou dizendo que aquela noite não deixaria ninguém mais dançar com ela.

Tinham uma reserva para jantar às nove em um dos grandes salões de festa de Madri. Depois, abririam a pista e a festa iria até altas horas. O jantar foi maravilhoso. Os dois se divertiam muito juntos. Faltando um minuto para a meia-noite, as luzes se apagaram e a contagem regressiva começou. Logo todos estavam trocando beijos e abraços e desejando um feliz Ano-Novo.

Emocionados, os irmãos se abraçaram e, quando a música começou, foram dançar.

Uma hora depois, esgotada de tanto merengue e salsa, Rebeca se sentou para descansar por uns instantes e tomar um drinque. Com um sorriso, via o irmão dançar com uma loira que tinha olhado para ele a noite inteira. Ao ver Rebeca sentada, vários homens se aproximaram e a chamaram para dançar, mas ela recusou com um sorriso. Precisava descansar.

À mesa, percorreu o salão com o olhar. Todos se divertiam e dançavam animadamente. Havia todo tipo de pessoas, alegres e tristes, chorando e bêbadas… Ela olhou para a entrada. Um grupo de convidados chegava, e entre eles se destacava Paul.

Ai, meu Deus, nãããããão! Por que não paro de encontrar esse cara? , pensou Rebeca.

Curiosa, ela o seguiu discretamente com o olhar, para ver onde ia se sentar.

Tudo bem... Está longe, não deve me ver, avaliou.

Mas não conseguia tirar os olhos dele.

Paul estava realmente lindo de smoking preto, mas logo chamou atenção de Rebeca a morena que estava ao lado dele e que o tocava no braço com *intimidade demais*.

Hum... Mas que idiota, eu! Por que estou com ciúme? , pensou Rebeca, franzindo o cenho e pegando mais uma taça de champanhe. Ao vê-la com aquela cara, Kevin se aproximou.

— O que houve? — perguntou, olhando em volta, mas sem notar Paul.

Sou uma imbecil, isso é que houve.

— Hã… nada. Acho que bebi demais.

— Quer ir para casa?

Ela o olhou e respondeu:

— Como assim? Agora, com essa música que está tocando? Anda, vamos voltar para a pista!

Kevin riu, enquanto ela o empurrava de volta para o meio da multidão. Precisava aproveitar e esquecer que aquele cara estava lá. Dançaram merengue e hip-hop, mas, mesmo sem entender por quê, Rebeca foi se irritando cada vez mais. Toda vez que olhava para a mesa de Paul e o via rodeado de mulheres sorrindo ou com a morena tocando seu cabelo, ficava louca de raiva. De repente, a música animada deu lugar a uma canção romântica. A luz diminuiu, tornando a atmosfera mais íntima. Rebeca continuou dançando com o irmão até que se sobressaltou ao ver Paul e a morena perto demais, temendo que ele a reconhecesse.

— Estou um pouco enjoada. Você se importa de ir embora?

Kevin a conduziu para fora da pista, preocupado.

— Está muito mal?

— Não — sussurrou ela, meio que se escondendo. — Vá pegar os casacos, encontro você lá fora.

Assim tomo um pouco de ar. Tudo bem por você?

Ele assentiu e foi até a chapelaria. Rebeca caminhava para a saída com o passo acelerado quando alguém a tocou de leve no braço. Quando se virou, lá estava Paul.

Ah, não... Ah, não..., pensou ao vê-lo tão próximo.

— Feliz Ano Novo, Rebeca — sussurrou ele.

Paul a vira quando ela estava saindo da pista com o irmão. Mal pôde acreditar que ganhara mais aquela chance, por isso deixou a morena sozinha na pista e foi atrás de Rebeca. Olhava para ela como se estivesse hipnotizado. Estava linda com aquele vestido e o cabelo caindo nos ombros. Por um momento pensou em beijá-la, mas se conteve. Não sabia como ela reagiria.

— Feliz Ano Novo, Paul! — disse Rebeca, tentando fingir surpresa. — O que está fazendo aqui?

Achei que passaria a virada com a família.

— Vim com um grupo de amigos — respondeu ele, apontando para onde estavam. — Quer conhecê-los? — sugeriu, devorando-a com os olhos. — Ou melhor, venha comigo, vamos beber alguma coisa.

Sem soltá-la, ele começou a se dirigir para o meio do salão, mas Rebeca se desvencilhou com um movimento rápido.

— Obrigada, mas eu já estava indo — disse ela, encarando-o. — Cheguei aqui às nove e já são seis da manhã. Estou esgotada! O que mais quero agora é chegar em casa, tirar esses sapatos que estão me matando e cair na cama. Além disso, estão me esperando. Tenho que ir. Tchau!

Ele a encarou, incrédulo. Quem a estaria esperando? Não queria que ela fosse embora. Queria ficar com ela.

— Eu acompanho você até a porta — disse Paul, tomando-a pelo braço novamente, pois queria verificar se havia alguém com ela além do irmão.

Rebeca lançou um olhar irritado para ele.

— Não precisa. Sei me cuidar.

Foi quando Kevin apareceu com os casacos.

— Paul! — cumprimentou ele, simpático. — Feliz Ano Novo! Que coincidência! — Ao ver a expressão da irmã, no entanto, Kevin soube que era melhor irem embora o quanto antes. — É uma pena que a gente esteja de saída. Estamos esgotados.

Mas Paul não se deu por vencido.

— Eu estava justamente dizendo a Rebeca que vocês deviam ficar mais cinco minutos. Só para tomar alguma coisa comigo.

Nesse momento a morena se aproximou por trás, tocou carinhosamente a cintura de Paul e, segurando seu braço, sorriu. Ele pareceu não gostar muito, o que só piorou quando viu a expressão no rosto de Rebeca.

— Acho que não — disse ela, com frieza. — Estamos muito cansados, mas vejo que vamos deixar você em boas mãos. Tchau.

Sem nem dar tempo para uma resposta, Rebeca se virou e saiu. Kevin, sem acreditar no comportamento grosseiro da irmã, sorriu; ela tinha agido como a mãe deles. Então se virou para Paul, que acabava de pedir à morena que o esperasse à mesa.

— Daqui a três dias volto para Berlim, mas foi um prazer conhecer você — disse Kevin, sorrindo.

— Papai Noel entregou os presentes direitinho a Lorena?

Paul sorriu ao pensar na filha.

— Entregou mais coisas do que ela precisava — respondeu, enquanto eles trocavam um aperto de mãos.

Kevin precisava esclarecer algo antes de ir embora, por isso se aproximou dele e perguntou diretamente:

— Só mais uma coisa… Você é casado ou algo do gênero?

— Divorciado — esclareceu Paul, entendendo aonde ele queria chegar.

Kevin sorriu, olhou para a porta por onde tinha desaparecido a irmã e, ainda sorrindo, disse:

— Se gosta dela, siga em frente. Mas se a fizer sofrer, volto para te dar a maior surra que você já viu.

Paul o observou se afastar, um sorriso se formando nos lábios.

8

As festas de fim de ano passaram e Kevin foi embora. O trabalho retomou o ritmo normal, trazendo de volta o cansaço diário. Certa manhã muito fria, Rebeca saiu de casa desanimada. Certamente o sr. Cavanillas convocaria uma reunião sobre a crise e a redução do quadro de funcionários —

durante o recesso, ela afastara da mente essas questões.

Doía pensar em como as pessoas se tornavam desumanas quando subiam na empresa. Rebeca se lembrou de quando começara, como recepcionista. Era duro trabalhar dez horas por dia e fazer faculdade à distância à noite. O tempo passou e ela foi promovida a assistente. Quando se formou em direito, sentiu-se a mulher mais feliz do mundo. Era uma advogada!

O problema era ter um chefe como Cavanillas, um homem sem escrúpulos e que não gostava nada que um dos novos advogados da empresa fosse uma mulher. Sempre a olhava como se Rebeca fosse inferior por isso. Machista! Passava para ela apenas os trabalhos menos importantes, enquanto tratava Ricardo, outro advogado, com todas as honras.

Rebeca sabia que no escritório todos comentavam que Cavanillas gostava de desvalorizá-la. No início, olhavam para ela com pena, mas pouco a pouco se deram conta de que era paciente e muito esperta. Só tinha que esperar chegar sua vez. O tal Ricardo era um homem insuportável, um tanto burro, que estava se achando desde que fora promovido. Muitas vezes, enquanto comia às pressas um sanduíche no escritório, ela o via saindo com Cavanillas. Almoço de negócios, diziam. Já acostumada com esse tipo de tratamento, Rebeca encarava a situação com bom humor.

Naquela manhã fria, chegou ao escritório antes de Belém, sua secretária. Sentou-

se à mesa e se viu afogada em papéis. Às oito e meia Belém chegou, e ficou comovida ao encontrar na mesa um presente da chefe.

O dia transcorreu com normalidade até Belém entrar na sala dela parecendo uma pilha de nervos.

— O sr. Peterson quer ver você agora mesmo.

— O que aconteceu? — perguntou Rebeca, já se levantando.

— Não tenho certeza, mas acho que tem a ver com a viagem que ele, Cavanillas e Ricardo vão fazer a Paris, para a convenção. Parece que Peterson está pedindo as estatísticas do último ano faz mais de uma semana e Ricardo ainda não fez. Cavanillas está furioso.

Aquilo significava problemas para ela também. Rebeca se dirigiu depressa à sua mesa e pegou uma pasta com vários CDs, que continham as estatísticas dos quatro anos anteriores. Não tinha sido fácil conseguir aquilo, pois, segundo o sr. Cavanillas, era algo que não dizia respeito a ela. Rebeca procurou um pouco mais e lembrou que vinha fazendo as estatísticas daquele ano também. Ali estava.

Ergueu o olhar para Belém. Com o CD em mãos, sussurrou, com a voz trêmula, mas decidida:

— Diga que estarei lá em dez minutos. E imprima várias cópias do conteúdo deste CD. Rápido.

Belém saiu da sala, deixando-a imersa em um mar de dúvidas. Não sabia se deveria fazer o que estava pensando, mas aquele parecia ser o momento pelo qual vinha esperando. Reuniu os papéis que estavam espalhados na mesa e olhou para a foto da mãe. Aquilo lhe dava forças. Belém logo voltou, nervosa, com o material pedido. Rebeca repassou as informações rapidamente, comparando os números daquele ano com os anteriores.

Ainda bem que sou organizada e gosto de ter sempre tudo em dia, pensou, ao imaginar que aquilo acabaria na mesa do chefão.

Inspirou profundamente e, diante do olhar de Belém, murmurou com a maior tranquilidade que pôde:

— Ligue para Susana e diga que já estou indo.

Belém saiu em disparada. Rebeca já se dirigia à sala de Peterson quando ouviu a secretária chamá-la.

— O que foi? — perguntou Rebeca, virando-se, o coração a mil.

Belém se aproximou e apertou o ombro dela, em um gesto de apoio.

— Só queria avisar que toda a cúpula está lá — sussurrou.

Ai, meu Deus, pensou Rebeca, com um friozinho no estômago.

Por um momento, desejou não ter saído da cama aquele dia. Ela não era responsável pelo que estava acontecendo, mas intuía que Cavanillas ia tentar culpá-la.

— Certo. Fique na mesa caso eu precise de alguma coisa, tudo bem?

— Claro — disse Belém, pegando as mãos de Rebeca para lhe dar forças. — Lembre: você é a melhor. A mais preparada e a mais profissional. Acaba com aquele imbecil do Ricardo.

— Obrigada — disse Rebeca, sorrindo.

No elevador, enquanto subia para o andar da presidência, notou que os joelhos tremiam.

Ai... que tensão, pensou, apoiando-se na parede.

Logo que as portas se abriram ela viu Susana, uma ex-companheira da época de recepcionista.

Era uma moça muito bonita que havia subido na empresa graças ao bom desempenho entre os lençóis. Agora era secretária de Peterson.

— Srta. Rojo — disse Susana, em tom profissional. — Estão esperando você na sala de reuniões.

Venha comigo, por favor.

Enquanto a seguia, Rebeca começou a sentir náuseas. Tinha que se controlar. Quando chegaram à porta, Susana sussurrou no ouvido dela:

— Não se preocupe. Você consegue.

Aquilo renovou suas forças. Depois que Rebeca assentiu e sorriu, Susana bateu na porta e a abriu.

— Srta. Rojo, entre e sente-se — disse Peterson, com simpatia.

— Obrigada, sr. Peterson. — Ela sorriu, embora estivesse à beira de um infarto. Então olhou para os outros homens. — Bom dia, senhores.

Cromwell, um dos conselheiros, comentou que estava encantado de ver uma mulher tão jovem em um cargo de tanta responsabilidade. Os conselheiros perguntaram sobre a formação dela antes de entrar no tema que os preocupava: os números anuais.

— Acho que faz uma semana mais ou menos que pedi as estatísticas que levamos todo ano à convenção em Paris — começou Peterson, olhando para Cavanillas, Ricardo e Rebeca.

Cavanillas estava inquieto na cadeira. Encarava fixamente Ricardo, que tentava evitar seu olhar.

O responsável pela tarefa era ele. Apenas ele.

As mãos de Rebeca suavam. Fez-se um silêncio incômodo, enquanto esperavam que alguém começasse a falar. Sua boca ficou seca. Precisava de água. Ela viu algumas garrafas e vários copos em uma bandeja, então esticou a mão e se serviu.

Pelo canto do olho, percebeu que Cavanillas a observava. Então notou que diante de Peterson ele não a tratava com tanto despeito, em comparação com os momentos em que estavam a sós ou diante de outros funcionários. Ela tinha isso a seu favor. Depois de beber água, olhou para os papéis sobre a mesa e começou:

— Eu… eu tomei a liberdade de trazer algumas estatísticas em que estou trabalhando. Ainda não avaliei as deste ano, mas acredito que possam servir como referência.

Ela se levantou e entregou uma cópia a cada um dos presentes. Eles olharam por alto. Passaram-se alguns minutos, que pareceram uma eternidade.

— Gostaria de ir comigo e com alguns conselheiros à convenção de Paris? — propôs Peterson.

Sim, sim, sim! , quis gritar Rebeca, mas não o fez.

Ela não podia acreditar que o chefão estava lhe pedindo aquilo. Fazia anos que queria ir, e o momento finalmente chegara.

— Você vai ter três semanas para finalizar o relatório, claro — continuou Peterson. — E

gostaríamos também de uma projeção das vendas para o ano que vem.

— Um momento — disse Cavanillas, levantando-se. — Vejam se eu entendi bem. Apenas o senhor, os conselheiros e a srta. Rojo vão a Paris, é isso mesmo? Posso saber por que estou sendo excluído? Nunca falhei nos vinte e cinco anos que trabalho aqui. Não acredito que isso seja justo, diante dos serviços prestados.

Todos olharam para ele. Rebeca engoliu em seco.

— Meu caro Cavanillas, peço desculpas. — O chefão sorriu. — Não foi minha intenção excluir você, acho que me entendeu mal. Só achei que era oportuno convidar a srta. Rojo para ir conosco, mas não queria ofendê-lo, meu caro amigo. Sempre contamos com sua dedicação, que para nós é valiosíssima, mas preciso dizer — ele olhou fixamente para Ricardo — que nesta viagem não contaremos com sua presença, Ricardo. Sabemos que para Cavanillas você é o número um, mas, em uma empresa competitiva como esta, é preciso se provar diariamente, ainda mais quando se chega ao nível em que você chegou. Demos a você um cargo de responsabilidade, e acredito que posso e devo dizer que nos decepcionou. Não apenas por não ter feito as estatísticas deste ano, mas pelos múltiplos escândalos em que se envolveu. Sua vida pessoal não nos interessa, mas não é bom para as empresas Owlson ter seu nome ligado a nós. Portanto, sinto muito em comunicar que seu contrato será rescindido no dia primeiro do próximo mês.

Boquiaberto, Ricardo olhou para seu superior em busca de ajuda, mas Cavanillas desviou o olhar.

Ricardo sabia que os conselheiros tinham razão, só nunca imaginara que Cavanillas, a quem considerava um amigo, fosse reagir daquela maneira. Sabia de muitas informações que poderiam

prejudicá-lo se reveladas, mas estavam mandando-o embora e o sujeito nada fazia para ajudá-lo.

Ricardo não estava disposto a deixar aquilo barato. A velha raposa ia pagar caro.

Ele se levantou e se dirigiu às amplas janelas. Alisou o paletó do terno caro e se virou para os conselheiros com aparente tranquilidade.

— Muito bem, vocês querem se livrar de mim. — Fitou Cavanillas. — Não vai

dizer nada? Vai se manter impassível enquanto vejo meu futuro destruído? Pensei que fosse meu amigo, além de chefe.

Cavanillas lançou um olhar duro e frio para ele.

— Ricardo, eu o adverti inúmeras vezes sobre suas saídas noturnas. Disse que deveria ser mais discreto, porque poderia chamar atenção demais. Você sabia que precisávamos das estatísticas e que eram responsabilidade sua. Ultimamente você tem cometido muitas falhas, e aqui só queremos os melhores e…

— E o quê, sua raposa velha? — interrompeu Ricardo, fora de si. — Quero que saiba que, se eu cair, você cai também. — Então ele olhou para Rebeca, furioso. — Preste atenção, querida: eu não tenho mais nada a perder, mas você veja se toma cuidado. Nunca confie num superior que a trate de igual para igual. Esse foi meu erro. Não o cometa também. — Com a pouca dignidade que lhe restava, ele se dirigiu à porta. Então se virou e concluiu: — Vou recolher minhas coisas agora mesmo. Não quero ser motivo de chacota nesta empresa. Entrem em contato com o departamento pessoal para que prossigam com meu desligamento já sabendo que não vou aceitar qualquer miséria. Espero que cheguemos a um bom acordo quanto aos valores, se não quiserem ser processados. Tenham um bom dia.

E saiu, batendo a porta. Rebeca estava horrorizada e sem entender nada. Peterson e os conselheiros olharam para Cavanillas. Esperavam um esclarecimento do que tinham acabado de ouvir.

— Vou acabar com esse cara! — disse Cavanillas, levantando-se. Estava indignado. — Não vai encontrar trabalho nunca mais. — Então encarou Peterson e explicou: — Nem precisamos nos preocupar com as injúrias que ele possa lançar contra nós. Tenho algumas informações sobre esse idiota que vão calar a boca dele. Vai ser melhor para ele não criar problemas.

Passados os primeiros minutos de tensão, Peterson se dirigiu a Rebeca para lhe passar as informações da viagem. Aproveitou e indicou que a queriam mais perto deles e que por isso ela seria deslocada para o andar da presidência.

O chefão perguntou a ela se queria uma nova secretária ou se ficaria com a mesma. Sem nem precisar pensar, Rebeca afirmou que Belém era a melhor que poderia ter. Então Peterson ligou para Susana, que segundos depois entrou na sala e tomou notas de todas as mudanças na assessoria jurídica. Ao sair, ela lançou uma piscadela cúmplice para Rebeca.

— Posso chamar você de Rebeca? — perguntou Peterson, enquanto se

levantavam. Ela assentiu.

— Acredito que daqui a algumas semanas, uma vez finalizadas as obras, você e sua secretária já poderão subir e ocupar o novo espaço.

— Muito obrigada, sr. Peterson. — Ela assentiu, ainda sem acreditar no que tinha acontecido.

Ele abriu as portas da sala de reunião e fez sinal para que saísse primeiro.

— Como já deve saber, estamos reformando este andar.

Rebeca deu de ombros. De canto de olho, observava Cavanillas, que conversava com Cromwell.

— Vamos conhecer sua sala nova — convidou Peterson. — Embora ainda não esteja terminada, claro.

Eles se dirigiram a uma parte do andar fechada até então. Rebeca não podia acreditar no que via.

Era o escritório dos seus sonhos: janelas grandes e muito espaço. Nada a ver com o aquário em que trabalhava no momento.

Uma das janelas dava vista para a Puerta de Alcalá. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vamos precisar de mais gente na assessoria. Dois advogados e, logicamente, duas secretárias.

Até lá, a obra deverá estar concluída, mas isso veremos depois de Paris. — Ele indicou uma das salas. — É aqui que você vai ficar. O que acha? A meu ver, falta apenas um toque feminino para ficar perfeita, concorda?

— Esta vai ser minha sala? — perguntou ela, sem acreditar. — Mas é a maior.

— Claro. — Ele assentiu com naturalidade. — Assim vai passar uma boa imagem quando entrevistar seus futuros assistentes.

— O quê?! — exclamou ela, em um fio de voz. Não estava entendendo. — Mas quem conduz as entrevistas do departamento é o sr. Cavanillas. O que ele vai dizer? — perguntou, horrorizada. —

Eu… eu não sei se sou capaz de avaliar quem é o melhor candidato. Eu…

Consciente dos medos da jovem, Peterson a interrompeu com um sorriso.

— Rebeca, eu quero gente nova. Pessoas empreendedoras, que saibam aproveitar a oportunidade que estamos oferecendo. Estamos vivendo um momento de crise mundial e não quero que isso afete a empresa. Precisamos de uma equipe boa, e quero que você a crie.

As mãos dela suavam.

— Eu… eu fico muito honrada e…

— Preciso confessar uma coisa. Neste último ano, tenho observado você, ainda que de longe. Sei exatamente quantas vezes Ricardo pediu ajuda e você o socorreu sem segundas intenções. Tenho bons informantes. — Ele sorriu para Rebeca. — E não pense que não notei que Cavanillas menospreza seu trabalho só porque você é mulher. Na reunião eu disse que ele considerava Ricardo o número um, mas todos sabemos que é você. Só peço, e preciso, que continue trabalhando como fez até agora. A única diferença é que terá uma promoção. A oferta que estou fazendo é interessante para você e para seu futuro, e acredito que você não vá perder a oportunidade. — Os dois sorriram.

— No que se refere a Cavanillas, não se preocupe. Temos uma reunião agora e vou oferecer uma posição em Barcelona que há tempos ele ambiciona. Dentro do departamento jurídico, claro. —

Olhando para trás, Peterson viu que os outros se aproximavam e sussurrou com confiança: — A decisão é sua. Se você é a pessoa que acredito que seja, vai aceitar o desafio. Caso queira discutir melhor o assunto, entre em contato com Susana e ela lhe dirá onde me encontrar. Espero sua resposta quando voltarmos de Paris.

Ele estendeu a mão para se despedir e se dirigiu a Cavanillas e Cromwell, que também se despediram dela. Os três se encaminharam ao elevador, conversando, enquanto Rebeca ficou ali sozinha, pensando. Voltou a seu futuro escritório, passou por cima dos tapumes no chão e, olhando para a Puerta de Alcalá, pensou que aquela era a chance pela qual esperava havia tanto tempo.

Pouco a pouco seu coração se acalmou, e ela teve vontade de dançar. Quase não podia acreditar no que estava acontecendo, então se beliscou para ter certeza de que não era um sonho.

Lembrou-se de Belém e ficou morrendo de vontade de contar tudo a ela. Enquanto esperava o elevador, olhou para ver se havia alguém por perto e viu

que estava sozinha. Deu um gritinho e um pulo de alegria. As portas do elevador se abriram e ela entrou correndo, rindo. Quando chegou ao seu andar, Belém se levantou rapidamente da mesa. Rebeca passou ao lado dela muito séria e pediu que fosse a sua sala. A secretária pegou um caderno e uma caneta e a seguiu.

— Não sei como dizer isso, mas… — começou ela, sentando-se. — O que você trouxe de comida hoje?

— Dois sanduíches de queijo e presunto — respondeu Belém, com os nervos à flor da pele e sem entender nada. — Está com fome? Quer um?

— Não — respondeu Rebeca, começando a ter um ataque de riso.

— O que foi? Me conte. Vi Ricardo sair enlouquecido.

Mas Rebeca não conseguia parar de rir. A secretária não sabia o que pensar.

— Meu Deus, você está me assustando! Não fomos demitidas, fomos? Eu tenho o apartamento para pagar… Diga logo o que está acontecendo!

Rebeca se levantou, ainda rindo. Pegou a bolsa e o casaco.

— Vamos comer no Vip's. Eu pago — anunciou. — Tenho certeza que você vai gostar do que eu tenho para contar.

A caminho do elevador, Belém parou de repente e, com um gritinho, deu um abraço na chefe. Os que estavam por perto olharam para as duas, mas elas nem ligaram. Começavam bem o ano e tinham um futuro promissor pela frente.

No dia seguinte, todos entenderam a alegria que haviam presenciado, ainda que, como sempre, alguns invejassem sua sorte.

9

Depois da promoção, os dias começavam muito mais cedo e terminavam, em geral, muito mais tarde. A vida deu um giro de cento e oitenta graus. Rebeca precisava terminar as estatísticas, cuidar dos preparativos para a viagem e se organizar para a mudança de sala, tendo em mente que assim que voltasse de Paris estaria encarregada da contratação dos novos advogados. Não tinha tempo para mais nada, nem para Pizza.

Nas raras ocasiões em que relaxava em casa, vinha-lhe à cabeça aquele homem, Paul. Fechava os olhos e o via com o smoking preto da festa, mas logo surgia também a imagem da morena. Rebeca se irritava todas as vezes. Não era

para pensar nele, já que certamente nunca mais o veria. Ela só não sabia que aquele homem que ocupava ocasionalmente seus pensamentos às vezes a via chegar em casa, à noite. Ele a esperava dentro do carro, com a intenção de tentar se aproximar, mas a coragem sumia quando a avistava.

Semanas se passaram e chegou a viagem a Paris, que foi um sucesso. Certo sábado, Rebeca passou em uma loja de roupas infantis a fim de comprar algo para sua afilhada, Noelia. Era uma linda ruivinha de onze meses, filha de sua amiga Carla.

Entrou na loja decidida a comprar uma camiseta de gatinhos que tinha visto na vitrine, mas quando se dirigia ao caixa para pagar, viu umas bonecas muito engraçadinhas. Estava agachada olhando quando ouviu uma voz familiar. Ao se virar, deparou-se com Lorena, acompanhada por uma moça.

Inacreditável!

Quando viu que o pai não estava com ela, aproximou-se para cumprimentá-la.

— Mas veja só quem está aqui… — disse, agachando-se ao lado da menina.

Quando a viu, Lorena logo a reconheceu. Deu um sorriso e a abraçou com força.

— Rebeca! — gritou, encantada. Então olhou para os lados e perguntou: — Cadê a Pizza?

— Em casa, meu bem. Ela não pode entrar nas lojas, é muito estabanada e causaria a maior confusão. Como você está?

— Bem, mas… por que você não vai me visitar? — perguntou ela, franzindo o cenho. — Papai disse que você não podia porque estava trabalhando muito. Mas eu quero que vá e leve Pizza.

Rebeca abriu um sorriso nervoso diante das perguntas da pequena. Decidiu mudar de assunto.

— Onde está sua avó? — perguntou. — E Papai Noel se lembrou de você no Natal?

— Lembrou — respondeu Lorena, arregalando os olhos. — Ele me trouxe uma porção de coisas, até um cachorrinho de pelúcia chamado Pizza.

— Sério? Que legal! — Rebeca riu.

— E também uma Barbie com mechas coloridas, a casa da Barbie e uma moto de verdade —

acrescentou, orgulhosa. — Mas papai disse que eu só posso usar no sítio. E você, o que ganhou do

Papai Noel?

Rebeca sorriu.

— Uma fada linda, uma bolsa, brincos e algumas coisinhas de que eu precisava.

— Papai também ganhou presente. Vovó pediu para o Papai Noel dar para ele uma gravata, uma camisa e um livro chato.

— Chato? Por quê?

— Porque ele começa a ler toda noite, mas não presta atenção. E está sempre na mesma página, a que tem um 5 e um 8. Deve ser um livro muuuuuuuuito chato.

Rebeca desatou a rir. A maneira como aquela menina se explicava era genial.

— Mas ele gostou do meu presente. Sabe o que foi? — Rebeca negou com a cabeça, achando graça. — Um boneco que eu fiz na escola. Papai colocou na entrada da nossa casa, para pendurar as chaves do carro. Ele disse que foi o melhor presente que já ganhou.

— E é verdade, querida — disse uma voz grave atrás delas.

Paul observava as duas havia algum tempo. Estava comprando uma roupa para Lorena quando se deu conta de que havia deixado a carteira no porta-luvas do carro. Pediu a uma das vendedoras que cuidasse da filha enquanto ia buscar. Quando voltou à loja, não acreditou no que viam seus olhos.

Ali estava ela!

Tão linda quanto todas as outras vezes que a vira. De calça jeans, uma jaqueta azul, tênis branco e cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Era uma beleza natural, ainda que os olhos estivessem um pouco nublados. Parecia cansada.

Ao escutar aquela voz, Rebeca sentiu arrepios. *Ah, meu Deus*, pensou.

— Papai — gritou Lorena, encantada. — Encontrei a Rebeca, mas ela veio sem a Pizza.

Ela se recompôs como pôde e, levantando a mão em cumprimento, tentou sorrir. Não sabia por que, mas aquele homem a deixava nervosa. Nervosa demais.

— Oi, Rebeca. — Paul abriu um sorriso radiante. Em seguida, virou-se para a moça que olhava Lorena e estendeu o cartão de crédito. — Muito obrigado, foi muita gentileza cuidar dela. Pode passar as compras aqui.

— Para quem é o boneco? — perguntou a menina, apontando para a mão de Rebeca. — Eu tenho um quase igual a esse, mas com cabelo azul.

— É para minha afilhada, Noelia. E esta roupinha também. Você gosta?

— Gosto. E cadê a Noelia? — insistiu a pequena, incansável.

— Querida, acho que já basta de perguntas. Está deixando Rebeca cansada — sussurrou ele, enquanto iam até o caixa.

Ao ouvir aquilo, Rebeca abriu um sorriso.

— Não se preocupe — disse. — É o jeito das crianças.

Pagaram pelas compras, e, quando saíram da loja, Rebeca se virou para se despedir.

— Bom, preciso ir. Vou visitar uma amiga.

Mas Lorena não estava disposta a deixar que partisse, o que era muito conveniente para seu pai.

— Nããããão… Você não pode ir agora. Vamos comer um hambúrguer muito bom. Vem com a gente! Você gosta de hambúrguer? — Rebeca nem teve tempo de responder. — Tanto faz, pode ser

outra coisa. Não é, papai? Se ela for com a gente, podemos comer outra coisa? — suplicou a menina.

Rebeca encontrou o olhar de Paul. *Por que não?* , pensou.

— Está bem, você me convenceu. Onde vamos comer esse hambúrguer? Não posso demorar muito — disse ela, consultando o relógio. — Combinei de ir à casa de uma amiga.

Paul quis pular de alegria, mas se conteve. Os três se dirigiram até uma pequena hamburgueria.

A menina ia saltando à frente dos dois, que a olhavam com carinho.

— Quer dizer então que você ganhou vários presentes? — começou ele, para quebrar o gelo. — E

seu irmão? Já foi embora?

— Sim. — Ela suspirou. — É uma pena, só nos vemos três ou quatro dias a cada dois ou três meses. Mas não posso reclamar. Faz dois anos que não vejo minha irmã.

— Sério? Onde ela mora?

— Chicago. Faz uns cinco anos — respondeu ela, dando de ombros. Reparou que um menino olhava para eles com ar surpreso. — Foi passar as férias em Sevilha, conheceu Miguel, os dois se casaram e foram para Chicago por causa do trabalho dele. Agora moram lá com minha sobrinha.

Do outro lado do oceano.

— Só falta seus pais morarem em Tóquio — brincou Paul.

No instante em que as palavras saíram de sua boca, Paul soube que tinha cometido um erro.

— Bem… eles morreram.

Ele parou, tocou o braço de Rebeca e sussurrou:

— Sinto muito. Sou um verdadeiro idiota por dizer algo tão inapropriado.

— Não se preocupe, não tem problema. Todos temos recordações, algumas alegres e outras tristes.

Ele assentiu.

— Tem razão, infelizmente. Mas peço desculpas.

Para encerrar o assunto, Rebeca sorriu.

— Não tem problema mesmo.

Da porta da hamburgueria, Lorena fazia sinais.

— Parece que chegamos — disse Rebeca. — É aqui?

Entraram e pediram hambúrguer com fritas.

Rebeca confirmou o que lhe tinham dito: era mesmo muito bom. No entanto, ficou o tempo todo consciente de que as pessoas em volta olhavam para eles, principalmente garotos. O que estava acontecendo? Depois de devorar a comida, Lorena correu para a área dos brinquedos, deixando os dois à mesa conversando. Rebeca contou que a mãe era americana, do Kansas, e o pai, de Madri.

Paul, por sua vez, contou que o pai era de Illinois e que a mãe era inglesa, embora morasse em Barcelona.

Passado um bom tempo, Rebeca olhou para o relógio e se surpreendeu ao se dar conta de que duas horas haviam se passado. Tinha que ir, Carla a estava esperando. Levantou-se, mas Paul rapidamente se ofereceu para levá-la.

A princípio, Rebeca recusou, mas, ante a insistência dele e de Lorena, acabou se rendendo.

Entraram no carro e ela indicou o caminho.

Lorena não parou de falar até enfim chegarem à casa de Carla. Rebeca se virou para trás e se despediu da menina com um beijo, prometendo que voltariam a se ver. Uma promessa que não pretendia cumprir. Quando chegou o momento de se despedir de Paul, surpreendeu-se ao vê-lo descer do carro e a acompanhar até a entrada da casa.

— Quero perguntar uma coisa — disse ele, tocando de leve o braço de Rebeca. — Já que nós dois temos pais americanos e nos damos tão bem — ambos sorriram —, quer jantar comigo amanhã à noite?

Ah, não... Não é uma boa... não.

— Amanhã? — murmurou ela, devagar. — Desculpe, mas tenho muito trabalho.

— Depois de amanhã? — insistiu Paul.

— Hum… impossível — recusou ela de novo, sem hesitar.

Baixando o olhar, ele se deu por vencido.

— Não vai mudar de opinião nem se eu prometer algo melhor que um hambúrguer? —

sussurrou Paul, com um sorriso petulante.

Ah, nãããão... Assim não vou conseguir me segurar, ele é irresistível! , pensou Rebeca, mas respondeu apenas:

— Não, mas obrigada pelo convite.

Incrédulo, Paul se aproximou ainda mais para perguntar:

— E qual é o motivo? Por que não quer jantar comigo?

Porque não posso. Homens do seu tipo acabam sempre sendo uma dor de cabeça e me decepcionando.

— Como assim?

— Você está sempre na defensiva. Só estou pedindo que jante comigo, nada mais. Não precisa dormir comigo. É só um jantar.

Ai, que calor... que calooooooooooor, pensou Rebeca, sua imaginação correndo ao ouvir aquilo.

Mas não! Ela era uma boa garota, e boas garotas não pensavam naquelas coisas. Ou pensavam?

Paul cravou seu olhar inquietante nela. O que mais queria era conhecê-la a fundo e saber por que fugia dele. Algo nela indicava que deveria ir devagar, mais devagar do que estava acostumado.

Rebeca era diferente das mulheres vazias e interesseiras que haviam cruzado a vida dele até então.

— Vamos ver, Paul — respondeu ela, com um sorriso. — Não estou preparada para sair com ninguém agora. Não quero ninguém forçando a barra, para não complicar a vida. Entende?

Ele sorriu.

— Tudo bem. Desculpe ter insistido. — Levando as mãos à cabeça, completou: — Reparou quantas vezes já pedi desculpas a você hoje? — Ela assentiu e sorriu. Buscando as palavras mais adequadas, continuou: — Só quero ser seu amigo. Se eu prometer não tentar te seduzir e me comportar como um cavalheiro, você aceitaria jantar comigo? Como amiga?

As barreiras de Rebeca desmoronaram naquele instante. Paul era encantador.

— Você é impossível, sabia? — disse ela, depois de pensar por alguns segundos.

Paul assentiu com um sorriso.

— Está bem — aceitou ela. — Eu janto com você. Mas vamos dividir a conta. De acordo?

Ele sorriu, mas não disse nada. Ia encontrá-la de novo.

— Pego você amanhã às seis — disse enquanto se dirigia para o carro, onde Lorena tinha adormecido.

Com o coração disparado, Rebeca suspirou.

— Eu moro em Majadahonda, na rua…

— Eu sei onde — interrompeu Paul, já perto do carro.

Rebeca ficou estupefata.

— Mas como? — perguntou, com as mãos na cintura.

Ele não respondeu. Limitou-se a sorrir enquanto abria a porta do carro e dava a partida.

10

Sou uma idiota. Por que eu aceitei? Só pode ser masoquismo. Sei que esse cara vai me trazer problemas e mesmo assim resolvo sair com ele, pensava Rebeca enquanto subia a escada até o apartamento de Carla. Tocou a campainha. Ninguém abriu. Voltou a tocar algumas vezes e nada.

Vou passar no parque. Carla deve estar lá com a menina, pensou.

Enquanto descia, o choro de um bebê chamou sua atenção. Aproximou-se da porta e teve certeza de que o barulho vinha lá de dentro. Tocou a campainha de novo. O choro era de Noelia, sem dúvida. Como ninguém atendeu à porta, ela foi até a portaria e pediu a Pepe, que já a conhecia, a chave de emergência de Carla. O porteiro sugeriu que talvez ela tivesse pegado no sono, não parecia preocupado. Angustiada, Rebeca subiu os degraus de dois em dois, enfiou a chave na fechadura, abriu e entrou. Não havia ninguém ali.

— Carla! — chamou, mas não houve resposta.

Só se ouviam os gemidos de Noelia. Ela se dirigiu depressa ao quarto e a viu chorando desesperadamente no berço. Pegou-a no colo e tentou tranquilizá-la, ao mesmo tempo em que procurava Carla pela casa. Tentou abrir a porta do banheiro, mas estava trancado por dentro.

Aproximando o ouvido da porta, escutou a amiga soluçar.

Alarmada, gritou que abrisse a porta. Não sabia o que havia acontecido, mas estava ali para ajudar. Após um momento de espera angustiada, ouviu o girar da fechadura. A porta finalmente se abriu, e o que Rebeca viu a deixou sem fala.

Carla estava com o lábio sangrando e um machucado feio no rosto. Os olhos estavam inchados de tanto chorar, e o cabelo… O que tinha acontecido com o cabelo dela?

A preciosa cabeleira ruiva de Carla estava cheia de falhas. O aspecto era terrível.

Rebeca tentou consolá-la. Conseguiu tirá-la do banheiro e levá-la até a sala, onde a sentou na cadeira e a cobriu com uma manta. Sem perder um segundo, ocupou-se em seguida de Noelia, que pegou no colo e levou consigo à cozinha para preparar uma mamadeira. A menina estava morrendo de fome. Depois, Rebeca trocou a fralda e a devolveu ao berço, onde ela adormeceu. Só então retornou para junto da amiga, que não dormira, e, com uma esponja, começou a limpar o sangue ressecado em seu rosto. Carla começou a chorar.

— Calma — disse Rebeca, abraçando-a.

— Ah, Rebeca… foi horrível.

— O que aconteceu? Quer que eu chame a polícia? — perguntou Rebeca, já levando a mão ao telefone.

— Não! Não faça isso. Por favor, não chame a polícia.

— Como posso não chamar? Você está com o lábio cortado, um olho inchado e hematomas por todo o corpo. Meu Deus! Quando cheguei, Noelia estava histérica. E seu cabelo, Carla… — Ela não

terminou a frase. Estava perdendo o controle. — Por que não posso chamar a polícia? Quem fez isso com você tem que pagar. Quem foi?

Tapando o rosto com as mãos, Carla soluçou.

— Ele não queria. Fui eu, sou muito teimosa, eu…

Então Carla teve um ataque de tosse e contorceu o rosto em uma expressão de dor. Levou as mãos à barriga e tentou dizer alguma coisa, mas uma dor intensa a fez desmaiar.

Assustada como nunca na vida, Rebeca ligou para a emergência. Minutos depois, estava com Carla e Noelia numa ambulância.

11

O hospital Doze de Outubro lhe trazia milhões de lembranças tristes, mas ali estava de novo, com a pequena Noelia nos braços. Rebeca ligou para a mãe de Carla, que não quis saber da filha. Desligou o telefone querendo matar a mulher, sem saber o que fazer ou quem chamar. Então pensou em Angela. Em meia hora ela estava ali. Após ouvir o que tinha acontecido, a mulher, assustada, concordou em levar a bebê para a casa de Rebeca, que ficaria mais um pouco no hospital.

Após horas de angústia, ela suspirou com alívio quando um médico saiu e perguntou pelos familiares de Carla Benítez. O médico se apresentou como Samuel Álvarez, um jovem muito simpático. Rebeca forneceu os dados de Carla e foi informada de que a amiga tinha duas costelas quebradas, o olho roxo e um inchaço no rosto, além de vários hematomas pelo corpo que indicavam um espancamento brutal. Carla ficaria internada.

Horrorizada, Rebeca levou as mãos à boca e chorou. Como aquilo podia ter acontecido? Carla era tão bondosa e tranquila que parecia impossível alguém ser capaz de lhe fazer mal. O dr. Álvarez perguntou se Rebeca sabia quem era o responsável por aquilo. Ela negou com a cabeça. Precisava falar com Carla. O médico enfatizou a necessidade de se fazer uma denúncia contra o agressor e informou que ela podia ver a paciente por alguns minutos.

Com o coração apertado, Rebeca o seguiu até o quarto onde a amiga estava. Assim que a viu, pegou sua mão e a beijou. O dr. Álvarez, encontrando-a acordada, se aproximou da cabeceira e perguntou se estava melhor. Carla assentiu. Antes de ir embora, ele lembrou a Carla que estaria de plantão e que poderia chamá-lo caso precisasse de algo ou sentisse dor. Consternada, Rebeca se sentou na cadeira que havia ao lado da cama. Suas pernas tremiam.

— Onde… está… Noelia? — conseguiu perguntar Carla.

— Com Angela. — Passando a mão pelo cabelo da amiga, com carinho, Rebeca prosseguiu: —

Vai cuidar dela melhor que ninguém. E não se preocupe: enquanto estiver aqui, Noelia vai ficar na minha casa.

— Eu… sinto… muito… muito — repetia Carla, as lágrimas descendo pelo rosto.

Comovida, Rebeca se aproximou e a beijou, depois secou as lágrimas da amiga.

— Fique tranquila, querida — disse, olhando-a com doçura. — Agora você tem que se concentrar em ficar boa. Depois a gente conversa. Por enquanto, o mais importante é que você melhore.

Entendido?

Uma enfermeira apareceu para avisar que Carla precisava descansar. Rebeca lhe deu um beijo carinhoso na testa e avisou que voltaria no dia seguinte. Antes de sair, deixou com a enfermeira seu número de telefone, caso precisassem entrar em contato.

Eram onze da noite quando deixou o hospital. Foi bom sentir o ar fresco da rua, mas então lembrou que Angela estava com Noelia em casa. Pegou um táxi e, depois de passar o endereço,

pensou no encontro que teria com Paul no dia seguinte. Como ia desmarcar? Não tinha o telefone dele, e-mail, nada. Decidiu que depois pensaria naquilo. Já estava bastante agitada.

Quando passaram por uma farmácia aberta, pediu ao taxista que parasse. Comprou mamadeiras, chupetas, fraldas, leite em pó e um bonequinho de borracha para a menina. Quando o táxi a deixou em casa, Pizza foi recebê-la na porta, como sempre.

Enfim em casa, pensou Rebeca, fazendo cócegas na barriga da cadelinha. Então ouviu uma voz.

— Que bom que você chegou. Estávamos preocupados.

Ela se assustou ao ver Paul na sua frente, parecendo apreensivo.

O que ele estava fazendo ali?

Na casa dela?

Vendo como ela o olhava, ele se aproximou.

— Desculpe, assustei você. — E, com um sorriso encantador, sussurrou: — Já estou me desculpando de novo.

Ela sorriu.

— Mas… o que você está fazendo aqui?

— Liguei para o seu celular, porque você esqueceu no meu carro a sacola com o presente para sua afilhada, mas você não atendeu, então liguei para sua casa. Angela tinha acabado de chegar do hospital com a menina e me contou o que tinha acontecido...

Rebeca assentiu.

— Mas por que você veio para cá?

Ele sorriu.

— Angela mencionou que não tinha nenhuma roupa para a bebê, nem fraldas, leite, nada. Eu me ofereci para trazer. Ainda tenho em casa algumas roupinhas de quando Lorena era menor, e o resto eu comprei na farmácia. Você precisava ter visto sua cara quando abriu a porta — continuou ele, fazendo-a sorrir. — Parecia que ia ter um treco. Bom, eu liguei para o hospital, mas me disseram que você já tinha saído. Portanto aqui estou, para saber se você precisa de mais alguma coisa.

Nesse momento apareceu Angela, que a abraçou e perguntou por Carla. Enquanto Rebeca falava, a mulher foi à cozinha preparar alguma coisa.

— Você vai comer agora mesmo — insistiu Angela, obrigando-a a se sentar à mesa. — Conheço você, não deve ter comido nada além daquelas porcarias da máquina do hospital.

Angela deu uma piscadela para Rebeca e depois olhou sugestivamente para Paul, nem um pouco discreta. Rebeca teve que se esforçar para não rir, apesar da situação. Angela às vezes era muito engraçada.

— Tudo bem, tudo bem… — concordou. — E Noelia? Onde está?

— No seu quarto, dormindo — respondeu Angela, movendo-se pela cozinha. — Paul ninou a menina. Pelo visto, esse homenzarrão tem jeito com crianças. Noelia está apaixonada por ele.

— Obrigado, Angela — agradeceu Paul.

— Não sei o que teria feito se ele não tivesse vindo me ajudar.

— Não esqueça que tenho uma filha. Aprendi uma coisa ou outra quando ela era bebê.

— Ah, meu querido! — replicou Angela. — Meu marido e eu tivemos cinco filhos e posso garantir a você que ele não aprendeu nada. Sempre dizia que criança era para ficar com a mãe!

Rebeca se levantou.

— Vou ver a menina e tomar um banho enquanto você termina de fazer a comida — disse, virando-se para Angela ao passar por Paul, que estava apoiado no batente da porta. Em seguida, dirigindo-se a ele: — Quer jantar com a gente?

Ele fez que sim, ao que Angela aplaudiu e colocou mais um prato na mesa. Rebeca riu de novo.

— Se quiser beber alguma coisa, é só pegar na geladeira — disse ela a Paul. — Não vou demorar.

Então subiu, seguida por Pizza. No quarto, aproximou-se da cama. Noelia dormia bem no meio, entre almofadas, para não cair. Dirigiu-se ao banheiro com um sorriso no rosto. Abriu o chuveiro, tirou a roupa e tomou um banho, o que a fez se sentir muito melhor. Vestiu uma legging branca e uma bata vermelha, deixando o pijama já separado para depois que Paul fosse embora. Secou um pouco o cabelo e desceu. Da escada, não pôde evitar reparar em Paul olhando pela janela enquanto tomava uma cerveja. Parecia tão lindo e másculo, de calça jeans e polo azul, que Rebeca teve vontade de se aconchegar nele.

Ai... Esse homem é uma tentação para qualquer uma, pensou.

Rebeca precisava mesmo de alguém em quem se aconchegar, alguém que a mimasse, mas não ele. Paul era perfeito demais para ela. Além disso, ela tinha deixado claro que seriam só amigos.

— Não ouvi você descer — disse Paul, virando-se para ela. — Está se sentindo melhor, depois do banho?

— Sim, obrigada — ela conseguiu balbuciar. — Vamos jantar? Não comi nada desde aquele hambúrguer. Aliás, onde está Lorena?

Ele consultou o relógio.

— Deve estar dormindo já há algumas horas. Está em casa, com Julia.

Julia?! Quem é essa Julia? , pensou Rebeca.

— É a senhora que me ajuda a cuidar dela desde que era pequena — esclareceu Paul, ao ver a cara de Rebeca. — Passei o número do seu telefone caso ela precisasse falar comigo, espero que não se importe.

Rebeca sabia que não tinha dado seu número a ele.

— E como você tem meu telefone, Paul Stone? — perguntou, com um sorriso.

— É melhor nem perguntar — brincou ele, com um sorriso encantador que fez as pernas de Rebeca tremerem.

Nesse momento apareceu Angela, colocando um casaco. Paul se ofereceu para acompanhá-la até o carro, mas ela recusou. Havia deixado o jantar na mesa da cozinha e queria que comessem antes que esfriasse.

Ele insistiu, mas Rebeca explicou, baixinho, que era inútil discutir com aquela mulher. Se ela dizia que não, então era *não*. Com um sorriso, Angela mandou que fossem logo para a cozinha, e os dois obedeceram, entre risos.

— Que fibra tem essa mulher — comentou Paul enquanto se sentava.

— Ela é incrível. Meu anjo da guarda. Não sei o que seria de mim sem Angela. Água ou vinho?

— perguntou, abrindo a geladeira.

— O que você vai beber?

— Na verdade prefiro água ou coca.

— Então vamos de água.

Durante o jantar, Paul quis saber mais sobre o que tinha acontecido com Carla. Rebeca contou o pouco que sabia, até que ouviram Noelia chorar. Ela subiu correndo.

— Oi, pequena — sussurrou com carinho enquanto se sentava na cama e a pegava. — Está com fome?

Noelia a encarava com os olhos bem abertos e cheios de lágrimas. Quando a

reconheceu, a careta se desfez. Rebeca ficou falando com ela com doçura, e pouco depois a menina já estava sorrindo.

— Pelo visto você gosta de crianças — disse Paul, recostado no batente da porta havia um tempo.

Rebeca não o vira subir. Levantou-se da cama e foi até ele.

— Sim, adoro crianças. Amo. Principalmente esta bruxinha, que parece estar dizendo que tem fome, não é, querida? — Ela sorriu para a menina. — Venha, vamos fazer um pouco de leite para você.

Foram até a cozinha.

— Pode segurar Noelia um instante, enquanto preparo a mamadeira? — pediu ela a Paul.

Ele a pegou no colo, encantado, e a levou à sala, seguido por Pizza. Começou a atirar uma bola para a cadelinha, fazendo a menina rir. Rebeca terminou de preparar a mamadeira e foi até a sala, mas Paul se ofereceu para dar à bebê. Rebeca então se sentou no banco à janela para observar os dois.

— Parece que você nasceu para isso.

— Dei todas as mamadeiras do mundo à minha filha. É uma comilona — comentou, rindo.

— Se importa se eu perguntar o que aconteceu com a mãe de Lorena?

Paul suspirou.

— Ela não queria abrir mão do estilo de vida que levava por causa de um bebê — explicou ele, com um tom de voz mudado. — Lorena nunca foi importante para a mãe.

— Sinto muito, eu não queria…

— Não se preocupe — garantiu Paul, olhando para Noelia e, depois, de novo para Rebeca, com um sorriso no rosto. — Já superei. Por sorte tenho Lorena. É o que tenho de mais precioso na vida.

Faria tudo o que fiz por ela de novo, mil vezes.

Ai, meu Deus... Ele parece cada vez mais encantador, pensou Rebeca, com um

breve suspiro.

— Que bom. Seria muita indelicadeza minha querer saber o que aconteceu?

— É natural entre amigos, não é? — disse ele, encarando-a de uma maneira que a fez estremecer.

— Fiquei três anos casado com Silvia, a mãe de Lorena. Ela é de Madri. Sempre concordamos que não queríamos filhos, mas houve um… uma falha técnica, e de repente descobrimos que seríamos pais. No início ficamos tão atordoados que não sabíamos o que fazer, mas acabamos decidindo ter a criança. Quando estava com cinco meses de gravidez e começou a sofrer grandes mudanças no corpo, Silvia ficou muito irritada. Tudo a incomodava, e da noite para o dia decidiu que não queria ter o bebê. Como você pode imaginar, os quatro meses restantes foram horríveis. E ainda tiveram que fazer uma cesárea, porque não havia dilatação. Silvia nunca a perdoou por isso.

Rebeca teve que se sentar, sem acreditar no que ouvia.

— Fui um ingênuo em acreditar que tudo mudaria quando ela visse a filha — continuou Paul. —

Pelo contrário: foi aí que começou o verdadeiro inferno. Silvia não queria saber dela. Quando

perguntei que nome daríamos, ela deixou claro que não se importava. Se eu desejava ser pai, que fosse, mas ela não seria mãe nem me ajudaria. — Inspirou fundo antes de prosseguir: — Quando ela saiu do hospital e voltou para casa, não quis dividir o quarto comigo nem com Lorena. Fiquei louco, tendo que lidar com o trabalho, as viagens e a menina. Fiz o que pude para cuidar de tudo, e só consegui dar conta com a ajuda da minha mãe e de Julia. Quando Lorena completou seis meses, minha relação com Silvia já era insustentável.

Houve um breve silêncio enquanto Paul deixava Noelia respirar um pouco.

— A gota d'água foi quando ela apareceu em casa com amigos, todos cheirados, e começaram uma festa. Fiquei de saco cheio da música, dos risos e dos gritos, mandei todos embora, e a encontrei no quarto de hóspedes com dois outros homens. Como pode imaginar, fiquei indignado.

Nem tanto por ver minha esposa naquela situação, já que a vida sexual dela não me interessava, mas porque não podia aceitar aquele tipo de coisa na casa onde vivia minha filha. No dia seguinte, falei com um amigo advogado e entrei com o

pedido de divórcio. Ela assinou com prazer, renunciando à custódia de Lorena e aos direitos de mãe. — Paul deitou Noelia no ombro e concluiu:

— Essa é minha história. Por isso sei tanto sobre mamadeiras, fraldas e doenças infantis.

— Nem sei o que dizer — murmurou Rebeca.

Paul sorriu, pois era compreensível que a história a abalasse.

— Não consigo entender como uma pessoa renuncia ao direito de amar e educar um filho —

comentou Rebeca.

— Na época eu também não entendia. Mas a primeira coisa que você tem que sentir por um filho é amor. Sem isso, o resto não interessa.

— Lorena nunca perguntou pela mãe?

Paul assentiu.

— Esse é um problema que estou começando a enfrentar agora — respondeu, olhando-a nos olhos. — Lorena está na idade em que quer saber sobre isso, e falei que a mãe dela morreu. Não gosto de mentir, mas não consigo pensar em outra saída. Ela ainda é pequena demais para entender.

— É compreensível.

Com delicadeza, Paul colocou Noelia sentada nos joelhos e lhe deu um beijo carinhoso na testa.

— O tempo passa rápido demais. Ontem mesmo eu estava dando mamadeira a Lorena, e agora…

é quase uma moça. É tão engraçadinha, animada e travessa que me tem a seus pés.

Os dois sorriram. A menina era mesmo uma sapeca.

— Quer um café? — ofereceu Rebeca.

— Eu aceito, obrigado.

Naquele momento, Rebeca se viu comovida com toda a situação.

— Muito obrigada por me fazer companhia em um dia como hoje — disse a ele.

Instantes depois, enquanto acompanhava os segundos passarem no relógio digital do micro-ondas, Rebeca começou a pensar na história que Paul havia acabado de contar. Ela nunca abandonaria um filho, nem um homem como aquele, tão carinhoso e compreensivo. Quando o micro-ondas apitou, colocou as xícaras de café numa bandeja e voltou à sala. Ficou surpresa ao encontrar Paul trocando a fralda de Noelia. Ele sorriu ao vê-la.

— Isso me traz boas recordações — explicou ele. — Eu sempre trocava a fralda de Lorena depois de dar a mamadeira.

Rebeca não pôde conter um largo sorriso.

— Ah, Paul… Você está meio saudosista. — Ela soltou uma risada. — Venha aqui. Vamos colocar Noelia na poltrona para ver se dorme.

Com o café na mão, eles continuaram conversando. Rebeca mencionou seu trabalho e Paul ficou surpreso ao descobrir que era advogada. Mas quem ficou mais assombrada foi ela, ao saber que ele tinha se formado em filosofia inglesa, mas era piloto de moto profissional.

— Agora entendi… — disse Rebeca, pensativa.

— O quê?

— É por isso que as pessoas olham tanto. Você é famoso! É reconhecido na rua!

Ele sorriu ao ouvir aquilo. Gostava que ela não o tivesse reconhecido nem soubesse nada sobre ele. Estava farto de mulheres que se aproximavam com o único propósito de sair nas revistas de fofocas.

Continuaram conversando e rindo, e ela confessou que sempre havia imaginado os pilotos de moto como tipos rudes, que bebiam cerveja e arrotavam. Isso o fez rir bastante.

— Tudo o que você diz me deixa sem palavras — comentou ela, impressionada. — Como foi que você virou piloto de moto?

— É de família. A paixão por velocidade veio do meu pai, que também era piloto. — Paul sorriu ao recordar. — Comecei participando de trilhas, porque era relativamente comum em Illinois, e assim, bem…

— Sério?! Pilotar uma moto como profissão?! — exclamou ela, rindo.

— É… tem razão. É preciso ser um pouco louco para fazer isso.

Ele contou que o primeiro piloto da família fora o avô, que tinha uma oficina de automóveis. Paul ganhara dele sua primeira moto, aos sete anos, e desde então participara de todas as corridas da região. A mãe detestava aquilo, porque eram raras as vezes que não voltava machucado ou com um osso quebrado.

Depois de um tempo, Paul conseguiu patrocínio. Quando completou dezoito anos, teve sua primeira oportunidade de participar do mundial; aos vinte e um, foi campeão de cento e vinte e cinco cilindradas; aos vinte e cinco, de duzentos e cinquenta; e agora, aos trinta e dois, de MotoGP.

— Lembro a alegria do meu pai quando eu ganhei o Grande Prêmio da Austrália — disse ele, baixinho, os olhos marejados. — Eu tinha vinte e um anos, foi meu primeiro pódio como profissional. Meu pai sempre acreditou em mim e disse que foi o terceiro dia mais importante da vida dele, me ver lá em cima, acenando para as pessoas, com o troféu na mão.

— E os outros dois dias? — perguntou Rebeca.

— Meu pai dizia que o dia em que conheceu minha mãe era o mais importante da vida dele —

respondeu Paul, com carinho no olhar. — Em segundo lugar, o dia em que eu nasci. E o terceiro era esse que acabei de contar. Infelizmente, ele morreu há sete anos, de câncer.

— Ah… — disse Rebeca, levantando-se para se aproximar dele. — Sinto muito, Paul.

Tê-la tão perto era uma tentação. Seu cheiro de morango o envolvia de tal maneira que nublava sua razão. Ele quis devorar aqueles lábios tentadores e fazer amor com ela. Mas não; não podia.

Precisava controlar seus impulsos se quisesse provar que era confiável. Ela era vulnerável, dava para ver em seu olhar. Assim, ele apenas tocou o cabelo dela, colocando uma mecha atrás da orelha com delicadeza.

— Ele passou vários anos doente, então sabíamos que aconteceria mais cedo ou mais tarde.

Mesmo assim, sempre parece cedo demais quando chega a hora.

— Sim… eu entendo — murmurou Rebeca, lembrando-se da mãe.

Fez-se um silêncio pesado. Paul prosseguiu:

— Lembro que, depois que meu pai morreu, eu não queria continuar competindo. Mas minha mãe… — Ele sorriu. — Que mulher! Ela disse que meu pai e eu tínhamos lutado muito para que eu chegasse aonde estava e que não ia me deixar desistir. Se fosse necessário, ela subiria em uma moto para me acompanhar.

— Adorei!

Rebeca aplaudiu, arrancando um sorriso de Paul.

— Nunca vou esquecer a cara do meu pai quando ganhei o Grande Prêmio da Austrália. Era a própria imagem da felicidade e do orgulho — recordou ele, emocionado. — Pena que não viu outras vitórias depois dessa.

— Mas claro que viu — retrucou Rebeca, com carinho. — Pense que, esteja onde estiver, seu pai apoia você e está muito orgulhoso de tudo que conquistou.

Ao ouvir isso, Paul ergueu o olhar e a encarou. Em toda a sua vida, nunca tinha se aberto tanto com uma mulher como naquela noite, e foi bom ouvir aquelas palavras tão doces.

— Sabe de uma coisa, Rebeca?

— O quê?

— Você é maravilhosa.

A voz dele, tão grave e máscula, ressoou fundo no estômago de Rebeca. Ela não sabia o que estava acontecendo, só sabia que queria beijá-lo. Mas não. Nada disso. Não queria passar uma imagem de mulher atrevida. Nervosa como poucas vezes se sentira, ela se levantou.

— Quer mais café? — ofereceu.

Não. Só quero beijar você, pensou ele, mas guardou isso para si e olhou o relógio.

— Obrigado, mas acho que está na hora de ir. — Paul pegou a carteira e deu um cartão a Rebeca.

— Meus números. Se precisar de alguma coisa, seja o que for, a hora que for, pode me ligar. Está bem?

— Se eu entrar em pânico quando tiver que trocar as fraldas de Noelia — brincou ela, acompanhando-o até a porta.

— Amanhã eu te ligo. Da próxima vez que nos virmos vai ser sua vez de contar histórias. Nosso jantar continua de pé?

Ela franziu o nariz. Ele achou uma graça.

— Ai… não sei… agora tenho uma nova inquilina — disse Rebeca, apontando para a bebê adormecida na poltrona. — Não posso deixá-la sozinha. Acho que vamos ter que deixar para outro dia.

— Tudo bem. Que tal um almoço, então? — Ele não se dava por vencido.

— Vou ao hospital visitar Carla — respondeu ela, com firmeza. — Se você quiser, podemos nos encontrar ao meio-dia, mas estarei com Noelia.

— Perfeito! — Paul sorriu. — Vou levar Lorena também. — Ele se aproximou mais e sussurrou:

— Fica mais íntimo, não acha?

Ela ficou arrepiada. Riu, mas de nervosismo. Teve vontade de atirá-lo na poltrona e arrancar a roupa dele. Mas não. Ou sim?

— Até amanhã, Paul — disse Rebeca enquanto ele saía.

— Até amanhã — respondeu ele, dirigindo-se ao carro. — Eu te ligo.

— Tá bom.

Assim que ele se foi, Rebeca fechou a porta, apoiou nela o corpo, fechou os olhos e suspirou. O

que estava fazendo? Um piloto de moto? Não sabia aonde aquilo ia dar — só sabia que gostava da sensação de estar perto dele.

12

Dias se passaram. Carla se recuperou, teve alta e confessou a Rebeca que fora Alfonso, pai de Noelia, quem a espancara. Era a comprovação de que o vício em

drogas estava acabando com ele.

O rapaz carinhoso e encantador que ela conhecera não existia mais. Em seu lugar, surgira um homem manipulador e egoísta, que só pensava em si, na droga e em dinheiro, não importando o que fosse preciso para conseguir. Com o coração partido, Carla pegou a filha e foi embora de casa, para começar uma vida nova sem ele.

Era março. Três meses haviam se passado desde que Rebeca e Paul se conheceram. Os dois haviam se tornado bons amigos, nada mais que isso. Quando o ritmo de trabalho permitia, saíam para jantar, e algumas vezes iam com Lorena ao cinema. Agora, Paul ia começar a viajar. Como piloto de MotoGP, precisava se deslocar frequentemente, em especial de fevereiro a novembro, período do campeonato mundial.

Certa manhã, quando estava ocupada no escritório, Rebeca recebeu um telefonema inesperado.

— Está me ouvindo?

Era a voz de Paul. Mas a ligação estava ruim, por causa do barulho dos motores.

— Oi, Paul! — cumprimentou ela, emocionada. — De onde você está ligando, com esse barulho todo?

— De Eastern Creek, o circuito australiano.

Rebeca se recostou na cadeira e se virou para a Puerta de Alcalá. A cada dia gostava mais dos telefonemas de Paul, do papo dele, da risada dele, dele em si. Mas Paul não tomava uma atitude.

Insinuava, rondava e não atacava. Isso a deixava louca. Ele, por sua vez, não se sentia muito melhor. Não queria assustá-la, mas seu desejo por Rebeca começava a desesperá-lo, e ele não sabia quanto tempo mais aguentaria.

— E como estão as coisas por aí, senhor piloto?

Paul sorriu. A voz dela o tranquilizava. Rebeca tinha se tornado uma necessidade para ele, ainda que lhe custasse muito reconhecer isso.

— Puxadas. E você, aí em Madri?

Mordendo a ponta da caneta, Rebeca sorriu.

— Igual a você, sempre correndo. Os treinos vão bem?

— Sim, mas hoje foi um dia complicado. A moto se comportou de maneira estranha, e agora os mecânicos estão que nem loucos tentando descobrir por quê.

Aquilo era preocupante.

— Como assim? — perguntou ela, tirando a caneta da boca. — Você só vai subir nela de novo quando estiver tudo certo, não é?

Ele riu. Estava acostumado àquele tipo de coisa.

— Não tem graça — insistiu ela. — Pode ser perigoso. E você… você não pode pilotar enquanto o problema não for resolvido. Está louco?

— Ei, não se preocupe! Já corri em condições piores.

— Mas… mas… isso é loucura! — protestou ela.

— É preciso ser um pouco louco para fazer isso, lembra?

Isso a fez sorrir.

— Quando é a corrida? — perguntou ela, tentando recuperar a compostura.

— Domingo. Vai assistir? — perguntou ele, esperançoso. — Sempre passa na TV a cabo, mas a aberta às vezes transmite também.

— Claro que vou assistir — respondeu ela, indignada. — Gosto de ver você em ação.

Paul sorriu novamente.

— Começa às onze. Mas tem a diferença de horário.

— Certo.

— Aliás, Lorena me pediu que mandasse você ligar para ela. Estou só dando o recado.

— Pode deixar. — Rebeca sorriu. — Vou ligar quando chegar em casa. E por nada neste mundo vou perder a corrida no fim de semana. Você está na categoria principal, certo?

— Sim.

Rebeca pensou nas corridas que havia visto de passagem.

— E como vou reconhecer você?

— Fácil — respondeu ele, rindo da pergunta. — Vou correr com um cravo vermelho entre os dentes, meu bem.

Rebeca deu uma gargalhada. Aquele som fantástico o encantava.

— Sou o número dois — explicou ele. — Minha moto é uma Ducati vermelha e meu macacão é vermelho e branco.

— Vou procurar você. Mas não entendo muito de moto. Se ainda fosse Fórmula 1, que anda na moda aqui na Espanha por causa do Alonso e tal, mas motos… Quando você volta?

Paul gostou da pergunta. Significava que queria vê-lo.

— Ainda não sei. A próxima corrida é a da Malásia, e vou direto para lá, treinar na pista deles.

Imagino que entre doze e quinze de abril eu passe por Madri, mais ou menos isso.

Quase um mês... Vou ter que esperar tudo isso para voltar a vê-lo? , pensou ela, em desespero.

— Poxa… que pena. Tadinha de Lorena, deve sentir muita saudade.

Como eu sinto de você, pensou Paul, mas não disse.

— Como eu sinto dela. Mas sei que, com minha mãe, Julia e agora você, Lorena vai ficar em boas mãos. Nas férias de julho ela deve viajar comigo. Os pilotos às vezes levam a família, e ela já tem até alguns amigos entre o pessoal.

— Quanto tempo dura o mundial?

— Normalmente começa em março e termina em outubro ou novembro, dependendo do número de corridas.

— Minha nossa! Que vida mais louca!

— De novembro a março temos uma vida mais tranquila — disse ele, rindo. — Embora a gente continue treinando para melhorar a moto e as marcas pessoais.

— Interessante… Você passa metade do ano viajando e conhecendo outros

países.

— É um modo de ver.

— Quais países você costuma visitar?

— Bom, você diz visitar, mas é trabalho, então às vezes não dá tempo de ver nada. Mas vamos à Austrália, à Malásia, ao Japão… Na Espanha passamos por Aragão, Valência, Barcelona e Jeréz.

Quando for assim, vou convencer você a ir comigo. — Ela sorriu. — Tem também Alemanha, Itália, Holanda, França, Inglaterra, Estados Unidos, República Tcheca, Brasil e Argentina. E alguns outros, que variam. Está bom ou quer mais?

— Minha nossa! — exclamou Rebeca. — Deve ser incrível! Eu adoraria viver como você. Que sorte a sua!

— Não é tão bom quanto parece — disse ele, agora tendo que gritar por causa do rugido de um motor. — Ando com um pouco de preguiça, mas quando estou no circuito e subo na moto, isso passa.

— Deve ser maravilhoso pilotar uma máquina dessas.

— Quando quiser, eu te ensino.

— Ah, não. Sou muito desajeitada. E tenho medo.

— Isso porque nunca subiu numa moto com alguém que lhe desse segurança. — Ela não discordou. — Como estão Angela e Pizza?

— Pizza está a louca de sempre e Angela pergunta de você quase todo dia. Está sempre preocupada.

Paul não pôde evitar sorrir ao ouvir isso. Foi quando um dos mecânicos o chamou: precisavam dele.

— Tenho que ir — avisou.

— Claro, não se preocupe.

— Eu ligo — garantiu, chateado por ter que encerrar a ligação.

— Está bem. Ah! Paul?

— O quê?

— Ganhe.

— Vou tentar — respondeu ele, com um sorriso, e desligou.

Gostaria de ter dito que sentia muito a falta de Rebeca, que sentia algo especial por ela, mas queria fazer isso olhando-a nos olhos. Voltou a escutar a voz do mecânico e, imerso naqueles pensamentos, foi continuar seu trabalho.

13

Rebeca desligou e continuou olhando para a Puerta de Alcalá, imaginando como devia ser emocionante viajar pelo mundo todo. Peterson apareceu à porta.

— Oi. Posso entrar?

Sobressaltada, ela girou a cadeira de volta.

— Claro, sr. Peterson.

Ao ouvir aquilo, o homem deu um sorriso amável.

— Não precisa ser tão formal, pode me chamar pelo nome. Não chamo você de Rebeca? Faça o mesmo.

— Está bem, Thomas — concordou ela, sorrindo.

O homem se sentou na poltrona branca que havia diante dela.

— Só vim saber o que está achando do novo cargo.

— Excelente! Espero ser útil à empresa — respondeu ela. — Aliás, aproveitando que você está aqui: o que achou dos novos advogados? — Estava surpresa com a visita, e notava que ele ficava de olho em cada canto do escritório.

— Não me meto nesses assuntos. Você é que tem que gostar deles. É a chefe.

— Sinceramente, Thomas, foi bem difícil — disse ela, com segurança, embora estranhasse um pouco aquela relação próxima que os dois tinham agora. — De todos os que entrevistei, Linda e Jorge me pareceram os mais apropriados para o trabalho. Contratei uma das secretárias através de uma agência e a outra é uma amiga minha, chamada Carla. Ela é muito profissional e altamente qualificada — concluiu, com seriedade.

— Ótimo. Também já ajudei algumas pessoas, e elas me ajudaram. É para isso que servem os amigos, não é?

— Sim — concordou ela, com convicção. — Acho que formamos uma boa equipe.

Ele se levantou e se dirigiu à porta.

— Era o que eu queria ouvir. Bem, até logo.

Dito isso, desapareceu. Rebeca se levantou, feliz, e foi até o armário pegar alguns documentos de que precisava. Quando voltava para a mesa, o telefone tocou.

— Ligação para você na linha dois — anunciou Belém.

— Quem é?

— Um homem afirmando ser o espírito livre da família — respondeu a secretária, contendo o riso.

— Ah! Ele não tem jeito mesmo. — Apertou a tecla dois. — É você, Kevin?

— Oi, irmãzinha. Como soube? — brincou ele.

— Só conheço um espírito livre tão louco a ponto de ligar para o meu escritório e se apresentar assim. Está tudo bem? Faz duas semanas que você não liga, eu fiquei preocupada. Onde você se meteu?

Depois desse inquérito acelerado, ele se limitou a murmurar, arrastando as palavras:

— Eslovênia. São e salvo. E você, como está?

— Eslovênia?!

— Sim, irmãzinha, Eslovênia — disse ele, rindo.

— Mas… mas… o que está fazendo aí? — Kevin só riu, e ela voltou a perguntar: — Por que não me ligou? Eu estava preocupada.

— Não consegui.

— Eu já ia chamar a polícia.

— Por que você sempre pensa que eu me meti em encrenca? — perguntou ele,

achando graça. —

Sinto decepcionar minha irmãzinha, mas tenho trinta e quatro anos e, goste você ou não, minhas prioridades na vida mudaram.

— Eu sei, eu sei…

— Você fala como se eu ainda tivesse vinte anos. Faz muito tempo que não me meto em confusão.

— É mesmo com Kevin Elliot Rojo que estou falando? Porque, sinceramente, não parece. Que papo é esse de prioridades mudarem? Meu irmão nunca diria uma coisa dessas.

Rebeca, no entanto, tinha consciência de que estava exagerando.

— Os anos não passam em vão, irmãzinha. Os valores e os conceitos mudam. E, ainda que você não acredite, sou eu mesmo. Liguei para conversar e para dar uma notícia muito importante.

Sentada em sua confortável cadeira, Rebeca se preparou.

— Muito bem, conte o que tem passado pela sua cabeça.

— Bom… — disse ele, baixinho e hesitante. — Pode parecer mentira, mas não sei por onde começar.

— Comece pelo começo.

Kevin tomou ar.

— Há um mês conheci uma garota incrível chamada Bianca. Vocês têm a mesma idade, vão se adorar. Eu não liguei antes porque estava acampando com ela nas montanhas.

Era a primeira vez que seu irmão demonstrava interesse especial por uma mulher. Rebeca ficou admirada.

— Você está apaixonado?

— Sim, irmãzinha. E o melhor de tudo é que ela também é louca por mim.

— Uau, Kevin. Fico muito feliz por você. Quer dizer, por *vocês*. E quando eu vou conhecê-la?

— Bom, era sobre isso que eu queria falar. Conversamos muito esses dias que passamos sozinhos nas montanhas e… — Ele tomou fôlego para completar: — Eu a pedi em casamento. E ela aceitou!

Rebeca até se levantou, boquiaberta.

— O quê?!

— É isso mesmo.

— Meu Deus, Kevin! Em que confusão você se meteu… — soltou ela, descontrolada.

Incomodado com a reação da irmã, ele protestou como uma criança.

— Você não a conhece. Não é justo dizer isso.

Rebeca voltou a se sentar, ainda aturdida. Seu irmão ia se casar?

— Você disse que se conhecem há um mês. Não é um pouco precipitado?

— Não.

— Acho… acho que você devia pensar melhor. Não fique bravo comigo, mas você precisa entender que é preciso mais que duas semanas na montanha para pedir alguém em casamento.

Kevin bufou. Já esperava algo do tipo.

— Sei que parece loucura, mas você precisa entender que a vida é minha e que estou muito feliz por ter conhecido Bianca. Ela é uma mulher maravilhosa. Não posso viver sem ela. — Amenizando o tom, ele continuou: — Não estou bravo com você, sua tonta, mas sei o que estou fazendo. Confie em mim.

— Está bem, vou confiar — disse ela, em dúvida, mas disposta a ficar feliz pelo irmão.

— Assim que eu gosto. — Kevin riu do outro lado da linha. — Agora… já que estamos falando disso, queria pedir um favor.

— Diga.

— Podemos nos casar no jardim da sua casa?

— Claro que sim! — concordou Rebeca, feliz. — Mas você vai ter que falar com

o padre, para ver se ele topa fazer a cerimônia fora da igreja.

— Claro — assentiu Kevin.

— E quando vai ser o casamento?

— Em maio — respondeu ele. — Faltam só dois meses, mas acho que é suficiente para organizar tudo. Vamos convidar só a família. Avise Angela, quero que ela vá. Hoje à noite vou ligar para Chicago, para que Donna vá também.

Veremos o que ela vai dizer quando souber, pensou Rebeca.

— Ligue para ela. Aposto que vai ficar tão surpresa quanto eu.

Quando desligou, Rebeca ainda estava estupefata. Não podia acreditar no que o irmão estava prestes a fazer. Não que fosse contra aquele casamento, mas tinha acontecido rápido demais. Não dava para um casal se conhecer em apenas um mês, por mais apaixonados que estivessem.

Confusa, ela se levantou e foi até as janelas.

— Espero que Kevin esteja fazendo a coisa certa — sussurrou para si mesma, contemplando a Puerta de Alcalá.

14

Era domingo, e Rebeca se preparava para ver a corrida, como tinha prometido a Paul. Inquieta, olhou algumas vezes pela janela para ver se Lorena e Julia chegavam. No dia anterior haviam combinado de assistirem juntas, na casa dela. Estranhando a demora, ligou para a casa de Paul, mas ninguém atendeu. Deixou um recado na secretária eletrônica.

Meia hora depois, estava sentada diante da televisão. A princípio todos os pilotos pareciam iguais, até que localizou a moto vermelha com o número dois. Rapidamente apertou o botão para gravar a corrida. Ali estava ele, subindo em sua potente e intimidadora moto vermelha. Minutos depois, a câmera se deteve por alguns segundos em cada piloto. Quando chegou a vez de Paul, Rebeca aplaudiu. Pelo olhar dele, notou que estava totalmente concentrado.

Ficou empolgada quando começaram a esvaziar a pista. Um homem exibia um cartaz em que se lia "um minuto". Restaram apenas os pilotos, e os motores começaram a rugir. Como Paul tinha explicado, fizeram uma volta de aquecimento e em seguida reassumiram a posição no grid de largada. Todos observavam a luz vermelha, tensos. Instantes depois, o verde surgiu e todos

dispararam em busca da melhor posição.

Chegaram à primeira curva muito velozes. Rebeca assistia horrorizada, apertando o controle remoto nas mãos. Parecia impossível ficarem tão próximos uns dos outros sem bater e cair.

A cada volta a posição dos pilotos se alterava. Paul estava lutando pela liderança. As mãos de Rebeca suavam ao ver as acrobacias que faziam curva após curva. Parecia que a qualquer momento colidiriam e cairiam.

Faltavam poucas voltas para terminar a corrida e Paul continuava à frente, em um grupo de cinco pilotos. Nenhum deles parecia disposto a se render, todos demonstravam a mesma vontade de ganhar, a cada volta tentando reduzir a distância que os separava do líder. Passaram pela linha de chegada. Os mecânicos informaram com cartazes que aquela era a última volta.

Era demais para Rebeca. Eles passavam por espaços impossíveis, e de repente dois pilotos bateram, sendo lançados para fora da pista. Uma grande nuvem de pó impediu que Rebeca os identificasse, e ela ficou histérica. Só soube que Paul não era um deles quando a câmera voltou a mostrar os líderes.

Ufa! Ainda bem, pensou ela, com o coração a mil.

Faltando apenas duas curvas para a chegada, aqueles loucos continuavam tão ávidos quanto na largada. Paul tentou colar no líder. Um terceiro piloto aproveitou o movimento para ultrapassá-lo, mas ele o fechou, e nesse movimento os dois cruzaram a linha de chegada. Paul terminou em segundo. Rebeca deu um salto de alegria, e Pizza começou a latir de susto.

— Esses caras são loucos! — comentou ela com a cadelinha.

Não sabia se estava feliz por Paul ter ficado em segundo ou por ter concluído a corrida ileso. Na hora do pódio, ficou emocionada ao ver a felicidade estampada no rosto dele. Aplaudiu quando ele levantou o troféu. Depois, não pôde evitar rir ao ver aqueles homens corajosos tomando banho de champanhe como se fossem meninos.

Quando a transmissão enfim acabou, Rebeca se dirigiu à cozinha. Estava preparando algo para comer quando o telefone tocou.

— Oi.

Ao reconhecer a voz, ela limpou as mãos e gritou, empolgada:

— Paul! Você foi fantástico! Parabéns!

— Obrigado. — Ele riu ao notar como ela estava contente. — Então você conseguiu me reconhecer mesmo sem o cravo na boca…

— Seu bobo! Foi muito emocionante. É sempre assim?

— Mais ou menos. O que achou?

— Uma loucura — respondeu ela, sentando-se na banqueta da cozinha. — Você não tem medo ao ver as outras motos tão perto?

Ele riu. Adorava falar com ela. Assim que terminara a coletiva de imprensa, tinha ido em busca de um telefone para ouvir sua voz.

— Às vezes. Depende do cara que está do lado.

— Ai, meu Deus… Dois pilotos caíram no final. Foi horrível! Coitados.

— Kolesi e Misaru. Os dois são jovens e têm muita garra, mas ainda precisam aprender muito.

Você chegou a falar com Lorena?

— Sim, elas ficaram de ver a corrida aqui. Achei estranho não terem aparecido.

— Estou ligando para casa e só cai na secretária. É estranho — disse Paul, transparecendo preocupação.

— Não se preocupe. Vou ligar de novo e, se não atenderem, passo na sua casa — disse Rebeca, tentando tranquilizá-lo.

— Muito obrigado. Quando souber delas, ligue para este outro número que vou lhe dizer, por favor. Ontem passei com a moto em cima do celular, já era.

— Pode deixar.

Ela anotou o número novo e desligou. Telefonou novamente para a casa dele, mas ninguém atendeu, então foi até lá. Chegando a Boadilla del Monte, tocou a campainha, mas não obteve resposta. Ficou uma hora sentada na porta pacientemente, até enfim decidir voltar para casa.

Ao chegar, havia várias mensagens na secretária eletrônica. Uma era de Angela, avisando que não poderia ir trabalhar na segunda pois iria ao aeroporto buscar a

família, que chegaria da Itália.

A seguinte era de Donna, que já devia ter falado com Kevin. Rebeca ainda estava rindo quando a terceira mensagem começou. Era Julia. Dizia que estava no hospital Montepríncipe com Lorena, no quarto 378.

Sem pensar duas vezes, Rebeca pegou a bolsa e a chave do carro e foi até lá, sentindo-se angustiada durante todo o caminho. Pensou em ligar para Paul, mas decidiu que primeiro precisava descobrir o que tinha acontecido.

Logo ao entrar no hospital, seu nariz ficou impregnado daquele cheiro que lhe trazia tantas recordações. Desde que a mãe morrera, odiava aquilo. Subiu até o terceiro andar e procurou o quarto. Antes de entrar, parou na frente da porta e respirou fundo, e só então levou a mão à maçaneta e abriu. Viu Lorena adormecida na cama e uma senhora lendo uma revista ao lado. A mulher rapidamente se pôs de pé.

— O que aconteceu?

— Peritonite — respondeu Julia, num sussurro. — Ela passou mal ontem à noite, e hoje cedo eu a trouxe ao hospital. Fizeram uma cirurgia de emergência — explicou, parecendo tensa.

— Você falou com Paul? Ele está muito preocupado.

A mulher retorcia as mãos, nervosa.

— Tentei várias vezes, mas nem chama, então liguei para a sra. Tina, em Barcelona, e para você.

Rebeca observou a menina. Então voltou a olhar para Julia e viu a aflição no rosto da mulher.

— Fique tranquila, você fez o certo.

— Obrigada.

Rebeca se aproximou da cabeceira. Quando viu que Lorena estava bem, virou-se novamente para Julia e esboçou um sorriso tranquilizador.

— O celular de Paul quebrou. Vou tentar ligar para o número que ele me passou, para avisar que está tudo bem. Não se preocupe.

Mais tranquila, Rebeca saiu para o corredor e ligou para o número que Paul lhe

havia passado.

Ao segundo toque atendeu uma voz que ela não reconheceu. Perguntou por ele, e pediram que aguardasse um momento.

— Alô?

— Oi, é Rebeca.

Ao escutar sua voz, ele ficou tenso. Estava esperando aquela ligação fazia quase duas horas.

— Rebeca, graças a Deus! Conseguiu falar com Lorena?

— Sim, não se preocupe, não foi nada grave. — Ele suspirou, e ela continuou: — Fique tranquilo, está bem? Ela teve uma crise de peritonite e foi operada hoje de manhã, mas correu tudo bem. Eu juro.

— O quê?! — gritou Paul. — Onde ela está? Como está? Por que Julia não me ligou?

— Calma, Paul, sua filha está bem. Estamos no hospital Montepríncipe, no quarto 378. Lorena está dormindo, mas garanto que em duas semanas já vai estar correndo pela casa outra vez. Julia tentou ligar, mas ela não tinha esse número, então ligou para sua mãe, que está vindo, e depois para mim.

Passaram-se alguns segundos de silêncio tenso.

— Vou pegar o primeiro avião para a Espanha — disse ele por fim.

— Está bem. Mas fique calmo. Sua mãe já está a caminho e eu só vou embora quando ela chegar.

Está tudo sob controle.

Paul não conseguia nem falar. Doía saber que a filha havia passado por uma cirurgia na ausência dele.

Depois de se despedir, Rebeca voltou ao quarto. Disse a Julia que já tinha contado tudo a Paul e que ficaria com a menina até que Tina chegasse de Barcelona. A princípio, a babá se negou a ir

embora, mas Rebeca argumentou que era melhor descansar. Esgotada como estava, não conseguiria ajudar a cuidar da menina. Afinal, Julia lhe deu razão e

foi para casa.

15

Oito dias depois, todos estavam mais calmos. Lorena tinha se recuperado bem e a vida retornara à normalidade. Paul já iria partir de novo para a corrida seguinte, que seria dali a seis dias. No caminho para o aeroporto, passou pela casa de Rebeca para se despedir. Pediu ao motorista do táxi que o esperasse e tocou a campainha. Quem o recebeu foi Pizza, que latiu ao vê-lo.

— Vim dar tchau — disse ele, olhando para Rebeca.

Ambos se encararam de tal maneira que seus olhos disseram mil coisas.

— Que gentil. A que horas sai seu voo?

— Às seis e quinze. Daqui três horas e meia.

— Dá tempo de tomar um café? — convidou Rebeca, com um fio de voz; estava nervosa com a maneira como ele a observava.

Paul aceitou. Enquanto a seguia até a cozinha, reparava no corpo dela. Como se lesse seus pensamentos, ela se deteve.

— Posso saber por que está tão quieto? — perguntou, virando-se.

Paul suspirou.

— Estava pensando que não queria ter que viajar agora.

Satisfeita com aquela resposta, ela seguiu em frente. Se continuasse olhando para ele, acabaria se jogando em seus braços, e não podia fazer isso. Chegando à cozinha, pegou duas xícaras e o leite.

— Quanto tempo vai ficar fora? — perguntou, com a cafeteira na mão.

— Duas semanas, talvez três.

— Não se preocupe com Lorena — murmurou, ainda nervosa, servindo o café sem o encarar. —

Sua mãe está com ela e eu vou levar as duas ao cinema no fim de semana. Lorena disse que quer dormir aqui comigo.

— Eu sei — disse ele, sorrindo e se aproximando. — Sinto decepcioná-la, mas

você sabe que é por causa de Pizza, não sabe? — E acrescentou, baixinho: — Uma preferência que eu não entendo, aliás.

Rebeca ficou arrepiada. A voz, a proximidade, tudo nele a excitava. Ela pegou um guardanapo e passou na boca, tentando aliviar a tensão.

— Ah, Paul. Não seja bobo.

Sem se afastar, ele a segurou pelo braço.

— Não sei como agradecer por tudo que você tem feito por nós.

— Faço tudo de boa vontade — disse ela.

Ele sorriu. Gostou de vê-la tão tensa, indecisa e excitada ao mesmo tempo. Aproximou-se mais, disposto a conseguir fazer aquilo que pretendia quando decidira passar na casa dela.

— Quer jantar comigo quando eu voltar? Tem uma coisa que preciso te dizer.

Ela levantou os olhos.

— Espero que seja algo bom.

— Garanto que é — disse ele, sua voz rouca e máscula.

Notando a respiração dele cada vez mais próxima, Rebeca se viu presa entre a bancada da cozinha e o corpo largo de Paul, sem conseguir manter a calma.

— Está bem. Me ligue quando souber que dia volta, ou…

— Vou ligar — disse ele, e a puxou para si.

Sem titubear, Paul colou a boca na dela. Primeiro roçou o lábio de cima, para testar o terreno, e, ao ver que ela abria a boca, apoderou-se de sua língua e a devorou. Rebeca, rendida, uniu o corpo ao dele. Quando sentiu que ia gemer de prazer, eles se separaram. Após um breve olhar, ambos começaram a rir.

— É melhor eu ir — sussurrou Paul, excitado. — Se ficar mais cinco minutos com você, vou acabar desistindo do Japão.

Desejando mais um beijo, Rebeca suspirou e assentiu.

— Sim… Acho que é melhor…

Paul a beijou de novo, um beijo suave, e se dirigiu até a porta, Pizza correndo entre suas pernas.

Rebeca ia ao lado dele, andando nas nuvens. Ele a tinha beijado! Na porta, os dois se encararam.

— Boa viagem — desejou Rebeca. — Não se preocupe com Lorena. E tome cuidado, está bem?

— Eu ligo — disse Paul, puxando-a de novo para si.

Os dois se beijaram apaixonadamente.

— Lembre que temos um jantar marcado — avisou ele, afastando o corpo.

— Pode deixar.

Após um último e rápido beijo, ele foi embora. Rebeca o seguiu com o olhar até o táxi sumir no horizonte. Entrou, fechou a porta e olhou para Pizza, que a observava atentamente. Abriu o maior dos sorrisos.

— Meu Deus… sou louca por Paul Stone — murmurou.

16

O trabalho ia de vento em popa, ainda que exigisse tomar decisões cada vez mais complicadas.

Rebeca estava imersa em pensamentos quando ouviu a porta da sala se abrindo. Era Carla.

— Posso entrar?

— Claro que sim, deixe de bobagem — respondeu Rebeca, sorrindo.

Contratar a amiga tinha sido uma decisão acertada, todos estavam satisfeitos com seu desempenho. Mas Rebeca, conhecendo-a muito bem, sabia que algo a incomodava. Enquanto Carla se sentava a sua frente, ela intuiu que enfim descobriria o que era.

— Estou com um problemão.

Rebeca se levantou e deu a volta na mesa para se sentar ao lado da amiga.

— Eu sei, Carla. Conheço você muito bem, e percebi que tinha algo de errado. Pode desabafar.

Carla esboçou um sorriso que rapidamente se desfez.

— Tudo começou quando eu saí do hospital. Sabe aquelas vezes que deixei Noelia com você?

— Não me importo de cuidar dela, você sabe disso.

— Claro — disse Carla. — Mas é que… eu precisei pedir isso porque estou saindo com alguém.

— Imaginei — disse Rebeca. — Só não sabia quem era.

— Samuel. O médico que me atendeu no hospital.

Surpresa, Rebeca sorriu e aplaudiu.

— Samuel?! Isso é ótimo! Ele é uma graça. — Carla sorriu. — Achei mesmo que tinha visto ele saindo do seu prédio algumas vezes.

— Ele é incrível. Cuida de mim e é muito bom com Noelia — disse Carla, emocionada. Então, com um fio de voz, acrescentou: — Eu… eu… acho que estou apaixonada. E ele também.

Ao ver a amiga chorar, Rebeca segurou seu queixo e a encarou, sem entender o motivo de sua dor.

— Qual é o problema? — perguntou. — Se ele faz você feliz, siga em frente.

— O problema é Alfonso — admitiu Carla, soluçando.

Ao ouvir aquele nome, Rebeca sentiu o corpo se retesar. Só de pensar no que aquele sujeito tinha feito com sua amiga já fazia o seu estômago se revirar.

— Aquele cretino… Você não pensa em voltar com ele, pensa? — disse, olhando intensamente para Carla.

— Não… não… Mas ele apareceu na minha casa algumas vezes para ver Noelia e… está mudado.

Eu sei. Posso ver. É como o Alfonso que conheci, carinhoso, atencioso…

Rebeca pegou as mãos da amiga e cravou os olhos nela.

— Carla, já falamos sobre isso. Você mesma chegou à conclusão de que não podiam voltar. Pense no que ele fez com você. Por que está enumerando as qualidades dele agora? — Ao ver que ela não

respondia, Rebeca prosseguiu: — Não acredito que você consiga viver com ele depois do que aconteceu.

— Não… não…

— Escute — sussurrou Rebeca. — Pese o lado bom e o ruim de Samuel e de Alfonso e tome uma decisão. Como amiga, só posso dizer que não há futuro com Alfonso, e que com Samuel pode haver.

— Não é assim tão fácil, Rebeca.

— Ninguém disse que era. E você não pode pensar apenas em si, mas em Noelia também. Não deixe que ela sofra. É uma graça de menina que merece ser feliz e ter o melhor. Pense nisso.

Carla fez que sim, enxugando as lágrimas. Então se levantou e foi até a janela.

— Tem mais uma coisa.

— O quê?

— Estou grávida.

Cada vez mais surpresa, Rebeca se levantou também e se aproximou dela.

— O que disse?

— É isso mesmo que você ouviu.

— É de Alfonso? — perguntou Rebeca, ansiosa. — Por favor, diga que não.

Carla olhou para a amiga.

— É de Samuel — respondeu. — Mas ele ainda não sabe.

— Ah, Carla… O que você vai fazer?

— Pesquisei algumas clínicas de aborto. — Ela viu que a amiga ia dizer alguma coisa, mas a interrompeu: — Rebeca, eu não dou conta de duas crianças pequenas. Noelia já me dá muito trabalho. — Ela voltou a chorar. — Não sei o que fazer.

As duas se abraçaram.

— Ah, Carla… Só posso aconselhar que você fale com Samuel. Acho que ele tem o direito de saber

— disse ela, pensando na ex-mulher de Paul. — O filho é dele também. E se ele quiser ter?

Carla suspirou. Não era fácil.

— Ontem, quando chegou lá em casa, Samuel viu Alfonso com Noelia e não gostou nada.

Brigamos, e ele disse que eu estava brincando com os sentimentos dele.

— Sinto muito.

Rebeca a abraçou de novo.

— Ele disse que preciso escolher: ou ele ou Alfonso. — Secando as lágrimas, Carla concluiu: —

Pediu que eu ligasse quando tivesse me decidido.

— Ai, meu Deus… — Rebeca suspirou. — O que você vai fazer? A gravidez tem quanto tempo?

— Dois meses. Se eu quiser abortar, tenho que decidir agora. Não posso esperar muito.

As duas se olharam. Era uma escolha muito difícil.

— Sinceramente: qual dos dois você ama, Carla? Quem seu coração escolhe?

— Samuel. Mas Alfonso é o pai de Noelia, não posso impedir que a veja.

Ela tinha razão. Uma coisa não excluía a outra, ainda que, depois do ocorrido, Alfonso não fosse sua pessoa preferida.

— Você disse isso a Samuel?

Carla negou com a cabeça.

— Tentei, mas ele estava tão furioso que não me escutou.

Rebeca pegou o telefone e o passou para a amiga, decidida.

— Ligue para ele e marquem de se encontrar hoje à noite. Não se preocupe com Noelia, eu cuido dela. Está bem?

Carla assentiu. Decidida, ainda que tremendo, ligou. Após alguns segundos de conversa, fez o que Rebeca tinha sugerido e então desligou.

— E aí?

— Marcamos às nove — respondeu Carla. — Vamos conversar.

Rebeca sorriu.

— Perfeito! Fale com ele, esclareça tudo. Samuel merece uma explicação. Pense em como ele se sentiu ao chegar em casa e ver sua filha com o cara que quase matou você.

— Tem razão. Vou ser sincera. — Ela abraçou Rebeca e sorriu. — Obrigada. Não sei o que faria sem você.

— É para isso que servem os amigos — disse ela, encerrando o assunto. — Que horas você deixa Noelia em casa?

— Às oito.

— Ótimo.

Rebeca assentiu, enquanto Carla saía da sala.

17

Às oito e vinte, após deixar Noelia na casa da amiga, Carla seguiu de carro rumo à Plaza de España.

Estava nervosa, prestes a dar a Samuel uma notícia que certamente o deixaria abalado. Estava grávida dele! Às nove, chegou ao restaurante onde haviam marcado. Sentou-se à mesa e pediu um suco de abacaxi. Cinco minutos depois, ela o viu entrar, lindo como sempre, dirigindo-se à mesa.

Ele queria beijá-la e abraçá-la, mas não, não faria isso. Cumprimentou-a com frieza e pediu uma água.

— Como você está? — perguntou Samuel, nervoso.

Embora se conhecessem fazia apenas alguns meses, a ideia de perdê-la era insuportável.

— Bem — respondeu ela. — Obrigada por ter vindo.

Após um silêncio incômodo, o garçom se aproximou trazendo a garrafa de água. Samuel molhou a garganta e finalmente a encarou.

— Da última vez que nos vimos, você ficou de me ligar quando decidisse o que queria para sua vida.

Carla assentiu e tentou manter a voz firme ao responder.

— É tudo tão complicado que…

— Não — interrompeu ele. — Não é complicado. É só decidir, simples assim.

— Samuel, eu gosto de você, mas… Alfonso é o pai da minha filha.

Aquilo o fez se arrepiar, mas precisava dizer o que estava guardando no peito.

— Sei que ele é o pai de Noelia, mas aquele animal quase matou você há alguns meses. Lembra?

— Ela assentiu, e Samuel prosseguiu: — Como pode ficar tão tranquila com ele dentro da sua casa?

Não acha que pode acontecer de novo?

Carla negou, decidida.

— Alfonso nunca foi agressivo. O que aconteceu foi… pontual.

— Ah, sim, claro — debochou Samuel, com amargura. — Nunca viu aquelas notícias sobre os filhos da puta que maltratam a mulher e acabam matando?

Ela compreendia, e estava disposta a conversar. Para não discutir, respirou fundo.

— Entendo, mas eu nunca colocaria Noelia em perigo. Se deixo que Alfonso entre na minha casa é porque ele não tem más intenções. Ele está arrependido e…

— Carla, será que você não entende? — interrompeu Samuel de novo, incapaz de continuar ouvindo. — Ele quer ver a filha, é um direito dele, mas, pelo amor de Deus, não fiquem sozinhas com esse cara! Ligue para mim, para Rebeca, para qualquer outra pessoa, só não fiquem sozinhas com ele. Não dá para confiar nesse cretino. — Samuel se aproximou mais e continuou, com raiva:

— No meu trabalho eu vejo um monte de mulheres com o rosto e o corpo marcados por esse tipo de sujeito. Não aguento! Escuta, Carla, eu entendo a situação. Ele é o pai de Noelia, não eu. Ele tem

todo o direito de vê-la, e acho ótimo que faça isso, desde que se mantenha na linha. — Samuel baixou a voz, tocando o queixo dela. — Não quero controlar sua vida nem impedir um pai de ver a filha. Só não quero que nada de mau aconteça com vocês.

— Eu sei, mas já gostei muito dele, e…

— É tudo muito lindo, isso que você diz — murmurou Samuel, afastando-se dela. — Mas está esquecendo um detalhe: Alfonso quase matou você! Acha que na hora ele pensou que você era a mãe da filha dele? — Estava gritando, enfurecido. — Por favor, Carla, não fale assim desse cara.

Tenho vontade de esganá-lo!

Ela tocou o braço de Samuel e se aproximou.

— Tudo bem, fique calmo. Você precisa entender que houve um sentimento entre mim e ele e que desse laço nasceu Noelia. Não posso impedir que ele a veja. Compreenda isso, por favor — suplicou Carla, olhando-o no fundo dos olhos. — Eu te amo, Samuel. Como nunca amei outro homem. Você é bom,

amável, me ajuda e… não posso te perder, porque te amo e preciso de você…

Todas as defesas dele ruíram ao ouvir aquilo. Ele a abraçou.

— Ah, Carla, eu estava louco esperando que você me ligasse. — Ele a beijou na boca. — Hoje, quando marcamos esse encontro, eu já esperava o pior. Claro que vou continuar apoiando você, minha vida. Nunca duvide disso.

Emocionada com o carinho que ele demonstrava, Carla suspirou.

— Desculpe por tudo. Eu não queria te magoar.

— Esqueça, querida. Só quero que você entenda que, quando cheguei à sua casa e vi os três felizes, eu… eu me senti mal. Não sou um moleque, quero formar uma família com você, quero…

— Falando nisso… — sussurrou Carla. — Preciso contar que…

No entanto, levado pelo momento, ele voltou a interrompê-la:

— Quer casar comigo?

Ela ficou surpresa.

— Sei que estamos juntos há pouco tempo — continuou ele —, mas você é a mulher que amo e que procurei por toda a vida. Podemos acertar os dias das visitas dele. Se quiser, amanhã mesmo falamos com Rebeca. Como advogada, ela pode nos ajudar a encontrar a melhor solução para todos.

Ainda em choque, Carla conseguiu apenas balbuciar:

— Você… está me pedindo… em casamento?

Samuel assentiu, seguro do que fazia.

— Sim. Não posso viver sem você e Noelia. Vocês são tudo de mais importante para mim. Sei que podemos construir uma vida juntos e ter filhos lindos. Quero formar uma família com você, Carla, se você quiser.

Meu Deus, pensou Carla, prestes a cair no choro.

Samuel viu a confusão nos olhos dela.

— E então? O que me diz?

Como ela podia sentir tamanho amor por alguém que conhecia havia tão pouco tempo? Mas estava convencida de que Samuel a faria feliz.

— Se aceitar, só peço uma coisa — disse ele, ainda sem resposta.

— O quê?

— Que nunca haja segredos entre nós.

— Não posso prometer isso — sussurrou Carla, quase rindo da situação. Aquilo era demais.

— Por quê? O que foi agora?

— Querido… preciso contar uma coisa.

Samuel assentiu, o rosto demonstrando a tensão que sentia.

— Pode falar. Vou ficar do seu lado, não importa o que seja.

Carla deu um beijo nele, deixando-o ainda mais desconcertado.

— Como tudo o mais tem acontecido tão rápido entre nós… daqui a alguns meses você vai ser pai.

Samuel arregalou os olhos, incrédulo. Virou-se para o garçom.

— Por favor, me traga um uísque duplo — pediu, quase em um sussurro. Então olhou de novo para Carla. — O que você disse? Que vou ser pai?

Ela assentiu, emocionada.

— Sim. Queria conversar com você para decidir o que fazer.

O garçom chegou com o uísque e o colocou na mesa. Com um gesto, Samuel pediu mais um, antes de tomar aquele de um só gole. Voltou a olhar para Carla e, com um grande sorriso, assentiu.

— Eu te amo. Nossos filhos vão ser lindos.

Carla se deixou envolver pelos braços que ele abria, emocionada.

— É o que eu mais quero, querido. É o que eu mais quero.

O casamento foi lindo, simples e íntimo. Tudo foi organizado muito rápido, em apenas duas semanas. A vida voltava a sorrir para Carla, e Rebeca estava feliz pela amiga.

As ligações de Paul eram cada vez mais frequentes e pessoais, até que finalmente era o dia de sua volta. Ele chegaria aquela noite do Japão. Rebeca estava tão nervosa que não sabia o que vestir nem o que diria quando estivesse diante dele. Fazia três semanas e quatro dias desde que tinham se despedido em sua casa, com um beijo acalorado, e agora se sentia à beira de um ataque de nervos.

Era sábado. Ela estava à escrivaninha quando ouviu a campainha, e Pizza começou a latir.

Quando abriu a porta, lá estava Paul com seu melhor sorriso, segurando flores. Por alguns segundos ela apenas o olhou, desconcertada, até que ele a agarrou e a beijou apaixonadamente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela. — Não ia chegar só à noite?

— Que maravilha, hein? Eu adianto o voo para chegar logo e sou recebido desse jeito — brincou ele, pegando a mala e fingindo que ia embora. — Melhor eu voltar depois.

— Não, Paul! — Ela riu e agarrou seu braço. — O que está fazendo, seu bobo? Não quero que vá embora.

Soltando a mala com um sorriso enorme, ele voltou a abraçá-la e a beijou de uma maneira que a fez perder o fôlego.

— Era o que eu queria ouvir — sussurrou ele. — Nem sei quantas vezes imaginei este momento.

Rebeca olhava para ele encantada. Também havia imaginado mil vezes o reencontro, e estava sendo mil vezes melhor. Trocaram vários beijos ardentes.

— Você não sabe o drama que estava sendo escolher uma roupa para a ocasião — sussurrou ela.

— Aí você chega antes da hora e me encontra assim.

Devorando Rebeca com o olhar e contendo a vontade de tirar sua roupa e possuí-la como tantas vezes sonhara, ele disse apenas:

— Você está linda.

— Ah, sim, com certeza. — Ela riu e se afastou, senão acabaria agarrando Paul e fazendo amor com ele ali mesmo, como desejava havia meses. — Já avisou Lorena que chegou?

Ele deixou a jaqueta na poltrona e assentiu.

— Falei com Julia. Lorena está na festa de um amiguinho da escola, Dani. Tenho um tempinho para ficar com você.

— Ainda vamos jantar juntos? — perguntou ela.

— Claro. Tenho que passar em casa para dar um beijo em Lorena, mas, depois que ela dormir, a noite é nossa — sussurrou ele, com um suspiro. — Já escolheu o restaurante?

— Não pensei em nenhum. Pode escolher.

Feliz por estar com ela, Paul a puxou para si e os dois se deixaram cair no sofá.

— Muito bem. Agora venha aqui. Vamos aproveitar.

Rebeca se deixou abraçar e beijar por aquele em quem havia pensado noites a fio. Era o que mais queria, não podia negar. Paul era um homem incrivelmente sexy, que despertava nela muito tesão.

Ele sentiu as mãos dela descendo por seu abdome e começando a abrir o botão da calça jeans.

— Tem certeza? — perguntou Paul, com a voz rouca.

Com um sorriso cativante, Rebeca assentiu. Paul a devorou com os lábios com tal ânsia que ela estremeceu. Levados pela paixão, acabaram no chão.

— Vamos para o quarto — propôs Rebeca, rindo.

Levantaram-se e subiram a escada entre beijos e abraços. Quando chegaram à cama, Rebeca se sentou e Paul, com um dedo, empurrou-a, para depois se deixar cair com cuidado sobre ela. Em movimentos inicialmente lentos, porém mais rápidos a cada segundo, eles tiraram a roupa.

— Você é linda — sussurrou ele, admirando seus seios macios.

Atiçada por um raro ardor, Rebeca enfiou a língua úmida na boca dele e o beijou com força. Ela sempre fora uma boa garota, recatada e pouco exigente, mas aquele homem a tentava de tal maneira que se permitia agir de maneira provocadora.

Ela o queria dentro de si naquele instante.

Ao vê-la tão excitada, Paul sorriu e fez o que ela queria, posicionando-se entre suas pernas sem cerimônia. Pegou um preservativo da carteira e o colocou. Com uma das mãos, tocou o centro do desejo dela antes de guiar o pau até ali.

— Ah… quero tanto você… — murmurou ela, agitada.

— E eu quero você — disse ele, com um suspiro, sentindo o pau envolvido pelo calor do corpo dela.

Ao sentir o pau entrando, Rebeca arqueou as costas e ergueu o quadril, ansiosa para recebê-lo.

Aquele movimento despertou algo selvagem e primitivo em Paul. Posicionando a mão debaixo da bunda dela, ele levantava os quadris de ambos e, olhando-a no fundo dos olhos, entrava e saía com movimentos rápidos e intensos, até que a ouviu soltar um pequeno gemido, indicando que havia chegado ao orgasmo. Ele a apertou contra si e, após meter mais algumas vezes, bem fundo, saiu.

Rebeca sorriu ao escutar sair da garganta dele um som seco e viril.

Ele descansou o rosto no pescoço de Rebeca. Tinha gostado, mas precisava fazer de novo, com mais calma. Queria saboreá-la. Então notou a respiração acelerada dela; ele levantou a cabeça e a beijou com tanta paixão que Rebeca soube: aquela tarde ficaria na memória.

— Tudo bem?

— Sim — respondeu ela, satisfeita. — Tudo ótimo.

Achando graça do sorriso provocativo que via em Rebeca, ele montou nela, uniu as mãos às dela acima da cabeça e desceu o corpo para beijá-la.

— Quer continuar aqui ou prefere que eu vá embora?

Ela lhe deu um beijo no canto da boca, sentindo sua ereção crescer em questão de segundos.

— Se você ousar sair dessa cama sem satisfazer todos os meus desejos, vai ser um homem morto.

Paul olhou surpreso para ela, que ficou imediatamente vermelha após pensar no que tinha dito.

— Bom, eu… Na verdade…

Achando graça em vê-la tão excitada, ele soltou sua mão, pegou uma mecha de seu cabelo e colocou atrás da orelha, beijando o lóbulo.

— Se você soubesse quantos pensamentos selvagens já passaram pela minha cabeça, teria certeza de que seus desejos serão satisfeitos. — Ao vê-la sorrir, prosseguiu: — Nesse tempo todo que ficamos sem nos ver, fantasiei possuir você de tantas maneiras que nem pode imaginar.

— É mesmo?

— Claro, linda.

— Fantasias de que tipo? — perguntou ela, arfante e mais excitada do que nunca.

— Bem molhadas. Acho que você adoraria.

Rebeca arregalou os olhos.

— Mas reconheço que a que mais me excitava era ver você pelada em cima da minha bichinha…

— Bichinha???

Ele riu.

— A moto — explicou. — Queria você montada nela enquanto fazemos amor.

— Mas… eu nunca teria coragem de subir numa moto.

Ele riu.

— Nunca diga nunca.

Apenas com a respiração, a voz e o olhar, ele fez os pelos do corpo dela se eriçarem e um calafrio percorrer todo o seu corpo. Saber que provocara fantasias na mente dele a agradava mais do que ele poderia imaginar.

— Tenho muito tesão por você — sussurrou Paul no ouvido dela, de um jeito tão sexy que o mero som de sua voz quase a fez chegar ao orgasmo.

Com o coração acelerado e um calor instalado entre as pernas, ela mordeu o lábio. Paul gostou tanto de vê-la incapaz de se conter que a beijou até fazê-la perder o fôlego. Isso a animou. Pegando sem nenhuma vergonha o pau dele, Rebeca começou um movimento suave que o enlouqueceu.

— Se continuar fazendo isso, não vou durar três segundos.

— Verdade?

— Verdade.

Contemplando o erotismo no olhar dela, ele foi com a boca até seu seio macio e firme. Como era de se esperar, ela gemeu até chegar ao limite e gritar.

— Espere!

Ele parou e a olhou confuso.

— Não quer continuar?

Ela deslizou a mão por aquele abdome definido e se ergueu nos cotovelos.

— Quero… só preciso mudar de posição. Quero ficar por cima.

Sem perder tempo, ele se deitou. Ela montou nele e, sem dizer nada, beijou seu pescoço. Depois, baixou a boca até os mamilos e continuou descendo até a língua alcançar o umbigo. Seguiu explorando aquele corpo musculoso até ouvir um gemido. Sentiu-se poderosa. Ao chegar à impressionante ereção, beijou e colocou a pontinha macia dentro da boca.

Pela primeira vez na vida sentiu que tinha o controle. Portar-se como uma mulher audaciosa a fazia se sentir viva. Sempre tivera medo de sentir remorso, mas com Paul era diferente. Sentia-se

desejada e sexy e sabia que não se arrependeria daqueles momentos.

Ela ficou brincando com o pau pelo que pareceu uma eternidade para Paul, até que, incapaz de se manter parado, ele a pegou por baixo dos braços, colocou-a de novo montada e a penetrou, olhos nos olhos. Rebeca estava tão molhada que o pau entrou bem fundo. Os dois gritavam de prazer enquanto, com as mãos na cintura dela, ele a ajudava a subir e descer, repetidas vezes.

Aceleraram o ritmo.

Rápido, intenso, forte.

Ela gritou ao chegar ao clímax, e, quando não aguentou mais, ele a ergueu, tirou o membro de dentro dela e gozou.

Com a respiração entrecortada e o coração acelerado, eles se olharam e sorriram. Tinha sido incrível, e estavam dispostos a repetir.

Foi uma magnífica tarde de sexo, mas Paul precisava ver a filha. Passou algumas horas com Lorena até a noite cair, e de novo foi à casa de Rebeca para buscá-la. Ela o recebeu com um beijo caloroso.

— Se continuar me beijando assim, vamos direto para a cama — brincou ele.

— Não me tente… Ficamos de jantar, e é isso o que vamos fazer.

Ao fechar a porta de casa, Rebeca viu uma linda moto estacionada em frente.

— Ainda bem que não estou de vestido. — Ele riu, mas ela estava séria quando continuou: —

Paul, não me leve a mal, mas eu não disse que tenho medo de moto?

— E eu disse que era só porque ainda não tinha andado com alguém que fizesse você se sentir segura. — Ele estendeu um capacete para ela e sussurrou, antes de completar com um beijo doce:

— Confie em mim. Não vai acontecer nada.

Embora nervosa, ela aceitou o desafio e, dez minutos depois, estava descobrindo uma sensação de liberdade em andar de moto. Após uma divertida viagem, chegaram ao restaurante, onde entraram de mãos dadas. Era um lugar grande e moderno, com ambientes e cozinhas diferentes.

O maître o reconheceu e rapidamente lhe ofereceu uma das melhores mesas da área francesa.

Era uma honra ter ali o famoso piloto de MotoGP Paul Stone.

Encantada com a boa companhia, Rebeca deixou que ele escolhesse a comida. Gostou de tudo menos do escargot, que se negou a comer — só de ver aquilo, seu estômago se revolvia. Terminado o jantar, foram beber algo em um bar de um

amigo de Paul.

Ao chegar lá, Rebeca se surpreendeu: era o DeMarios, um dos lugares mais badalados de Madri.

A entrada estava cheia de fotógrafos procurando a imagem que renderia uma manchete. Os flashes a deixaram tonta, mas a mão de Paul firme na sua e o sorriso tranquilo dele para os fotógrafos lhe deram confiança. Aquele homem sabia como se comportar. Era um esportista bonitão, rico e solteiro, e os fotógrafos adoravam isso.

Ao entrarem, Rebeca se viu rodeada de artistas da televisão e do cinema. Sentiu-se intimidada, mas, novamente, Paul a tranquilizou com sua confiança, enquanto cochichava segredos das celebridades ali presentes.

Depois de cumprimentar o proprietário do local, Paul se dirigiu à área onde estavam alguns conhecidos seus, também pilotos. Rebeca conheceu Ivan Vázquez e sua esposa, Rita. Paul o apresentou como um grande rival na pista, mas um bom amigo e companheiro de equipe

inesquecível. Mais tarde chegaram Tomi, Valentino, Raul e Salinski, acompanhados pelas respectivas esposas, exceto Tomi, que era solteiro.

Ela acompanhava a animada conversa do grupo quando Ivan se aproximou e a chamou para dançar. Os dois foram para a pista, rindo das histórias que ele contava. Quando voltavam, Rebeca viu Paul cumprimentar uma mulher mais velha. Dava para notar que eram próximos. Logo depois, os dois foram até onde ela estava sentada.

— Rebeca, esta é Elena, uma amiga e grande jornalista esportiva. — Ele notou o olhar dela e explicou: — É mãe de Susana e Dani, da festa em que Lorena estava.

Rebeca sorriu ao lembrar.

— É um prazer conhecê-la. Meus parabéns pelo aniversário do seu filho!

A mulher a fitou por alguns segundos e se aproximou mais para dizer:

— Obrigada, mas não precisa me chamar de senhora.

— Claro, Elena. — Só então Rebeca a reconheceu. — Você apresenta o jornal da noite, não é?

— Isso mesmo!

— Aliás, onde está seu marido? — perguntou Paul.

Ela olhou ao redor.

— Foi com Toño pegar uma bebida. Estou esperando Marga, que foi à chapelaria.

— São nossos amigos — esclareceu Paul. — Sempre saímos à noite depois do aniversário das crianças. — Ele abriu um sorriso encantador e acrescentou: — À tarde é a festa das crianças; à noite, a dos adultos.

— Perfeito! — comentou Rebeca.

— É uma ótima desculpa para sair de casa — continuou a mulher. Apontando, ela disse: — Ali está Marga. Não enxerga um palmo à frente, mas não quer usar óculos. Sou obrigada a cuidar dela o tempo todo.

Elena teve que se levantar, pois a amiga não a via.

— Bom, vou até lá, antes que se perca. Até mais. — Aproximando-se de Rebeca, ela sussurrou: —

Você deve ser muito especial para que este homem a olhe desse jeito. Aproveite.

Rebeca e Paul se entreolharam e começaram a rir da vivacidade e do bom humor de Elena.

— Que mulher mais elegante!

— Ela e o marido são ótimas companhias.

Paul contou que os tinha conhecido no primeiro dia de aula de Lorena e que sempre pareceram um casal perfeito. Quando ia buscar a filha na escola, lá estava ele ou ela. Susana tinha dormido uma vez na casa dele para brincar com Lorena. As duas meninas eram inseparáveis.

Enquanto conversavam, uma música lenta começou. Paul a chamou para dançar e, ao enlaçar seu corpo, sussurrou, deixando-a arrepiada:

— Você não sabe como senti saudade.

— Que bom!

Ele se surpreendeu com a resposta.

— Por que “que bom”?

— Que bom que sentiu minha falta. Quer dizer que pensou em mim.

Ele sorriu. Durante um bom tempo, ficaram apenas dançando e se beijando, aproveitando a companhia um do outro com tranquilidade, embora também desejassem ir logo para casa a fim de ter mais intimidade. Várias músicas depois, voltaram para a mesa, onde todos tomavam alguma bebida. Estavam mortos de sede, uma sede que só o corpo um do outro poderia saciar. Ivan chamou os dois com um gesto.

— O que você quer, seu chato? — disse Paul, sem a soltar.

Ivan se levantou e abriu caminho entre as pessoas.

— Venham beber com a gente.

Os dois casais foram até o balcão. Rebeca achou os dois muito simpáticos, e Ivan olhava para a esposa de um jeito totalmente apaixonado. Começou a tocar Beyoncé, e Rita, animada, perguntou a Rebeca se não queria dançar. As duas foram para a pista.

Horas depois, já cansados, Paul propôs que fossem embora. Rebeca achou ótimo, pois queria ficar a sós com ele. Já estavam saindo quando ele se deteve ao encontrar alguém.

— Querida, este é o marido de Elena.

Rebeca se virou, mas seu sorriso congelou no rosto ao ver a pessoa. Seus músculos ficaram tensos e ela teve dificuldade de respirar. Paul olhou para o amigo e reparou que ele tinha a mesma expressão no rosto. Não entendeu nada, até que Rebeca o cumprimentou.

— Oi, pai.

Não conseguiu dizer mais nada. O nó na garganta a impedia.

— Rebeca. Como você está? — sussurrou o homem, esforçando-se para conter as emoções.

— Bem. — Ela assentiu brevemente.

Chocado, Paul não sabia para quem olhar. Pai? Iñigo era pai de Rebeca? Ela não tinha dito que os pais haviam morrido?

Recomposta da surpresa, Rebeca deu um passo para trás.

— Paul, já é tarde e estou cansada. Espero você na saída.

Ela se afastou. Perplexo, ele ficou olhando-a ir embora e então se virou para Iñigo.

— Mas… Como? Rebeca é sua filha?

O homem encarava a porta com os olhos cheios de lágrimas.

— Sim. Minha filha mais nova do primeiro casamento.

Paul estendeu a mão ao homem.

— Depois nos falamos, Iñigo. Sinto muito por isso… Eu não fazia ideia.

— Não se preocupe, é uma história complicada — disse o homem, ainda surpreso. — Vá, ela está esperando você.

Os dois se despediram e Paul saiu. Rebeca o abraçou, contendo o choro até estarem longe dos fotógrafos. Paul tentou acalmá-la, mas sem muito sucesso. Dessa vez, a viagem de moto não foi nada agradável. Ela só queria chegar em casa. Foi recebida por Pizza, mas nem parou diante da cadelinha e foi direto à cozinha pegar um café. Sabia que Paul lhe faria perguntas que ela odiaria responder.

Quinze minutos depois, ela entrou na sala levando o café em uma bandeja. Tirou os sapatos e se sentou de pernas cruzadas diante de Paul, que estava brincando com Pizza. O silêncio tomou conta do ambiente, até que Paul começou:

— Sinto muito. Eu não sabia que… Achei que seus pais…

— Não se preocupe — interrompeu ela. — Você não tinha como saber. Eu é que disse que eles estavam mortos, e…

Mas não conseguiu continuar, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Paul a abraçou. Cinco minutos depois, mais calma, ela conseguiu falar.

— Quando o vi diante de mim, não soube o que dizer. Os sentimentos me paralisaram. Por um lado, ele é um estranho. Mas não deixa de ser meu pai. —

Ela secou as lágrimas com um lenço e continuou: — Muitas vezes eu imaginei como seria esse reencontro. Tinha certeza de que o trataria mal e diria algumas verdades, mas quando… quando o vi, não sabia como agir. Ali estava ele, olhando para mim com os olhos que eu adorava quando era pequena.

Ela assoou o nariz.

— Meu pai sempre me tratou bem. Todo mundo dizia que eu era a preferida dele. A princesa do papai! — Rebeca se levantou. — Mas tenho raiva por tudo o que fez. Principalmente à minha mãe.

Paul ainda não entendia bem.

— Não sei o que aconteceu, Rebeca, mas as pessoas mudam. Talvez você devesse falar com ele.

Ela se virou furiosa e então se afastou, gritando:

— O quê?! Não quero ver meu pai nunca mais! Foi escolha dele. Ir embora com… com a outra família. Com essa mulher.

Rebeca xingou ao se lembrar de Elena. Aquela mulher simpática era quem causara tanto sofrimento a sua mãe.

— Não fique assim. É só que…

— Chega! — protestou ela, sem olhar para Paul.

Ela recordou o que o irmão dissera ao pai alguns anos antes. *Para Donna e para mim você está mais morto que nossa mãe. Rebeca é maior de idade e precisa tomar uma decisão sozinha*. Ela escolhera nunca mais vê-lo. Da noite para o dia perdera pai e mãe, e ele era o único culpado por isso.

Perplexo com o rumo que a noite havia tomado, Paul se aproximou para abraçá-la, mas ela não permitiu. Tentou mais algumas vezes, e a reação dela foi a mesma. Afinal, incomodado com o tratamento que recebia, pegou a jaqueta para ir embora.

— É melhor eu ir. Te ligo amanhã.

Rebeca nem se virou. Estava mergulhada no passado. Nas tristes recordações. Paul se dirigiu à porta, mas parou e deu meia-volta.

— Se quiser que eu fique, eu fico — murmurou, sem tocá-la.

Ela negou com a cabeça.

— Vá, por favor.

Após alguns segundos a olhando, ele concordou.

— Está bem. Eu ligo.

Com um suspiro, Rebeca se deitou no sofá depois que ele foi embora e pegou no sono ali mesmo.

Sonhou com seu aniversário de dez anos, quando o pai lhe deu a bicicleta que tanto queria. Tinham passado inúmeras vezes pela loja e sempre paravam diante da vitrine. Era linda, cor-de-rosa, com fitas no guidão e uma cestinha. Era tudo o que Rebeca mais desejava. E ela ganhou. Seu pai tentava

fazer todos os seus caprichos. Naquela noite, sonhou também com a viagem de formatura, um luxo que a família não podia se permitir na época. Então seu pai arranjou um segundo trabalho numa fábrica, à noite. No dia em que deu a ela o envelope com o dinheiro, Rebeca ficou emocionada.

Muitas vezes ele pensara em fazer o mesmo por Donna, mas a mãe sempre assumia o controle quando se tratava da filha mais velha.

A mãe era uma boa pessoa, ainda que severa demais às vezes. Os irmãos tiravam sarro de Rebeca, chamando-a de "princesinha do papai". E talvez fosse mesmo. Mas, gostassem eles ou não, era o pai quem convencia a mãe a deixar Donna ir a uma festa ou Kevin sair com os amigos.

Horas depois, Rebeca acordou sobressaltada, banhada em suor. Triste, suspirou ao recordar esse pai que tinha guardado na memória. Um pai atencioso, que a adorava. Quando aconteceu aquilo com sua mãe e descobriram a vida dupla que ele levava, todo o carinho e o amor se converteram em ódio.

Pizza se aproximou e, esfregando o focinho na mão dela, fez com que a olhasse. Rebeca sorriu e olhou para o relógio: eram cinco da manhã.

— Vamos dormir. Está tarde.

Ela se levantou e foi para o quarto, seguida pela fiel cadelinha.

19

Duas semanas haviam se passado desde aquela noite desastrosa. O pai de Rebeca

ligou para o trabalho dela, mas ela se negou a atender. Ele tinha conversado rapidamente com Paul depois do ocorrido, sem entrar em detalhes, mas não voltaram a tocar no assunto, e Paul partiu para o GP da Itália.

Certa manhã, Rebeca ouviu vozes do lado de fora de sua sala e logo depois Belém entrou, com uma cara feia.

— É o sr. Cavanillas.

— Cavanillas? — perguntou Rebeca, estranhando. — Ele não estava em Barcelona?

Não conseguiu dizer mais nada, pois o detestável homem logo apareceu à porta da sala, com seu olhar inquiridor de sempre. Tranquila, Rebeca se levantou para escutar o que ele tinha a dizer.

— Como vai? — cumprimentou ele, em tom ácido.

Rebeca estendeu a mão com um grande sorriso no rosto.

— Bom dia, sr. Cavanillas. O que faz por aqui?

Ele olhou ao redor, observando a bela sala.

— Tive que vir a Madri esses dias. Como andam as coisas por aqui?

Antes que ela pudesse responder, Cavanillas foi até sua mesa e, sem pedir permissão, começou a folhear alguns papéis.

Isso não, pensou ela, incomodada. Então avançou e estendeu a mão.

— Espero que não se incomode se eu pedir que me devolva esses documentos. São confidenciais.

Ele os devolveu com um sorriso frio.

— Como assim? — disse, com sarcasmo. — É apenas o contrato de importação e exportação da Textiles Airward. — E completou, com fúria no olhar: — Estou por dentro do assunto.

— Foi você quem começou esse trabalho, é verdade — disse Rebeca, mantendo distância —, mas faz alguns meses que estamos ajustando as cláusulas. Com todo o respeito, isso agora é responsabilidade minha.

Cavanillas fez menção de responder. Quem aquela atrevida estava pensando que era? Mas não teve tempo, porque naquele momento Peterson entrou na sala.

— Meu amigo! Como vai?

— Estou só de passagem — respondeu Cavanillas, e olhou de volta para Rebeca. — Estávamos falando sobre o contrato da Textiles Airward.

Peterson também olhou para ela.

— Ah, sim. Conseguimos mudar algumas cláusulas a nosso favor graças a esta grande advogada.

Rebeca é ótima em negociações.

— Obrigada, Thomas — disse, deliciada, e aproveitou para chamá-lo pelo primeiro nome na frente de Cavanillas. — É muita bondade sua.

— Imagine. Já está assinado?

Ela lhe entregou os papéis que tinha em mãos.

— Estava dando uma última olhada. Marcamos de assinar hoje, durante o almoço.

— Ótimo!

— Acho que eles vão aceitar, e assim poderemos concluir o negócio — acrescentou ela, diante do entusiasmo quase infantil de Peterson; apesar da idade, ele às vezes parecia uma criança.

— Vamos exportar para o mercado europeu — explicou Peterson, vendo que Cavanillas não estava entendendo. — Vai ser lento e trabalhoso no início, mas abrimos sucursais em Hamburgo e Milão e esperamos chegar à Grécia em breve.

— O quê? — perguntou Cavanillas, com os olhos arregalados.

— É isso mesmo — confirmou Rebeca, sorrindo diante da surpresa dele.

— Mas como? Tentamos fazer isso e nunca conseguimos. Há uma proteção legal aos tecidos locais.

— É verdade, mas Rebeca entrou em contato com várias empresas e

encomendou um estudo de mercado — explicou Peterson, orgulhoso. — Só posso dizer que, depois de muito trabalho, chegamos à conclusão de que podemos exportar a preços competitivos. — Ele se aproximou de Cavanillas e prosseguiu: — Meu caro amigo, é um desafio superado. Não era possível, mas agora é.

— Então se virou novamente para Rebeca, abrindo um sorriso. — Isso quer dizer que não vai poder almoçar conosco?

— Infelizmente, não. Vamos ao La Cremerie, e quero revisar isso antes.

Cavanillas se despediu com um olhar amargo. Rebeca apenas o encarava. Nos últimos meses, havia descoberto coisas que fariam o cabelo daquele idiota cair se fossem reveladas. Por enquanto, preferia guardá-las para si. Talvez fossem necessárias em um momento futuro.

20

Era sábado de manhã quando o telefone tocou. Rebeca estava guardando a roupa no armário.

— Telefone para você! — anunciou Angela.

Deixando as blusas em cima da cama, ela desceu correndo.

— Já vou, não precisa gritar — disse Rebeca, carinhosamente. — Quem é?

— Donna, do outro lado do oceano.

Ao ouvir isso, Rebeca pulou os degraus que faltavam e pegou o telefone com avidez.

— Donna! Há quanto tempo! — Sua cabeça se encheu de perguntas. — Como estão Maria e Miguel?

Donna respondeu com seu bom humor usual à sempre metódica e controlada irmã.

— Ótimos. E me deixando louca, como sempre.

Depois de algumas risadas e trocas de amenidades, Rebeca contou sobre o reencontro com o pai, e depois o assunto se desviou para o irmão.

— Vocês se falaram de novo?

— Kevin só pode estar brincando — comentou Donna. — Como pode se casar com alguém que conheceu ontem? E olha que eu namorei só cinco meses com Miguel… Mas estamos falando de Kevin!

Eu sabia! Tinha certeza de que ela concordaria comigo, pensou Rebeca.

— Você está rindo — continuou Donna —, mas não concordo com essa maluquice. Juro que quando ele me contou pensei que tivesse tomado alguma droga alucinógena! Não dava para acreditar! Kevin não foi feito para o casamento. Ele é o espírito livre da família. Um arrasa-corações. O homem que toda mulher quer ter, mas que nenhuma consegue. Acho que esse casamento é um grande erro.

— Eu sei — concordou Rebeca, rindo da maneira como a irmã falava.

— E você conhece a tal eslovena?

— Não. Mas eles vêm daqui a duas semanas para organizar tudo.

— Juro que não entendo. Ele quer casar com aliança, bolo e tudo. O que será que aconteceu?

— Kevin me pediu para fazer a festa aqui.

— Eu sei, ele me contou. Vai meter você na maior confusão. Aqui nos Estados Unidos é até comum fazer festa de casamento em casa, mas não na Espanha.

Graças a Paul e a seus contatos, Rebeca encontrara um padre que se dispusera a realizar a cerimônia.

— Pois é. Mas eu já consegui o padre. Quanto à confusão… aguento qualquer coisa se for pela felicidade de Kevin. Se o que ele quer é uma festa tradicional, com bolo, flores e tudo mais, não sou

eu que vou negar. Nunca imaginei que isso fosse acontecer, mas nosso irmãozinho está encontrando um rumo — completou, rindo.

— Eu diria que agora é que ele está perdendo totalmente o rumo, isso, sim.

— Donna! — repreendeu Rebeca, rindo. — Como pode dizer isso?

— É o que eu acho…

— Não seja tão cruel. É a vida dele, cabe a ele decidir o que é melhor para si

mesmo. Além disso, não conhecemos a menina. Talvez ela seja tudo com que ele sempre sonhou.

Donna se deu por vencida.

— Eu sei, estou sendo má. Mas tem uma coisa que eu não entendo: por que tanta pressa? Será que ela está grávida?

— Mas você, hein?! Acho que não…

— É melhor estar sempre preparado para o pior.

— Kevin teria me contado… — ponderou Rebeca. — Bom, o fato é que nosso irmão vai se casar e tanto faz o que achamos, porque não cabe a nós interferir.

— Mas é que… — recomeçou Donna.

Rebeca riu da insistência dela, mas não permitiu que concluísse.

— Você não tem que achar nada.

— Quem você pensa que é para falar assim comigo, sua pirralha? — reclamou Donna, achando graça. — Sou sua irmã mais velha e você me deve respeito!

— Ah, Donna, você não tem jeito… Aliás, quando vem à Espanha?

— Miguel vai tirar férias para ir ao casamento. Cabe mais gente na sua casa?

— Siiiiiiim!

— Acha que é uma boa ideia?

— Maravilhosa.

Donna aplaudiu e olhou para a passagem que tinha em mãos.

— Chegamos no dia dez, às vinte para as onze — avisou ela.

— Eba! Vou buscar vocês no aeroporto.

— Está bem. Mas só por curiosidade: eles vão convidar muita gente?

— Não, só a família. Da parte dela acho que não vem ninguém.

— Hum, isso está me cheirando maaaaaaaal…

— Donna, não começa.

— E você vai acompanhada? Acho que tem que ir!

— Vou com uma pessoa muito especial — respondeu Rebeca, consciente de que a irmã só descansaria quando soubesse a verdade.

— Sério?? — gritou Donna, empolgada. — Você está namorando e eu sou a última a saber?

Desembucha, ou juro que quando a gente se encontrar vou dar uma surra em você. — Rebeca bufou de brincadeira, e a irmã continuou: — Como ele se chama? Quem é? O que faz da vida? Quero saber tudo!

— Vamos ver… Se chama Paul, e gosto muito dele.

— E as coisas estão boas?

— Muito boas. Sei que você vai gostar dele.

Rebeca riu ao imaginar a cara da irmã quando se visse diante daquele homem espetacular.

— Ah, meu Deus, quero chegar logo aí! Conta mais!

— Ele é da MotoGP.

Aquilo impressionou Donna. Ela e o marido acompanhavam as corridas.

— Piloto da MotoGP?

— Sim.

— Não brinca. Qual o nome?

— Paul Stone.

Foi só dizer isso que a irmã soltou um guincho que quase deixou Rebeca surda.

— Meu Deus, meu Deus… Meu Deeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeus! Você disse Paul Stone?

— Isso.

Mais gritos.

— O piloto da Ducati, número dois, que já foi campeão do mundo?

— Sim, Donna, esse mesmo.

— Mas ele é maravilhoso! — Ela gritava como louca. — Minha nossa! Miguel nem vai acreditar quando eu contar. Minha irmã está namorando Paul Stone!

Rebeca morria de rir com a reação da irmã.

— Não conte ao Miguel. Vai ser divertido quando eles se conhecerem.

— Ai… Não sei se vou aguentar… Nossa, minha irmã está namorando Paul Stone! Um dos caras mais gatos da MotoGP! Que bafo!

— Por enquanto somos só amigos coloridos. Não se empolgue — esclareceu ela.

A conversa continuou por mais meia hora, e, após muitas risadas, Donna se despediu.

— Eu ligo para confirmar o voo, está bem?

— Claro. — Rebeca sorriu. — Dê um beijo em Miguel e Maria e diga que estou com saudades.

— Miguel é que vai ficar louco para ver você quando souber que está namorando Paul Stone.

As duas riram mais um pouco e, depois de se despedirem, desligaram.

21

As negociações com as empresas estrangeiras iam às mil maravilhas. O volume de trabalho havia aumentado tanto que, mesmo em época de crise, não tiveram que demitir ninguém e até contrataram alguns temporários.

Cavanillas ligou algumas vezes de Barcelona. Rebeca sabia que tentaria prejudicá-la enquanto pudesse. Ele só não sabia que ela havia descoberto o motivo de nunca terem se expandido para o mercado europeu.

Durante anos, aquela raposa velha, sem que ninguém soubesse, vendera tecido no mercado negro. Ela ficou sabendo disso através de seus assessores em Paris. Sob o nome da empresa inglesa Morning Days, ele mandava a cada três meses grandes volumes de tecido para distribuição a partir de certos portos do continente, em benefício próprio. Rebeca se perguntou se ele estaria

comercializando algo mais além de tecido. Ela precisava contar a Peterson, mas antes precisava confirmar toda a história. Não podia se precipitar.

Naquela manhã, ela esperava uma visita importante. Havia contratado um detetive particular que iria lhe apresentar as provas obtidas. O telefone tocou. Era Belém, anunciando a chegada do homem. Rebeca se levantou para recebê-lo, nervosa. A porta se abriu e um jovem entrou.

— Bom dia, srta. Rojo.

Após os cumprimentos habituais, os dois se sentaram e ele estendeu uma pasta.

— Aqui está. Notas das peças de tecido e dos navios em que foram transportadas. Você vai ver documentos de diferentes depósitos e de entradas e saídas de caminhões. — Rebeca olhava tudo boquiaberta. Ele continuou: — Batemos as assinaturas. São duas diferentes. Uma é do tal Ricardo…

— Ricardo?

— Sim, Ricardo Torres. Trabalhou para esta empresa por sete anos.

— Eu sei quem é. Só não imaginava que estivesse metido nisso também.

Acostumado a esse tipo de reação, o detetive continuou tranquilamente seu relato.

— Pois sinto dizer que ele e Cavanillas, além de um tal de Brian Newton, são os cabeças da operação. Esse Newton ainda por cima trafica cocaína.

— Como? — perguntou ela, num fiapo de voz.

— É isso mesmo. Cavanillas também parece estar metido com drogas.

Rebeca engoliu em seco.

— Minha nossa!

— E descobrimos que Pascual Rublo, encarregado dos depósitos, é quem assina a ordem de saída das peças.

— Pascual? Meu Deus… — sussurrou ela, horrorizada.

Aquilo era mais grave do que imaginava. Ela mal havia processado aquilo tudo quando o detetive apresentou mais um papel.

— O número da conta para onde vai o lucro. Assim que as peças chegam ao porto, o dinheiro é transferido dessa conta para as de Cavanillas e Newton. Até pouco tempo atrás, Ricardo Torres também recebia alguma coisa. O que você sabe sobre ele?

— Pouca coisa, na verdade. Subiu rapidamente na empresa e foi demitido de um dia para o outro.

Nunca mais se soube dele.

— Exato — concordou o homem. — Nunca mais se soube *nada* dele. Seu paradeiro é desconhecido. Tentamos localizá-lo, mas as pistas não dão em lugar algum. Acho que a coisa é feia.

Ninguém desaparece assim.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou ela, assustada.

O detetive a encarou.

— Trabalho com isso há muito tempo. Quando alguém não deixa pistas, mais cedo ou mais tarde aparece morto.

— O quê?

— Sei que parece loucura, mas procuramos não deixar nenhuma ponta solta em nosso trabalho

— continuou o detetive, certo do que dizia. — Conseguimos fazer isso nesse caso até certo momento, até que começaram a surgir pontos não esclarecidos, e o paradeiro de Ricardo Torres é um deles. Foi visto pela última vez dois dias depois de ser demitido. E não estava sozinho: Pascual Rubio o acompanhava. Desde então, nunca mais se teve notícias.

— Você quer que dizer que pode ter sido Pascual quem… — sussurrou Rebeca, levantando-se lentamente.

— Exato.

Ela saiu em defesa de Pascual. Não podia acreditar naquilo.

— Mas ele é um bom homem. Eu o conheço há anos, sempre foi muito educado e simpático. Não pode ser verdade.

— Entendo seu lado, e estamos falando apenas em hipóteses, mas sabemos que Pascual foi a última pessoa a ser vista com Ricardo. E que, dias depois, houve um depósito significativo na conta dele.

Ela voltou a se sentar, agora pálida.

— Como isso não passa de suposição, eu agradeceria se não contasse nada a ninguém, para sua própria segurança.

— Minha segurança?

— Há muito detetives na cidade, e um deles pode estar fazendo para Cavanillas o mesmo trabalho que você me passou — explicou ele, muito sério, e se levantou para ir embora. — Até o momento, cumprimos o que foi acordado. Se quiser que continuemos, é só ligar. Pense a respeito.

Você tem meu telefone.

— Claro — garantiu ela, aturdida. — Vou ligar.

— Infelizmente, srta. Rojo, quando se começa a tirar o pó, sempre se encontra mais que sujeira.

Tenha um bom dia.

Rebeca ficou totalmente atônita. O que havia começado como uma investigação sobre as peças de tecido desaparecidas estava caminhando para o assassinato de Ricardo. Ela pensou no que ele dissera a Cavanillas no último dia que o vira: *Se eu cair, você cai também.*

Aquela tarde, ao sair do escritório, passou pelo depósito, com a desculpa de que precisava pegar alguns papéis. Olhou em volta em busca de Pascual e foi cumprimentá-lo, como habitual. Ele se alegrou ao vê-la. Rebeca manteve a conversa por um tempo, perguntou por seus filhos. Ele contou, encantado, que naquele fim de semana a filha havia se casado. A emoção era evidente no rosto dele.

Rebeca se despediu e foi embora, ainda mais desconcertada. Como Pascual podia estar metido naquela confusão? Por mais que pensasse, não conseguia conceber a ideia.

22

Maio chegou, e o relacionamento de Paul e Rebeca seguia de vento em popa.

Viam-se sempre que podiam, e ele respeitava o fato de ela não querer falar sobre o pai. O casamento de Kevin se aproximava, e Paul iria com ela. O problema foi que os noivos tiveram alguns contratempos, de modo que Rebeca se viu cuidando de tudo sozinha. Por causa do trabalho de Bianca, os dois chegariam à Espanha apenas dois dias antes da cerimônia.

Donna, Miguel e Maria vieram de Chicago. Rebeca era só sorrisos, feliz em ter a companhia deles. Maria era uma graça de menina, e Rebeca adorava a irmã e o cunhado. Depois de alguns dias em Madri, os três foram a Andalucía, visitar a família de Miguel, mas não demorariam a voltar para a casa de Rebeca.

Kevin e Bianca chegaram logo depois. A moça era bonita, pequena e simpática, mesmo que não muito falante. Rebeca ficou contente ao ver o irmão tão feliz e centrado. Nem parecia o velho Kevin.

Estava mais magro que no Natal, mas ela atribuiu isso ao amor.

Paul, por sua vez, chegaria no dia seguinte, e Rebeca queria fazer uma surpresa. Combinou com Lorena de irem recebê-lo no aeroporto.

Na área de desembarque, elas viram quando os passageiros vindos da França começaram a sair.

A pequena estava inquieta, ansiosa para ver o pai. As portas se abriram várias vezes até Paul finalmente aparecer — conversando com uma deslumbrante morena, muito bem vestida.

Como ele não as viu a princípio, Rebeca o observou de longe por um tempo. Parecia estar discutindo com a mulher, que pegava seu braço para chamar sua atenção, ao que ele ficava furioso, se desvencilhando. Quando viu o pai, Lorena começou a chamá-lo. Surpreso, ele fez um gesto para que a filha e Rebeca o esperassem.

A mulher que o acompanhava olhou para a jovem para quem Paul havia sorrido e a avaliou como totalmente desprovida de glamour. Em seguida, a curiosidade dirigiu seu olhar à menina ao lado. Era uma graça, em um macacão vermelho e um gorro com pompom. Consciente de que a mulher observava Rebeca e Lorena, Paul se colocou na frente delas. Quando enfim foi até as duas, ele sorria, mas a tensão transparecia em seu olhar.

Lorena saiu correndo ao encontro do pai, que a abraçou e beijou assim que a pegou no colo.

Rebeca continuava atenta à mulher, que ainda os observava. Paul se aproximou e deu um beijo em Rebeca, e os três se dirigiram juntos à saída do aeroporto. No carro, embora Lorena não parasse de contar milhares de histórias ao pai, Rebeca conseguiu perguntar se tinha acontecido algum problema. Ele negou de imediato. Seu olhar o entregava, mas Rebeca achou melhor não insistir. Em outro momento descobriria mais coisas sobre a tal mulher elegante.

À noite, saíram com Kevin e Bianca. Foram ao Di Roma, um restaurante italiano do qual os irmãos gostavam muito. Foi um jantar repleto de risadas. Kevin e Paul eram muito divertidos e se

davam bem. Horas depois, quando saíram do restaurante, Paul propôs que fossem beber algo.

Seguiram para o Buda, onde o gerente o cumprimentou e ofereceu drinques de cortesia.

Enquanto Kevin e Bianca dançavam, Paul ficou a sós com Rebeca.

— Sentiu saudades?

— Um pouco, na verdade. E você? — respondeu ela, sorrindo, feliz por estar em seus braços.

Ele também sorriu. Não tinha parado de pensar nela. Em seus olhos, sua boca, sua entrega na cama.

— Eu não via a hora de aterrissar. Obrigado por ter ido me buscar no aeroporto.

— Falando nisso, quem era aquela mulher com quem você estava falando?

O sorriso desapareceu do rosto de Paul.

— Não quero falar sobre isso — disse ele, irritado. Ao ver como Rebeca o olhava, ele a soltou e endureceu a voz: — Se quer saber se tenho alguma coisa com ela, a resposta é não. Não é uma amante nem nada do tipo.

— Nem estava pensando nisso. Só queria… — começou ela, na defensiva.

Mas Paul a cortou, com o cenho franzido:

— Assim como você pediu que eu não mencionasse seu pai, não quero que toque nesse assunto de novo. Tudo bem?

Nesse momento, Kevin e Bianca voltaram à mesa. Ao ver a irmã tão séria, ele a chamou para dançar.

— O que acha da minha futura esposa, irmãzinha?

— Está falando de Bianca?

Estava tentando brincar, mas ainda se sentia incomodada com a conversa que acabara de ter com Paul. Ele procurava não se alterar, mas entregava no olhar uma escuridão nunca antes detectada.

Estava escondendo alguma coisa.

— Ainda estou esperando — disse Kevin.

Rebeca soltou uma risada.

— Ela parece uma ótima pessoa.

— Só isso? Vamos lá, irmãzinha, eu esperava uma opinião mais detalhada.

Rebeca olhou para a mesa onde estavam a cunhada e o agora sorridente Paul.

— Não sei, Kevin. Acabei de conhecer a moça. Só posso dizer que é bonita e simpática.

— Está bem. Pelo menos agora sei que a achou ótima pessoa e simpática. Ah, e bonita, já ia esquecendo.

— Como você é bobo — disse Rebeca, puxando o cabelo dele. — Tem certeza do que vai fazer?

Kevin olhou para Bianca com ar de bobo. Suspirou.

— Do jeito que você fala, parece que estou indo direto para o matadouro. Sou louco por ela, e acho que chegou o momento de me endireitar. Duvido que eu encontre alguém melhor. Mas, mudando de assunto: como vão as coisas com o bonitão? Vejo que agora estão juntos oficialmente.

— Parece que sim.

Ela olhou para Paul. Como ficava lindo quando sorria, com as covinhas que surgiam no rosto.

— Na festa de Ano-Novo, notei como você olhava para ele e soube que havia

algo mais ali naquela história.

— Sério?

— Ah, sim. Quando você viu aquela morena, virou a mamãe na hora. “Aí tem!”, eu pensei. — Os dois riram. — Ele parece um cara muito bacana, e gostei de saber que vai ao casamento.

— Que bom. — Rebeca encontrou o olhar de Paul, que sorriu para ela. — Ah, Donna chega na sexta, às dez da manhã.

— Isso é ótimo! Estou morrendo de saudade. Continua louca como sempre?

— Mais ainda. Não sei a quem puxou, mas está toda engraçadinha — respondeu Rebeca. — Você tinha que ter ouvido nossa conversa outro dia, quando contei sobre Paul. Quase teve um infarto!

Kevin olhou impressionado para a irmã.

— E quem é Paul exatamente? Por que todo mundo conhece o cara? Por que oferecem champanhe de graça para ele, e do bom? Não consigo entender.

Sabendo como o irmão reagiria, Rebeca esboçou um sorriso maroto antes de explicar, com um sussurro:

— Ele é piloto da MotoGP.

Kevin arregalou os olhos.

— Ele é Paul Stone? O louco da Ducati?

Rebeca assentiu.

— Esse cara com quem você sai, que está sentado à mesa com minha futura esposa, é Paul Stone?

— repetiu ele, ainda incrédulo.

Rebeca suspirou e assentiu novamente. Kevin a soltou e se dirigiu à mesa onde os outros dois riam.

— Que bom! Outro louco na família!

Aquela noite, quando chegaram à casa de Rebeca, Kevin propôs um último drinque. Ainda não conseguia acreditar que aquele era o famoso piloto da Ducati. Mas Paul recusou a oferta. Disse que estava cansado da viagem e se despediu dizendo que ligaria no dia seguinte.

Sentindo-se culpada por ter mencionado a mulher do aeroporto, ela assentiu. Dez minutos depois, Kevin preparava as bebidas enquanto Rebeca e Bianca esperavam à mesa da cozinha.

— Quando você vai buscar o vestido de noiva?

— Eu trouxe da Eslovênia. Está no quarto — respondeu, com um sorriso tímido, a moreninha de rosto angelical e cabelo escuro.

— No quarto de vocês? — perguntou Rebeca, tão surpresa que até levantou a voz.

Bianca assentiu.

— Mas o noivo não pode ver o vestido antes da cerimônia — lembrou Rebeca.

— Eu não vi, juro — garantiu Kevin, rindo. — Está escondido.

— Quer dar uma olhada? — perguntou Bianca à futura cunhada.

Rebeca se levantou de imediato.

— Claro! E vamos aproveitar para colocar no meu quarto. Assim evitamos a tentação.

— Espertinha — brincou Kevin.

Entre risos, as duas subiram a escada. Ele foi atrás, mas, assim que entraram, Rebeca fechou a porta, deixando-o de fora. A noiva abriu a mala e pegou o vestido.

— Aqui. Gostou?

Rebeca tocou a delicada peça de cetim, surpresa.

— É lindo. Onde você comprou?

Afastando o cabelo do rosto e revelando os lindos olhos verdes, a jovem eslovena demonstrou certa tristeza ao responder:

— Era da minha mãe. É uma das poucas coisas que tenho dela.

— Ah… Sinto muito.

— Está perfeito, mas preciso levar para lavar e passar — acrescentou Bianca, um pouco mais animada. — Vai ficar como novo.

— Claro — concordou Rebeca, comovida.

Se algo a emocionava no mundo era aquele tipo de herança de mãe para filha. Agora Bianca a tinha conquistado.

— Podemos passar em uma lavanderia amanhã?

— Claro. E o que vai usar no cabelo?

— Tenho um véu — disse Bianca, inclinando-se para pegá-lo na mala.

— Perfeito! Amanhã vamos ao centro comercial. Deixamos o vestido na lavanderia e passamos na floricultura para escolher o buquê. Vai ser por minha conta, se você aceitar — ofereceu Rebeca, tentando animá-la.

— Obrigada — disse Bianca, com um olhar encantador. Ela pegou as mãos da cunhada. —

Quero que saiba que vou fazer de tudo para que Kevin seja muito feliz. Eu o amo de todo o meu coração e acho que temos tudo para dar certo.

— Não duvido disso. Pela maneira como meu irmão olha para você, está completamente apaixonado. Vocês merecem tudo de bom.

Nesse momento, ouviram Kevin do outro lado da porta, além dos latidos de Pizza.

— Hã, meninas? — chamou ele. — Cansei de esperar. Vou contar até três para que saiam daí, senão eu entro. Um…

Elas guardaram depressa o vestido e o véu.

— Um segundo, seu chato! — gritou Rebeca. — Já vamos sair!

Os três ficaram um tempo conversando na cozinha. Rebeca descobriu que Bianca não tinha família e que, ao contrário deles, não tivera uma infância tão boa. Quando a moça começou a bocejar, decidiram que era hora de dormir.

Diante do espelho, enquanto tirava a maquiagem, Rebeca pensou em Paul e na reação dele quando questionado sobre a mulher do aeroporto. *Todos temos um*

passado que não queremos trazer à tona, pensou ela, indo se deitar. Depois de um tempo rolando na cama sem conseguir dormir, o telefone tocou. Ela atendeu assustada.

— Sou eu. — Era a voz de Paul.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Rebeca, quase sem fôlego, sentando-se na cama.

— Calma, querida, está tudo bem. Só preciso falar com você. Estou na frente da sua casa. Pode sair?

— Só um minuto — disse ela, e saltou da cama.

Vestiu a calça jeans e uma camiseta azul rapidamente. Pizza ergueu o olhar para ela e a acompanhou até a porta. Paul a esperava lá fora, lindo como sempre, recostado na moto.

Meu Deus, é o pecado em forma de homem, pensou Rebeca enquanto se aproximava. Ele a abraçou como se temesse perdê-la. Entre sussurros, pediu perdão mil vezes por seu comportamento naquela noite.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Rebeca. — Você respeita minha intimidade e eu respeito a sua. Não precisa me contar nada.

— Sou um imbecil — insistiu ele. — Você não é obrigada a aguentar meu mau humor, só queria saber o que estava acontecendo.

Ao ver o desespero em seu olhar, ela o beijou e sussurrou carinhosamente:

— Não tem problema. De verdade.

Paul se afastou.

— Não sei se eu aguentaria se você me tratasse daquele jeito. Você só queria saber quem era aquela mulher, não tem desculpa para meu comportamento. Prometo nunca mais responder daquela maneira. — Rebeca sorriu. Ele pegou suas mãos e murmurou: — Eu te amo.

— Também te amo — respondeu ela.

Após uma boa dose de beijos quentes e apaixonados, Paul confessou:

— A mulher no aeroporto era Silvia.

— Sua esposa? — perguntou Rebeca, atônita ao ouvir aquele nome.

— *Ex*-esposa. Estamos divorciados há dois anos, graças a Deus. — Ao ver que ela sorria, ele continuou: — Ela ficou sabendo do GP da França e, como mora lá, foi me visitar no hotel.

— No hotel?

— Sim, mas você não tem com que se preocupar. Quando ela apareceu na minha porta, não acreditei. Fazia dois anos que eu não a via, e não conseguia entender o que estava fazendo ali.

Conversamos um pouco, até que mostrei a foto de Lorena que sempre carrego nas viagens. Ela perguntou se era nossa filha, e eu disse que não. Lorena é *minha* filha.

Rebeca estava perplexa e furiosa com aquela mulher. Ela tivera a audácia de se aproximar de Paul!

— Não estou entendendo. Ela abandonou vocês. Abriu mão de Lorena!

Paul a beijou e tratou de tranquilizá-la.

— Temos que manter a calma. Não sei o que ela veio fazer em Madri, mas se pretende fazer o que estou pensando, vai se dar mal. Não vou deixar que se aproxime da minha filha. Já acionei meu advogado.

— Mas o que essa bruxa quer?

— Causar problema, como sempre — respondeu ele, abraçando-a. — Silvia não tem nenhum direito sobre Lorena, nunca a viu em todos estes anos, nunca sequer a conheceu. Tenho documentos provando que abriu mão da guarda de dela, mas me incomoda vê-la falar como se fosse filha dela.

Lorena é só *minha*.

Ao ver a indignação no olhar de Paul, Rebeca pegou seu rosto nas mãos.

— Por que não me contou isso antes? Por que não confiou em mim?

Paul sabia que ela tinha razão.

— Eu só queria esquecer o que tinha acontecido. Maldita Silvia!

— Agora sou eu quem digo para se acalmar — sussurrou Rebeca no ouvido dele, passando a mão em seu cabelo. — Não se preocupe, vai ficar tudo bem. Você é um pai incrível, ela não pode fazer nada contra você.

Com amor e uma mistura de outros sentimentos, Paul a olhou fixamente.

— Obrigado pelo apoio — murmurou.

Os dois trocaram um beijo demorado, até que notaram alguém entre suas pernas. Era Pizza, querendo carinho. Rebeca fez com que Paul deixasse a moto na garagem, e, quando ela fechou a porta, ele, ainda em cima da moto, olhou ao redor.

— Você usa essa garagem para alguma coisa? — perguntou.

— Não.

— Dá para notar — disse ele, rindo.

— Costumo deixar o carro na rua — explicou Rebeca, enquanto abria a porta para Pizza entrar em casa. — Essa garagem só me dá trabalho.

Rebeca o surpreendeu ao subir nele, sem deixar que descesse da moto, e lhe deu um beijo suave na boca.

— Mas talvez esta noite ela tenha alguma utilidade — sussurrou, deixando-o arrepiado.

— Ah, é?

— É…

Ele sorriu.

— Gostei dessa ideia — murmurou ele, com a voz rouca de paixão.

Rebeca sorriu também, então tirou a camiseta e a jogou no chão. Queria ser mais atrevida aquela noite.

— Uma vez você me disse que sua maior fantasia era fazer sexo comigo em cima da sua *bichinha*, não foi? — sussurrou ela, com uma voz sensual.

Enfeitiçado pelo momento e, em especial, pela mulher maravilhosa que o olhava, Paul apenas assentiu. Seu corpo estremeceu, e, antes que pudesse dizer

algo, ela colocou o dedo sobre a boca dele.

— Vamos, motoqueiro. É sua oportunidade.

O cheiro suave de Rebeca e a excitação que ela demonstrava o estavam deixando louco. Ela o pegou pela cintura e se aproximou mais.

— Estou cansada de ser boazinha. Quero ser uma garota má e sexy, aqui e agora, com você.

Quero satisfazer todos os nossos desejos e…

Ela não conseguiu dizer mais nada.

Dominado pela intensidade do momento, Paul a agarrou e a beijou, apertando o corpo contra o dela. Rebeca deixou que fizesse o que queria, louca de tesão. Durante um bom tempo, os dois se limitaram a explorar a boca um do outro, até que a perna de Paul cedeu e os três (eles dois e a moto) quase caíram.

— É melhor descer antes que a gente se mate.

Ela desceu. Ele fez o mesmo, depois de baixar o apoio da moto. Mas Rebeca ainda queria se divertir.

— Não quer realizar sua fantasia? — perguntou, aproximando-se novamente.

Paul sorriu como um lobo faminto. Disposta a conseguir o que queria, ela tirou a calça, revelando a calcinha azul. Com cuidado, voltou a subir na moto e, sorrindo, murmurou:

— Vem… Tira a roupa, ou eu mesma tiro.

Ele gostou de ouvir aquilo. Primeiro puxou a jaqueta de couro, depois a camisa. Quando estava só de calça, Rebeca murmurou:

— Meu Deus, Paul, você é o cara mais sexy que já conheci em toda a minha vida.

Ele deslizou a mão pela nuca de Rebeca e a beijou com paixão.

— E você é simplesmente perfeita.

Sem perder tempo, ele tirou os tênis com os próprios pés enquanto ela abria a calça dele. Paul então baixou a calça com a cueca boxer preta em um único

movimento e as atirou a um canto, com um sorriso perigoso nos lábios. Estava completamente nu diante dela.

— E agora, o que minha garota má quer que eu faça?

Rebeca desceu da moto e murmurou, fascinada pelo pau duro dele:

— Quero que você suba. Depois eu subo também.

Ele voltou a sorrir, mas, após olhar o banco da moto, levantou o dedo.

— Um segundo. — Paul pegou a camiseta dela e a estendeu sobre o assento, com um sorriso manhoso no rosto. — Não quero que o couro fique grudando na minha bunda.

Os dois riram. Ele subiu na moto, nu, e estendeu a mão para ela.

— Venha, menina má. Sou todo seu.

— Só um segundo — pediu ela, pegando a carteira de Paul do chão e a entregando a ele. —

Preservativo. Você tem, não tem?

Paul obedeceu. Depois de jogar a carteira de volta no chão, rasgou a embalagem azul com um sorriso que a deixou ainda mais excitada. Ele apoiou o preservativo na ponta do pau e, devagar, bem devagar, o colocou. Loucamente excitada com aquilo, Rebeca acompanhava os movimentos dele com um olhar de orgulho. Paul era um deus grego, um tipo sexy e arrebatador. E o melhor de tudo: aquele corpo rijo e forte, aqueles braços, aquela boca e aquela ereção eram inteiramente para ela.

Rebeca apoiou o pé no estribo e se sentou sobre as coxas dele. Cara a cara. Sentir o calor do sexo dele contra o seu a fez gemer, impaciente. Paul afastou o cabelo do rosto dela e começou a enchê-la de beijos maravilhosos. Primeiro na testa, depois na ponta do nariz, depois na boca, então no pescoço, nos peitos, no umbigo. Quando ela não podia aguentar mais, agarrou aquele pau duro e viril e o pôs entre as pernas.

— Rebeca… — murmurou ele. — Não… se… mexa.

O cheiro de sexo os rodeava. Ela o observava, totalmente imóvel com o pau dele dentro de si, adorando aquele momento pecaminoso, o que a excitava mais a cada segundo. De olhos fechados, Paul parecia estar deliciado também, o que a

deixava muito satisfeita. Contendo a urgência de levantar o quadril, ele bufou e segurou a cintura dela com as mãos enormes e a puxou contra seu pau. Ela gemeu. Com a respiração entrecortada, os dois se olharam e se beijaram. Brincaram com a língua um do outro enquanto Rebeca começava a mover o quadril para a frente e para trás, o pau entrando e saindo. Aqueles movimentos suaves o deixaram louco. Quando um gemido selvagem saiu da garganta dele, Rebeca sorriu.

— Tudo bem?

Ele cravou o olhar nela e murmurou, cerrando os dentes:

— Tudo maravilhoso, linda.

Um sorriso iluminou o rosto dela, que se arqueou para se encaixar de novo nele.

— Está gostando? — perguntou ela.

Paul mordiscou um mamilo dela.

— Você está me deixando louco… menina má.

Ela se agarrou aos ombros fortes de Paul e começou a subir e descer, em busca do próprio prazer.

E o encontrou. Instantes depois, um calor abrasador explodiu em seu corpo. Rebeca gemeu, apertando o corpo contra o dele. Aquele gemido e principalmente a expressão no rosto dela o excitaram mais ainda. Tomando o controle da situação, ele começou a movê-la com maior intensidade, em busca de alívio, até que, após uma última e decisiva estocada, um gemido rouco e viril brotou de sua garganta.

Os dois ficaram sem falar por alguns segundos, nus e abraçados em cima da moto, arfando.

— Rebeca?

— Sim?

— Quero que saiba que isso foi muito além da minha fantasia.

Suada e com aquele sorriso que o enlouquecia, ela tirou o cabelo molhado do rosto e o beijou.

— Então pode se preparar, porque eu também tenho minhas fantasias.

Pela manhã, Kevin encontrou Pizza dormindo à porta do quarto da irmã. Achou aquilo estranho.

Quando abriu a porta, viu os dois dormindo e sorriu.

— Vá até eles, Pizza! — sussurrou, agachando-se.

A cadelinha entrou no quarto, saltou para a cama e começou a pular, lamber e latir, despertando o casal de seu sono tranquilo. Esgotada após a maravilhosa noite de sexo apaixonado, Rebeca olhou para a porta a tempo de ver Kevin saindo. Ela sorriu.

— Você me paga! — gritou.

Paul acordou e a pegou pela cintura, aninhando-se nela. Os dois voltaram a dormir, agora com Pizza a seus pés.

24

Tudo eram risos e abraços quando foram buscar Donna, Miguel e Maria no aeroporto. Miguel não acreditava que estava diante de Paul Stone; não parava de fazer perguntas sobre motos e o mundial, ao que Paul respondia com prazer. Já na casa de Rebeca, Donna tratava Bianca com um pouco de receio, chegando a comentar que não tinha gostado dela. Rebeca a repreendeu. Comeram todos juntos, mas quem se deu bem mesmo foram Maria e Lorena, que passaram o dia brincando com Pizza.

Enfim, chegou o dia tão esperado. Bianca estava linda em seu vestido de noiva e Kevin parecia radiante. Foi uma celebração bem íntima. Quando Carla chegou de braço dado com Samuel e com a pequena Noelia no colo, todos ficaram emocionados. A festa foi muito divertida, como era de se esperar, ainda que por um momento os três irmãos sentissem muitíssimo a falta da mãe. Então Angela apareceu, fazendo todo o possível para alegrá-los.

Rebeca estava sozinha, tomando uma bebida, quando Donna se aproximou com seu vestido de seda.

— O que está achando?

— Ótimo! Está tudo correndo bem.

Donna sorriu ao olhar para os recém-casados, que dançavam abraçadinhos.

— Acha que vai durar?

Rebeca sorriu.

— Mas você, hein? Por que não duraria? — protestou, dando um empurrãozinho na irmã.

Donna deu de ombros.

— Espero que você tenha razão… — murmurou, ainda olhando para Bianca. — Mas, não sei, alguma coisa nela não me convence.

— Não vê que é uma boa menina?

— Não… não vejo. Acho que não é realmente o que aparenta ser. Tem algo no olhar dela que…

não sei. Não cola. Ela não olha nos olhos da gente quando fala. Não gosto disso.

— Imagina! Bianca tem uma carinha de anjo.

Donna riu.

— Anjo? Ela é bonita, magra e tem rosto de boneca, mas não é nenhum anjo.

— Como você é dramática!

— Talvez você tenha razão — disse, Donna, sabendo que era verdade. — Estou sendo muito dura.

Mas só quero o melhor para ele.

— Kevin não é bobo. Ele pode muito bem escolher sozinho. Acho melhor a gente não tocar mais nesse assunto.

Donna assentiu e pousou os olhos em Paul, que estava lindo em seu terno escuro.

— Já mencionei que você tem um ótimo gosto? — comentou ela, arrancando um sorriso de Rebeca. — Ele deve ser incrível na cama!

— Donna! — gritou ela, dando um soquinho na irmã. — Vai que ele ouve?

— Quero saber a verdade. Paul é tão efusivo e temperamental quanto nas corridas?

Rebeca olhou para a irmã e fez menção de falar, mas teve que rir.

— Não é da sua conta. Alguma vez perguntei como Miguel é na cama?

— Ah… É uma delícia! Adoro quando me olha e…

Escandalizada, Rebeca tapou a boca da irmã com a mão.

— Paul é… explosivo. É só isso o que vou dizer — sussurrou, achando graça.

— Sabia — disse Donna. — Tem cara mesmo. Mas eu tinha que perguntar.

— Faço coisas com ele que nunca tinha pensado em fazer — confessou Rebeca, percorrendo o corpo dele com os olhos, em autêntica adoração. — Paul consegue me…

— Opa, opa — cortou Donna, rindo. — Me poupe dos detalhes!

— Mas foi você que perguntou!

— Eu sei, mas achei que você não fosse falar nada. — As duas riram. — Eu não devia comentar isso, mas já reparou na bundinha dele?

Era impossível não rir com Donna.

— Miguel também não fica nada mal de terno — retrucou Rebeca, olhando para o cunhado, que falava com Paul.

Descarada, Donna olhou para o marido e sussurrou, em tom de brincadeira:

— Quero que todo mundo vá embora logo para poder correr para o quarto. Ele está me deixando louca, vestido desse jeito. Não sei até quando eu consigo me segurar!

Enquanto as duas riam sem parar, os alvos de seus comentários se aproximaram.

— De quem vocês estão falando mal? — perguntou Miguel.

Paul foi para junto de Rebeca enquanto Donna se dirigia ao marido.

— Você é muito crítico, querido. Como pode pensar mal de duas moças tão educadas como nós?

Olhando para a esposa, Miguel assobiou.

— Parece que estavam fazendo mais do que apenas falar mal, Paul.

Aquele comentário fez todos rirem.

— Ei, venham aqui! — gritou Kevin para eles. — Quero uma foto da família!

— Vamos, querido! — chamou Donna, pegando o marido pela mão. — Kevin está chamando a gente!

Paul não se mexeu. Rebeca se aproximou dele e, depois de dar um tapinha naquela bunda musculosa, repetiu, fazendo-o rir:

— Vamos, querido! Kevin está chamando a gente!

25

Os dias passaram em uma velocidade vertiginosa, e chegou a hora de Donna e sua família voltarem para Chicago. As férias haviam sido uma maravilha, e a despedida foi triste, como sempre.

— Prometa que vai nos visitar — pediu Donna à irmã, com os olhos cheios de lágrimas.

Rebeca assentiu. Mal conseguia falar, de tão emocionada.

— Não se preocupe — disse Paul. — Prometo ir com ela em outubro ou novembro, quando acabar o campeonato.

— Vou tentar. Depende do trabalho — disse Rebeca, abraçando-a.

— Não vem com essa, você tem que me visitar — insistiu Donna. — Precisamos nos ver mais.

Sinto sua falta, e quero…

— Hã… Donna? — interrompeu Kevin. — De mim não sente falta, não?

— Quero que você e Bianca me visitem também — disse ela, rindo. — Por que não tentam ir todos juntos, depois de outubro?

— Seria ótimo! — exclamou Bianca, surpreendendo a todos.

Enquanto os irmãos se abraçavam, Paul estendeu a mão para Miguel.

— Foi um prazer.

— O prazer foi meu. — Ele olhou para a cunhada e sussurrou: — Cuide bem dela. Se for como a louca da irmã, você vai ter bastante trabalho!

Os dois sorriram. Donna olhou com malícia para o marido.

— O que foi que você disse? — Mas ela nem esperou a resposta e já continuou: — Vá buscar Maria e se despeça de todos, temos que embarcar. — Então se virou para Paul e murmurou: — Fico muito satisfeita que Rebeca esteja tão feliz. Já fazia algum tempo que eu não a via com um sorriso assim no rosto, e acho que o motivo é você.

— É bom saber disso.

— Obrigada por ter nos recebido tão bem. E já sabe que estamos esperando vocês do outro lado do oceano.

Paul sorriu. Depois de dar um beijo nele, Donna abraçou Rebeca e Kevin. Nunca sabiam quando estariam os três juntos de novo. Finalmente, ela, Miguel e Maria passaram pelo portão de embarque.

Três dias depois, Kevin e Bianca foram para a Eslovênia. Sem os irmãos, a vida de Rebeca voltou à normalidade.

26

Passaram-se alguns meses e o verão chegou. Paul e Rebeca se viam sempre que podiam. Não era fácil, já que ele estava sempre viajando, mas os dois aproveitavam ao máximo os minutos que passavam juntos e estavam a cada dia mais felizes. Quando entrou de férias, Rebeca não pensou duas vezes antes de deixar Pizza com Angela e ir com Paul à Holanda, junto com Lorena e Julia.

Rebeca pôde viver toda a emoção de um Grande Prêmio.

Por alguns dias ela teve um vislumbre do que era ser esposa de um piloto de MotoGP. Horários rígidos, muito treino e disciplina. Com Rita, comprovou quanto trabalho é necessário para ganhar uns poucos segundos e ter uma moto competitiva na pista. Treinos e mais treinos. Paul passava o dia inteiro em cima da moto ou reunido com os mecânicos, mas, quando saía, estava cem por cento disponível para Rebeca e Lorena. Tentava ver as duas sempre que podia, mesmo que fosse apenas para dar um beijo. Ele era muito dedicado, e dava para ver de longe que estava apaixonado.

Pela primeira vez, Rebeca viu a quantidade de mulheres que se matavam para

tentar chamar a atenção dele. Centenas de jovens (algumas nem tanto) morenas, loiras e ruivas gritavam seu nome e tentavam tirar uma foto com ele. No início ela não se incomodou, mas ao longo dos dias se cansou. Não gostava que aquelas mulheres sonhassem com o homem que acreditava ser seu.

No dia da corrida, a adrenalina era total. O tempo estava bom e o circuito, cheio de pilotos dispostos a ganhar. Rebeca assistiu às corridas das outras categorias ao lado de Paul e ficou horrorizada quando houve um acidente envolvendo vários pilotos. Um deles precisou ser removido de helicóptero.

O perigo estava perto, perto demais, mas Paul garantia que ela não precisava se preocupar.

Quando chegou a hora da corrida principal, ele deu uma piscadela, pegou o capacete e foi para junto dos mecânicos. Nervosa, ela se sentou na cadeira que um membro da equipe lhe ofereceu.

Segundos depois chegou Rita, com um sorriso amável.

— Não se preocupe. Eles sabem o que fazem.

Angustiada, ela viu a corrida pelos televisores dos boxes, com Rita e outros membros da equipe.

A cada freada, a cada saída da pista, a cada derrapada, seu coração saltava. Quando Paul cruzou a linha de chegada em primeiro, vencendo o GP, ela deu pulos de felicidade e por fim respirou tranquila. Pegou Lorena e foi com a equipe até onde os ganhadores estacionavam as motos. As duas estavam radiantes. Paul chegou, desceu da moto, tirou o capacete, foi até elas e as beijou. Rebeca achou que fosse explodir de tanta felicidade.

Minutos depois, acompanhado de seu bom amigo Ivan, que havia ficado em segundo, Paul subiu ao pódio. Receberam os troféus e tomaram um banho de champanhe. Na plateia, Rebeca pegou Lorena no colo e as duas aplaudiram. Paul olhou para elas e se sentiu o homem mais sortudo do mundo.

Depois da corrida, ele teve alguns dias de folga, e foram a Menorca descansar. Aproveitaram o momento como uma família. Passaram dias intensos na praia, com beijos e castelos de areia, e à noite, quando Lorena dormia, os dois se entregavam à paixão. Era uma combinação maravilhosa, que os deixava cada vez mais apaixonados.

Em setembro, Rebeca voltou ao trabalho. Não foi fácil para os dois se separarem

depois dos dias perfeitos que tinham passado juntos, mas era preciso. Faltava apenas um mês para Carla ter o bebê, e a barriga dela já estava bem grande. Samuel andava nervoso e inquieto. Como ele dizia, não era todos os dias que se tem um filho. Certa manhã, Belém passou uma ligação de Cavanillas para Rebeca.

— Bom dia — cumprimentou ele, com sua voz pegajosa.

— Bom dia, sr. Cavanillas.

— Achei que devia lhe dar os parabéns.

Ela ficou tensa na cadeira, sem entender.

— Por quê? — perguntou.

— Fiquei sabendo que seu irmão se casou.

— Ah, sim. Já faz alguns meses — respondeu Rebeca, sentindo-se desconfortável.

Aquele homem insuportável deu uma risada afetada que a incomodou.

— Você pode ser a próxima. Nunca pensei que gostasse de pilotos de moto com filhos. É

engraçado que tenha acabado com alguém tão mulherengo, mas se isso não a incomoda…

Como ele sabe de Paul? E o que tem a ver com isso? , pensou ela, irritada.

— Desculpe, mas minha vida particular não é da sua conta.

— Eu sei, eu sei. Só me parece que nós dois temos a tendência de meter o nariz onde não somos chamados.

As mãos de Rebeca começaram a tremer.

— Do que você está falando? — perguntou, tentando transparecer calma.

Vendo que tinha conseguido chamar sua atenção, Cavanillas se recostou na cadeira em seu escritório em Barcelona.

— Você se acha muito esperta. Pensa que não sei o que está fazendo? Só vou dizer uma coisa: se quer jogar, vamos jogar.

Nervosa, mas ainda controlando a voz, Rebeca conseguiu responder:

— Não sei do que você está falando e, sinceramente, não temos mais nada a dizer um ao outro.

— Espero mesmo que não precisemos mais conversar — disse ele. — Mande lembranças ao piloto e à filha dele. Ela deve ser uma gracinha.

Quando desligou, Rebeca estava pálida. Como ele ficara sabendo da investigação? Ela não tinha tomado nenhuma atitude a respeito. Ligou depressa para o detetive e marcou uma reunião para dali a uma hora, em um bar. Chegando lá, ela se sentou a uma mesa para esperá-lo. Quando ele apareceu, contou-lhe o ocorrido.

— Eu avisei que isso podia acontecer — disse ele. Coçando o queixo, perguntou: — Você contou a alguém sobre a investigação?

— Não… a ninguém. Mas ele sabe de tudo. Do casamento do meu irmão, do cara com quem estou saindo, da filha dele. Ah, meu Deus! Disse que, se eu queria jogar, íamos jogar.

— Por enquanto, pode ficar tranquila — disse o detetive, ao vê-la alterada. — Mas guarde isso em segredo. Quanto menos gente souber, melhor. — Ele se levantou. — Vamos nos manter em contato.

Rebeca o viu se afastar enquanto tentava colocar alguma ordem nos pensamentos. Não era fácil.

Cavanillas era perigoso, e só agora ela estava se dando conta disso.

27

Aquela tarde, ao chegar em casa, soube por Angela que Samuel havia ligado do hospital. Havia chegado a hora de Carla ter o bebê. Esquecendo suas preocupações, pegou o carro e foi até lá.

Chegando à maternidade, encontrou Samuel esperando no saguão. Ele rapidamente foi até ela e lhe deu um abraço.

— Por que está aqui embaixo? — perguntou Rebeca.

— Surgiram algumas complicações — respondeu ele, afastando o cabelo dos olhos. — Vão ter que fazer uma cesariana, e o dr. Lopez achou melhor que eu

esperasse aqui. — Ao ver que ela já ia dizer alguma coisa, ele esclareceu: — Sabe, é que quando se trata de pessoas muito próximas, não é bom que eu fique na sala de cirurgia. Fico muito nervoso e poderia acabar atrapalhando em vez de ajudar.

— Ai, meu Deus… — disse ela, nervosa.

— Fique calma, vai dar tudo certo.

Então Rebeca se deu conta de que deveria estar tranquilizando-o, não o contrário.

— Claro que vai dar tudo certo — disse ela, abraçando-o. — Carla não vai permitir que nada de mau aconteça.

Minutos depois chegou o médico, com um sorriso largo.

— Parabéns, amigo! — cumprimentou. — É um menino lindo, de três quilos e meio.

Samuel, abismado, abraçou Rebeca e perguntou ao dr. Lopez:

— E Carla, como está?

— Está bem, muito bem. Foi tudo ótimo.

Samuel comemorou, feliz com a notícia, e abraçou Rebeca novamente.

— Viu? — disse ela. — Carla é muito forte!

O dr. Lopez, vendo a alegria dos dois, sorriu.

— Ela está acordada. Querem vê-la?

Rebeca limpou uma lágrima do rosto; estava emocionada.

— Queremos vê-la, claro — respondeu Samuel. — Um menino! Ouviu isso, Rebeca? É um menino!

28

No sábado seguinte, Rebeca tomava café na cozinha e sorria vendo no celular a foto que tinha recebido de Carla com o bebê. Tudo havia corrido maravilhosamente bem e os dois já estavam em casa. Cavanillas não tinha dado sinal de vida e Rebeca não mencionara o assunto com ninguém.

Quis contar o que estava acontecendo em várias ocasiões, especialmente para Paul, mas temia sua reação. E, como dissera o detetive, quanto menos gente soubesse, melhor.

O telefone tocou. Quando se levantou para atender, ela tropeçou em Pizza, que estava sempre no caminho.

— Oi — cumprimentou uma vozinha.

— Oi, Lorena!

— Lembra de amanhã? — perguntou a menina, animada.

— Amanhã?? O que tem amanhã?? — disse Rebeca, fazendo graça, pois sabia muito bem do que se tratava.

A menina bufou.

— É meu aniversário! Vou fazer cinco anos, e vai ter festa. Você vem, né?

Rebeca teve que rir.

— Eu sei, boba. Até já comprei seu presente.

— Eba! — comemorou Lorena. — Espera, papai vai falar. Tchau!

— Até amanhã — respondeu Rebeca, sorrindo.

Dois segundos depois, ela ouviu a voz penetrante de Paul na linha.

— Oi. Desculpe, não consegui segurar Lorena. Ficou a manhã inteira pedindo para ligar, achando que você podia esquecer o aniversário dela. Eu disse que não tinha como, mas essa teimosa…

— É igualzinha ao pai — brincou Rebeca.

Paul sorriu ao ver que ela estava de bom humor.

— Quero ver você repetir isso hoje à noite, na minha frente.

— Ui, que medo!

Paul queria continuar falando com ela, mas tinha um monte de coisas para fazer, por causa do aniversário.

— Tenho que desligar. Pego você às sete, tudo bem?

— Claro, está ótimo.

Rebeca desligou e foi à cozinha terminar o café. Seus pensamentos voltaram a Cavanillas. Como o sujeito tinha descoberto sobre o detetive particular? Ela precisava tomar cuidado. Levantou-se da mesa e se dirigiu ao quartinho que fazia as vezes de escritório. No corredor, tropeçou na cadelinha mais uma vez.

— Pizza, por favor! Não fique deitada aí no meio do caminho. Quase caí!

A cadelinha olhou para ela e, sem demonstrar muita preocupação, levantou-se e saiu correndo pela casa. *É uma louca*, pensou Rebeca, olhando para ela. Chegando ao escritório, debruçou-se sobre alguns papéis até que escutou um estrondo vindo da sala. Correu para lá e encontrou um vaso quebrado. Pizza olhava como se não tivesse nada a ver com aquilo.

— Como você conseguiu fazer isso?

Rebeca a encarou por alguns segundos com um olhar ameaçador, mas Pizza parecia não se abalar, só abanava o rabo, como se pedindo desculpas. Paciente, Rebeca foi pegar a vassoura e a pá, mas, voltando à sala, Pizza não estava mais lá. Ela recolheu os cacos e, quando entrou na cozinha para jogá-los no lixo, encontrou a cadelinha, que agora tinha virado o pote de água no chão.

— Pizza! Quer que eu perca a paciência?

Ao escutar aquilo, a cadelinha escapou correndo para a sala. Com as patas molhadas, sujava tudo no caminho. Rebeca tentou pegá-la, mas era impossível, pois Pizza estava escorregadia e parecia achar que era tudo uma brincadeira. Rebeca acabou desistindo, voltou para a cozinha e secou o chão. Já de péssimo humor, olhou ao redor e não viu nenhum sinal dela. Voltou ao escritório e deu de cara com ela mordendo alguns livros que ficavam debaixo da janela.

— Já chega! — gritou Rebeca, pegando-a no colo. — O que você tem hoje? Vai ficar no quintal e só vai entrar quando estiver mais tranquila.

Ela abriu a porta e a colocou no chão, sem notar que o portão estava aberto. Então voltou para o escritório para ver o estado dos livros. O telefone tocou.

— Alô! — atendeu, brava.

— Hã… É a Carla. Posso ligar mais tarde, se estiver incomodando — murmurou após escutar aquele tom de voz.

Rebeca percebeu e procurou se acalmar.

— Desculpe, é que Pizza não para de aprontar. Não estou aguentando.

— Não exagere — brincou a amiga.

Mas Rebeca tinha mesmo perdido a paciência.

— Tropecei nela vinte vezes, no corredor, na cozinha, no banheiro. Quebrou aquele vaso lindo de Veneza que Angela me deu, virou o pote de água no meio da cozinha, molhou toda a casa, e, enquanto eu limpava, a sem-vergonha entrou no escritório e mordeu meus livros de direito internacional. Acha pouco?

Carla apenas riu do outro lado da linha, sem ter como discordar.

— Tudo bem, mas se acalme. Pizza pode estar num dia ruim hoje, mas já imaginou se você tivesse dois filhos e, quando um não faz cocô, o outro faz? — Ouvindo que Rebeca ria, ela continuou: — O

pequeno Nicolas está sempre fazendo xixi ou cocô. E com Noelia é a mesma coisa. No seu caso, é só por um dia, vai passar rápido. Fique tranquila.

— Espero que sim. Não estou para brincadeira hoje. É um daqueles dias em que era melhor não ter saído da cama.

— Não reclame! Bom, liguei para ver se não quer vir comer aqui amanhã, com Paul e Lorena.

Pode trazer o monstrinho também.

— Posso levar Pizza para sua casa agora mesmo, se quiser — brincou Rebeca.
— Mas não podemos ir. É aniversário de Lorena. Vai ter festa.

— No outro domingo, então?

— Pode ser.

Notando a amiga ainda desanimada, Carla perguntou:

— Aconteceu mais alguma coisa? Eu conheço você.

Rebeca sorriu.

— Não é nada. Só estou cansada, tenho muito trabalho a fazer. — A campainha

tocou. — Espere um segundo, tem alguém na porta.

Rebeca a abriu. Era o filho da vizinha.

— Oi, Javi. — Ao ver a expressão assustada do rapaz, ela perguntou: — O que aconteceu?

— É a Pizza — disse ele, muito sério.

Rebeca olhou para onde ele apontava e viu um grupo de pessoas abaixadas na rua. Correu até lá e ficou sem palavras ao encontrar Pizza estirada no chão, com sangue no focinho e no corpo, ganindo de dor. A cadelinha tentou se mexer ao ver a dona, balançando o rabinho como pôde.

— Mas… o que aconteceu? — sussurrou Rebeca, agachando-se também.

— Fui eu — respondeu um homem. — Estava passando de carro e senti que tinha batido em alguma coisa. Parei e vi que era um cachorro. Os meninos me disseram que era seu e… — Ao ver as lágrimas de Rebeca, o homem murmurou, parecendo muito chateado: — Juro que não a vi. Ela apareceu do nada.

Rebeca não estava mais ouvindo. Só pensava em dizer palavras ternas a Pizza.

— Javi, pode me trazer a jaqueta que está logo na entrada da minha casa?

O menino logo voltou com a jaqueta, que Rebeca usou para envolver Pizza. O homem que a havia atropelado se ofereceu para levá-las ao veterinário. Rebeca aceitou de imediato. Chegando lá, José, que sempre cuidava de Pizza, pegou-a do colo da dona e a levou ao consultório. Rebeca fez menção de segui-lo, mas ele alegou que precisava de tempo e espaço. Naquele momento, Rebeca se lembrou de Samuel no dia do parto de Carla: *Vou acabar atrapalhando, em vez de ajudar*.

Quinze minutos depois, deu-se conta de que o homem que atropelara Pizza continuava ali. Ela insistiu que ele já podia ir e ele acabou concordando, deixando-a sozinha na sala de espera. O

tempo passava devagar. Parecia ter congelado, na verdade. Enfim a porta se abriu, e ela teve um sobressalto. José se sentou ao seu lado.

— A pata direita traseira está quebrada, e a outra, fissurada. Vou ter que operar para que recupere a mobilidade. Mesmo assim, há oitenta por cento de chance de que ela fique manca.

— Não importa, não importa — sussurrou Rebeca, entre lágrimas.

O veterinário olhou para ela. Conhecia Rebeca, sabia como ela amava Pizza.

— Ela está dormindo agora. Apliquei um sedativo, para que não sinta dor. Acho melhor você ir para casa. Eu ligo quando tiver notícias.

— Não, de jeito nenhum. Vou ficar aqui. O sangue… — Rebeca soluçou ao ver a mancha vermelha na blusa que usava. — Tinha sangue no focinho e dentro da boca…

— Não se preocupe — disse José. — O sangue impressiona, mas foi só porque ela mordeu a língua, que já foi suturada. Chegou a cortar um pedaço fora. Mas está tudo sob controle, pode

confiar em mim, vá para casa. Eu ligo quando a cirurgia terminar.

— Obrigada, José, mas não quero ir embora até ter certeza de que está tudo bem. Confio plenamente em você, é que não vou conseguir ficar longe dela.

— Entendo. — O veterinário sorriu. Todos os donos reagiam daquela maneira. — Mantenho você informada.

Enquanto via José entrar no consultório de novo, pensou que havia deixado Carla esperando ao telefone. Tinha saído de casa sem pegar nada, nem o celular. Pediu à recepcionista para usar o telefone da clínica e ligou para Paul. Entre soluços, contou o que tinha acontecido. Ele pediu tranquilidade e anotou o endereço onde ela estava. Quando Rebeca desligou, a sensação terrível de vazio e de solidão voltou.

Rebeca pensou na cadelinha e na primeira vez que a vira, dentro de uma caixa de pizza. Isso a fez sorrir. Só agora se dava conta da importância que tinha em sua vida. Ajeitando-se na cadeira, lembrou a quantidade de vezes que a havia repreendido naquela manhã, quando ela só queria brincar. Sentiu-se culpada. Pizza havia pagado por seu mau humor por causa de Cavanillas e do trabalho. Voltou a chorar. Pensar nela jogada na rua, sangrando, partia seu coração. Afinal, escutou o som de uma moto, e logo Paul entrou com o capacete na não. Ela correu até ele.

— Como você está? — perguntou Paul, abraçando-a.

Rebeca só chorava, sem conseguir responder. Quando ele finalmente a tranquilizou, ela contou o que o veterinário tinha dito. Uma hora depois, Paul

sugeriu que fossem comer algo. Rebeca não quis, mas acabou cedendo, e ficaram meia hora fora. Mais uma eternidade se passou até que o veterinário aparecesse e dissesse que a cirurgia tinha corrido bem. Pizza teria que ficar internada por uns dias, em observação. Rebeca por fim sorriu, e José deixou que eles vissem a cadelinha.

Pizza estava dormindo e nem notou sua presença. Rebeca a encheu de beijos. Um tempo depois, Paul conseguiu tirar Rebeca dali e levá-la para casa para descansar. Já eram sete horas e tinha sido um dia muito tenso. Por isso, decidiram ficar em casa vendo televisão. Após um banho, Rebeca ligou para Carla e contou o que havia acontecido. Paul dormiu lá naquela noite.

Pela manhã, ele se levantou antes e a surpreendeu com café na cama. Precisava ir para casa, já que era aniversário de Lorena e ele tinha uma festa para preparar, e insistiu, sem sucesso, que Rebeca fosse com ele. Ela prometeu que iria depois de visitar Pizza. Quando estava sozinha, o telefone tocou. Era Angela, que soubera do ocorrido e queria ir com ela ao veterinário.

Quando viu a cadelinha deitada e toda enfaixada, Rebeca deixou escapar um soluço, mas Angela avisou que se começasse a chorar a tiraria dali de imediato. Ficaram um tempo acariciando a cabeça peluda de Pizza até que o veterinário disse que precisavam ir embora. Depois da visita, Rebeca parecia melhor. Deixou Angela em casa e depois foi à casa de Paul. Julia abriu a porta e avisou que eles estavam no quarto dos fundos.

Rebeca sorriu ao ver a mãe dele ali.

— Ah, olha só quem veio! — exclamou Tina. — Como está a cadelinha?

— Melhor. Estou vindo do veterinário — respondeu Rebeca, com um sorriso. — Vai voltar para casa em alguns dias.

Tina sorriu e pegou o braço dela para cochichar:

— Que bom. E fiquei feliz de ver como meu filho corre em seu socorro num momento de necessidade.

— Se não fosse por ele…

Paul chegou e deu um beijo na boca de Rebeca, sem se importar com a presença da mãe.

— Tudo bem, linda? — perguntou ele.

Envergonhada e vermelha como um tomate, Rebeca assentiu, olhando de relance para Tina.

Nesse momento, ouviram algo caindo. Paul foi em disparada para a sala. Achando graça na expressão de susto de Rebeca, Tina se aproximou dela.

— Quero que saiba que fico encantada com o amor do meu filho por você — disse Tina. — Ele está radiante, e Lorena também te adora. E, se eles estão felizes, eu também estou.

Rebeca ficou emocionada com as palavras de Tina e já ia responder quando ouviu:

— Rebeca!!

Era Lorena, que ficara sabendo de sua chegada e corria para seus braços.

— Parabéns! — Rebeca deu um beijo na menina. — Quantos puxões de orelha tenho que dar?

— Cinco. São cinco — respondeu a menina, adorando.

Rebeca começou com os puxões de orelha. Então seu olhar encontrou o de Paul, que, como sempre, estava lindo. Ao fim, ela entregou um embrulho à menina.

— É para você.

Lorena pegou o presente, mas antes de abrir perguntou:

— Como está a Pizza?

— Está bem. Mandou parabéns.

— Eba! Pizza está melhor!

Paul se aproximou delas com um sorriso.

— Vamos comer? — murmurou ele, enquanto a filha rasgava o embrulho. — Daqui a pouco a casa vai estar lotada de crianças e vai ser uma loucura.

— Que legal! — exclamou Lorena. — A Barbie Doces Sonhos! Obrigada!

Rebeca sorriu ao receber um abraço da menina.

— Que bom que gostou.

Os quatro comeram tranquilamente, ouvindo as histórias das viagens de Tina. Quando terminaram, ela levou a menina para dormir um pouco, já que uma tarde cheia de risos e surpresas a esperava.

— Sua mãe é ótima. Está sempre de bom humor.

Paul assentiu, sentando-se junto de Rebeca na poltrona.

— Só me lembro dela rindo e contando coisas engraçadas. Já pedi que viesse morar comigo milhares de vezes, mas ela sempre diz a mesma coisa.

— O quê? — perguntou Rebeca, curiosa.

Ele preparou uma voz fina para imitar:

— *Se eu vier morar aqui, você vai se acomodar, em vez de procurar uma mulher com quem dividir a vida. Não faça isso. Só se vive uma vez.*

Rebeca soltou uma gargalhada ao ver como imitava bem a mãe.

— Ela tem razão, e você sabe disso — disse Rebeca, por fim.

— Claro. Aprendi o que é criar uma filha. Se ela estivesse aqui, teria assumido os cuidados de Lorena. De certo modo, sou muito grato. Assim não perdi todas aquelas noites em claro. — Paul riu.

— Mas é sério, criar Lorena me deu a oportunidade de conhecer a fundo uma figurinha que me deixa louco.

— Sabe de uma coisa? — disse Rebeca, passando a mão no cabelo dele. — Adoro ouvir você falando assim. É uma pena não ter conhecido você antes, para ver como cuidava de um bebê.

— Ah, querida, ele era ótimo — disse Tina, voltando à sala naquele momento. — Esse menino nasceu para ser pai.

— Mãe! — advertiu Paul, fazendo cara feia para ela.

Tina se sentou com eles.

— Não me venha com essa. É verdade, acho que você deveria ter mais filhos. Sei que eu adoraria mais netinhos para mimar.

Ele a fuzilou com o olhar.

— Vamos ver, está bem?

Sem se preocupar, Tina olhou para Rebeca e sorriu.

— Isso eu é que digo. Vamos ver.

Às seis horas começaram a chegar as crianças. Às sete, a casa estava abarrotada. Rebeca contou quantos eram, só por curiosidade: vinte e quatro, com idades que variavam entre quatro e sete anos, brincando no jardim. Paul os controlava de maneira impressionante, encantando todos com suas brincadeiras.

Lorena chegou com uma amiguinha, e Rebeca correu atrás delas. Pouco depois, um palhaço chamou todas as crianças: era hora da *piñata*. Em seguida, os pequenos devoraram sanduíches, batatas fritas, azeitonas, cachorros-quentes e um sem-número de porcarias. Então as luzes se apagaram. Tina apareceu com um enorme bolo de aniversário e todos cantaram parabéns. Lorena fechou os olhos e fez um pedido antes de assoprar as velas. Rebeca olhou para Paul, que olhava encantado para a filha. Compreendia a felicidade que devia ser para ele vê-la completando mais um ano com tanta alegria. Paul era um pai maravilhoso, e o amor e a admiração que sentia por ele cresciam cada vez mais.

Por volta das nove, os pais começaram a chegar para buscar os filhos. Rebeca dançava com algumas crianças. Ela reparou em uma mulher que acabara de chegar e falava com Tina. Sentiu um baque e parou. Era Elena, esposa de seu pai. O olhar delas se encontrou. Elena sorriu e foi na direção dela. Angustiada, Rebeca olhou em volta, pensando como escapar, mas estava rodeada de crianças.

— Oi — cumprimentou a mulher.

— Oi — respondeu Rebeca, com frieza.

Sem se importar com seu tom de voz, Elena disse:

— Talvez não seja um bom momento, mas quero que saiba que gostaria muito de conversar com você.

— Não temos o que conversar — respondeu Rebeca, contendo a vontade de sair correndo.

Consciente da delicadeza da situação, Elena se certificou de que ninguém as escutava e insistiu:

— Entendo que pense assim, mas seria melhor para todo mundo se

conversássemos.

Rebeca se afastou das crianças.

— Melhor para quem? Eu não tenho nada para dizer. Fique longe de mim.

— Você não está sendo justa — disse Elena, e recebeu como resposta um olhar gélido.

— Nem você. Quer mesmo falar de justiça?

Passaram-se alguns segundos de silêncio.

— Não sei se você se deu conta de que havia dois irmãos seus aqui esta tarde.

— Meus irmãos não estão aqui — sibilou Rebeca. — Sei muito bem quem eles são. Não se engane.

— Muito bem, eu tentei. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

— Duvido que isso vá acontecer.

Do outro lado da sala, Paul acompanhava a cena enquanto se despedia de alguns pais. Não conseguia ouvir o que as duas diziam, mas podia imaginar, pela expressão de Rebeca. Consciente de que aquilo só podia terminar mal, Elena se virou e chamou os filhos.

— Dani! Susana! Estamos indo. Deem tchau para Lorena.

Rebeca não pôde evitar que seu olhar caísse sobre as crianças. Ela recordou a noite em que Kevin e Donna falavam com o pai e Dani fora mencionado. O menino pegou a mão da mãe e os dois foram para a porta. Rebeca estava imersa em pensamentos quando notou que alguém puxava sua blusa. Quando olhou para baixo, percebeu que a menina com quem estava brincando havia pouco era Susana.

A princípio quis ignorá-la, mas, diante do olhar insistente da menina, vacilou.

— O que você quer? — perguntou, em um tom nada afetuoso.

Elena as observava da porta, falando com Paul.

— Dar tchau. E dizer que eu sei que a sua cachorrinha vai ficar bem.

Ai, meu Deus... Por que eu tenho que passar por isso? , pensou Rebeca, olhando para a menina. Ao ver seu sorriso inocente, passou a mão no cabelo dela.

— Obrigada.

A menina, que não sabia nada do mal-estar entre a mãe e aquela moça, perguntou, implorando com o olhar:

— Posso ir um dia com Lorena na sua casa conhecer Pizza?

Foi quando o irmão se aproximou e pegou a mão dela.

— Vamos, Susi. Mamãe disse que está tarde.

— Espera um pouco — pediu a menina, ainda olhando para Rebeca.

Ela não sabia o que dizer. Como ia recebê-la em casa sabendo o que sabia? Olhou para Susana, depois para Dani e para Elena, que continuava observando a cena.

— Claro — acabou respondendo, angustiada.

— Eba! — comemorou a menina, jogando-se no pescoço de Rebeca e lhe dando um beijo. — Vou conhecer Pizza!

Tendo escutado o que queria, Susana se afastou com o irmão. Dani, que tinha o mesmo olhar do pai, deu tchau para Rebeca. Ela retribuiu o aceno.

29

Pizza voltou para casa dias depois, como o centro das atenções. Angela a mimava como nunca, dando presunto cru para ela comer. Ao ver aquilo, Rebeca sorriu, mas lembrou a ela que deveriam continuar dando apenas ração. Angela ignorou, como fazia às vezes, e Rebeca acabou se dando por vencida.

Certa manhã, Rebeca estava se arrumando para ir trabalhar quando Angela chegou meia hora mais cedo que o normal.

— Já? — perguntou Rebeca. — Por que tão cedo?

— Pensei em fazer isso até Pizza melhorar. Assim ela não fica sozinha.

Rebeca deu uma risada e ficou olhando para ela.

— Não acha que é um pouco demais? Não vai acontecer nada a Pizza durante essa meia hora que ela fica sozinha.

Deixando a bolsa em cima da poltrona, Angela pôs as mãos na cintura.

— Nem vai acontecer nada comigo se eu vier meia hora antes — respondeu. — Algum problema?

— Não, não. — Rebeca riu. — Pode vir a hora que quiser. Inclusive, se quiser chegar mais cedo ainda e me preparar um banho ou o café… Ah, e se puder escovar meu cabelo também…

— Muito engraçado — disse Angela, dando-lhe um tapinha na bunda.

Pizza chegou correndo ao encontro de Angela, que a pegou no colo.

— Aonde você vai, lindinha?

— Dar oi para você e ganhar a cota diária de presunto cru — brincou Rebeca.

— Está vendo, sua teimosa? — disse Angela a ela. — Não vê que precisa de mim? Imagina essa coisinha em casa sozinha!

Achando graça na demonstração exagerada de carinho das duas, Rebeca se aproximou de Pizza e deu um beijo na cabeça peluda dela.

— Não se preocupe, já estou indo embora, vai, pode comer seu presunto sossegada.

Pizza deu um latido que fez as duas mulheres rirem. Era esperta demais, parecia que entendia tudo — quando queria, claro.

Quase uma hora depois, ao chegar ao escritório, Rebeca pegou a correspondência do dia com Belém e rapidamente se viu imersa em contratos e problemas a resolver. No meio da manhã, Belém entrou em sua sala com um envelope que acabara de chegar, por um portador. Ao abrir, Rebeca ficou chocada ao ver fotos de Kevin e Bianca. Ainda estava olhando para aquilo, horrorizada, quando o telefone tocou.

— O que achou? — perguntou a voz do outro lado da linha.

Rebeca ficou calada a princípio, sem entender, mas a risada fria a fez reconhecer quem falava.

— O que é isso, Cavanillas? — perguntou ela, incomodada.

— Calma, não precisa ficar assim… — murmurou ele, arrastando as palavras. — Só queria saber se você tinha gostado das fotos. Se não gostou, tenho outras. E, se ainda assim não estiver satisfeita, posso enviar algumas do seu piloto e da filha dele. Seria uma pena se acontecesse alguma coisa com uma menina tão engraçadinha por sua causa, não acha?

— Você é um grande filho da…

— Calma. Se não quiser mais problemas, encerra as investigações. Não gosto que se intrometam nos meus assuntos. Entendeu?

— Deixe minha família em paz — exigiu ela, perdendo a paciência. — Você é uma pessoa desprezível…

Mas não teve tempo de dizer mais nada, porque Cavanillas desligou. Ela pegou novamente as fotos. Bianca cheirava algo que devia ser cocaína, com Kevin ao lado. Não podia ser verdade. Ela não conseguia acreditar no que as fotos mostravam. Sabia que o irmão não era um santo e que já havia fumado haxixe, mas não imaginava que ele cheirasse.

Horrorizada, largou as fotos e foi olhar a Puerta de Alcalá pela janela. Precisava falar com Kevin urgentemente. O problema era que não sabia como localizá-lo. Da última vez que se falaram, ele dissera que tinha perdido o celular e que ligaria depois para passar o número quando arranjasse outro. Rebeca estava absorta em pensamentos quando escutou a porta se abrindo. Era Carla.

— Ei… O que foi? — perguntou ela, aproximando-se. — Seus olhos estão vermelhos.

Antes que Rebeca respondesse, o olhar de Carla recaiu sobre uma das fotos na mesa. Ela a pegou e, levando a mão à boca, sussurrou, horrorizada:

— Meu Deus! Este… este não pode ser Kevin…

Rebeca tirou a foto da mão dela, enfiou no envelope e então na bolsa.

— Você não viu nada.

— Como assim? — soltou a amiga, indignada.

— Você não viu nada — repetiu Rebeca.

Com o coração a mil, Carla olhou preocupada para a amiga.

— Não, por favor. Não quero que Kevin acabe como Alfonso.

— Não é a mesma coisa. E eu não quero falar sobre isso.

— Não sei o que está acontecendo, Rebeca, mas sou sua amiga e sei o que vi — insistiu ela, incapaz de ficar quieta. — E não… não vou assistir impassível a algo assim. Preciso saber o que está acontecendo. Juntas podemos encontrar um jeito de ajudar Kevin.

Incapaz de aguentar mais, Rebeca fez uma careta e começou a soluçar.

— Ah, Carla! Não sei o que pensar. Não consigo acreditar. Se é verdade o que as fotos mostram, o que vou fazer?

Comovida, Carla a abraçou.

— Escute. Vamos embora agora mesmo. Diga a Belém que ficaremos fora duas ou três horas. E

coloque os óculos escuros para que ninguém veja que andou chorando.

Dez minutos depois, as duas saíam do prédio. Mas, no estacionamento, deram de cara com o chefão.

— Bom dia. Ou melhor, boa tarde.

— Boa tarde — cumprimentaram as duas.

— Vão almoçar?

Elas assentiram com a cabeça e seguiram em frente, sem dizer mais nada. Peterson parou e ficou olhando para as duas. Alguma coisa estava acontecendo com a eficaz Rebeca, e ele ia descobrir o que era.

Assim que chegaram ao carro de Carla, entraram e foram até um pequeno restaurante chinês que frequentavam havia anos. Por sorte, a mesa preferida delas (sua mesa de confissões, como carinhosamente chamavam) estava livre.

— Muito bem — começou Carla, depois de pedir uma bebida. — Agora que estamos sozinhas e mais calmas, pode me contar tudo.

Rebeca se remexeu na cadeira, incomodada. Não queria falar.

— Carla, acho que quanto menos você souber, melhor.

— Como pode dizer isso? E se fosse eu que tivesse um problema e dissesse isso quando você descobrisse?

— Não acredito que estou ouvindo isso! — explodiu Rebeca. — Você teve um problemão com Alfonso e o que fez, me contou? Ou tive que descobrir da pior maneira?

Carla suspirou e ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, pegou as mãos de Rebeca.

— Tem razão. Tem toda a razão. Mas isso não vai acontecer de novo. Aprendi que, às vezes, não dá para resolver tudo sozinha. E você me ensinou isso. Se não fosse pela sua ajuda, sua paciência, seu amor por mim e por Noelia, teríamos

afundado naquela situação. Mas sabe qual é a diferença entre o que aconteceu e a situação de agora? Você não sabia que eu estava com problemas, e eu sei que está. Eu vi as fotos… — Ela apertou as mãos de Rebeca. — Eu te amo muito, e amo Kevin. Vocês são minha família.

Seu discurso comoveu a amiga.

— Sinto muito. Desculpe. Não pensei antes de falar.

— Não se preocupe — disse Carla, com um sorriso conciliador. — Era algo que mais cedo ou mais tarde você tinha que pôr para fora. Sei que errei escondendo meus problemas e quero evitar que o mesmo aconteça com você. Eu amava muito Alfonso. Mais que minha própria vida. Ele não era o mesmo no começo e no fim do nosso relacionamento, mas, apesar de saber que ele me roubava e se drogava, eu o amava. Não queria aceitar o que estava acontecendo e continuava enganando a mim mesma. Como você viu, tudo tem um final, e, agora que passou um tempo, vejo como sou feliz com Samuel e dou graças a Deus pelo que aconteceu. Preste atenção no que vou dizer, Rebeca, ainda que pareça duro: se não fosse por aquele dia, acho que eu ainda estaria com Alfonso e teria estragado não só a minha vida, mas a de Noelia. Por isso, preciso saber o que está acontecendo. Tenho certeza de que, juntas, vamos encontrar uma solução.

— Queria que fosse tão fácil quanto você pensa.

— Não — disse Carla. — Não acho que seja fácil. A vida é complicada por definição. Mas aqui estamos, para ajudar uns aos outros. — Ao ver que Rebeca a olhava, ela insistiu: — Temos tempo.

Pode me contar.

Enfim convencida, Rebeca contou tudo desde o princípio. Que tinha visto o pai com Elena, que conhecera os meios-irmãos e que tinha descoberto negócios escusos de Cavanillas.

— Não sei o que dizer quanto a seu pai — confessou Carla. — Só sei que as crianças não têm culpa de nada que ele fez.

— Eu sei, eu sei — disse Rebeca, desesperada. — Mas o que realmente me preocupa agora é Cavanillas.

— Que filho da puta. Cretino miserável. Você comentou alguma coisa com Peterson?

— Não! Não tive coragem.

— Acho que esse problema está fora da nossa alçada. Temos que falar com a polícia.

— Nem pensar.

— Você está cometendo um erro grave — apontou Carla, diante do olhar decidido dela. — Como vai resolver essa história sozinha?

— Não sei, Carla, não sei.

Desesperada, Rebeca afastou o cabelo do rosto enquanto a amiga perguntava:

— Falou com Paul sobre isso?

— Não, e você não vai contar nada a ele.

— Por quê?

— Porque ele iria atrás de Cavanillas para quebrar a cara dele.

— Isso até seria bom — brincou Carla. — Talvez ele só precise que alguém lhe ensine uma lição.

— De jeito nenhum — insistiu Rebeca. — Não quero meter Paul nessa história. Se acontecer alguma coisa a ele ou a Lorena, eu nunca vou me perdoar. Cavanillas sempre a menciona.

— Sério?

— Sim. Isso me assusta muito. Eu… eu não posso permitir que aconteça nada com eles… nem com Kevin… Ah, meu Deus.

— Você precisa conversar com Kevin.

— E o que eu vou dizer? — retrucou Rebeca, convencida de que não era uma boa ideia. — "Oi, irmãozinho! Está usando drogas?"

— Deixa de bobagem. Não acho que Kevin esteja envolvido com drogas. Ele não faria uma burrada dessas. Uma coisa é fumar um baseado de vez em quando, mas cocaína… Não… me recuso a acreditar.

— E as fotos? — sussurrou Rebeca, pegando-as da bolsa.

Ambas se concentraram nas imagens por alguns segundos.

— Tenho certeza de que essa é Bianca. Mas não dá para ter certeza de que é Kevin.

Elas voltaram a olhar. O rosto da moça, em primeiro plano, estava bem nítido.

— E no fim eu estava enganada sobre a eslovena — grunhiu Rebeca, pensando em Donna. —

Mas não consigo acreditar que Kevin esteja cheirando…

Carla olhou para ela, mas se impediu de dizer que também nunca esperara aquilo de Alfonso.

Tocando seu rosto carinhosamente, ela murmurou:

— Escuta, Rebeca, antes de tirar conclusões, você devia falar com ele. Sei que vai ser difícil, mas…

— Tem razão. O problema é que não sei onde ele está.

— Ligue para o celular.

— Impossível. Da última vez que me ligou, Kevin usou um telefone público e disse que tinha perdido o celular, que me ligaria para passar o número quando tivesse arranjado um novo.

— Que merda! — xingou Carla.

Rebeca estava cada vez mais confusa.

— E não tenho o endereço nem o telefone de Bianca. Nada.

— Pelo menos sabemos que eles moram na Eslovênia.

— Sim, mas onde? — desesperou-se Rebeca.

— Você tem mais algum dado dela?

Rebeca negou com a cabeça.

— Por que não fala com o tal detetive? — sugeriu Carla. — Ele pode ajudar.

Um pequeno raio de sol iluminou o rosto de Rebeca.

— Tem razão! Vou pedir que localize meu irmão.

— É assim que eu gosto! Seja positiva. — Carla sorriu. — Fale com o detetive e encontre seu irmão. Quanto ao resto, sabe que pode contar comigo para o que precisar, seja lá o que se passar na sua cabeça. Estou à disposição vinte e quatro horas por dia.

— Obrigada, Carla. E, por favor, não conte a Samuel nem a ninguém mais sobre tudo isso.

— Tudo isso o quê?

As duas riram.

Depois de almoçar, voltaram ao escritório. A caminho do carro, Rebeca pegou o braço da amiga e se aproximou do ouvido dela, dizendo, com carinho:

— Eu também te amo, Carla.

30

A investigação rendeu frutos rapidamente. O detetive localizou Kevin perto da fronteira com a Croácia, em um povoado chamado Metlika. Nervosa, Rebeca apenas olhava para o número de telefone que tinha em mãos, sem se atrever a ligar. Kevin logo perguntaria como ela o tinha encontrado, não era bobo, então ela acabou decidindo esperar mais alguns dias para ver se ele ligava. Estava sentada na poltrona de casa com Pizza quando tocou a campainha. Ao abrir, deu de cara com o rosto sorridente de Paul.

— Oi, menina má — cumprimentou ele, levantando-a nos braços. — Onde você se meteu? Fiquei preocupado. Liguei ontem à noite e ninguém atendeu. Deixei várias mensagens na secretária eletrônica, não ouviu?

Rebeca não queria contar que encontrara o detetive na noite anterior, então teve que mentir.

— Desculpe. Cheguei tarde do trabalho e fui direto dormir.

Ele abriu um sorriso encantador e a beijou.

— Liguei para avisar que vínhamos ver Pizza.

— "Vínhamos"? — perguntou ela, estranhando o plural, já que só ele tinha entrado.

— Lorena e Susana estão esperando no carro — explicou Paul, sério. — Susi dormiu lá em casa ontem à noite e elas pediram para vir. Não paravam de falar que você tinha concordado. —

Sorrindo, ele concluiu: — E a verdade é que me dei por vencido.

Rebeca suspirou. Não queria que a filha de seu pai com outra mulher entrasse em sua casa, mas, vendo o rosto feliz de Paul e imaginando as meninas no carro, não conseguiu dizer não.

— Então que entrem.

Sabendo o que aquilo significava para Rebeca, ele a beijou rapidamente e foi buscar as meninas no carro. De dentro de casa, ela as escutou correr e gritar. Quando entraram, atiraram-se em seus braços para beijá-la.

— Oi! — gritou Lorena, radiante. — Viemos ver Pizza.

Ela sorriu ao notar a alegria das pequenas.

— Que bom.

Pizza foi até eles e começou a fazer suas gracinhas.

— Ah, que fofa… — murmurou Susana. — Pobrezinha, não consegue andar direito. Mas ela vai ficar boa, não vai?

— Vai, sim. Ainda está com a patinha enfaixada, mas logo estará correndo pela casa como uma louca — respondeu Rebeca, com carinho, enquanto se dirigia à cozinha a fim de pegar alguma bebida refrescante para as meninas.

As duas continuaram na sala brincando com a cadelinha, mas Paul foi atrás de Rebeca na cozinha e a abraçou pela cintura.

— Sabia que você está linda hoje? — sussurrou ele em seu ouvido.

Sem soltá-la, ele a virou para si e a beijou. Devorou seus lábios de tal maneira que Rebeca corou.

— Cuidado, Paul. As meninas estão aí — balbuciou, afastando-se dele.

Excitado, ele olhou para Rebeca e sussurrou, com uma voz maliciosa:

— Não se preocupe. Elas só têm olhos para Pizza. Quer ir para a garagem?

— Paul!

Rindo da reação dela e, em especial, da maneira como o olhava, ele a beijou. Então a sentou no balcão da cozinha, enfiou as mãos por baixo da blusa dela e a apertou contra si. Hipnotizada como sempre ficava quando Paul a tocava, Rebeca se deixou levar. Adorava sentir aquelas mãos poderosas em seu corpo. Ele era tão excitante que…

— Papai! Susi subiu com Pizza para se pentear no banheiro.

— Vou ver o que ela está fazendo — murmurou Rebeca, descendo do balcão.

De fato, ela encontrou a pequena penteando o cabelo no banheiro da suíte. Rebeca quis dar uma bronca nela. Quem disse que podia entrar ali? Mas, ao vê-la tão concentrada no que fazia, acabou sorrindo. Enquanto a menina terminava, aproveitou para trocar os chinelos por sapatos.

— Que linda. É sua mãe?

Ao olhar para a foto a que se referia, o coração de Rebeca deu um salto. Aquela menina, filha de seu pai, perguntava a Rebeca se aquela era sua mãe.

— É.

— E quem são esses?

— Meus irmãos, Kevin e Donna.

— Onde eles estão?

— Os dois moram longe daqui.

— São muito bonitos. E seus pais, cadê eles? — perguntou a menina, com um sorriso banguela.

Rebeca se sentou na cama.

— Minha mãe morreu faz muito tempo — explicou calmamente.

A expressão da menina mudou, e ela se aproximou de Rebeca.

— Ela está no céu?

— Isso — confirmou Rebeca, tentando conter as emoções que subiam pela garganta.

— Seu pai também?

Então Lorena entrou, e Rebeca aproveitou a deixa:

— Vamos voltar para a sala. Paul e Pizza estão nos esperando.

As meninas correram escada abaixo, e Rebeca ficou aliviada. Susi havia demonstrado como é inesgotável a curiosidade de uma criança. Depois daquilo, Paul e Rebeca decidiram levar as duas e Pizza ao parque. Na hora de comer, foram a uma hamburgueria, onde ele distribuiu autógrafos para várias crianças que o reconheceram, e depois, ao cinema. Depois desse dia cansativo com as pequenas, Paul foi embora com elas e Rebeca se viu sozinha em casa. Decidiu preparar um banho relaxante. Merecia. Mas, antes de entrar na banheira, a campainha tocou. Ela vestiu o roupão e desceu para abrir. Era Paul.

— Podemos continuar de onde paramos — disse ele, fazendo-a sorrir. Então fechou a porta e abriu o nó do roupão dela.

— Tenho uma banheira maravilhosa esperando… Me acompanha? — murmurou ela enquanto o beijava, adorando que estivesse ali.

Com um sorriso malicioso, Paul tirou a jaqueta e a largou no chão, então assentiu e se dirigiu à escada.

— Mas é claro, menina má… Claro.

31

Kevin continuava sem dar sinal de vida. Os dias passavam e nada de ele ligar. Rebeca decidiu tentar o telefone que tinha anotado, não sem antes se certificar de que sua chamada não poderia ser identificada. Pressionou cada número com o dedo tremendo, mas, após dois toques, caiu na caixa postal. Por dias tentou falar com ele, mas sem sucesso. Sempre a caixa postal.

Quando o desespero começava a tomar conta dela, Belém lhe passou uma ligação avisando que era seu irmão na linha dois. Rebeca correu para o telefone.

— É você, Kevin?

Notando a urgência na voz dela, ele deu uma sonora gargalhada.

— Claro! E você é você?

Mas ela não estava para brincadeiras.

— Está tudo bem?

— Claro! Minha saúde é de ferro.

Sem perder um segundo, Rebeca disse:

— Não tenho nenhum número de telefone para entrar em contato com você, nem seu endereço.

Pode me passar?

— Claro. Anote aí.

Era o mesmo que Rebeca já tinha. Ela não comentou nada.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Kevin, preocupado. — Você parece tensa. Tudo bem?

— Claro, só estou atolada de trabalho. E você? O que me conta? — Estava tentando parecer mais descontraída.

— Nada de mais. Só que vou ser pai. — disse Kevin, soltando uma gargalhada. — Pai!

Era a última coisa que ela esperava ouvir.

— O quê?!

— Bianca e eu vamos ser pais — repetiu ele, radiante.

— Mas como é possível?

Kevin não se incomodou. Ia ter um filho e estava feliz por isso.

— Quer saber das minhas intimidades, irmãzinha? Tudo bem, se você insiste, posso contar… —

disse ele, fazendo graça.

— Não foi isso que eu quis dizer, seu bobão. É que… me pegou de surpresa. — Rebeca não conseguia pensar direito. A imagem da cunhada cheirando cocaína não lhe saía da cabeça. — E

Bianca, como está?

— Mais linda que nunca — respondeu ele, todo feliz. — Minha nossa! Cada vez que penso que vou ser pai, tenho vontade de dar um salto triplo.

Será que todo mundo enlouqueceu? , pensou ela.

— Kevin, precisamos conversar.

Ao notar a mudança no tom de voz da irmã, ele parou de brincar.

— Puxa, pelo visto, é sério… Sou todo ouvidos, fale.

Rebeca refletiu por alguns segundos. Seria uma boa ideia contar aquilo por telefone?

Considerando o teor da conversa, decidiu que não.

— Talvez seja melhor falar pessoalmente. Quando você vem a Madri?

— Não tenho nada planejado. Não quero deixar Bianca sozinha, agora que ela está grávida, então só daqui a uns dois ou três meses, imagino. Sobre o que você quer falar?

Era tempo demais. Rebeca não respondeu à pergunta dele, mas insistiu:

— Precisamos nos ver. Eu pago a passagem. Você tem que vir.

— O que está acontecendo? — perguntou Kevin, desconfiado.

— Nada, é só que…

— Não é questão de pagar a passagem. Aconteceu alguma coisa com Paul? Vocês estão com problemas?

— Não, está tudo bem entre a gente. Só quero ver você.

— Então por que não vem para cá? Bianca ia adorar.

Era mesmo uma boa ideia. Rebeca poderia contar o que sabia e ainda ver com seus próprios olhos como os dois viviam.

— Legal! Vou dar uma olhada nos voos e depois confirmo quando chego.

Feliz com a futura visita da irmã, Kevin mudou um pouco o rumo da conversa:

— Agora fale alguma coisa sobre a notícia! Você vai ser tia! Achei que fosse gostar.

— Tem razão, desculpe — disse ela, só então se dando conta da frieza com que tinha recebido a novidade. — Parabéns, papai! Quando nasce?

— Faltam sete meses ainda. Tempo suficiente para preparar tudo — respondeu Kevin, orgulhoso, enquanto olhava para Bianca ao fogão.

Nesse momento, Belém entrou na sala com alguns documentos urgentes. Rebeca ficou chateada por ter que interromper a conversa.

— Tenho que ir — disse ela, pesarosa. — Mande lembranças a Bianca. Ligo esta semana ainda para avisar quando chego. Até logo — concluiu Rebeca, e então desligou.

Um filho!

Que loucura, meu Deus! Kevin devia ter perdido a razão, ou havia sido influenciado por Bianca.

Mas uma coisa Rebeca não entendia. Seu irmão não era burro; se sua esposa tivesse um problema com drogas, como ele estaria tão feliz?

Assim que se livrou dos documentos que Belém havia deixado em cima da mesa, Rebeca foi consultar os voos para a Eslovênia. Podia ir na sexta às três da tarde e voltar no domingo às nove da noite. Pensou em Paul. O que diria a ele? Achou melhor fingir que viajaria a trabalho. Assim ele não perguntaria nada.

É a melhor opção.

Comprou as passagens. Depois disso, até tentou continuar trabalhando, mas foi impossível.

Pensou em Donna e na reação que teria quando soubesse que seria tia. Decidiu ligar para ela

quando chegasse em casa. Às seis da tarde, quando estava guardando o laptop para ir embora, Belém anunciou que José estava na linha quatro. Era o detetive. Rebeca atendeu depressa.

— Precisamos nos ver. Descobri algo que você precisa saber. Podemos nos encontrar daqui a uma hora no café Oriente?

— Claro — respondeu ela.

— Vou estar lá.

Com o coração apertado, Rebeca foi pegar o carro no estacionamento. O que será que o detetive queria? Enquanto isso, Paul enchia o tanque da moto num posto próximo ao escritório. Ficou feliz ao ver ali, parado no sinal à frente, o carro da mulher que ocupava seus pensamentos dia e noite.

Ligou para Rebeca, mas ela não atendeu. Então mexeu os braços tentando chamar sua atenção, mas não teve sucesso. Paul pagou, subiu na moto e saiu em disparada na direção dela. Sorriu ao ver o carro não muito distante e o seguiu, achando que Rebeca estava indo para casa. Ficou surpreso quando ela se dirigiu ao centro de Madri, estacionando em uma ruazinha próxima à Praça da Ópera. Parou a moto e viu quando ela entrou no café Oriente. Sua curiosidade aumentou. Nunca havia espionado ninguém e não se sentia bem. Mas o que ela estava fazendo?

Ficou pensando se ia embora ou se entrava para descobrir. Finalmente, a curiosidade venceu: ele estacionou a moto e entrou. Percorreu o lugar com os olhos até encontrá-la numa mesa nos fundos, com um homem. Naquele instante, sentiu-se ridículo. Absurdo. Idiota. Mas seus pés não se mexiam.

Quem era aquele cara?

Alheios a ele, José e Rebeca conversavam.

— Aconteceu alguma coisa com meu irmão? — perguntou ela, nervosa.

Consciente de que aquilo que precisava contar viraria o mundo de Rebeca de cabeça para baixo, o detetive pousou os olhos nela.

— Você precisa prometer que vai manter a calma. Seu irmão está bem, não se preocupe. Mas não trago boas notícias.

— Você está me assustando.

Ele abriu a maleta e pegou uma pasta. Paul continuava observando-os, do outro lado do café. O

que seria aquele encontro?

— Outro dia, quando fui confirmar o paradeiro do seu irmão — começou o detetive —, a mulher que estava com ele chamou minha atenção.

— Está falando de Bianca?

— Sim. Senti que já a tinha visto em algum lugar. Falei com antigos companheiros da polícia que me deviam favores e consegui isto.

Ele entregou as fotos a Rebeca. Sentiu que a mão dela tremia, e a situação só piorou quando viu Bianca com outro cabelo e vestida de maneira vulgar.

— Quando vi essas imagens, entendi por que ela me era familiar. Durante minha passagem como policial, patrulhando as ruas de Madri, detive muitos viciados, cafetões e prostitutas. E ela era uma reincidente.

Com as fotos ainda em mãos, Rebeca disse, incrédula:

— Está me dizendo que Bianca é prostituta e que…?

O homem assentiu com a cabeça. Rebeca ficou em silêncio. De onde estava, Paul viu quando ela começou a chorar e o homem se sentou ao seu lado para abraçá-la. O que estava acontecendo? Por que ela estava chorando? Quem era aquele homem? O ciúme e o desconforto o corroíam por dentro.

Paul pensou em se aproximar deles e pedir explicações, mas algo nele se negava a fazer aquilo.

Não podia. Não era seu estilo. Ele se virou, saiu do café e subiu na moto, furioso. Pretendia ir embora, mas não conseguiu. Precisava saber mais sobre Rebeca e aquele homem, então decidiu esperar do lado de fora do café.

— Meu Deus, isso não pode estar acontecendo… — dizia Rebeca, ainda lá dentro.

O detetive voltou para seu lugar e, olhando-a nos olhos, esclareceu:

— O nome verdadeiro dela é Tatiana Ratchenco. É croata e está na Espanha há dez anos.

Sobrevive como prostituta e aplicando pequenos golpes. Essas fotografias foram tiradas há três dias. Em uma ela está comprando cocaína, como você pode ver. As outras foram tiradas na casa em que mora com seu irmão.

Rebeca olhava para as fotos, mas sua mente viajava. Como era possível que Kevin não tivesse desconfiado de nada?

— Rebeca. — O detetive a chamava pelo nome pela primeira vez. — Sei que

tudo isso é horrível, mas posso garantir que seu irmão não faz nada além de dividir um baseado com ela de vez em quando. Ele não está envolvido com outras drogas. E mais: tenho quase certeza de que nem sabe o que estou contando aqui. Segui os dois de perto por dois dias e em nenhum momento o vi fazendo algo suspeito.

— Kevin não é irresponsável. Mas como…

— Claro — disse ele, interrompendo-a. — Essa mulher é muito esperta, vive nas ruas há anos.

Anotei a placa da Ferrari do homem que lhe forneceu a droga. Pertence a Brian Newton, o traficante envolvido com Cavanillas. Veja esta foto. — Ele mostrou uma imagem em que se viam Cavanillas e Newton em um restaurante da Vila Olímpica de Barcelona. Diante da expressão de incompreensão de Rebeca, o detetive concluiu: — Bianca e Cavanillas se conhecem. Ou melhor, aquele bandido colocou essa mulher na vida do seu irmão para poder controlar você.

Após refrescar a garganta com um gole da bebida, Rebeca olhou para ele.

— Acho que essa investigação precisa parar. Só está me trazendo mais problemas. Se eu não disser nada ao meu irmão e essa mulher continuar casada com ele… Não sei o que fazer.

— Fique tranquila — disse o homem, vendo que ela buscava uma solução. — Vou falar com Kevin pessoalmente e explicar tudo. Quanto menos gente envolvida nessa história, melhor.

— Não é uma boa ideia. Hoje mesmo ele me ligou para dizer que vai ser pai.

— Como? — surpreendeu-se o detetive.

— É isso mesmo. Não sei como Kevin vai receber toda essa história, mas com certeza vai me odiar por ter me metido em sua vida. Ah, meu Deus! Nunca pensei que as coisas fossem chegar a esse ponto.

— Entendo sua posição. É complicado, mas o casamento do seu irmão não passa de uma farsa.

Agora preciso descobrir se Cavanillas a contratou ou não. Mesmo sem provas, tenho certeza de que

ele está envolvido nisso. O melhor é não fazermos nenhum movimento até flagrarmos os dois juntos. Depois que desvendarmos a armação toda, poderemos

pegá-los.

— Mas Kevin está correndo perigo… Ele precisa saber o que está acontecendo — murmurou Rebeca, assustada. — Mas talvez você tenha razão, talvez seja melhor esperar. Só que já combinei de ir à Eslovênia no próximo fim de semana.

— Perfeito. Não diga nada a seu irmão e preste bastante atenção aos movimentos dela. Tenho quase certeza de que vai encontrar Cavanillas enquanto você estiver lá. Mas tome cuidado.

Consegue fazer isso?

Rebeca assentiu.

— Vou tentar. Preciso fazer isso por Kevin.

— Muito bem. — O detetive se levantou. — Ligue quando chegar. E, pelo seu bem e pelo seu irmão, aja normalmente.

Dito isso, o detetive foi embora. Minutos depois, Rebeca saiu, sem se dar conta de que Paul estava lá fora. Ele a observou por alguns segundos. Por seu cenho franzido, percebeu que estava preocupada. Colocou o capacete e saiu com a moto, em direção à casa de Rebeca. Estaria esperando por ela quando chegasse.

32

Rebeca refletiu durante todo o caminho até em casa. Como poderia dizer a Kevin quem era sua esposa e com que estava metida? Colocaria tudo a perder. Tinha que ser cuidadosa e cumprir o combinado, por mais difícil que fosse. Pensou em Bianca. Tinha enganado todo mundo, com exceção de Donna. No fim, a irmã tinha razão: aquela garota de rosto angelical estava mais para demônio. Rebeca ainda não conseguia acreditar que o irmão não tinha visto quem ela era -

realmente.

As fotos tiradas pelo detetive lhe vieram à mente. Bianca com aparência suja, malvestida, um aspecto deplorável — nada a ver com a imagem que passara à família deles. Era difícil imaginar aquela moça de sorriso doce transitando pelos subúrbios mais pesados e repugnantes da cidade.

Chegando em casa, viu a amada moto de Paul. Ele estava sentado nos degraus da entrada, com as pernas esticadas. Rebeca estacionou e desceu. Não queria ver ninguém, muito menos conversar, mas procurou disfarçar. Colocou um sorriso no rosto antes de se aproximar. Notou algo estranho no olhar dele, mas estava tão

imersa nos próprios problemas que não deu atenção. Paul se levantou e ela o cumprimentou com um beijo rápido, sem sentimentos, não um beijo cheio de desejo e prazer.

Isso não passou despercebido ao olhar dele. Rebeca abriu a porta de casa e foi recebida por Pizza.

— Oi! Como vai, meu amorzinho? — disse Rebeca. Ao ver como a cadelinha balançava o rabo com alegria, ela se virou para Paul. — Parece que está melhor.

— É verdade — disse ele, tentando, assim como ela, dissimular o mal-estar.

Depois de um silêncio prolongado, durante o qual Rebeca não parou de andar de lá para cá pela casa, Paul se recostou no batente da porta. Não conseguia mais se segurar.

— Como foi hoje no trabalho? — perguntou ele.

— Uma droga. Estou atolada. — Ela abriu a pasta e pegou o laptop e alguns envelopes, escondendo o que continha as fotos de Bianca. — Olhe só quanta coisa ainda tenho para fazer.

Paul se manteve imóvel.

— Vamos sair um pouco, para você dar uma arejada. Prometo que não demoramos.

— Acho melhor não.

— Vamos — insistiu ele. — Vai fazer bem a você.

Rebeca negou com a cabeça.

— Não dá. Tenho muita coisa para fazer, estou até aqui de trabalho. Melhor deixar para outro dia.

Sem tirar os olhos dela, Paul insistiu:

— Que exagero. Algum tempinho livre você deve ter.

— Exagero nada — disse ela, como a melhor atriz do mundo, afastando o cabelo do rosto. —

Ultimamente só saio de casa para o trabalho.

O sangue de Paul ferveu. Ela estava mentindo.

— Então quer que eu vá embora porque tem muito trabalho, é isso? — perguntou, exaltado.

Não podia continuar com aquela farsa. O ciúme o consumia. Amava demais aquela mulher e não suportava sua indiferença.

— É melhor — respondeu ela, sem encará-lo. — Como eu disse, estou…

— Não precisa repetir — interrompeu ele. — Você está com *muito trabalho*.

Rebeca olhou surpresa para ele.

— Então o que estava fazendo com aquele cara no café Oriente? — perguntou Paul, irritado.

Ela congelou ao ouvir aquilo.

— O que disse?

— Isso mesmo que você ouviu — insistiu ele. — Quero que me diga o que estava fazendo ali. E, principalmente, quem era aquele homem.

Incapaz de pensar com clareza, Rebeca viu seus lábios respondendo por ela:

— Não é da sua conta.

— Como pode não ser?

— Não é, ora.

— Está brincando comigo? — gritou ele, furioso. — Sinto decepcionar você, mas é da minha conta, sim. Sabe por quê? — Rebeca não respondeu. — Porque eu me *importo* com você! E se vejo você chorando e abraçando outro homem, fico preocupado, quero saber por que não está *me* abraçando, por que não *me* conta o que fez você chorar. Pensei que você se importasse comigo também, que fosse se incomodar se um dia eu fizesse o que acabou de fazer.

Odiando o que estava acontecendo, Rebeca tentou manter o controle. Quis contar a verdade, porque precisava do apoio dele. Mas sabia que não podia. Não podia envolver Paul. Pelo bem dele e de Lorena.

— É claro que me importo com você.

— Dá pra notar — bradou ele, ofendido.

— Não tire conclusões precipitadas.

Paul estava fora de si. Odiava ser feito de bobo.

— Precipitadas o cacete!

— Eu…

— Escuta aqui, Rebeca, se eu não tivesse tocado no assunto, você nem teria me contado sobre o encontro no café. Eu vi uma coisa que não me agradou e quero entender. O que está acontecendo?

Quem é aquele cara?

— Você anda me espionando? — explodiu Rebeca. Ele não respondeu, e ela gritou: — Quem você acha que é para fazer isso?

— Achei que fosse alguém especial para você.

Sem se dar conta da dor nos olhos de Paul, ela prosseguiu:

— Era um amigo meu, só isso. Entendeu?

— Não, não entendi. Quero saber que amigo é esse. Quero saber o que você está escondendo de mim e por quê. Quero saber tudo! Não percebe que me importo com você? Ainda não se deu conta de que isso, o que sinto por você, é mais importante que tudo?

— Paul, escute aqui, eu sinto muito, mas…

— Não, escute aqui *você*. Acabei de dizer que o que sinto é mais importante que tudo e você só diz que sente muito. Pelo amor de Deus, Rebeca, que jogo é esse?

Rebeca não aguentou mais. Sem pensar, foi como um foguete em direção à porta e a escancarou.

— Fora.

— O quê?! — exclamou ele, surpreso.

— Fora!

Paul se aproximou devagar, sem acreditar no que ela estava fazendo.

— Você quer que eu vá embora?

— Sim.

— Está me botando para fora da sua casa?

Ela não respondeu. Seus sentimentos eram tão contraditórios que não conseguia pensar.

— Perfeito! — disse ele. — Não vai nem tentar se explicar? — murmurou, mal-humorado.

Rebeca não respondeu. — Está bem, já entendi que tudo o que você quer é que eu vá embora desta casa. Mas escute bem: ou me explica o que…

Então foi ela quem o interrompeu, gritando com toda a raiva que tinha no corpo:

— Não me ameace! Vá embora daqui! Não tenho que me explicar nem a você nem a ninguém. E

não quero ver você de novo! Suma!

Chocado e aturdido em ver como as coisas tinham saído do controle, Paul olhou para ela e tentou tranquilizá-la:

— Eu nunca ameaçaria você. Mas não se preocupe: não costumo ficar onde não me querem. —

Ao ver que Rebeca o olhava, ele se dirigiu mais uma vez a ela antes de sair: — A corrida na Inglaterra é na semana que vem, mas já vou para lá. Não vou ligar. Não vou implorar. Não vou correr atrás de você. Se quiser falar comigo, vai ter que me ligar. — Rebeca continuou apenas o olhando. — E que fique claro: foi você quem me botou para fora da sua casa e da sua vida. Não esqueça.

Assim que ele saiu, Rebeca bateu a porta. As lágrimas começaram a escorrer e ela irrompeu em soluços quando escutou a moto arrancar e se afastar. O que tinha feito?

Ficou sentada no chão por um bom tempo, desconsolada. Pizza estava ao seu lado, lambendo sua adorada dona e fazendo carinho no rosto dela com o focinho, tentando consolá-la.

Como isso pode ter acabado assim? , pensou Rebeca, sentindo-se sozinha.

Ela secou as lágrimas. Com uma forte dor de cabeça, levantou-se e foi para a poltrona. Precisava de consolo. Pegou o telefone e ligou para Carla, que prometeu ir até lá assim que Samuel chegasse do hospital. Duas horas depois, a campainha tocou. Foi só abrir que Rebeca voltou a chorar. Carla se sentou com ela no sofá e tratou de consolá-la.

— Não chore mais. Vamos encontrar uma solução. Estou aqui.

Rebeca estava arrependida de tudo o que tinha dito a Paul. Mal conseguia respirar. Precisava dele e o havia afastado! Carla escutou pacientemente tudo o que a amiga tinha a dizer, tentando dar os melhores conselhos possíveis. Ela precisava ligar para Paul e resolver aquilo, já que os dois se amavam. Depois de muitas horas de conversa, as duas pegaram no sono ali mesmo, esgotadas.

— Será possível? Acordem, suas sem-vergonhas! — Era a voz de Angela que as despertava. —

Por que dormiram aqui? A cama está infestada de pulgas?

— Bom dia, Angela — cumprimentou Carla, espreguiçando-se. — Pegamos no sono conversando. Que horas são?

— Mais de oito e meia — respondeu a mulher, olhando para Rebeca e percebendo que havia algo errado. — Não vai trabalhar hoje? Está tudo bem?

— Vou, claro — respondeu ela, levantando-se. — E está tudo bem, não se preocupe.

Angela a acompanhou com o olhar enquanto subia a escada até o quarto. Sabia que tinha acontecido alguma coisa. Por que mais Carla dormiria ali, com um marido e dois bebês a esperando em casa?

— O que aconteceu? — perguntou Angela.

Carla se levantou.

— Não se preocupe. Uma briga boba entre ela e Paul. Essas coisas acontecem.

— Não acontecem, não — protestou a mulher, com segurança. — Conheço Paul e por nada neste mundo ele faria Rebeca chorar. Ele a adora.

— Tenho que ir — disse Carla, que não queria se meter no assunto dos outros. — Samuel precisa ir para o hospital e eu ainda tenho que levar as crianças para a escola e trocar de roupa antes de ir trabalhar. Quer um conselho? — Angela

assentiu. — Não a encha de perguntas. Quando for a hora, ela vai te contar tudo.

A mulher assentiu. Era um bom conselho. Após se despedir de Carla, ela olhou para Pizza e cochichou:

— Você ouviu… Quietinha!

33

Eram mais de dez horas quando Rebeca chegou ao escritório. Pouco depois, Carla entrou em sua sala com uma xícara de café.

— Como você está?

Ao ver a amiga, ela sorriu.

— Um pouco melhor. Obrigada por tudo. Precisava falar com alguém e sabia que podia contar com você.

— E pode mesmo. Estou disponível vinte e quatro horas por dia para você. Já falei com Samuel e concordamos que esta noite vou dormir de novo na sua casa.

— De jeito nenhum — disse Rebeca, pensando no pobre homem duas noites sozinho com as crianças. — Você tem marido e filhos, não vai deixar tudo em espera por minha causa. Vai dormir na sua casa hoje.

— Não seja teimosa, Rebeca.

Ao escutar aquilo, ela olhou para a amiga com o semblante sério.

— Não. Não seja teimosa você. Ontem ficou claro que não tenho problema nenhum em chamar quando preciso, mas hoje estou melhor e quero ficar sozinha. *Preciso* ficar sozinha. Acredite em mim.

— Tudo bem. — Carla se deu por vencida. — Mas se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

O telefone tocou e as duas voltaram ao trabalho. Durante o dia corrido no escritório, Rebeca esperou um telefonema de Paul, mas, como tinha prometido, ele não ligou. Rebeca sabia que era ela quem deveria entrar em contato e pedir desculpas pelo que tinha acontecido, mas não fez isso.

Pensou algumas vezes na discussão. Como podia ter se comportado daquela forma?

Dois dias depois, Paul estava sentado no saguão de embarque do aeroporto, esperando o voo para a Inglaterra. Seu aspecto refletia seu humor pesado e sombrio. Era evidente que estava muito, muito irritado, e fazia alguns dias que não se barbeava. Ivan, seu amigo e companheiro de equipe, e a esposa, Rita, aguardavam ao lado de Paul. O casal trocava olhares de soslaio e comentava por gestos o estado de Paul.

— Animado para a próxima corrida? — perguntou Ivan.

— Claro. Não está vendo? — respondeu Paul.

Ao sentir a fúria no olhar do amigo, Ivan o pegou pelos ombros e disse:

— Estou ficando preocupado. É claro que aconteceu alguma coisa.

— Não aconteceu nada.

Rita bufou. Queria dizer a ele que não estava enganando ninguém com aquilo, mas Ivan foi mais rápido:

— Escuta, cara. Nosso trabalho é altamente estressante e sei por experiência própria que os problemas não ajudam na pista.

Paul assentiu. Ele mesmo tinha dito aquilo a Ivan em outras ocasiões.

— Acho que vai me fazer bem correr — garantiu. — Estou precisando disso.

— Só não vá se matar — grunhiu Rita, metendo-se na conversa. — Olha, não sei o que aconteceu, mas posso imaginar, já que Rebeca não veio se despedir.

— Rita… — começou o marido, mas ela o ignorou.

— Me escute bem, Paul, porque não vou repetir: se fizer alguma bobagem na pista, juro que mato você eu mesma assim que descer da moto. Entendido?

Paul ficou tão surpreso com aquilo que não conteve um sorriso. Ao ver a esposa tão alterada, Ivan se levantou, deu um beijo nela e pediu que deixasse os dois sozinhos um momento.

— Ninguém segura essa sua mulher — murmurou Paul, vendo Rita se afastar.

— Pois é. Você a conhece.

Fez-se um silêncio incômodo.

— Mas eu concordo com ela — continuou Ivan. — Nós dois sabemos que você não está nas melhores condições para competir.

— Quem se importa? Não vai acontecer nada.

— Eu me importo, seu teimoso.

Paul riu, mas Ivan aproveitou que tinha a atenção do amigo para dizer:

— Estou aqui para o que precisar. Não sei direito o que aconteceu, mas, correndo o risco de que me mande pastar, só queria dizer que você deveria conversar com Rebeca. É uma ótima garota, e vai ser difícil achar outra como ela…

— Agora não, Ivan — cortou Paul. — Agora não.

— Tudo bem. Mas lembre que sou um ótimo ouvinte.

Paul esticou a mão, agradecido.

— Obrigado. Você é um bom amigo — conseguiu sussurrar.

Levantando-se para ir atrás da esposa, Ivan acrescentou:

— Você também. Por isso me preocupo.

Paul observou os dois na cafeteria e sentiu uma pontada de dor por estar sozinho. Queria ter algo tão especial como o que Ivan e Rita tinham. Os dois eram muito unidos. Pensou em Rebeca. Ele a amava e não podia acreditar que a tinha perdido. Como seguir adiante sem ela, depois de tê-la conhecido? Enquanto pensava, Ivan fez um sinal para ele. Era hora de embarcar. Ainda que quisesse sair correndo atrás de Rebeca, com as escassas forças que lhe restavam, Paul olhou para o cartão de embarque e se dirigiu ao portão. Tinha que fazer seu trabalho.

35

Uma semana se passou. Rebeca estava arrasada por não ter notícias de Paul, mas tampouco telefonou. Gostava demais dele para continuar mentindo e envolvendo-o em seus problemas. Na quinta, ela passou a Kevin o número do voo em que chegaria. Na sexta, não trabalhou. Deixou Pizza na casa de Angela e foi para o aeroporto.

Quando o avião pousou na Eslovênia, Rebeca teve vontade de correr para abraçar o irmão, mas sabia que Bianca estaria com ele, o que a enojava. Ela pegou a bagagem e se dirigiu à saída. Assim que as portas se abriram, viu Kevin. Ali estava ele, com seu sorriso habitual. Rebeca realmente correu até ele e o abraçou.

— Quanta animação, irmãzinha!

— Estou feliz em ver você — disse ela, afastando-se um pouco para olhá-lo nos olhos.

Após mais alguns abraços, Kevin pegou a mala das mãos dela.

— Bianca não pôde vir, teve que trabalhar, mas pediu que enchesse você de beijos por ela. Disse que está louca para te ver.

— Que pena — disse Rebeca.

Foram conversando sobre centenas de coisas no caminho até a casa de Kevin. Era um lugar muito bonito, cercado por um bosque enorme. Rebeca olhava ao redor, curiosa, e comprovou que as fotos que recebera no escritório tinham sido tiradas ali. Não havia dúvida. Após deixar a mala no quarto e mostrar a casa à irmã, Kevin propôs que fossem passear no bosque. Rebeca aceitou.

Enquanto conversavam, aproveitava para olhar o irmão de cima a baixo. Ele parecia bem, o que a tranquilizou.

Os dois conversaram durante horas. Rebeca começou a contar o que tinha acontecido com Pizza.

Ao ver a expressão de preocupação do irmão, ela esclareceu rapidamente que estava tudo bem, embora a cadelinha fosse mancar pelo resto da vida. Kevin, por sua vez, contou tudo a respeito da gravidez de Bianca. Ele estava transbordando de felicidade. Iam ter um filho! Enquanto comiam em um pequeno restaurante do povoado, falou dos planos que tinham para a chegada do bebê, deixando Rebeca com o coração apertado. No fim da tarde, Bianca apareceu, com seu rosto angelical.

Maldita farsante!

Rebeca tinha vontade de pular em cima dela e estrangulá-la por todos os problemas que estava causando, mas se conteve. Era preciso. Pouco depois, a cunhada perguntou por Paul, e Rebeca, como uma boa atriz, disse apenas que

estava tudo bem. À noite, enquanto tentava pegar no sono naquele quarto enorme, pensou nele.

Sentia falta de seus beijos e de seu carinho. Queria falar com ele e pedir desculpas, mas teria que esperar. Não podia envolvê-lo naquela confusão. Primeiro precisava resolver as coisas com Kevin,

depois fariam as pazes. Rebeca lembrou que a corrida seria naquele fim de semana. Por fim, esgotada, acabou dormindo.

No sábado, após a péssima noite de sono que Rebeca tivera, Kevin e Bianca a levaram para almoçar no restaurante de um amigo do casal. Ali, Kevin percebeu que havia algo de errado com a irmã. A comida estava deliciosa, mas ela nem tinha provado, só ficara mexendo com o garfo. Ele também se deu conta de que Rebeca encarava Bianca de uma maneira fria e recriminadora. Ficou tentando imaginar o que estava acontecendo, mas não fazia ideia. Durante a estadia na Espanha, as duas tinham se dado muito bem, e ele não conseguia decifrar aqueles olhares duros por parte de sua querida irmã.

Quando acabaram de comer, Kevin se levantou e foi ao banheiro. Rebeca aproveitou o momento para fazer algumas perguntas à cunhada.

— Está contente com o bebê?

Bianca chupou a colherzinha do café.

— Estamos malucos de tanta felicidade — respondeu, com um grande sorriso no rosto. — Seu irmão passa a maior parte do tempo imaginando como vai ser. Ele é um doce.

E você é uma farsante, pensou Rebeca, fazendo-se de inocente ao apontar para o braço da moça e perguntar:

— E essa marca, o que é?

Bianca puxou as mangas da blusa para baixo.

— Fiz um exame de sangue outro dia — explicou, despreocupada. — Sou diabética, então me passaram uma bateria de testes.

— É mesmo?

— Sim… É maravilhoso estar grávida, mas os médicos estão me dando nos nervos. Querem manter controle total sobre mim.

Kevin voltou do banheiro e deu um beijo na cabeça da esposa.

— Podemos ir?

Rebeca se virou para o irmão e olhou diretamente em seus olhos.

— Kevin, você não me contou que Bianca era diabética.

Ele fez cara de quem não tinha entendido. Ia dizer algo, mas a esposa o interrompeu:

— Querido, não vou poder ir com vocês. Fiquei de encontrar Estefania.

— Não dá para desmarcar? — pediu ele, chateado.

Bianca fez beicinho e o marido sorriu. Ela tocou o queixo dele e respondeu, com um sorriso doce:

— Prometo que volto logo para casa.

— Não se apresse por minha causa — disse Rebeca, louca para se livrar dela.

Bianca beijou Kevin e se levantou.

— Está bem, querida — disse ele. — Mas tome cuidado e não chegue muito tarde.

Kevin e Rebeca pagaram a conta e deixaram o restaurante.

— Quem é Estefania?

Ele não respondeu. Esperou até que estivessem dentro do carro para gritar, furioso:

— Posso saber o que está acontecendo? Você ficou o jantar inteiro tentando criar confusão.

Conheço você e vi como olhava para Bianca. Qual é o problema? Achei que pudessem ficar amigas.

— Não tem nada acontecendo. Só estou cansada e… — começou Rebeca, tentando se desculpar.

Sem dar trégua, Kevin deu um soco no volante.

— Pode falar. O que foi?

— Nada.

— Olha, Rebeca, não sei por que veio me ver se vai ficar assim.

Ela pensou rapidamente no que dizer.

— Eu briguei com Paul e… e vi papai.

Kevin parou em seco, cravando os incríveis olhos verdes na irmã.

— Você viu papai?

— Sim. Ele, a mulher e os dois filhos.

Surpreso, Kevin tirou a franja do rosto antes de perguntar:

— O que ele queria? Fez algo a você?

Ao ver como o irmão respirava forte, ela respondeu de imediato:

— A gente se esbarrou uma noite, quando eu estava com Paul e os amigos dele. Conheci Elena, a nova mulher dele. Ela e as crianças também estavam no aniversário da Lorena. Parece que são amigos de Paul, dá para acreditar?

— Minha nossa. Ele já tem mais de um bastardinho? — disse Kevin, baixinho, após dar um trago no cigarro que tinha acendido.

— Não fale assim. Dani e Susana não têm culpa do que papai fez. Só ele.

Kevin encarou a irmã, incrédulo.

— Como pode dizer isso?

— É o que eu penso.

— Sinto muito, irmãzinha, mas discordo. Se lembro bem, papai foi morar com essa puta e aí teve os bastardinhos.

Incomodada com a maneira como ele falava das crianças, Rebeca o atacou:

— Se você os conhecesse, não pensaria assim. Quanto a Elena, não tenho nenhum afeto por ela, mas tenho certeza de que não é uma puta.

— E como pode saber? — sibilou Kevin.

— Olha quem fala — soltou ela, sem pensar duas vezes. — Você por acaso consegue distinguir uma puta de uma garota normal?

Aquilo o ofendeu. Do que ela estava falando?

— O que você quer dizer com isso, hein?

Assustada com a reação do irmão, ela não respondeu. Furioso, Kevin segurou-a pelos pulsos, e Rebeca começou a chorar. A tensão estava acabando com ela.

— Que merda, Rebeca, pare de chorar! Desculpe ter falado assim. É que você está muito esquisita. Vi a maneira como olhava para Bianca e… — Ao ver que ela secava as lágrimas, ele suavizou o tom de voz. — Sinto muito. Você sabe que não aguento falar do papai.

— Eu sei.

Rebeca soluçava, percebendo que quase entregara o que sabia sobre Bianca.

Ele afastou uma mecha de cabelo dela e fez com que levantasse o rosto.

— E por que você brigou com Paul?

Ela pensou depressa e contou uma meia-mentira:

— Ele me viu tomando um drinque com um amigo e ficou bravo.

— Só isso? — Kevin pareceu surpreso. — Tem que haver algo mais.

— Não. Ele só pediu uma explicação. Eu… eu não quis explicar e o botei para fora de casa.

Ao escutar aquilo, ele assobiou.

— Você é muito esquentada, irmãzinha. Pode ser doce como mamãe, mas, quando fica brava, não tem quem aguente! E por que não disse quem era o cara?

— Não sei — voltou a mentir. — Acho que fiquei muito tempo sozinha e não gosto que pensem que devo satisfações a alguém. Sei que a culpa é minha, mas…

— Sem "mas". Ligue para ele quando voltar a Madri e pronto. Paul é um cara legal e tenho certeza de que está louco para ouvir sua voz. Tudo vai se resolver

depois que vocês conversarem.

Ele é louco por você, dá para perceber pelo jeito como te olha.

— Ele está na Inglaterra.

— Fazendo o quê?

— Amanhã vai correr no circuito de Donington.

Kevin arregalou os olhos.

— A que horas?

— Não sei.

— Não se preocupe. Tenho TV a cabo, deve passar no canal de esportes. — Então olhou para ela e perguntou: — Você quer ver, né?

— Claro, seu bobo. — Rebeca sorriu. — É óbvio que quero ver Paul.

E beijá-lo e agarrá-lo, pensou.

— Você pode ligar para desejar boa sorte — sugeriu Kevin.

Rebeca sorriu e deu um beijo no irmão, encerrando a conversa.

— Talvez mais tarde.

Aquela noite tentou ser mais simpática quando Bianca chegou, e Kevin gostou de vê-la se esforçando.

No dia seguinte, enquanto a garota preparava o café da manhã, Rebeca e Kevin procuravam o canal de esportes. Assim que o encontraram, começaram a comer, e ela explicou ao irmão tudo o que tinha aprendido sobre o mundial. A corrida de Moto2 terminou e os comentaristas começaram a falar da MotoGP. Rebeca ficou toda arrepiada ao descobrir que Paul havia sofrido uma queda feia nos treinos.

Seu coração parou diante das imagens que passaram em seguida. Paul era lançado da moto e caía bruscamente na pista.

Rebeca olhou assustada para o irmão, mas ficou um pouco mais tranquila quando disseram que Paul estava bem e que ainda participaria da corrida. Ela olhava para a televisão incapaz de falar, tentando encontrá-lo em meio àquela massa de

gente. Como sempre acontecia, a câmera foi passando de piloto em piloto até finalmente chegar nele. Rebeca congelou. Estava compenetrado como sempre, mas seu olhar parecia obscuro e agressivo, muito diferente das outras vezes. Aquilo revirou seu estômago, e ela teve medo de assistir à corrida. Enquanto isso, Kevin apenas aplaudia, animado. O fato de a irmã estar namorando um corajoso piloto o enchia de orgulho.

Minutos depois, os assistentes de pista começaram a se retirar e restaram apenas os pilotos e suas máquinas. Com tranquilidade, eles deram a volta de aquecimento e retomaram suas posições.

As luzes passaram de vermelhas a verdes, e então todos aqueles malucos aceleraram.

— Uau! — gritou Kevin, animado, ao ver o desempenho de Paul nas curvas. — Ele é muito bom!

Rebeca não conseguiu responder. O que Paul fazia na pista a deixava sem palavras. Por várias voltas, viram como se alternava com Ivan e Klaus na liderança da corrida, até que Gicoli, um italiano, se aproximou deles como um louco e tentou ultrapassá-los. Rebeca cravou as unhas nas mãos, pois sabia a posição dos pilotos no campeonato, e Paul não permitiria que Gicoli conquistasse os pontos de que precisava. Ambos se arriscariam para vencer.

A corrida esquentou. Os comentaristas gritavam animados ao ver a garra dos pilotos. As muitas ultrapassagens perigosas faziam todos vibrarem e gritarem. Foi então que um piloto saiu da pista e caiu. Horrorizada, Rebeca não se mexeu até que o irmão e a cunhada aplaudiram, comprovando que não era Paul.

Faltavam apenas duas voltas e Gicoli estava na liderança. As mãos de Rebeca suavam, e ela quase teve um infarto ao ver Ivan escapar em uma daquelas curvas terríveis. Graças à moderação e à habilidade, ele se manteve de pé, mas não conseguiria mais lutar pelo pódio. Paul continuava na disputa. Praticamente colando o corpo em sua potente Ducati, ele começou a derrapar nas curvas e conseguiu a ultrapassagem sobre Gicoli, em um trecho em que parecia impossível. Faltava apenas uma volta e Paul não parecia disposto a perder. Finalmente ele cruzou em primeiro, seguido pelo italiano. Ao ver aquilo, Rebeca, Kevin e Bianca pularam de alegria.

Paul tinha ganhado!

A cerimônia de premiação começou minutos depois. Rebeca acompanhava, orgulhosa, enquanto Paul recebia o troféu e agradecia à equipe. Impressionado

com a performance que vira, Kevin não parava de aplaudir, chegando a dizer que compraria uma moto e pediria a Paul que lhe desse umas aulas. Rebeca riu, embora olhasse para a tela com tristeza e desconsolo. O que aconteceria com ela e Paul dali para a frente?

No domingo, depois daquele estranho fim de semana, voltou a Madri, mas só se sentia mais confusa em relação à situação do irmão.

36

Fazia duas semanas que voltara de viagem. O detetive ligou certa tarde para contar que tinha novas fotografias para lhe mostrar. Dessa vez, tinha flagrado Bianca beijando o traficante Brian Newton.

Rebeca se sentiu ainda mais desanimada. O que fazer? Paul continuava sem dar sinal de vida, mas Lorena lhe telefonou. Parecia ansiosa para ver Rebeca; precisava de seu carinho.

— Quando você vem me ver? — perguntou a menina.

— Não sei, querida. Estou muito ocupada.

— Mas papai disse que você e Pizza viriam — insistiu a pequena.

— E eu vou, mas ainda não sei quando — mentiu Rebeca. — Seu pai está em casa?

— Não. Saiu com tio Ivan. É aniversário da tia Rita. Você não vai?

O coração dela acelerou. Será que Paul conheceria alguma mulher naquela festa? Não podia se torturar pensando isso.

— Não posso. Como eu disse, estou atolada em trabalho.

Após rebater as insistentes perguntas da menina, Rebeca acabou confessando que demoraria um pouco para vê-la, mas pediu que Lorena não se preocupasse, porque ligaria assim que tivesse tempo. Alheia ao que acontecia entre Rebeca e o pai, a menina acreditou.

Na sexta-feira, Carla a convidou para jantar com alguns colegas de trabalho de Samuel. A princípio, ela recusou. Não estava para festas e não queria sair. Mas a amiga tanto insistiu que ela cedeu. Iriam primeiro ao La Plateada, um restaurante fino, e depois tomariam drinques em outro lugar. Rebeca decidiu colocar seu vestido coral e prender o cabelo em um coque alto. Já que era

obrigada a sair, queria pelo menos se sentir bonita. Enquanto se arrumava, convenceu-se de que aquilo lhe faria bem. Gostando ou não, precisava relaxar e se divertir.

O casal passou na casa dela às oito para pegá-la. Chegando ao restaurante, Samuel apresentou cada um dos convidados, e Rebeca ficou sabendo que estavam comemorando a promoção de Samuel a chefe de seu andar no hospital. O jantar acabou sendo divertido: todos contavam histórias engraçadas do trabalho e riam muito. Depois de vários brindes e de um discurso nada sério de Samuel, eles decidiram ir para o Streep, um bar recém-aberto na cidade.

— Está gostando? — perguntou Carla, aproximando-se da amiga.

— Muito — respondeu Rebeca, com sinceridade. Fazia semanas que não ria daquele jeito.

— E o que achou de Emilio? — perguntou Carla, referindo-se ao homem que falava com Samuel.

— Ah, é muito simpático.

Carla se aproximou mais.

— E é solteiro, dá para acreditar? Acho que está interessado em você. Não para de perguntar a Samuel sobre você. É um bom sinal!

— Sinto dizer que ele está perdendo tempo — zombou Rebeca, ao ver aonde a amiga queria chegar.

— Por que diz isso?

— É a verdade.

— Emilio é simpático, bonito, bem-sucedido…

— Carla, não insista — cortou Rebeca. — Não tenho tempo nem vontade de me envolver com ninguém.

— Tudo bem, eu entendo. Você ainda não esqueceu Paul. Mas Emilio não parece o cara ideal para isso?

Boquiaberta, Rebeca rebateu:

— Talvez para você, mas não para mim.

Carla olhou bem nos olhos dela e não pôde deixar de sorrir. Rebeca continuava perdidamente apaixonada por Paul e não podia fazer nada para mudar isso.

— Estou sendo boba, desculpe — sussurrou Carla, e lhe deu um beijo.

— Tudo bem.

— Só quero ver você feliz como eu, e…

Nesse momento, Emilio se aproximou delas.

— Desculpem interromper. — Ele olhou para Rebeca, pegou sua mão e lhe deu um beijo galante na mão. — Quer dançar?

Rebeca aceitou, sem ver nenhum problema no convite.

— Claro. Adoro essa música.

Eles foram para a pista. Emilio a segurava pela cintura, e quem os observasse perceberia que estavam aproveitando o momento. Ele era muito divertido, e isso agradou Rebeca, que precisava rir um pouco. Após algumas músicas, os dois voltaram ao grupo e se sentaram para beber alguma coisa.

Dez minutos depois, Carla e Rebeca foram ao banheiro. A primeira não parava de falar sobre como Emilio era maravilhoso no hospital, enquanto retocava o lápis de olho.

— Você é insistente, hein? — brincou Rebeca, olhando para a amiga.

— Por quê? — disse Carla, se fazendo de desentendida.

— Rebeca? — chamou alguém.

Ela rapidamente se virou.

— Rita! Tudo bem? — Rebeca cumprimentou a esposa de Ivan com um abraço. — O que está fazendo aqui?

— Você sabe que gostamos de conhecer tudo de novo que abre na cidade — respondeu ela, ajeitando o cabelo.

As três sorriram.

— Queria que soubesse que sinto muito pelo que aconteceu com Paul. Queria ligar, mas não tenho seu número, e Ivan não teve coragem de pedir a ele.

— Você conhece Paul? — perguntou Carla.

— Rita é casada com o colega de equipe dele — explicou Rebeca.

Carla pegou um pedaço de papel para enxugar as mãos e, com o lápis de olho que tinha nas mãos, anotou o telefone de Rebeca.

— Aqui. Esse é o número dela. Meu nome é Carla, aliás.

— Obrigada. — Sorrindo, Rita pegou o lápis de olho das mãos dela, anotou o próprio número num papel e o entregou. — E esse é o meu.

Rebeca ficou impressionada em ver Rita dando beijinhos no rosto de Carla, surpresa com a intimidade instantânea entre as duas.

— Prazer, Carla.

— O prazer é meu. Agora preciso usar o banheiro. Acho que bebi demais — cochichou ela, num tom de cumplicidade.

Assim que Carla entrou na cabine, Rita se virou para Rebeca.

— Ele não está nada bem, embora faça o possível para fingir o contrário. Está encarando cada corrida como se disso dependesse sua vida. Ivan não sabe mais o que dizer. Nunca o vimos assim.

A mulher parecia sincera. Rebeca pegou as mãos dela.

— Fico muito triste de ouvir isso, mas não posso fazer nada.

— Foi tão grave assim o que aconteceu?

Rebeca fechou os olhos.

— Acho que sim.

— Você não gosta mais dele? — perguntou Rita, inconformada com o fim do romance.

— Gosto — respondeu Rebeca, sincera. — Não posso negar isso.

Rita sorriu.

— Paul ama você, Rebeca. Você conseguiu que ele voltasse a…

Rebeca a interrompeu, assustada. Pensar em Paul partia seu coração.

— Somos diferentes demais. Não tem como dar certo. Acho que vai ser melhor para todos assim.

Ele precisa seguir com a vida dele, e eu, com a minha. Espero não vê-lo de novo, porque… — Assim que disse isso, Rebeca percebeu uma mudança na expressão de Rita. — Ele não está aqui, está?

— Está.

— Ah, não — sussurrou ela, levando as mãos à cabeça.

— Na verdade, eu estava só esperando que viesse ao banheiro para vir atrás de você — comentou Rita. — Já estávamos aqui quando vocês chegaram.

— Como não vi?

— Você passou ao nosso lado quando entrou. Ele a viu.

— Ah, não…

— Paul passou a noite inteira olhando para você e bebendo. Sinceramente, achei que fosse fazer algo quando ele a viu dançando com aquele cara, mas Ivan o levou para tomar um ar lá fora.

Boquiaberta, Rebeca pensou que morreria se tivesse sido ela que o visse dançando com uma mulher como ela tinha dançado com Emilio, rindo daquela maneira…

— Ele está mais tranquilo agora — garantiu Rita. — Não sei o que aconteceu entre vocês, mas Paul precisa de você. — Ela olhou bem fundo nos olhos de Rebeca. — Desde que o conheço, e faz anos, ele nunca ficou tão bem com uma mulher quanto com você. Só de olhar para ele dava para notar como estava feliz e centrado. Paul está apaixonado por você. Por favor, fale com ele.

Com o coração a mil, Rebeca a encarou.

— Eu… não posso.

— Mas por quê? — insistiu Rita.

Rebeca bufou, irritada. Mais que tudo no mundo, queria ir até ele, beijá-lo, amá-lo, pedir seu perdão, mas não. Não podia. Cavanillas precisava acreditar que os

dois tinham terminado. Só então deixaria Paul e Lorena em paz. Por isso, engolindo o nó de emoções que subia pela garganta, sussurrou:

— Sinto muito, Rita, mas não posso.

Quando Carla saiu da cabine, Rebeca aproveitou para encerrar a conversa.

— Foi ótimo ver você. Dê um abraço em Ivan. Espero encontrar os dois de novo.

Mesmo desconsolada, Rita finalmente se deu por vencida.

— Tudo bem. Até mais.

A cabeça de Rebeca dava voltas quando ela saiu do banheiro. Paul estava ali! Agora, sentia que estava sendo observada. Não podia recuperar a tranquilidade de antes e desejou sair correndo dali.

Emilio a chamou novamente para dançar e ela concordou, no automático. Na pista, aproveitou para olhar discretamente ao redor. Viu Rita conversando com Ivan e em seguida Paul, imóvel, olhando para ela. Quando a música terminou, eles voltaram para a mesa.

Não muito longe, Paul a observava, consumido pelo ciúme. Ver aquele cara a segurando pela cintura e dançando com ela as músicas que ele queria dançar o estava matando. Ele a vira rir e brincar com o sujeito, o que só o deixou mais tenso. Rebeca estava linda naquele vestido, e Paul havia congelado ao vê-la entrar no bar. Quis se aproximar e dizer que estava com saudade, mas seu orgulho ferido o impediu. Queria se levantar e quebrar a cara daquele homem que não tirava as mãos dela. Por que tinha que tocá-la na cintura ou no cabelo sem parar?

— Quer ir para outro lugar? — sugeriu Ivan.

— Não — respondeu Paul, com o cenho franzido.

— Vamos, Paul. Acho que…

— Não.

— Por que ficar aqui sofrendo? — insistiu Ivan, ao ver como o amigo encarava Rebeca. — Vamos para outro lugar nos divertir.

— Vão vocês. Eu fico.

Ivan bufou. Não iria embora dali sem ele. Conhecendo Paul, sabia que ele estava passando por um mau bocado. Ninguém gostaria de ver a pessoa que amava se divertindo enquanto agonizava.

Vendo que o encontro de Rita no banheiro não dera o resultado esperado, ele tentara ir embora o quanto antes, mas Paul se negava a fazer isso, e Ivan não o deixaria sozinho.

O coração de Paul pulou quando Rebeca retribuiu seu olhar. Por fim o tinha visto. Ele a seguiu com os olhos pelo bar, esperando que se aproximasse, mas isso não aconteceu.

Uma hora depois, não aguentando mais, Rebeca avisou aos amigos que ia embora. Carla e Samuel insistiram que ficasse um pouco mais, mas dessa vez ela não cedeu. Eles se ofereceram para levá-la, mas Rebeca recusou, preferindo pegar um táxi. Emilio, no entanto, insistiu em acompanhá-

la.

Sem olhar na direção de Paul, ela saiu. Seguindo até o carro de Emilio, passou por várias motos e localizou a de Paul entre elas, mas quase não acreditou no que viu.

A bichinha, como ele a chamava, estava imunda e cheia de amassados. Ela fechou os olhos e imaginou as loucuras que ele devia andar fazendo. Por uma fração de segundo, considerou entrar e falar com ele. Mas não. Não podia. Sabia que ele mencionaria a briga, e ainda não podia dar nenhuma explicação.

Paul saiu do bar instantes depois e a encontrou parada diante de sua moto. Ficou travado no lugar, escutando o que ela e Emilio falavam.

— Gosta de motos? — perguntou ele.

— Muito — respondeu ela, sem tirar os olhos da bichinha de Paul.

Emilio se aproximou mais.

— Tem que ser louco para subir numa coisa dessas — comentou ele, com desdém. — Se você pensasse na quantidade de acidentes e mortes que esses veículos causam, não gostaria tanto assim.

Rebeca nem escutou o que ele dizia. Pensava em Paul, apenas nele. Emilio teve que tocar o ombro dela para lhe chamar atenção.

— Vamos?

Ela rapidamente assentiu.

— Claro.

Paul viu os dois irem embora. Rita e Ivan saíram atrás dele, mas Paul, irritado, pediu que o deixassem sozinho. Depois que os amigos o deixaram só, voltou a olhar na direção em que o carro tinha desaparecido. Pensou em segui-lo; não, era uma tolice. Melhor ir para casa. Mas, assim que subiu na moto e pôs o capacete, seu coração assumiu o controle, e ele partiu a toda a velocidade para a casa de Rebeca.

Emilio foi muito agradável e comportado durante todo o trajeto. Era um cara espirituoso e divertido, que a fazia sorrir com facilidade. Quando chegaram à casa dela, ele quis acompanhá-la até a porta. Mesmo hesitante, Rebeca concordou. Os dois ficaram conversando ali até que Emilio perguntou, em um tom sedutor:

— Não vai me oferecer um café?

Nem louca, pensou ela, sabendo quais eram as intenções dele.

— Olha, Emilio, não quero ser indelicada. Você é um cara muito divertido e agradável, mas não acho que…

— Desculpe. Eu… eu não queria pressionar.

Ao ver a aflição no olhar dele, Rebeca reagiu rapidamente.

— Não se preocupe, não é nada. Só quero que saiba que não tenho tempo para novas amizades.

— Olha, vou ser sincero — disse Emilio, encorajado pela preocupação no olhar dela. — Gostei de você assim que te vi. Você é interessante, simpática, divertida e linda. E, pelo menos a mim, uma pessoa assim não passa despercebida.

— Obrigada, mas…

— E vou insistir, se você deixar — continuou ele, aproximando-se mais.

— Não — respondeu Rebeca, afastando-se. — Acho que você não me entendeu bem, porque…

— Não vou me dar por vencido tão fácil. — Ele a pegou pela cintura e a puxou para si. — Sei que algumas garotas gostam de bancar a difícil.

— Me solte — exigiu Rebeca, zangada.

Vendo que ele não estava disposto a obedecer, Rebeca não pensou duas vezes antes de dar uma joelhada bem no meio das pernas dele. Emilio dobrou o corpo, com uma expressão de dor.

Enquanto isso, Paul acompanhava tudo da esquina. Quando viu que o cara estava forçando alguma coisa, desceu da moto e foi correndo na direção deles, mas a reação de Rebeca o fez parar e começar a rir. Depois que a viu entrar em casa, deixando o cara caminhar até o carro como podia e ir embora, Paul voltou para a moto. Apesar do coração despedaçado, ele levava um sorriso um rosto.

37

No dia seguinte, Rebeca se sentia muito mal pelo que fizera. A noite havia começado muito bem, mas terminara de maneira desastrosa. Depois de tomar café, ligou para Carla e contou, envergonhada, tudo o que tinha acontecido. Carla mal conseguia acreditar. Então começou a gargalhar, e Rebeca caiu na risada também.

Naquela tarde de sábado, ela via um filme na televisão quando o telefone tocou.

— Alô?

— Oiê! Como você está?

— Donna! — gritou Rebeca ao reconhecer a voz da irmã. — Estava louca para falar com você!

— Era só pegar o telefone e discar meu número, garanto que eu estaria do outro lado da linha.

Mas acho que sai mais barato esperar eu ligar, né? — disse ela, sarcástica.

— Você é fogo — acusou Rebeca, rindo.

— Você que é. Não me manda um e-mail, não me liga… Miguel está histérico. Falta um mês e meio para a corrida em Laguna Seca e ainda não sabemos se vocês vêm ou não. Quer dizer, se *você* vem. Paul tem que vir, né?

Rebeca suspirou e fechou os olhos.

— Eu não vou.

— Por quê??? Você não pode estar querendo dizer o que acho que está querendo dizer.

— Infelizmente, sim.

— Ah, merda… merda… merda!

— Não dificulte ainda mais as coisas, por favor. Já estou sofrendo bastante.

— Ficou louca? Como deixou esse cara escapar? — Ela mudou o tom de voz e prosseguiu: —

Aposto que é culpa sua. Kevin tem razão. Você é muito teimosa!

— Kevin? — bufou Rebeca. — Como assim?

— Ele me ligou, preocupado. Contou que você foi lá e que parecia muito esquisita. Você é mesmo uma teimosa, sabia?

— Não acho que eu seja tão teimosa assim, o que acontece é que… — Rebeca hesitou, os olhos se enchendo de lágrimas — … é que… Ah, o que acontece é problema meu.

— Nossa, é pior do que eu imaginava — brincou Donna. — Tem tanta vergonha do que fez que nem consegue se explicar. Sabe que eu acabaria dando razão para o pobre Paul. Ele é um amor, Rebeca. E dá para ver que está louco por você. Você é uma idiota, é só isso o que eu tenho a dizer.

— Que bom — concluiu Rebeca, enxugando as lágrimas, decidida.

— Por telefone, claro — esclareceu Donna.

— Como assim?

— Amanhã você vai me buscar no aeroporto. Tenho muito mais para falar e quero fazer isso pessoalmente.

A tristeza de Rebeca se dissipou. Ia ver a louca da irmã!

— Qual é o seu voo?

— Vou de American. Chego às três da tarde.

— E Miguel?

Donna sorriu ao pensar no marido. Ele não se incomodava que fosse ver o que estava acontecendo com a irmã, principalmente se dizia respeito a seu piloto preferido de MotoGP.

— Vai ficar aqui com Marta enquanto passo uns dias em Madri com você. Vai ser ótimo!

O avião pousou com uma hora de atraso, mas, quando viu a irmã surgir no portão de desembarque, Rebeca soube que a espera tinha valido a pena. As duas se abraçaram e se dirigiram para casa.

Assim que entrou, Donna procurou a cadelinha. Dava para ver que mancava, mas a própria Pizza não parecia se importar: assim que a viu, começou a pular de alegria. Enquanto comiam o frango maravilhoso de Angela, as duas falavam sobre Kevin e a viagem à Eslovênia. Donna notou que a voz de Rebeca endurecia ao mencionar Bianca, como o irmão dissera. Mas sabia que não podia ter pressa. Precisava ser cuidadosa para que Rebeca contasse tudo que a incomodava. Quando terminaram de comer, foram se sentar na sala.

— Agora me conte o que aconteceu com Paul — disse Donna.

— Não há muito o que dizer — mentiu Rebeca. — Só brigamos.

— Acha mesmo que eu vou me contentar com isso depois de uma viagem tão longa? — brincou Donna, pegando uma almofada para bater na cabeça dela. — Você vai me contar o que está acontecendo, nos mínimos detalhes. Sei que aí tem coisa.

— Nós discutimos, Donna, como sei que deve acontecer entre você e Miguel. A diferença é que vocês dois são um casal consolidado, enquanto Paul e eu não éramos. Não tenho por que ficar remoendo o assunto. Concorda?

Donna sorriu e deu mais uma almofadada na irmã.

— Então me explique o que são essas olheiras no seu rosto.

Rebeca ergueu as sobrancelhas, surpresa. Estavam tão evidentes assim?

— Kevin e Bianca notaram como você estava irritadiça na viagem — continuou Donna. — Ele não conseguia entender por que você toda hora tentava atacar a mulherzinha dele e me ligou para comentar. E também para contar que vai ter um filho, claro. Que bomba! Mas tenho certeza de que aquele descerebrado vai

ser um bom pai.

— Quanto a Bianca, não tenho tanta certeza… — disse Rebeca, fazendo um grande esforço para segurar a língua e se levantando. — Volto em um minuto. Preciso fazer uma coisa que ninguém pode fazer por mim.

Com seu humor característico, Donna gritou:

— Tenho certeza de que eu conseguiria se tentasse.

O telefone tocou e Donna atendeu. Era Carla.

— O que está fazendo em Madri? Quando chegou?

— Vim visitar o monstrinho da minha irmã. Está na cara que está com algum problema.

Carla suspirou.

— E não é pouco, isso posso garantir.

Alertada pelo tom de voz de Carla, Donna também falou baixinho:

— Você precisa me contar o que está acontecendo. Rebeca é uma cabeçuda, não solta nada!

Acreditando que era melhor Donna saber dos problemas da irmã, Carla se deu por vencida e soltou um suspiro.

— Rebeca vai me odiar pelo resto da vida… Vou deixar as crianças com Samuel e em vinte minutos estou aí. Ela não vai gostar nada quando eu contar o que está acontecendo.

— Não estou nem aí se ela vai gostar ou não. Espero você. Não demore.

Donna desligou, e o sorriso que sempre tinha no rosto sumiu. O que estava acontecendo com a irmã?

— Quem era? — perguntou Rebeca, voltando à sala.

— Carla. Disse que vai dar uma passada aqui — avisou Donna, fingindo estar distraída olhando para as unhas.

Algo na voz dela colocou Rebeca em estado de alerta.

— Por quê? O que ela disse? — perguntou, aproximando-se.

A resposta estava evidente no rosto de Donna.

O que a louca da amiga pretendia fazer? Dois segundos fora e as duas já estavam tagarelando pelas suas costas? A tensão tomou conta da sala. Donna esperava que Rebeca dissesse algo, mas ela não ia fazer isso.

Carla chegou vinte minutos depois. Rebeca a recebeu com um olhar nada amistoso, mas ela não se importou e começou a contar a Donna tudo o que estava acontecendo: Paul, Kevin, Bianca e as chantagens de Cavanillas. Perplexa com a traição da melhor amiga, Rebeca assistia a tudo como se fosse um pesadelo. Como Carla podia estar fazendo aquilo?

— Desculpe — disse Carla ao terminar. — Talvez você nunca volte a confiar em mim, mas acho que precisa de ajuda.

— É claro que nunca mais vou confiar em você! — gritou Rebeca. — Por que tinha que contar a Donna? Por que a colocou em perigo também? Se Cavanillas ficar sabendo… — Ela afastou o cabelo do rosto e sussurrou: — Agora ela vai contar tudo a Kevin e as coisas vão ficar ainda mais complicadas…

As outras duas trocaram um olhar. Donna entendeu o lado da irmã e tratou de tranquilizá-la.

— Não se preocupe. Kevin não vai ficar sabendo. Mas acho que você devia ter me contato. Estava esperando o quê?

— Não queria meter você nessa confusão. — Rebeca soluçava, desesperada. — Não sei o que fazer. Tenho a sensação de que quanto mais gente souber, pior. — Então ela olhou para a irmã e pediu, muito séria: — Nem uma palavra a Paul, entendeu? Ele não pode saber.

— Tudo bem.

— Estou implorando — insistiu Rebeca.

Donna assentiu. Mil coisas passavam por sua cabeça.

— Já disse que tudo bem. Confie em mim.

Olhando para as duas, Carla acrescentou:

— Sei que você vai dizer que é loucura, mas acho que precisamos recorrer à

polícia.

— Não! — gritou Rebeca. — Ficou louca? Cavanillas pode fazer algo com Kevin.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada com aquela bruxa eslovena — disse Donna. — Filha da mãe! Kevin se casou com uma prostituta drogada! Nunca caí no joguinho dela. Alguma coisa naquele olhar angelical me fez desconfiar que era uma santinha do pau oco. Mas agora que está feito, temos que pensar com calma, já que a vida daquele imbecil está em jogo.

— Não fale assim dele… — pediu Rebeca.

— Como não? — gritou Donna. — Não dá para acreditar que aquele idiota se deixou enganar dessa maneira. Mas os homens pensam com a cabeça de baixo, claro. Veem um rostinho bonito e um bom par de peitos e… perdem a razão. — Carla riu, apesar da tensão no ar. — Bom, Kevin me ligou dizendo que tinha acontecido alguma coisa com Paul e que você estava muito nervosa. Mas ele ainda não deve ter perdido a cabeça completamente, porque notou certo ressentimento seu em relação a Bianca. Cacete! Se fosse eu, teria mostrado muito mais que ressentimento! Pegaria aquelazinha pelo pescoço e…

— E nada — cortou Rebeca. — Não podemos perder a cabeça. Kevin está apaixonado por aquela mulher e receberia mal qualquer coisa que fizéssemos contra ela. Talvez nunca nos perdoe.

— Vai ter que perdoar — retrucou Donna. — Ele faria o mesmo se fosse o contrário. Acha que deixaria que uma de nós jogasse a vida fora por um traste? Não… Tenho certeza de que ele não permitiria. Só precisamos pensar direitinho no que fazer, para que nada dê errado. Ele vai ficar bravo de qualquer maneira. Não deve ser agradável descobrir que a sua esposa não é quem diz ser.

— Fez-se silêncio por alguns segundos, e Donna acrescentou: — Tenho um amigo que trabalha na delegacia de Canillejas. Talvez ele possa ajudar.

— Não, Donna. Não envolva a polícia nisso. Cavanillas pode ficar sabendo e fazer algo a Kevin.

— Então o que sugere, espertinha? — perguntou a irmã. — Pense que aquela vaca já está fazendo mal a ele a cada dia que passa. Talvez o esteja viciando em cocaína, e o idiota deixa porque quer ver a mulher feliz. Esse pesadelo precisa acabar, você não entende? Não podemos ficar de braços cruzados. Assim não resolveremos nada.

Rebeca concordou pela primeira vez.

— Talvez você esteja certa, mas tenho medo.

Donna se sentou ao lado dela.

— Eu também estou me cagando de medo, assim como Carla! Mas é nossa chance de tirar Kevin dessa confusão toda.

— É verdade — Carla se atreveu a dizer. — Pense. É a única opção.

Após pensar muito e xingar mil vezes, Rebeca finalmente assentiu.

— Tudo bem. Mas primeiro vamos falar com o detetive que eu contratei. Ele também tem amigos na polícia.

As outras duas trocaram um olhar e um sorriso.

— Muito bem. Pode ligar — disse Donna, estendendo o telefone.

38

Depois de várias tentativas, Rebeca finalmente conseguiu falar com o detetive e marcou de se encontrarem dali a algumas horas, em um café não muito longe da casa dela.

— Sabe o que isso me lembra? — comentou a tresloucada Donna, no carro, quando estavam a caminho do local combinado, para aliviar a tensão no ar.

— Conhecendo você, tenho medo de saber! — brincou Carla.

Donna achou graça.

— *As panteras*. — Logo depois gritou: — Eu sou a loira!

— Você é terrível. — Rebeca ria dela. — Eu aqui preocupada e você fazendo piadas.

Donna se endireitou no banco e suspirou.

— Não posso evitar. Quando fico nervosa, só falo bobagem. Melhor isso que acabar em um filme do Almodóvar.

— Qual? — perguntou Carla, ainda rindo.

— *Mulheres à beira de um ataque de nervos.*

A gargalhada foi geral. Donna era muito engraçada, até nos momentos mais tensos conseguia fazê-las rir.

— Pare, por favor! — pediu Carla.

Dez minutos depois de chegarem ao café, o detetive chegou. Ao ver Rebeca acompanhada, ele ergueu as sobrancelhas, como se pedisse uma explicação.

— Esta é minha irmã, Donna, e esta é minha amiga Carla. As duas são de confiança.

Resignado, ele se sentou.

— Você que sabe. Por que quis me ver?

As três começaram a falar ao mesmo tempo, e o detetive teve que pedir que fossem com calma.

Elas expressaram a vontade de chamar a polícia e a preocupação com os riscos que Kevin e todos os outros corriam. Donna levantou a possibilidade de prenderem os bandidos mesmo sem provas e então investigar a história a fundo, mas o detetive lembrou a ela que a polícia tinha mais o que fazer e que dificilmente aceitaria a sugestão. Após uma longa conversa em que todos expuseram suas ideias, despediram-se. Donna e Rebeca deram carona a Carla e depois se puseram a caminho de casa.

— Acho melhor a gente falar com aquele meu amigo.

Rebeca olhou para a irmã.

— Você ouviu o que o detetive disse. A polícia não vai nos dar atenção.

Ficaram em silêncio enquanto esperavam o sinal abrir, até que Donna não conseguiu mais se segurar:

— Acho que você devia falar com Paul.

— Esse assunto está fora de discussão — disse Rebeca, desafiando a irmã. — Fique longe disso, está bem?

Mas ela não era de se dar por vencida tão facilmente.

— Você queria esconder de todo mundo, mas agora Carla e eu já sabemos.

— Porque Carla deu com a língua nos dentes.

Donna deu um tabefe em Rebeca, que a olhou enfezada.

— Você é tão teimosa quanto a mamãe — acusou Donna. — Tanto faz o que pensa, diz ou argumenta, continuo achando que Paul precisa saber o que está acontecendo.

— Se contar, juro que nunca mais falo com você.

— Isso é injusto — insistiu Donna. — Ele tem o direito de saber por que você se afastou e…

— Chega! — Rebeca tentou mudar de assunto: — Esse policial que você conhece é de confiança?

— Sim, é um velho amigo — explicou Donna, sabendo que era inútil discutir.

— Quem é?

— Felipe Pérez Rodríguez, o Pipe. Lembra? Também morava em Majadahonda.

Aquele nome não lhe era estranho. Rebeca começou a rir.

— Não era aquele gordinho que mandava rosas para você toda sexta-feira? Ele não foi te buscar de limusine um dia para…

— O próprio — confirmou Donna.

— Coitadinho. Acha que ele vai nos ajudar, mesmo tendo sido rejeitado?

Donna sorriu ao pensar em Pipe. Por sorte, tudo tinha terminado bem.

— Ele é um cara legal, ficou tudo resolvido entre a gente. A última notícia que tive foi de que estava trabalhando no departamento de polícia de Canillejas.

— Certo. Vamos ligar amanhã e perguntar por ele.

— Por que amanhã, se podemos fazer isso hoje? — questionou Donna.

Sem mais, ela enfiou a cabeça pela janela e perguntou a algumas pessoas que passavam se sabiam onde ficava a delegacia mais próxima. Rebeca revirou os olhos. Donna e suas loucuras. Um minuto depois, a irmã agradeceu às pessoas e

fez sinal para que Rebeca seguisse em frente.

— Terceira à esquerda. Parece que tem uma delegacia lá.

Chegando lá, estacionaram em frente à delegacia.

— Me espere aqui — disse Donna. — Vou entrar e perguntar por ele. Talvez o conheçam. — Ela pegou um espelhinho da bolsa e retocou o batom. — Como estou?

Rebeca apenas olhou surpresa para ela.

— Posso saber o que é que você pretende fazer? — grunhiu.

— Tenho que causar uma boa impressão — explicou Donna, enquanto descia do carro.

Minutos depois, ela saiu de lá com um sorriso no rosto e um papel nas mãos.

— Pronto. — E sorriu para a irmã ao lhe entregar o papel. — Vamos para este endereço, Pipe está nos esperando.

Rebeca deu a partida.

— Como você conseguiu? — perguntou, incrédula.

Donna ajeitava as mechas do cabelo loiro. Deu uma piscadela e sorriu.

— Ainda não perdi o jeito com os homens.

Meia hora depois, chegaram à delegacia de Pozuelo de Alarcón. Perguntaram por Felipe Pérez Rodríguez e se sentaram para esperar. Segundos depois, um homem musculoso, de boa aparência e que em nada lembrava Pipe quando adolescente apareceu no corredor.

— Minha nossa! — sussurrou Donna ao vê-lo.

— O que foi?

— Não acredito que esse pedaço de mau caminho é Pipe. — As duas o observavam. Donna sussurrou: — Jesus, Maria e José. Ele ficou um gato!

— Fique quieta ou estrangulo você — sussurrou Rebeca, tentando não rir.

Ao contrário dos outros policiais, Pipe não usava uniforme. Ao ver Donna, um

sorriso iluminou seu rosto. Incrédula, ela o observou se aproximar, ainda achando difícil acreditar que aquele era o garoto gordinho que havia conhecido. Após um caloroso abraço, Pipe contou que trabalhava no departamento de narcóticos e as levou até sua sala para que pudessem conversar. Ele e Donna comentaram rapidamente como andava a vida, e elas ficaram sabendo que Pipe já tinha se casado e se divorciado e que tinha um filho de sete anos. Donna mencionou o marido e contou que tinha uma filha daquela mesma idade. Depois de rirem de algumas lembranças, as duas explicaram o que as tinha levado até ali.

Pipe apenas escutava, pacientemente, embora Rebeca tenha notado como olhava para Donna.

Quando terminaram o relato, ele fez várias perguntas. Rebeca respondeu a todas e mencionou as provas que tinha em casa. Quando Pipe sugeriu acompanhá-las até lá, Donna sorriu, encantada.

Era um bom começo.

Chegando em casa, Rebeca lhe mostrou as fotos. Pipe reconheceu Brian Newton. Uma hora depois, ele pediu permissão para levar todo o material e investigar mais a fundo, com o que ela concordou. Ele foi embora prometendo ligar no dia seguinte.

— Minha nossa — exclamou Donna, olhando pela janela. — Você viu como ele melhorou com o tempo?

— O que quer que eu diga? Para mim é só um cara qualquer — disse Rebeca, indiferente, embora reconhecesse que ele estava totalmente transformado.

Donna soltou uma gargalhada, surpresa.

— Você só pode estar brincando. Pipe está impressionante! Se eu fosse solteira, não deixaria passar.

— Como pode dizer isso?

— Tenho olhos, minha filha. Por acaso você não?

— Claro que sim.

Achando graça na passividade da irmã, ela acrescentou, enquanto via Pipe entrar num veículo quatro por quatro cinza.

— Então trate de usá-los, porque está perdendo uma vista *incrível*.

— E o pobre Miguel? — protestou Rebeca diante do comentário, afastando-se da janela.

Surpresa com a pergunta, Donna arregalou os olhos.

— O que tem ele? — Ao se dar conta do que Rebeca estava implicando, murmurou, rindo: —

Você não está pensando que Pipe e eu…? Que mente poluída!

— Foi a impressão que você deu, e para Pipe também.

— Acha mesmo? — Donna riu, levando a mão à boca. — Que bom!

Rebeca teve que rir das gracinhas da irmã, e correu atrás dela escada acima.

39

Rebeca tinha notícias de Paul pelo canal de esportes e o Google. Ele ia correr na República Tcheca, em Brno. Era de doer o coração vê-lo na televisão se arriscando tanto nos treinos, chegando a voar da moto e sofrer uma queda bem feia.

O que ele estava fazendo?

Donna ficava preocupada ao ver a irmã cada dia mais pálida, mas Rebeca parecia não querer ajuda. Convencida de que precisava saber se Paul estava bem, procurou o número de Rita e ligou, mas ela não atendeu. Então enviou uma mensagem e sossegou apenas uma hora depois, quando veio a resposta de que ela podia ficar tranquila: não tinha acontecido nada.

Pipe às vezes aparecia na casa de Rebeca sem avisar, com todo tipo de notícia. As investigações de sua equipe e do detetive contratado particular, José, comprovaram que Brian Newton e Cavanillas tinham, juntos, um esquema de tráfico de drogas. Alheio a tudo isso, Kevin entrou em contato e ficou feliz ao descobrir que Donna estava passando um tempo ali em Madri. Donna aproveitou a animação para sugerir que ele fosse encontrá-la, assim os três poderiam passar alguns dias juntos, mas ele recusou, dizendo que não podia deixar Bianca sozinha.

Seguindo os conselhos de todos, Rebeca manteve sua rotina. E, enquanto ela trabalhava, Donna enlouquecia Angela em casa. O Grande Prêmio de Brno mostrou que Paul estava recuperado da queda, pois ele ficou em terceiro lugar, mas a angústia que Rebeca sentia só cresceu ao vê-lo correr como um louco. O tempo passava e Paul cumpria sua palavra: não ligava nem tentava entrar em

contato de outra maneira, o que fazia Rebeca se sentir cada vez mais culpada por não ter sido sincera. Ela o havia expulsado de sua vida e teria que dar o primeiro passo se desejasse uma reaproximação. Paul deixara isso bem claro.

Depois de muita indecisão, certa manhã Rebeca pegou o telefone do escritório disposta a ligar para ele. Precisava ouvir sua voz, sentir como se ele estivesse perto e, acima de tudo, confirmar que estava bem. Tentou o celular várias vezes, sem sucesso. Decidida a falar com Paul de qualquer maneira, ligou para a casa dele. Julia atendeu.

— Que alegria ouvir sua voz — cumprimentou a mulher.

— Digo o mesmo. Como estão as coisas?

— Bem, Lorena continua a mesma maluquinha de sempre e morre de saudade. Quando você vem? Ela está louca para ver você.

— Não sei. — Rebeca mentiu, sem saber o que mais dizer: — Ando com muito trabalho, as coisas estão difíceis. Paul está aí?

— Não, foi para uma reunião de equipe. — Ao ver que Rebeca não dizia nada, a mulher continuou: — Ele vai para a Itália logo, devem estar discutindo os detalhes da viagem.

— Quando ele chegar, diga que liguei, por favor — sussurrou Rebeca, decepcionada. — Não esqueça.

— Pode deixar.

Julia sorriu. Nunca perguntara o que tinha acontecido, mas havia tirado as próprias conclusões.

— Obrigada. Dê um beijo enorme em Lorena. E um beijo para você também. Tchau.

— Tchau, Rebeca.

Ela ainda tremia quando desligou. Pela primeira vez em muitos dias teve esperanças de que ele ligaria a qualquer momento. Mas Paul não ligou. Quando chegou em casa e soube do telefonema, sentiu uma pontada de satisfação, mas, após pensar com frieza, decidiu não retornar. Se Rebeca queria falar com ele, que tentasse novamente. Ela o havia afastado, então ela que o encontrasse.

Todas as vezes que o telefone tocou aquela noite, o coração de Rebeca deu um

pulo. Seria ele?

Mas era sempre para Donna. A primeira ligação era do dedicado marido e da sobrinha; a segunda era de Pipe, com quem ficou conversando por meia hora.

— O que acha de sair para beber com Pipe e os amigos dele amanhã? — perguntou ela após desligar.

— Acho péssimo — respondeu Rebeca, chateada porque Paul não tinha ligado.

— Você pode ser bem desagradável quando quer — retrucou Donna, embora não tivesse perdido o bom humor.

— Não dê uma de espertinha, que hoje não estou com paciência. Me deixe em paz.

Achando graça na irritação da irmã e incapaz de se manter em silêncio, Donna botou as mãos na cintura.

— E o que é que você está pensando? Que sou uma idiota que vai se jogar nos braços de Pipe? —

Rebeca assentiu, e ela continuou: — Sinto decepcionar você, mas aqui — ela apontou para o próprio peito — só há lugar para um homem, um moreno que está me esperando em Chicago, e eu o amo mais do que tudo. Entendeu?

Mas Rebeca estava de pavio curto. Olhou para a irmã e bufou, indignada.

— Você passa o dia todo se engraçando com Pipe, como quer que eu acredite nisso?

— Acreditando. Não é tão difícil — retrucou Donna, intuindo que Rebeca devia estar no limite de suas forças. As duas eram muito diferentes, e ela sabia que aquilo tudo devia estar acabando com a irmã.

— Estou decepcionada — disse Rebeca. — Nunca imaginei que fosse o que está demonstrando ser: uma mulher fútil.

— Ai, meu Deus… É cada bobagem que a gente é obrigada a escutar — bufou Donna, indo à cozinha pegar um café. — Veja se entende: não quero nada com Pipe. Ele é meu amigo, e nos divertimos juntos.

— Tenho certeza de que se Miguel estivesse aqui você não se comportaria assim com seu

“amigo”! — gritou Rebeca, seguindo-a.

Donna suspirou, tentando não perder a paciência. Estava cansada de Rebeca. A negatividade e o mau humor a estavam tornando insuportável. Era verdade que nos primeiros dias tinha jogado um charme para Pipe, mas ambos eram adultos e haviam abandonado rapidamente aquele joguinho

para se concentrar no que realmente importava: resolver o problema e reatar uma amizade -

saudável.

— Você parece uma menina de quinze anos quando fala com ele. Não se enxerga?

— Não. Da próxima vez, me dê um espelho.

— Você parece uma galinha cacarejando do jeito que ri para ele.

Não conseguia se conter, assoberbada com tudo que estava acontecendo.

Ao ouvir aquilo, Donna se exaltou.

— O que aconteceu com você hoje, para justificar esse humor?

Rebeca quis gritar que Paul não tinha ligado; que havia entrado em contato e ele não retornara.

Mas aquilo já era decepcionante o bastante sem ser dito em voz alta.

— Donna… acho repugnante que fique se exibindo desse jeito para Pipe, como se fosse uma qualquer.

— Quer saber? Não suporto mais você! — gritou, cansada da irmã.

Quando se virou, derramou o café da xícara na mão de Rebeca, sujando a camiseta dela.

Assustadas, as duas congelaram, sem saber o que dizer. Então, rapidamente, Donna pegou um pano de prato e começou a secar a camiseta de Rebeca.

— Desculpe! Foi sem querer.

Ao ver o arrependimento em seus olhos, Rebeca baixou a bola. Arrependeu-se de ter implicado tanto com a irmã e percebeu que a estava fazendo pagar pelo

fato de Paul não ter ligado.

— Eu é que peço desculpas. Passei dos limites. Sei que nada aconteceu entre vocês.

— E não vai acontecer — garantiu Donna. — Pipe é um amigo que eu não via há muitos anos.

Talvez eu fique um pouco alterada quando o encontro, porque, reconheça você ou não, ele está maravilhoso! Mas é só isso. Pipe sabe que não aconteceria nada entre a gente, e eu também. Só não quero que você duvide do meu amor por Miguel. Eu não o machucaria por nada neste mundo. —

Donna se dirigiu ao telefone. — Vou ligar e dizer que não vamos amanhã.

Rebeca a deteve, segurando sua mão.

— Não precisa. Se é só um amigo, que mal há em tomar um drinque com ele? — murmurou, com um meio-sorriso.

— Você é mesmo uma vaca cretina — disse Donna, sorrindo. — Agora me diz isso, mas há dois segundos estava me acusando de coisas horríveis.

— Donna! O que é isso? Olha a língua!

— Posso dizer coisas piores, então não me provoque. Moro em Chicago agora, mas não esqueça que cresci na periferia de Madri. Bom, e o que eu faço? Ligo e desmarco ou não?

— Não — respondeu Rebeca, rindo. — Pode ser divertido.

Aquela noite, quando por fim se deitou, pensou em Paul. Aquele teimoso! Por que não tinha retornado a ligação? No dia seguinte, Donna a convenceu a ir ao cabeleireiro. Um agradinho não faria mal, ainda mais se iam sair à noite. Mas seu humor despencou quando ela pegou uma revista e viu uma foto de Paul de braço dado com uma jovem morena.

— O que foi? — perguntou Donna.

Sem conseguir responder, Rebeca apenas apontou para a foto.

— Ah, meu Deus…

— Exatamente! Ah, meu Deus! O que acha disso?

Donna deu uma olhada na revista.

— Que continua gato… E essa aí ao lado dele é uma modelo da Victoria's Secret. Davidinova.

Linda!

— Você está realmente conseguindo me animar — grunhiu Rebeca, fechando a revista com raiva.

— E o que quer que eu faça? Você pode ter perdido o interesse em Paul, mas ele continua maravilhoso. Acha que vou culpar o cara por estar de braço dado com outra?

— Não, mas um pouco de solidariedade não cairia mal.

Donna pegou a mão dela e sorriu.

— Para mim, você é infinitamente superior a Davidinova. Se quiser, posso dizer que Paul é um babaca, que provavelmente é gay e que essa mulher não passa de uma boneca de plástico.

Rebeca riu, surpresa com a declaração.

— Também não quero que diga isso. Ele não merece.

— Então por que não liga para ele, sua cabeça-dura? Tenho certeza de que ele daria uma patada nessa mulher para voltar a ficar com você.

— Eu liguei — confessou Rebeca, depois de um momento de silêncio.

— Quando?

— Ontem. Do escritório, de manhã. Ele não retornou.

— Talvez esteja viajando.

— Não. Ele está em Madri, Julia confirmou. Acho que já me esqueceu.

Sem saber o que dizer, Donna se levantou e foi até a irmã lhe dar um beijo.

Quatro dias depois, numa tarde em que Rebeca trabalhava em casa enquanto a irmã assistia a um filme na sala, o telefone tocou.

— Oi, sou eu… Lorena.

Ao ouvir sua voz, Rebeca sorriu, encantada.

— Oi, meu bem! Como você está?

— Melhor agora que você voltou de viagem.

— Que viagem? — perguntou Rebeca, surpresa.

Lorena havia ligado sem que ninguém soubesse.

— Papai disse que você estava viajando por causa do trabalho e que por isso não tinha aparecido, que não era para eu ligar mais. Mas outro dia eu escutei Julia dizer que você tinha telefonado e pensei: "Eba! Rebeca voltou!".

Então ele sabe que liguei e não fez nada. Não quer mesmo saber de mim, pensou, com uma pontada no coração. Tentou se recompor para descobrir por que Paul tinha mentido para a filha, então concordou, num tom de voz leve:

— Ah, é verdade, eu estava viajando. Como você vê, voltei!

— Que bom!

— Seu pai já foi para a Itália? — perguntou, apesar de já saber a resposta.

— Sim, foi ontem, e estou muito triste.

Ao escutar a voz triste da menina, Rebeca ficou comovida.

— E se a gente for comer hambúrguer no sábado, naquele lugar que você adora?

— Não posso. Sábado eu vou comer na casa da Natalia. Eu não queria, mas papai disse que eu tenho que ir porque Julia vai sair, e eu ainda sou pequena e não posso ficar sozinha.

— Claro, querida. Você ainda não tem idade para isso — concordou Rebeca, dando razão a Paul.

— Outro dia eu ligo para marcarmos de comer em algum lugar, está bem?

— Tá bom — murmurou a menina. — Não esquece.

— Não se preocupe. Vou ligar, prometo. Um beijo.

Quando desligou, Rebeca se sentia ainda pior. Estava péssima. Quem seria aquela Natalia?

Nunca tinha escutado seu nome enquanto estava com Paul. Ficou horas pensando naquilo, até decidir que precisava espairecer. Chamou a irmã e foram comer.

40

No sábado, acompanharam os treinos da MotoGP pela televisão e viram Paul marcar o melhor tempo, ganhando a vantagem de largar na pole. Passaram o resto do dia na rua. No domingo, levantaram-se um pouco mais cedo, deram um passeio com Pizza e, na volta, ligaram a televisão para ver a corrida. Miguel telefonou de Chicago, animado. Também tinha acordado mais cedo, mas ainda estava sonolento, dado o fuso horário. Conversaram um pouco e deram boas risadas, então desligaram para assistir à corrida.

A câmera passeava pela pista enquanto o comentarista falava dos pilotos e das equipes, até se deter em Paul, na pole. A viseira do capacete estava abaixada, ocultando o olhar. Em seguida, a câmera passou para Ivan, ao lado de Rita, que segurava uma sombrinha para protegê-lo do sol.

Cinco minutos depois, o sinal tocou e todos exceto os pilotos abandonaram a pista. Começaria em breve.

Após a volta de aquecimento, eles se alinharam no grid de largada, aguardando a luz verde.

Saíram a toda velocidade. Paul voltou a aprontar das suas, como nas corridas anteriores. Era o líder e não pretendia entregar sua posição a ninguém. Rebeca e Donna viam como ele se arriscava a cada curva e mal conseguiam falar, com as mãos cerradas e um aperto no peito. Segundo o comentarista, o estilo de Paul era agressivo e único, pois acionava o freio antes mesmo de sair das curvas e deixava a moto derrapar de maneira arrepiante.

Enquanto todos o observavam morrendo de medo, Paul parecia se divertir, inclinando-se até o limite. Era um piloto excepcional, que brincava com o perigo e, ainda que não acreditassem, sabia muito bem o que fazia. Terminou a corrida em primeiro, seguido por Ivan. Era o ano da Ducati. Não havia dois pilotos como eles, e a equipe acumulava pódios. Finalmente Rebeca pôde respirar.

— Meu Deus! Você precisa fazer alguma coisa, Rebeca — comentou Donna, preocupada.

Sentindo-se enjoada, Rebeca olhou para a irmã.

— Você ouviu o comentarista. É o estilo dele!

— Mas… você viu o que eu vi.

— Eu sei — murmurou Rebeca.

— Ele está louco? Viu como pilotava?

Rebeca se levantou, incapaz de suportar a dor na boca do estômago.

— Ele está arriscando demais.

Sem perder um segundo, ela correu até o banheiro para vomitar. Donna a seguiu, sem dizer nada.

Ao ver o que fazia, não conseguiu se conter.

— Isso não pode continuar assim. Olha o seu estado! — disse, assustada.

— Não comece — protestou Rebeca, secando a boca.

Mas Donna não ia ficar quieta.

— Vocês são loucos! Paul está brincando com a própria vida na pista e você aqui sofrendo ao ver as coisas que ele faz. Por favor! Não é de admirar que tenha vomitado!

— Só me traga um copo de água e fique quieta, por favor.

Donna obedeceu e voltou rapidamente.

— Tome. Estou falando sério, vocês precisam conversar. Ligue de novo. Meu Deus, ele vai acabar se matando! Você viu como está dirigindo. Não entendo muito de moto, mas está na cara que é muito arriscado. Ele tem uma filha!

— Eu sei.

— O que está acontecendo? Ninguém pensa na pobre menina? Vocês são dois idiotas, ouviu? I-D-I-O-T-A-S! — gritou.

— Tem razão — concordou Rebeca, sentindo tudo girar. — Mas nesse momento…

Não conseguiu terminar a frase. Caiu desacordada no chão.

— Rebeca! — gritou Donna, assustada. — Meu Deus!

41

Acordou no quarto, e logo ao abrir os olhos viu o rosto de Samuel. Não sabia o que acontecera, mas lembrou que tinha ido ao banheiro porque não se sentira bem e tudo começara a rodar.

— Oi — cumprimentou Samuel. — Como você está?

Ela sentiu a saliva viscosa, mas procurou se recompor.

— Bem. O que aconteceu? — conseguiu sussurrar, com dificuldade.

— Você desmaiou. Donna me ligou, assustada, e vim o mais rápido que pude. Cá entre nós, acho que sua irmã é que precisa de um médico. Está histérica.

— O quê? — perguntou Rebeca, sem entender nada.

— Estou brincando — esclareceu ele, depressa. — Estava tão nervosa quando cheguei que dei um calmante a ela. Mas não se preocupe, está tudo bem. Está lá embaixo com Carla. — Samuel afastou alguns fios de cabelo loiros do rosto de Rebeca. — Agora que está consciente, me diga o que sente.

— Estou bem… Só um pouco tonta.

Ele mediu sua pressão e viu que estava normal.

— Donna comentou que você anda muito nervosa, mal come, que está sempre enjoada e irritadiça.

— As coisas não andam muito boas, é verdade. Briguei com Paul e…

— Tenho certeza de que isso pode ser solucionado com um simples telefonema — interrompeu Samuel.

Rebeca queria matar Carla. Fofoqueira! Ele esboçou um sorriso.

— Sabe que gosto de você e me considero seu amigo, não? — Ela assentiu, e Samuel continuou:

— Que bom. Mas agora preciso agir como médico, então responda todas as perguntas que eu fizer, está bem?

Rebeca sorriu.

— Claro, doutor.

— Muito bem. Você lembra a data da sua última menstruação?

— Claro. Acho que foi… foi…

O olhar dos dois se cruzou. Quase sem voz, Rebeca murmurou:

— Não. De jeito nenhum! Não pode ser.

Com um sorrisinho, Samuel pegou um teste de gravidez da maleta.

— Vá ao banheiro e faça xixi aqui. Aí saberemos se pode ser ou não.

— Mas não pode!

— Vá e saberemos.

Com o teste em mãos, Rebeca foi ao banheiro. Olhou para si mesma no espelho e pôs a mão na boca para não soltar um grito. Não era possível! Não podia estar grávida. Como um robô, seguiu as instruções e saiu do banheiro. Entregou o teste e voltou para a cama, com cara de poucos amigos.

— Pode tirar essa expressão de dó do rosto ou juro que vou aí dar um tapa em você — protestou Rebeca, olhando para ele.

— Minha nossa! Carla e Donna estão certas: você anda muito irritada.

Com carinho e delicadeza, Samuel deixou o teste sobre o criado-mudo e se sentou na cama.

— Prefiro olhar para você com um sorriso no rosto do que com cara de preocupado, como quem encara um doente terminal, mas você escolhe. O que prefere?

— Prefiro o sorriso — respondeu ela, sorrindo também.

Samuel procurou distraí-la por alguns minutos, depois pegou o teste novamente.

— Quer olhar ou vejo eu?

Rebeca cobriu a cabeça com o lençol. Decidido, Samuel pegou o teste e, após alguns segundos, apenas tossiu.

— O que foi? Diga alguma coisa, pelo amor de Deus — gemeu Rebeca, tirando o

lençol do rosto.

— Parabéns, você vai ter um bebê.

Mordendo o travesseiro, ela suprimiu um gritinho.

— Paul vai ficar feliz quando souber — continuou Samuel. — Pode ligar para ele e resolver seus problemas. Se não me engano, ele mencionou que queria ter mais filhos.

Rebeca estava com a cabeça a mil. Grávida? Um filho?

— Ai, meu Deus… Um filho! Tem certeza? — perguntou ela, em um fio de voz.

— Sim. Você vai ser mãe de uma criança linda, que vai dar mais que dor de cabeça nos dois.

Ela se sentou na cama prestes a chorar e olhou para Samuel.

— Já está me dando uma bela dor de cabeça e ainda nem nasceu. Como pode ser? — gemeu Rebeca.

— Quer que explique? — brincou ele.

Ajeitando-se na cama, ela cravou o olhar em Samuel, muito séria.

— Paul e eu não estamos mais juntos.

— Fale com ele. Não seja tão teimosa.

Imagens de Paul com outras mulheres passaram pela cabeça dela. Ele andava saindo na impressa acompanhado das mulheres mais lindas. Pensando nisso, ela contraiu o rosto.

— Não quero — murmurou. — E não quero que descubra.

Samuel pegou a mão dela, sem poder acreditar.

— Carla me disse que foi uma briga à toa. Não pode ser grave.

— Pode, sim. Foi bem sério.

O desespero que viu nos olhos de Rebeca o comoveu.

— Desculpe a sinceridade, mas não acho justo esconder isso dele. Paul me

parece uma pessoa sensata e, pela maneira como olhava para você, muito apaixonado. — Ela não respondeu, e Samuel concluiu: — Não vou dizer mais nada. Você é quem deve decidir o que fazer. Embora seja bom se preparar para quando as duas feras lá embaixo ficarem sabendo.

— Ai, meu Deus! Nem me lembre disso! — Ela suspirou ao pensar em Carla e Donna.

— Não vou dizer nada, quem tem que fazer isso é você. Mas, como médico, recomendo que fique alguns dias de repouso, porque está muito fraca. Depois, quero ver você no hospital para fazer um ultrassom e ter certeza de que está tudo bem. — Samuel soltou a mão dela e acrescentou, com firmeza: — E isso você não pode recusar.

— Obrigada por tudo — disse Rebeca, enquanto ele guardava o medidor de pressão. — Pela preocupação também.

Ele sorriu.

— Não precisa agradecer. Você sempre ajudou Carla, e quero que saiba que, assim como pode contar com ela para qualquer coisa, também pode contar comigo. Se precisar de mim, sabe onde me procurar. — Antes de abrir a porta, ele brincou: — Agora se prepare, mamãe, porque as feras vão subir.

Dito isso, saiu. Donna e Carla entraram pouco depois, preocupadas. Ele se limitara a dizer que Rebeca estava apenas esgotada, sem entrar em detalhes.

— Que susto você deu na gente! — disse Donna, pegando a mão da irmã. — Está se sentindo bem?

Rebeca suspirou.

— Um pouco cansada, mas bem.

— Samuel disse que você tem que ficar alguns dias de repouso — comentou Carla. — Posso ficar aqui, se quiser.

— Não precisa. — Rebeca sorriu, olhando para a irmã e pensando na notícia que estava prestes a dar. — Posso garantir que não vou ficar sozinha.

— Não vai ter um minuto de sossego comigo aqui — garantiu Donna, cobrindo-a com o lençol.

— Espero que Samuel tenha dito que você está trabalhando muito e precisa

descansar. Não estou gostando nada dessas olheiras. Isso porque ele nem sabe do resto.

— Que resto? — perguntou Carla.

— E o que mais seria? Aquela história do Kevin — lembrou Donna, inconformada.

— Claro, claro. Não sei onde eu estava com a cabeça para esquecer uma coisa dessas —

desculpou-se Carla.

Rebeca, que as observava atentamente da cama, começou a rir. As duas olharam sem entender.

Entre gargalhadas, ela esclareceu:

— Vocês são inacreditáveis. E, para complicar ainda mais as coisas, tenho que confessar que o pobre do Samuel acaba de me dizer que estou grávida. Dá para acreditar?

— O quê? — gritaram as duas, em uníssono.

Rebeca deu de ombros, embora parecesse preocupada.

— Como assim? — gritou Donna.

— De quanto tempo? — perguntou Carla.

Ao ver a cara das duas, Rebeca tocou a barriga pela primeira vez. Ia ser mãe! Imediatamente, sentiu-se feliz e satisfeita. E pensar que uma pequena vida crescia dentro dela…

— Não sei. Estou tão surpresa quanto vocês. Fiquei de ir ao hospital daqui a uns dias para saber mais. Não é maravilhoso?

— Preciso de outro calmante — sussurrou Donna.

Vendo como Rebeca olhava para a irmã com um sorriso no rosto, Carla abriu os braços e se lançou sobre ela.

— Parabéns! — gritou, abraçando-a.

Segundos depois, estavam as três unidas em um abraço caloroso, rindo ao pensar

que o enjoo de Rebeca ainda duraria mais alguns meses.

— E Paul? O que será que ele vai dizer? — perguntou Donna.

O sorriso de Rebeca sumiu na mesma hora.

— Ainda não quero falar disso. Acabo de saber, preciso digerir a notícia.

Carla pegou de novo suas mãos e olhou no fundo dos seus olhos.

— Se lembro bem, há alguns meses você me disse que Samuel tinha o direito de saber que eu estava grávida dele.

— É diferente.

— É nada — retrucou Carla. — Você tem que contar. Paul é um cara legal e sempre comenta com orgulho que criou Lorena sozinho. — Ao ver que a amiga a encarava, Carla finalizou: — Mas, não importa o que você decidir, vou ajudar em tudo o que puder.

— Eu também — disse Donna. — Faça o que fizer, decida o que decidir, vou estar sempre do seu lado. Mas concordo com Carla.

Com os olhos cheios de lágrimas e morrendo de medo, Rebeca olhou para aquelas duas que tanto amava.

— Obrigada — sussurrou. — Sei que posso contar com vocês, mas tenho que fazer isso sozinha.

Pouco depois, Samuel voltou e os risos tomaram conta do quarto. Quando por fim ficou sozinha, Rebeca pensou em Paul. Por que ele não ligava de volta? Por que saía na imprensa com todas as modelos do mundo? Talvez ela devesse aceitar, por mais que doesse, que o amor que ele acreditara sentir por ela nunca existira.

Ficou pensando o que fazer quanto à gravidez. Tinha a obrigação moral de contar, mas uma parte sua a impedia. O bebê era seu. Se Paul não queria ficar com ela, por que iria querer o bebê?

Quando pousou as mãos na barriga inexistente, acariciou-a com carinho e sorriu. Imaginou aquela mesma notícia algum tempo antes: Paul teria ficado louco de alegria.

Do jeito que as coisas estavam agora, não sabia como ele reagiria. Pensou, pensou e pensou.

Após rolar na cama por um bom tempo e pesar os prós e os contras, decidiu que era melhor contar.

Paul sempre havia se portado bem, e agora era o momento de ela fazer o mesmo, não importava como estivessem as coisas entre eles.

42

No dia seguinte, Angela ficou assustada ao saber que Rebeca tinha passado mal. Donna não quis contar da gravidez porque sabia que isso cabia à irmã, então a própria Rebeca deu a notícia. Angela quase desmaiou, mas logo depois começou a brincar com a ideia, imaginando a criança correndo pela casa com Pizza.

Que maravilhoso!

Como era de se esperar, Angela perguntou se Paul já sabia. Donna deu uma cotovelada nela.

Rebeca riu diante daquela falta de discrição e explicou que ele ainda não sabia de nada, mas fez Angela prometer que não contaria se por acaso o visse. Ela mesma tinha que fazer aquilo. A mulher concordou, de má vontade. Deixando Angela e Rebeca conversando, Donna foi à floricultura e comprou um buquê enorme de rosas vermelhas, as preferidas da irmã, que merecia aquilo e muito mais. Pouco depois, Rebeca ligou para o escritório para avisar que ficaria afastada alguns dias a pedido médico. Preocupada, Belém fez um milhão de perguntas a Carla, que, sem saber o que dizer, sugeriu irem juntas visitar Rebeca na hora do almoço. Quando o sr. Peterson chegou e soube sobre a licença médica, decidiu ligar para Rebeca.

Donna atendeu.

— É Thomas Peterson — disse ela à irmã.

Surpresa que o chefão estivesse ligando, Rebeca pegou rapidamente o telefone.

— Oi, Thomas.

— Rebeca, querida — cumprimentou ele, afetuosamente —, fiquei sabendo que está de licença. O

que houve?

Ela ficou pensando no que dizer e acabou optando pela verdade, já que mais cedo ou mais tarde ele ficaria sabendo.

— É que… fiz um teste e… estou grávida.

Thomas ficou surpreso.

— Parabéns! E ao pai também, embora não seja muito conveniente para a empresa.

Rebeca suspirou. Não podia perder o emprego, mas entendia o que ele queria dizer.

— Eu sei, Thomas… Eu sei.

— Agora você terá trabalho em dobro, se me permite dizer. Não vai ser fácil administrar um filho e um cargo como o seu.

Surpresa com o comentário e agradecida pelo voto de confiança, ela disse:

— Obrigada. Muito obrigada. Infelizmente, tenho que ficar afastada alguns dias, mas vou trabalhar de casa, claro.

— Por favor, fique tranquila. Não se preocupe com o trabalho. — Mudando o tom de voz, ele acrescentou: — Aliás, se importaria se eu fizesse uma visita? Tenho um assunto importante para

discutir com você.

— Será um prazer — respondeu Rebeca, perguntando-se o que seria.

Após conversarem mais um pouco, ela desligou.

— Quem era? — perguntou Donna.

— Meu chefe. Quer vir me visitar. Estranho, não acha?

A irmã a encarou de um jeito esquisito.

— Sei. Ele está dando em cima de você? Quantos anos tem?

— Não seja boba. É bem mais velho, casado, com netos — explicou Rebeca, achando graça.

— São os piores. Lobos em pele de cordeiro.

Rebeca soltou uma gargalhada e bateu com a almofada na irmã.

— Não sei nem por que ainda levo você a sério!

Às duas da tarde chegaram Carla e Belém, com flores e balões. Quando Rebeca contou a novidade à secretária, ela a abraçou emocionada e lhe deu os parabéns. Ficaram conversando e rindo por uma hora, então tiveram que voltar ao escritório. Às cinco chegou Peterson, também com flores. Após as apresentações, Donna e Angela deixaram os dois sozinhos.

— Antes de tudo, Rebeca, quero que saiba que fiquei muito contente com a notícia. Mas não vou mentir. Vou continuar esperando o mesmo de você: muito trabalho.

— Não se preocupe, Thomas. Pode contar comigo. Vou provar que as mulheres são capazes de trabalhar, engravidar, ter filhos e continuar produtivas. Sem aquela bobagem de que a gravidez nos amolece e coisas piores.

Thomas sorriu. Rebeca era motivada e inteligente, por isso gostava tanto dela.

— Espero que você e o pai estejam felizes com a notícia.

— Estamos, sim — respondeu ela, mentindo descaradamente, sem tirar o sorriso do rosto.

Thomas olhou para ela. Sabia mais do que Rebeca podia imaginar, mas não ia se meter onde não era chamado. Ele respirou profundamente e se aproximou.

— Você deve ter estranhado quando eu disse que precisávamos conversar, não?

— Um pouco. Mas volto a dizer que, apesar da gravidez, pode contar comigo — disse ela, com sinceridade.

— Não se preocupe com isso. Bom, agora que estou aqui, não sei por onde começar — disse Peterson, baixinho. Parecia incomodado.

Aquilo deixou Rebeca nervosa. Ela começou a pensar se poderia ser verdade o que Donna tinha insinuado de brincadeira. Então ele retomou a palavra.

— Primeiro, quero pedir desculpas por tudo o que está acontecendo. — Rebeca não entendeu, então Peterson explicou: — Com Cavanillas. Sei de tudo. Sei que ameaçou você, e só posso dizer para ficar tranquila. Estamos a um passo de pegar o farsante em seu joguinho sujo.

— O quê? Você sabe disso? Desde quando? — perguntou ela, com os olhos arregalados.

— Faz uns meses — confessou o homem. — Encontraram uma escuta quando mandei pintar meu escritório. Chamei a polícia e eles assumiram o caso.

— Mas como sabe que Cavanillas me ameaçou? — perguntou Rebeca, ainda boquiaberta.

— Temos uma equipe policial cuidando do assunto — prosseguiu ele. — São agentes excepcionais.

Ao ver que olhava para ela com um sorriso no rosto, Rebeca perguntou:

— Pipe está no caso?

Peterson assentiu.

— Desde antes de vocês pedirem ajuda a ele. Mas o que você já tinha descoberto foi de muita utilidade. Então ele teve uma boa desculpa para vigiar você melhor.

— Minha nossa…

— Sinto informar que os telefones da empresa foram todos grampeados. Era preciso. — Peterson se levantou e foi até a janela. — Eu não conseguia entender por que havia uma escuta no meu escritório. Administro uma empresa de tecidos e não conseguia imaginar quem estaria interessado nas minhas conversas. Sinto muito mesmo, mas eu não podia contar a ninguém.

— Eu compreendo — sussurrou Rebeca.

— Você era a mais nova no alto escalão, e a polícia me deu instruções específicas para que não lhe contasse nada. Até que um dia o canalha ligou para você e soubemos das ameaças.

Rebeca recordou aquele momento. Tinha sido no mesmo dia em que recebera as malditas fotos.

— Então tudo começou a se encaixar — continuou Peterson. — Sei que você contratou um detetive e ele conseguiu levantar certas informações.

Embora desejasse um cigarro, Rebeca apenas assentiu e continuou escutando.

— Deve ter sido horrível descobrir com quem seu irmão tinha se casado.

Ela fechou os olhos. Kevin ficaria arrasado.

— Bom, sabemos que Cavanillas de tempos em tempos manda mercadoria do nosso depósito a diferentes pontos da Europa, embora na realidade o que importe seja a cocaína que impregna no tecido — prosseguiu Peterson. — Ele está associado a um tal de Brian Newton e à prostituta chamada Tatiana Ratchenco, que, como você bem sabe, se casou com seu irmão, infelizmente. —

Nesse momento, Rebeca não conseguiu conter as lágrimas. Peterson perguntou, preocupado: —

Você está bem? Quer que eu continue ou…?

Enxugando o rosto, Rebeca tirou forças não sabia de onde e respirou fundo antes de dizer:

— Quero que continue. Preciso saber toda a verdade.

Ele assentiu.

— Cavanillas consegue tirar a mercadoria do depósito com ajuda de Pascual. Paga um bom dinheiro a ele por isso. O salafrário também encomendou a morte de Ricardo a alguns conhecidos de Tatiana.

— Meu Deus!

— Faz um mês que operários encontraram um cadáver em Alcobendas, entre os escombros de um incêndio. A princípio a identidade do homem era desconhecida, mas a arcada dentária foi analisada e descobriram se tratar de Ricardo.

— Eu lembro o que ele disse a Cavanillas — sussurrou Rebeca. — Algo como "Se eu cair, você também cai".

— Sim — confirmou Peterson. — Essas palavras me intrigaram na hora, mas só relembrei isso quando a polícia identificou o corpo. Rebeca, acredite em mim, fazia tempo que eu queria contar

tudo a você, mas nunca encontrei o momento oportuno. Falei com a polícia e eles me pediram paciência. Não era a hora. Então, quando o amigo de sua irmã me contou que vocês o tinham procurado, decidi revelar tudo. Cheguei ao escritório hoje com essa intenção, mas me assustei ao saber que você estava de licença médica. Pensei que o louco do Cavanillas tivesse feito alguma coisa contra você, mas felizmente me enganei. Seu repouso tem um excelente motivo — disse ele, sorrindo. — A partir de agora, não quero que se preocupe com nada. Você não

está sozinha.

Rebeca não sabia o que dizer. Sua cabeça trabalhava freneticamente.

— Acho que também devo lhe pedir desculpas — disse ela. — Eu sabia de informações que importavam à empresa, mas não disse nada, com medo de que ele fizesse algo a meu irmão.

— Não se preocupe, a responsabilidade é minha. Você estava de pés e mãos atados. Além do mais, em seu lugar, eu certamente teria feito o mesmo. Também tenho uma família que amo muito e procuraria protegê-los a todo custo.

— Obrigada, Thomas.

Os dois se olharam com cumplicidade, e ele tentou diminuir a tensão no ar:

— O fato de você e sua irmã conhecerem Felipe, ou Pipe, como o chamam, foi uma sorte.

— Ele não nos contou nada.

— Como bom profissional que é, pois não podia contar. Ele foi essencial para que soubéssemos onde você estava a cada momento.

— Pipe é amigo da minha irmã. Foi ela quem pensou em falar com ele. Parecia mesmo que ele estava sempre por perto. Até cheguei a pensar que estava forçando a barra. Pobrezinho. Devo um pedido de desculpa a ele.

Rebeca sorriu ao entender o motivo daqueles insistentes encontros e convites a Donna e a ela.

— Não se preocupe, ele fez isso com prazer.

Donna e Angela entraram no quarto, e Peterson se levantou.

— Bom, tenho que ir — disse ele. — Se precisar de algo, me ligue. E não se preocupe com o trabalho. Você tem uma boa equipe cuidando de tudo na sua ausência.

— Obrigada — disse ela, com um sorriso.

— E se cuide, por favor. É nisso que você precisa se concentrar agora. E não esqueça que não está sozinha. — Após se despedir de Angela e Donna, ele acrescentou: — Até logo. Vou me manter informado do seu estado.

Rebeca ficou olhando para a porta depois que ele saiu. O que tinha acabado de saber era muito impactante, mas, graças a Deus, não era mais algo que ela precisava enfrentar sozinha.

— O que ele queria? — perguntou Donna, surpresa com aquela história de Rebeca não estar sozinha.

— Se eu contar, você não vai acreditar — sussurrou ela, fazendo um sinal para que ficasse quietinha. Mais tarde explicaria tudo.

Dias depois, foram ao hospital. Após alguns exames, Samuel informou que Rebeca estava de sete semanas. Ela sorriu, emocionada.

43

Duas semanas se passaram desde que Rebeca ficara sabendo que seria mãe. Donna ia voltar a Chicago, e Rebeca foi ao aeroporto se despedir. Enquanto observava com tristeza a irmã despachar a bagagem, desejou poder ir com ela. Sentiria falta das brincadeiras, do bom humor constante e do carinho. Mas não podia ser egoísta. A milhares de quilômetros estavam um homem maravilhoso e uma menininha encantadora que a esperavam ansiosamente. O tempo que a irmã passara com ela tinha sido repleto de surpresas de todo tipo. Rebeca estava perdida nesses pensamentos quando a ouviu dizer:

— Por que não vai passar uns dias em Chicago?

Rebeca riu da ideia.

— Está louca? Quer que me mandem embora do trabalho? Eu adoraria, mas não é um bom momento.

— Verdade.

— Além disso, Kevin vai precisar de alguém ao lado quando descobrir tudo.

Donna xingou ao ser lembrada daquilo.

— Tem razão. Mas, quando estiver tudo resolvido, vocês deviam passar uns dias na minha casa.

Seria muito divertido.

— Prometo que farei isso assim que puder. Estou louca para encher Maria e Miguel de beijos e abraços.

Pensando no marido e na filha, Donna abriu um enorme sorriso.

— Estou morrendo de saudade. — Então perguntou: — E quanto a Paul? Vai ligar para ele?

Rebeca franziu o cenho.

— Sinceramente, não sei. Tenho que pensar. Mas não se preocupe: você vai ser uma das primeiras a saber quando eu tiver decidido o que fazer. Prometo!

— Está bem. E vamos nos falar com mais frequência. Quero acompanhar de perto como anda meu futuro sobrinho — disse Donna, levando a mão à barriga ainda inexistente da irmã.

— Vou dar notícias. Não se preocupe.

Chegou a hora de embarcar. As duas se abraçaram, os olhos cheios de lágrimas, como sempre.

Mas logo se veriam, se Rebeca cumprisse a promessa.

Voltou direto para casa, onde se acomodou na poltrona e pegou alguns papéis que Belém tinha lhe levado para que desse uma olhada. Quando se levantou para pegar uma caneta, viu um porta-copos com o nome de um pub. Sorriu. Sua irmã, Pipe e alguns amigos tinham saído para se despedir. Sob o olhar atento de Pizza, Rebeca voltou para a poltrona.

Depois de mais ou menos uma hora concentrada no trabalho, a campainha tocou. Era Carla, com Noelia e o pequeno Nicolas, chamando-a para dar uma volta. Rebeca disse que não tinha vontade, o

que não surpreendeu Carla, mas acabou cedendo e subiu para se trocar. Foram ao parque, onde Noelia brincou com outras crianças enquanto o bebê dormia tranquilamente no carrinho.

— Como você está? — perguntou Carla.

— Bem, embora um pouco triste. Saudade de Donna.

Carla sussurrou no ouvido dela, em um tom cúmplice:

— Por isso é que fui buscar você, sua tonta. Sabia que estaria tristinha sem aquela maluca.

Rebeca sorriu, apesar da angústia que sentia.

— É uma droga que ela more tão longe, e fico ainda mais triste agora que estou sensível.

— Claro. Quando eu estava grávida, queria ter todo mundo que amava bem perto de mim. Por sorte, tinha você.

— Agora eu é que vou precisar de você.

Carla deu um beijo carinhoso nela.

— Pode contar comigo. E com Samuel também. Ele me pediu que dissesse isso caso o assunto viesse à tona.

Rebeca sorriu.

— Samuel é um homem bom. Que sorte a sua de ter conhecido alguém assim! Ele ama muito você.

— E eu o amo muito. Mas você também conhece alguém que te ama muito — provocou ela. — É

só ligar.

— Se isso fosse verdade, ele não pareceria tão feliz com Davidinova e todas as outras.

— Por favor, Rebeca. Paul é piloto, está sempre rodeado desse tipo de gente. Não acredite em tudo o que sai nas revistas de fofoca. Tenho certeza de que vai ficar radiante quando souber do bebê.

— Quem dera fosse simples assim… — Carla pareceu surpresa. — Eu liguei há um tempo e ele não retornou. Deve ter me esquecido.

— Impossível.

— É como você mesma disse, Paul está sempre rodeado de mulheres deslumbrantes, e eu…

— E você o quê? — cortou a amiga. — Você é você e ponto final. O que elas têm que você não tem?

Rebeca sorriu.

— Para começar, dez centímetros a mais de altura, sutiãs maiores… Quer que eu faça uma lista?

As duas riram. Rebeca prosseguiu:

— E uma coisa é muito clara para mim: se ele quiser voltar comigo, vai ter que ser por minha causa, não pelo bebê.

— Mas Paul tem o direito de saber que vai ter um filho.

Rebeca assentiu, reconhecendo que ela tinha razão.

— Não estou com vontade de contar agora. Mas fique tranquila: cedo ou tarde vou acabar fazendo isso.

Carla pegou as mãos da amiga com delicadeza.

— Por experiência própria, posso dizer que agora vai precisar de Paul mais do que nunca.

Ninguém, nem mesmo eu, por mais que tente, vai poder ajudar você tanto quanto ele. Ligue de novo. Faça um esforço, por favor.

— Preciso de um tempo, Carla — disse Rebeca, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto observava Noelia brincando com as outras crianças.

Rebeca voltou ao trabalho e à rotina, só alterada pelo fato de que vomitava toda manhã, várias vezes. Havia dias bons e dias não tão bons. Angela estava impressionada com sua palidez, mas sempre recordava que o incômodo logo passaria, algo por qual Rebeca ansiava.

Naquele dia, Belém passou uma ligação de Kevin para Rebeca.

— Oi! Como você está? — perguntou ela.

— Bem, irmãzinha. Mas acho que eu é que devo perguntar isso.

Rebeca se recostou na cadeira e suspirou.

— Estou cansada de me sentir mal, com o estômago sempre revirando.

— Não se preocupe, vai passar assim que o bebê se ajeitar no útero. Você vai ver.

Ela achou graça na segurança com que ele falava.

— Como pode saber disso? Por acaso virou médico?

Kevin soltou uma gargalhada.

— Por um acaso também vou ser pai, e estou lendo todos os livros que posso sobre gravidez e bebês. Tenho a resposta para todas as suas perguntas. É só me consultar.

Rebeca gargalhou. Kevin era incrível. Ela ficava com o coração partido só de pensar no que ele descobriria sobre sua adorada esposa.

— Pode rir, sua boba, mas estou aprendendo muito. Agora me diga: já falou com o dito-cujo?

Ai, ai... mais um para encher meu saco, pensou Rebeca.

— Não. Ainda não é hora.

Kevin sabia como era difícil que sua irmã fizesse o que os outros mandavam.

— Não existe hora, é só você querer. O momento certo nunca vai chegar, se é isso que você está esperando. Então por que não pega o telefone logo? Ou, melhor ainda, vá até a casa dele e conte pessoalmente.

— Você fala como se fosse fácil!

— Não é questão de ser fácil, Rebeca. É questão de querer. E querer é poder, você sabe.

— Talvez, mas nem quero nem posso. E, se não se importa, isso é algo que *eu* tenho que decidir quando fazer. Não acha? — replicou ela, cansada de ter que se explicar o tempo todo.

— Claro. Captei a mensagem. Vou ficar quietinho!

Fez-se um silêncio incômodo.

— E como está Bianca? — ela se viu forçada a perguntar.

— Ótima, mais linda que nunca. Diferente de você, não sente enjoos nem nada. É uma leoa!

E uma farsante, pensou Rebeca.

— Que bom para ela. De quanto tempo está?

— Esta semana entra no quarto mês. Estamos na sua frente! — brincou Kevin, fazendo Rebeca rir. — Na verdade, liguei para dizer que vou à Espanha, mais precisamente a sua linda casinha, na semana que vem, passar uns dias com você.

— Por quê? — perguntou ela, surpresa.

— Porque quero ver você. Algum problema?

— Não, nenhum. Estou louca para ver você.

— Bianca vai viajar pela empresa. Falei com Donna outro dia e pensei em correr com o trabalho essa semana para poder ficar com você. Se não tiver problema, claro.

— Não seja bobo! Claro que vou amar passar um tempo com você. Quando chega?

— Na terça, às sete da noite.

— Perfeito. Encontro você lá. Até terça.

Ela estava radiante quando desligou. O que Donna teria dito para que ele decidisse visitá-la?

Com um sorriso no rosto, decidiu não pensar naquilo. O importante era que Kevin estaria com ela, bem longe daquela mulher horrorosa. Cinco minutos depois, ligou para Peterson para informar que o irmão iria à Espanha e, principalmente, que Bianca ia viajar. Não podia ser coisa boa. Ele entrou em contato com a polícia imediatamente. Tinha certeza de que aquilo ajudaria na investigação.

44

Kevin chegou na terça-feira, lindo como sempre. Jantaram em casa naquela noite, enquanto ele contava uma infinidade de coisas sobre gravidez que havia aprendido nos livros. Quando ele falou de Bianca, Rebeca ficou arrepiada ao perceber como o irmão estava apaixonado. Às onze horas, entre risos e vários bocejos, ela confessou que andava pegando no sono em qualquer lugar, a qualquer hora. Kevin sorriu e explicou que era normal durante a gravidez.

No dia seguinte, ela saiu para trabalhar enquanto ele ainda dormia. Ao meio-dia, ligou do escritório, mas Angela disse que Kevin estava no banho, cantando a todo volume. No fim da tarde, quando chegou em casa, sorriu ao encontrar Kevin e

Angela dançando ritmos latinos na sala.

Minutos depois, os três se arriscavam no *reggaeton* entre risos, enquanto Pizza corria por toda a casa, latindo como uma louca.

Naquela noite, Kevin sugeriu que jantassem fora, e foram comer crepe. Era cedo quando terminaram, e Rebeca ainda não estava com sono, então decidiram ir a um bar. Ele escolheu o lugar, e ela ficou surpresa com seu conhecimento dos estabelecimentos de Madri.

À meia-noite decidiram ir para casa, pois Rebeca não aguentava mais. Enquanto esperavam pelos casacos na chapelaria, ela ouviu uma voz conhecida às suas costas. Virou-se para ver quem era e ficou arrepiada ao reconhecer Ivan. Tentou escapulir antes de ser vista, mas era tarde demais: dois segundos depois, Rita apareceu ao seu lado.

— Rebeca! Que surpresa!

— Oi, Rita.

— Tudo bem?

— Tudo… — Vendo que o marido dela se aproximava, Rebeca cumprimentou educadamente: —

Oi, Ivan. Este é Kevin, meu irmão. Rita e Ivan são amigos de Paul.

Kevin estendeu a mão.

— Não me diga que você também é piloto — disse ele, com sua inegável simpatia. Ivan assentiu, então ele continuou: — Fico alucinado vendo vocês correrem. Não sei se seria capaz de pilotar assim.

— É uma questão de prática — respondeu Paul, unindo-se ao grupo, de braço dado com uma morena muito sensual.

Ao vê-lo tão perto, Rebeca ficou petrificada. Madri era grande, como podiam se esbarrar tanto?

Com o coração a mil, ela o encarou como pôde. Paul estava impressionante, com o cabelo mais comprido e uma combinação de camisa escura e calça jeans que o deixava sexy. *Muito* sexy.

Kevin o cumprimentou, animado. Então Rebeca viu Rita dar uma piscadela e

compreendeu que aquele encontro tinha sido armado.

Vou matar você, pensou, assistindo à cena.

— Paul! Quanto tempo! Como vai?

— Bem, muito bem. E sua linda esposa? — ele quis saber, ainda sem olhar para Rebeca.

Ela bufou ao ouvir aquela pergunta, embora Paul não soubesse sobre as investigações.

— Está viajando a trabalho. Vim com minha irmã. Lembra dela?

Paul olhou vagamente para Rebeca, tentando não parecer muito interessado. Por dentro, morria de vontade de abraçá-la e beijá-la, mas sua fachada era de frieza absoluta.

— Oi, Rebeca. Tudo bem?

— Tudo — ela conseguiu responder, enquanto a mulher com um decote revelador apertava o braço dele, demarcando território.

— Já estão indo? — perguntou Rita. — Por que não ficam um pouco com a gente?

— Não vai dar — disse Rebeca, olhando para o irmão, que parecia se divertir. — Estou cansada e preciso…

Ignorando o que ela dizia, Paul deu um tapinha nos ombros de Kevin.

— Venha — disse ele, de um jeito descontraído. — Vai ser divertido. Você não pode recusar.

— Só um drinque — concordou Kevin, virando-se para a irmã, que o fulminava com os olhos.

Não era o lugar nem o momento de dar escândalo, mas quando ficassem sozinhos, Kevin ia ver só. Rebeca transparecia o desconforto que sentia, e Paul, que estava tão surpreso quanto ela com o encontro, achava graça naquilo.

— Certo — disse ela, vendo-se obrigada a aceitar. — Só um drinque.

Kevin pediu um uísque para si e um suco de abacaxi para Rebeca, que o corrigiu,

dizendo que beberia o mesmo que ele.

— Está louca? — sussurrou ele no ouvido dela, sem se tocar que Rita estava perto demais e poderia ouvi-los. — Você não pode beber.

— Eu sei, seu mala — sussurrou ela em resposta, vendo que Paul olhava para eles —, mas não posso pedir um suquinho se todo mundo vai beber. Aliás, juro que você vai me pagar por isso.

Kevin não estava gostando nada daquilo, mas assentiu.

— Tudo bem. Mas não quero ver você bebendo, entendeu?

Rebeca só sorriu em resposta.

Ivan chegou com as bebidas.

— Aqui estão.

Só para irritar o irmão, Rebeca levou o copo à boca.

— Obrigada, Ivan.

Foi só molhar os lábios e ela enrugou o nariz, sentindo o amargor. Se não fosse pelo bebê, teria tomado aquilo de qualquer jeito. O momento pedia um drinque. Uma música lenta de Alejandro Fernández tocava, e o clima, a presença de Paul e o sono que sentia a deixavam meio alterada.

Me dediqué a perderte

Y me ausenté en momentos que se han ido para siempre

Me dediqué a no verte

Y me encerré en mi mundo y no pudiste detenerme

— Merda. Tinha que tocar justamente essa música? — sibilou Rebeca.

Ela ainda lembrava o dia em que dançara com Paul na sala. Como tinham se beijado, se abraçado, feito amor.

— Venha, vamos dançar — disse Kevin, se animando. Ele tirou o copo de uísque da mão dela e a levou para a pista. Ao se afastarem, ele a encarou como um pai superprotetor. — Olha, Rebeca, talvez a gente não devesse ter ficado, mas este pode ser o momento certo de que você precisa. Ele está aqui. Aproveite — disse

Kevin, olhando para Paul, que conversava com a morena.

— Vou matar você quando sairmos daqui, seu falso — disse ela, com raiva da armação. — Não estou interessada em falar com ele. E não vê que está ocupado com a coelhinha da *Playboy*?

— Você parece bem enciumada para quem diz que não está interessada.

Ela não conseguia tirar os olhos de Paul e da mão dele apoiada na cintura da morena.

— Quer saber? Vá à merda!

— Tudo bem… — Kevin sorriu.

Cada vez mais mal-humorada, ela cravou as unhas no braço dele.

— Você não disse a Rita que…?

— Nãããão — respondeu rapidamente o irmão. — Você é que deve contar a ele.

Desesperada, ela murmurou:

— Como pôde me meter nessa, hein?

— Alguém tinha que fazer isso por você.

— Por mim? — gritou Rebeca, querendo matá-lo. — Eu liguei para Paul e ele não retornou. E

agora você ligou no meu lugar e ele apareceu com todos os amiguinhos para me ver?

Kevin ficou surpreso com a fúria dela.

— Não, ele não sabia de nada. E, antes que continue me insultando, fique sabendo que Donna me passou o telefone de Rita.

— Magnífico! — bufou ela ao descobrir aquilo.

— Deixe de bobagem e pense direito. Ele está aqui. Conte.

Cada vez que olhava para Paul, o humor de Rebeca piorava. Ele só tinha olhos e sorrisos para aquela mulher, que o tocava o tempo todo, com a maior intimidade. A ponto de explodir, ela parou de dançar.

— Vamos para o bar. Estou com sede, para dizer o mínimo.

Com um sorriso carinhoso, Kevin levantou o queixo dela.

— Falando nisso — sussurrou —, não quero que tome nem um golinho de uísque. Meu sobrinho não vai nascer cheio de problemas por causa da descerebrada da mãe.

Ela teve vontade de pular no pescoço dele.

— Olha, Kevin, amo este bebê mais do que tudo. Você não precisa me dizer que não devo beber.

Já falei que só pedi uísque para não dar bandeira! Então beba você aquela merda e vamos embora daqui.

De mãos dadas, eles voltaram à mesa, onde Paul e os outros riam e aproveitavam a noite. Rebeca de vez em quando olhava disfarçadamente para ele. Como evitar? Ele estava lindo demais! E, para seu desgosto, parecia estar se divertindo muito com a peituda.

Mas era só uma fachada. Paul sofria ao vê-la ali e não poder se aproximar. Notou que estava mais magra e um pouco pálida. Quis ir falar com ela, mas se sentiu inibido pela cara de poucos

amigos dela. Não queria incomodar.

Parecia coincidência demais terem se encontrado. Então Paul deduziu o que tinha acontecido: Rita e Ivan deviam ter armado aquilo.

Rebeca se levantou para ir ao banheiro, e Rita se ofereceu para acompanhá-la. Lá, com a luz forte do espelho, ela viu as olheiras de Rebeca.

— Você está bem?

— Não — respondeu ela, sem paciência. — Não acredito que você e meu irmão armaram este encontro.

— Ele me ligou.

— Mas Rita… você sabe que… — murmurou ela, desesperada para fugir dali.

— Só sei que Paul precisa de você e, pelo que seu irmão disse, que você não está muito melhor.

Rebeca não conseguia parar de pensar na morena peituda, de quem Paul não tirava a mão.

— Estou vendo o quanto que ele precisa de mim — debochou.

— Aquela mulher não significa nada, posso garantir. — Rita olhou bem para ela e perguntou: —

Você está com olheiras enormes. Está tudo bem mesmo?

— Muito trabalho. Deve ser isso.

— Talvez você devesse pegar mais leve. Não acho que olheiras assim sejam um bom sinal para ninguém — disse Rita, pegando o estojo de maquiagem na bolsa. — Aqui. Passe um pouco, vai disfarçar.

Rebeca aceitou.

— Obrigada. Ficou melhor?

— Sinceramente, sim.

Rita tinha entreouvido a conversa de Rebeca com Kevin, mas não sabia como confirmar suas suspeitas. Rebeca reparou na maneira como a olhava e, pelo espelho, notou que o olhar da mulher recaía sobre sua barriga.

— Sabia que estou fazendo um curso de paraquedismo? — inventou depressa.

Surpresa, Rita disfarçou.

— Sério?

— Sim.

— E não tem medo?

— Nem um pouco — continuou Rebeca, e seguiu com a mentira sem nem pensar direito: — Eu gosto de esportes radicais. Adoro me jogar e sentir que meu estômago vai sair pela boca.

Rita assentiu, surpresa. Quando ia perguntar alguma coisa, a outra encerrou a conversa:

— Estou pronta. Vamos?

Voltaram à mesa, mas Paul não estava ali. Ela logo o localizou na pista, dançando de um jeito muito sensual com a morena. Ficou encarando os dois e quase gritou ao ver que a mulher enfiava o nariz no pescoço de Paul e lhe dava um beijo. Foi quando a fúria a dominou.

— Vamos agora mesmo! — exigiu, virando-se para o irmão.

Kevin olhou para a pista e compreendeu por que ela estava tão alterada. Não devia ser fácil ver aquilo.

— Tudo bem, irmãzinha. Você que manda. Só quero que saiba que está perdendo uma ótima oportunidade de falar com ele.

— Eu não quero falar com ele! — E, apontando para os dois, que sorriam na pista, ela grunhiu:

— E acho que ele também não tem nenhum interesse em falar comigo neste momento.

Kevin voltou a olhar e assentiu.

— Confesso que a mulher é mesmo maravilhosa. Que corpaço! — brincou ele, fazendo a irmã perder a paciência.

— Kevin, você é um…

Mas ele não a deixou terminar a frase.

— Só mais uma música e vamos. Pode ser? — disse, já a puxando para a pista.

Ele continuou brincando com a irmã até que alguém se aproximou. Era Paul, acompanhado pela morena e propondo uma troca de pares, para desgosto de Rebeca. Que ideia absurda! Não queria dançar com ele. Horrorizada, ela lançou um pedido de ajuda ao irmão com os olhos, mas Kevin apenas sorriu, pegou a morena pela cintura e começou a dançar com ela. Quando ele se afastou, sem olhar para trás, Paul se aproximou e pegou Rebeca pela cintura também. Gostava de tê-la tão perto e poder sentir seu cheiro maravilhoso. Durante alguns minutos que para Rebeca pareceram horas, os dois se mantiveram calados.

— Como vai o trabalho? — perguntou ele, quebrando o gelo.

— Puxado, como sempre. E Lorena?

— Um pouco resfriada. De resto, ótima.

Mais um silêncio incômodo.

— Ela me ligou há algum tempo, parecendo meio chateada. Não queria comer na casa de uma tal de Natalia.

Paul estranhou que a filha não tivesse mencionado aquela ligação.

— Entendo — respondeu ele, com um sorriso frio. — Natalia cozinha muito mal. Julia estava com um problema na família, minha mãe não podia vir e Elena estava fora. Eu tinha que viajar e não podia levar Lorena comigo. Por isso ficou com Natalia. Mas já a compensei por isso. — Paul sorriu ao pensar na filha.

— Você podia ter me ligado. Eu adoraria ter ficado com ela.

Ele se afastou um pouco.

— Acho que não seria uma boa ideia — disse Paul, soltando a raiva acumulada.

— Por quê? — Rebeca quis saber, sem tirar os olhos dele.

— Da última vez que nos vimos, você estava muito feliz com seu amiguinho e nem quis falar comigo — respondeu ele, com dureza. — Imaginei que sua recusa se estendesse a minha filha. Não quis me meter na sua vida e atrapalhar algum grande plano.

O tom em que disse isso e seu olhar acusador a incomodaram.

— O que eu faço da minha vida é problema meu.

Paul sorriu, satisfeito. Ela havia caído na armadilha. Ele ia atingi-la onde mais doía.

— Claro, assim como Lorena é problema meu e a coisa mais importante da minha vida. Eu decido com quem ela fica.

— Entendo — respondeu Rebeca, segurando a raiva. — Mas repito: quando ela quiser, pode ir me visitar.

— Ela? — repetiu Paul, com desprezo.

A cada instante que passava nos braços dele, Rebeca ficava mais irritada e nervosa, enquanto Paul parecia se divertir.

— Sim, Lorena. Você anda muito ocupado, pelo que eu vejo.

Paul sorriu com malícia e olhou descaradamente para a jovem que dançava com Kevin.

— Se está falando de Myreia, então, sim… ando muito ocupado.

Rebeca quis quebrar a cara dele. Como se atrevia a dizer aquilo? Fechou os olhos e contou até dez.

— Olha, não me interessa o que você faz com outras mulheres, mas adoro Lorena e gostaria que continuássemos nos vendo…

Ele não aguentava mais. Levou Rebeca para um canto da pista.

— Mas talvez eu me importe que você a veja. Lorena é minha filha e não quero que sofra. Ela tinha certas ilusões a respeito da nossa relação e está sendo muito difícil se acostumar com a ideia de que você não é mais parte da vida dela.

O estômago de Rebeca se revirou. Queria morrer. Ver Paul tão alterado e cruel não a agradava.

Queria dizer que desejava ser parte da vida dele, que o amava, que não podia viver sem ele, que era tudo culpa de Cavanillas, mas o orgulho a impediu.

— Por mais que minha filha ainda pense em você — continuou ele, ainda em tom severo —, não quero que continue em contato com alguém assim. Não quero que toda mulher que eu levar para casa seja comparada a você. E sabe por quê? — Como uma marionete, Rebeca negou com a cabeça.

— Porque você não é perfeita, nem é a mulher que nós dois acreditamos que fosse. E quanto a mim e ao que faço, sou bem crescidinho e posso muito bem viver sem pessoas como você, que se fazem de santas, mas se revelam as piores.

Rebeca quis responder, mas não conseguiu. A língua estava grudada no céu da boca e ela se sentia incapaz de pronunciar qualquer palavra. Paul a tinha nocauteado.

— E sabe o que mais? — continuou ele, com desprezo. — A vida continua, com ou sem você, e eu vou seguir adiante com minha filha. Se nossa relação acabou, não foi por minha culpa. Foi sua.

Você é que não quis ser sincera comigo, que não confiou em mim. Você é que me botou para fora da sua casa e da sua vida — sibilou ele, furioso; agora não tinha volta. — Mas o que você não calculou, Rebeca, é que naquele dia, naquele maldito dia, também expulsou Lorena da sua vida.

— Paul, eu… Me escute…

— Não. Não vou escutar, porque você é uma egoísta. Só pensa em si mesma, não está nem aí para o que suas atitudes podem causar nos outros. Eu nunca deixaria um filho meu aos seus cuidados. — Ele viu que a tinha abalado com aquilo. — Hoje você adora Lorena, mas está pensando nos sentimentos dela? É uma menina. Uma menina que pegou carinho por você e ainda te ama.

Mas você, com esse seu jeito, vai gostar dela enquanto lhe interessar e depois vai deixar minha filha de lado.

— Você não está sendo justo — sussurrou Rebeca, atordoada. — Eu nunca afastaria Lorena.

Gosto dela e de…

Descontrolado como poucas vezes se vira na vida, Paul não descansou até descarregar toda a sua frustração.

— Não acredito. Nada que você diga tem valor para mim. Minha filha sofreu por sua culpa. Sei que você ligou para ela, mas depois de quanto tempo? Sabia que ela chorou por semanas? Pensou que você a tivesse esquecido. Ela é só uma criança, droga! Tive que inventar que você estava viajando.

— Eu… — começou Rebeca, envergonhada, ao se dar conta de que ele tinha razão nesse ponto, assim como em quase todos os outros.

— Cale a boca! — gritou Paul, assustando Rebeca. — Minha filha ficou muito triste com a sua frieza, por não poder ver você ou escutar sua voz. Ela te adorava. Te amava. Mas agora está bem, e eu só peço, por favor, que você não ligue nem apareça nunca mais. Que a esqueça.

— Paul, eu…

— Não. Não me interessa o que você tem a dizer. Talvez até a mãe de Lorena tenha agido com mais cautela e tato que você. Pelo menos ela não deixou a menina se apegar. — Finalmente, muito ressentido, ele disse, já se afastando: — Esqueça Lorena, como me esqueceu.

As lágrimas começaram a descer pelo rosto de Rebeca. Ela ficou vendo enquanto ele ia embora com a morena, que olhava para ela confusa. Kevin imediatamente surgiu ao lado da irmã e lhe deu um abraço, tentando consolá-la. Foram embora sem olhar para trás nem se despedir de Ivan e Rita, que tinham

acompanhado a cena totalmente aterrados com a raiva e a dor que Paul demonstrava.

Quando chegaram em casa, Kevin preparou um chá para acalmá-la, mas de nada adiantou.

Pediu perdão mil vezes pela armação, mas Rebeca mal ouvia, apenas assentia. Não queria mais falar no assunto.

Não conseguiu dormir naquela noite. As palavras duras de Paul passavam incessantemente por sua cabeça. Sentia-se culpada pelo sofrimento que causara a Lorena, Paul e a si própria.

Ficou rolando na cama, até concluir que era verdade o que Paul dissera: ela havia estragado tudo naquela tarde, por não ter contado sobre a investigação. Agora, não havia como voltar atrás. Mas sentia arrepios toda vez que se lembrava dele falando que nunca deixaria um filho seu aos cuidados dela.

Como contar que estava grávida? Depois de tudo que ouvira, de ser tratada daquela forma, Rebeca teve um medo atroz de ele tentar ficar com o bebê.

Ao acordar, estava com olheiras horríveis e uma náusea fortíssima. Ligou para o trabalho e avisou a Belém que ficaria em casa pela manhã. Angela já ia perguntar o que tinha acontecido, mas, depois de trocar um olhar com Kevin, entendeu que era melhor não comentar nada.

45

Dois dias depois, já recomposta, Rebeca foi com o irmão ao ginecologista para fazer um segundo ultrassom. Na sala de espera, observava as outras mulheres, reparando com certa inveja nos parceiros carinhosos que as acompanhavam. Notou um cartaz pedindo que os celulares fossem desligados e rapidamente pegou o seu. Olhou para o irmão com um sorriso no rosto, e Kevin fez o mesmo com o seu. Quando chamaram o nome dela, Rebeca quis que ele entrasse junto.

O médico jogou um gel pegajoso e gelado em sua barriga, posicionou um instrumento que mais parecia uma caneta e começou a movê-lo. A princípio não se via nada, até que o médico parou, apertou um botão e congelou a imagem. Ali estava: aquele pequeno borrão branco seria, explicou ele, um lindo bebê. Kevin brincou que mais parecia um pato, mas Rebeca não conseguia tirar os olhos da tela. Uma série de emoções se sucederam em poucos segundos. Como ela gostaria de compartilhar aquele momento com Paul! Teve vontade de chorar e de rir, mas se conteve. Não queria fazer escândalo. O médico, amigo de Samuel,

disse que o bebê devia ter cerca de catorze semanas e que, a julgar pelas medidas, estava bem. Depois, apertou outro botão para imprimir o ultrassom, que foi entregue à futura mamãe. Kevin brincou que o bebê tinha cílios maravilhosos, e os três riram.

Rebeca queria chegar logo em casa para mostrar a imagem a Angela, mas logo que entraram a mulher já foi dizendo que ela precisava ligar urgente para o escritório. Haviam telefonado de lá várias vezes. Por conta da emoção do momento, Rebeca esquecera de religar o celular. Enquanto Kevin e Angela conversavam sobre como tinha sido o exame, ela falou com Belém e soube que Peterson a estava procurando. Quando por fim conseguiu falar com ele, ficou sem palavras. Bianca e Newton haviam sido detidos em um aeroporto na França quando voltavam de Milão, onde tinham entrado com um carregamento de cocaína que seria distribuído por toda a Europa. Enquanto escutava, ela via o irmão rindo com Angela e pensava como tudo mudaria quando desligasse o telefone e contasse a ele o que tinha acontecido.

Rebeca se afastou para poder falar tranquilamente. Perguntou a Peterson quando tinha acontecido aquilo. Ele disse que havia sido durante a madrugada e que Cavanillas também estava preso. Postos contra a parede, Bianca e Newton o haviam entregado rapidamente. Ainda tentando assimilar tudo aquilo, Rebeca se despediu dizendo que ligaria mais tarde. Manteve os olhos fechados por alguns segundos. Estava feliz porque tudo tinha sido revelado, mas seu coração se estilhaçava ao pensar em contar tudo aquilo ao irmão. Como ele reagiria? Decidiu esperar até que Angela fosse embora. Não seria uma conversa agradável.

— Tudo bem? — perguntou Angela quando Rebeca voltou.

— Claro! — respondeu ela, tentando disfarçar.

— Ah, que emoção finalmente ver o bebê! — exclamou Angela, radiante, aproximando-se com o ultrassom nas mãos.

— Um pato, Angela. É um patinho. Não está vendo? — disse Kevin, fazendo graça enquanto pegava uma cerveja na geladeira.

A mulher se virou para ele com as mãos na cintura.

— Não diga bobagem, garoto! É seu futuro sobrinho, e Rebeca não vai gostar que você o chame assim.

Rebeca o abraçou com ternura.

— Não me importo — disse ela. — Kevin pode chamar o bebê como quiser.

Ele deu um beijo na irmã e tomou um gole da cerveja.

— Meu pato deve estar maior que o seu — comentou, feliz. — Mas Bianca ainda não fez ultrassom, porque o sistema de saúde é péssimo onde moramos. Vou falar com o médico quando voltar.

O coração de Rebeca ficou ainda mais pesado ao ouvir aquilo.

— Talvez ele prefira acompanhar o desenvolvimento do bebê de outra maneira — opinou Angela. — Cada médico tem seu jeito, e nenhum gosta que se metam no trabalho deles.

— Não quero nem saber — disse Kevin. — Vou obrigar esse médico a me mostrar o patinho.

Estou louco para ver a carinha dele!

Angela riu e pegou sua bolsa.

— Você é incorrigível! Agora vou para casa. Tenho certeza de que vocês vão ter filhos maravilhosos, é só olhar os dois para saber, meus queridos.

Assim que ficaram sozinhos, Rebeca sugeriu pedirem uma pizza. Kevin adorou a ideia. Enquanto comiam, ele pensou que a irmã estava calada demais, mas preferiu lhe dar espaço. O ultrassom devia ter deixado um redemoinho na cabeça dela, com Paul bem no centro. Kevin nem imaginava que ela estava era pensando em como lhe dar a notícia. Ele ficaria arrasado, era inevitável. Quando acabaram de comer e Kevin ia começar a ver um filme no laptop, Rebeca achou que tinha chegado o momento.

— Precisamos conversar.

Ao ver a expressão tensa da irmã, ele tirou os fones de ouvido.

— Minha nossa, não faça essa cara — brincou.

— Kevin, é sério.

— Não acredito, irmãzinha. Já pensou em como vão ser os bebês? Queria ter uma menina, com os olhos de Bianca e o sorriso da mamãe. E você, o que prefere?

O coração de Rebeca batia acelerado. Não havia jeito delicado de dizer aquilo.

— Ainda não pensei nisso. Mas voltando ao assunto… Não sei por onde começar. Vai ser muito difícil, e preciso que você preste muita atenção.

Ao perceber que ela estava realmente tensa, Kevin se ajeitou na poltrona e assentiu, olhando fixamente para a irmã.

— Muito bem. Diga qual é seu problema, porque já vi que não vai conseguir esquecer isso. Você tem toda a minha atenção.

— Tem razão, é meu problema, mas … mas também é problema seu.

— Desembucha, sua dramática! Não pode ser algo tão ruim assim. — Ele sorriu.

Rebeca respirou fundo e contou tudo desde o princípio, com o coração dolorido, observando como a expressão dele piorava a cada segundo. Quando mencionou Bianca e disse que na verdade se chamava Tatiana Ratchenco, ele não pôde aguentar mais.

— Mentira! — explodiu. — Você é uma mentirosa compulsiva!

— É verdade, eu juro.

Mas Kevin estava fora de si.

— Chega, Rebeca. Você nunca gostou de Bianca. Já é o bastante!

— Kevin, me escute. Posso provar tudo o que disse.

— Pois tente. Depois vai ter que se desculpar — gritou ele, descontrolado. — Você diz que ela se chama Tatiana e é uma prostituta drogada? Por favor! Não diga absurdos! Sei que, assim como eu e certamente você e quase toda a humanidade, ela já fumou uns baseados, mas daí até as loucuras que você está insinuando tem uma distância sem tamanho.

O coração de Rebeca estava partido.

— Kevin, acredite em mim. Tenho fotos de Bianca cheirando cocaína, e ainda tentaram me convencer de que era você ao lado dela. Acredite em mim, estou dizendo a verdade.

— Mentira!

Ela se levantou, abriu uma gaveta, pegou as fotografias e as entregou a Kevin. Ele ficou olhando fixamente por alguns segundos, então as atirou no chão.

— O que está querendo com isso? — gritou ele, fora de si. — O que você quer, merda?

— Quero que fique calmo e me escute até o final — gritou ela, tentando não perder o controle.

Dito isso, ela revelou o envolvimento de Bianca no tráfico de drogas e seu esquema com Newton e Cavanillas. Então mostrou outras fotos, de Bianca beijando Newton e entrando no carro dele, fornecidas pelo detetive. Ver aquilo partiu o coração de seu irmão. Kevin tentava escutar e entender tudo, mas algo o impedia de acreditar.

Quando Rebeca chegou ao final da história e disse que Bianca estava presa na França com seus comparsas, ele não aguentou mais.

— Ela está presa na França? — repetiu ele, levantando-se.

— Sim.

— Impossível! — gritou, levando as mãos à cabeça em desespero. — Bianca não está na França, está em Dallas, a trabalho.

— Acredite, Kevin, posso provar que ela está na França.

— Mais uma das suas mentiras — acusou ele, andando de um lado para outro. — Bianca não é assim. É impossível. Você não entende.

— Bem que eu queria estar errada. Adoraria ter me enganado em tudo o que disse a você. Como eu queria… — murmurou Rebeca, tentando abraçá-lo. Ele a repeliu. — Mas é verdade, sinto muito.

Não pensei que isso fosse terminar assim. Queria proteger você e…

— Você… você me seguiu esse tempo todo e não me disse nada!

Ele deu um soco na parede. Rebeca, assustada, tentou se aproximar dele.

— Eu não podia, Kevin. Estava sendo ameaçada, estava…

— Cale a boca, droga!

Kevin se recusava a aceitar.

— Como acha que me sinto depois de ouvir todas essas mentiras a respeito dela e descobrir que você estava me vigiando? Bianca é minha esposa! Minha esposa! Não é a desconhecida que você acha que ela é.

— Kevin, não estou mentindo, juro por tudo que é mais sagrado — repetiu Rebeca, entre soluços.

— Por que não ligamos para os policiais que estão cuidando do caso para que eles confirmem? Eu adoraria poder dizer que isso não é verdade, mas, infelizmente, é. Sinto muito. De todo o coração.

Sinto por ter mentido e enganado você, mas eu não podia dizer nada, porque se Cavanillas fizesse algo com você, eu jamais me perdoaria. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer com a gente, mas infelizmente aconteceu, e só me restava guardar segredo para tentar proteger você.

Preciso que saiba que eu te amo e que vou tentar ajudar em tudo o que puder…

— Bela ajuda você me dá — atacou ele, afastando-se. — Não preciso da sua maldita ajuda. Me deixe em paz!

— Não diga isso, Kevin! — Rebeca estava perdendo o controle, apesar de todos os esforços. —

Não é justo. Se não acredita em mim, ligue para Bianca. Prove que sou uma mentirosa e que mereço que se zangue comigo.

Houve um silêncio que pareceu uma eternidade, até que, finalmente, Kevin se deu por vencido.

Parecia destroçado.

— Não posso — gemeu ele, levando as mãos à cabeça enquanto lágrimas desciam pelo rosto. —

Não posso ligar para ela. Sempre que viaja, é ela quem me liga. Fica pulando de cidade em cidade, então é difícil que eu a localize.

Kevin se sentou junto à irmã, que tentava consolá-lo enquanto os dois choravam por tudo o que haviam perdido.

— Fique calmo, por favor. Eu não queria que você sofresse. Sabe que quando

você trouxe Bianca à minha casa, a gente se deu bem, até tentei fazer Donna mudar de opinião…

— Imagino que ela já saiba de tudo…

— Sim. Ela notou que tinha alguma coisa acontecendo e… Bom, você sabe. Juro que eu também não conseguia acreditar. Me custou muito assimilar tudo isso…

— E Paul?

Ela sentiu um aperto no coração, mas tinha decidido que não choraria mais por ele, ainda mais diante do problema do irmão.

— Paul não sabe de nada — respondeu ela, baixinho. — Nunca contei o que estava acontecendo, para não envolvê-lo nessa história terrível. Foi por isso que ele ficou bravo comigo e…

Desesperado, sem escutar o que ela dizia, Kevin voltou a levar as mãos à cabeça.

— Minha nossa! O que eu vou fazer sem ela? Eu amo Bianca mais do que tudo! E ela está grávida!

Ao escutar as palavras do irmão, Rebeca lembrou o que ouvira de Paul na outra noite: "A vida continua, com ou sem você".

— Você tem que seguir em frente — disse ela.

— Eu quero meu filho. Vou lutar por ele com todas as minhas forças.

Fitando o irmão com determinação nos olhos, Rebeca assentiu.

— Sou advogada, Kevin, e juro que vou ajudar. Vamos lutar pelo bebê.

46

Os dias seguintes foram um inferno para todos. Pouco a pouco, com as informações que recebiam da polícia, Kevin foi assimilando o que havia acontecido e por fim se deu conta de que fora vítima de um golpe. De uma hora para outra, passou de um homem alegre e cheio de vida a irritável e cruel, principalmente após descobrir que Bianca nunca estivera grávida. Não havia filho nenhum.

Rebeca se dedicava integralmente ao irmão, obrigando-o a permanecer com ela em Madri, enquanto Angela, desesperada, tentava ajudar como podia. A situação

só piorou quando a notícia saiu nos jornais e na televisão.

O telefone não parava de tocar. Jornalistas tentavam falar com Kevin, e Rebeca fazia todo o possível para que o deixassem em paz. Ele estava destroçado. Donna foi novamente a Madri com o intuito de ajudar os irmãos, mas duas semanas depois teve que voltar a Chicago.

Uma tarde, Paul ligou para saber de Kevin, e Rebeca, reconhecendo o número, pediu a Angela que atendesse. Com o coração a mil, escutou a mulher falando única e exclusivamente de Kevin.

Paul não perguntou por Rebeca, que proibira Angela de fazer a menor menção a ela. Antes de desligar, ele fez questão de dizer que se precisassem de sua ajuda podiam ligar.

Passaram-se meses, e o assunto pouco a pouco esfriou. Em várias ocasiões, Rebeca pensou em ligar para Paul. A cada dia tinha mais saudade, mas sempre acabava descartando a ideia. Fazia quase cinco meses que não o encontrava, desde a fatídica noite em que ele lhe dissera tudo que pensava. Apesar disso, ela não perdia as corridas de MotoGP, sua única maneira de vê-lo. Odiava abrir as revistas de fofoca e encontrá-lo abraçado a alguma beldade — aquilo a tirava do sério!

Pensava nele vinte e quatro horas por dia, principalmente quando se deitava, sozinha, e sentia o bebê mexer. No entanto, era seu irmão quem mais a preocupava. Kevin caíra em grave depressão, por causa das coisas horríveis que precisara assimilar. Após a confirmação de que Bianca na verdade se chamava Tatiana Ratchenco, o casamento dos dois perdeu a validade. Ele estava solteiro de novo. Sua vida mudara radicalmente rápido demais: se antes estava casado e feliz com uma mulher que adorava e que esperava um filho seu, agora não tinha mais nada disso. Passava os dias olhando para o teto do quarto, ao lado de Pizza, que não se separava dele nem um segundo enquanto sua dona estava fora.

Certa manhã, Rebeca estava no trabalho quando recebeu uma ligação de Donna.

— Oi, barriguda. Como se sente?

— Esgotada — respondeu Rebeca, sincera.

— Imagino — respondeu Donna, sensibilizada com tudo que estava acontecendo. — Mas é normal, em seu estado. E Kevin?

— Na mesma.

— Foram ao médico?

— Sim, mas ele continua mal. Estou preocupada.

— Compreensível, depois de tudo que passou. Como você se sentiria no lugar dele?

Rebeca suspirou.

— Não quero nem imaginar. Um psiquiatra amigo de Samuel disse que Kevin está tendo uma reação normal, que qualquer pessoa, por mais forte que seja, pode cair em depressão ao enfrentar uma situação dessas. Ele disse também que Kevin está com algum tipo de bloqueio, mas que a qualquer momento vai reagir e voltar a ser o homem que sempre foi. Só precisa de tempo.

— O médico deve ter razão.

Depois de mais meia hora falando do irmão, Donna mudou de assunto.

— Estou pensando em pegar um avião e ir passar um tempo com vocês. Um passarinho me disse que a única que está engordando aí é Pizza.

— Aquela fofoqueira… — disse Rebeca, pensando em Angela.

Donna soltou uma gargalhada.

— No seu estado, você precisa descansar. Angela disse que está sempre trabalhando e que não come direito.

— Não acredite nela. Você a conhece, é uma exagerada — grunhiu Rebeca, sem se surpreender.

— Mas ela tem razão sobre Pizza, está uma bolinha. Deve ser porque não se exercita mais como antes. Passa o dia todo deitada ao lado de Kevin, só o larga quando eu chego em casa. Parece até que entende o que aconteceu.

— E deve entender mesmo. Os animais são muito perceptivos — garantiu Donna.

— Ela é especial — disse Rebeca, com um sorriso no rosto. — A cada dia que passa fico mais contente de ter Pizza ao meu lado. Acho que ela tenta mesmo cuidar da gente. Bom, então você pode acreditar em metade do que Angela disse.

Donna sorriu. Tinha certeza de que Angela exagerava, mas também intuía que a irmã não estava se cuidando como deveria.

— Está bem. Mas ela está uma pilha de nervos, com você grávida e Kevin deprimido. Quando as coisas melhorarem, acho que a pobre coitada vai ter que ser internada.

— Não seria de admirar! — Rebeca riu. — Angela está me ajudando muito, claro. Sem ela e Pizza, seria impossível cuidar de Kevin. Mas não é verdade que não me cuido. Você a conhece, sabe que ela pensa que preciso comer por um batalhão só porque estou grávida.

— Certo, você me convenceu. Mas, afinal, como está o bebê?

— Ah… está perfeito. — Rebeca sorriu, pondo a mão na enorme barriga. — Vou fazer um ultrassom daqui a três dias. Espero que já dê para ver se é menino ou menina.

— Que bom! Me ligue ou mande um e-mail quando souber, está bem?

— Claro!

— Ah, já ia esquecendo: Miguel encontrou Paul. — Rebeca sentiu o coração saltar. — Parece que ele ia participar de umas corridas por aqui, fora do circuito, e ligou para que se encontrassem. Paul foi muito simpático, levou Miguel para conhecer os boxes e explicou como tudo funcionava… Ele voltou todo empolgado!

— Miguel não contou que…?

— Não, não se preocupe. Não disse nada, pode confiar, embora ele continue pensando o mesmo que eu: que você precisa contar logo. Mas, como você mesma disse, já é grandinha o bastante para saber o que fazer.

— Foi você quem disse isso.

— Então não vamos mais tocar no assunto, sua tonta. Não quero que se irrite — disse Donna, fazendo a irmã rir. — Alguma novidade sobre aquela maldita da Bianca?

— Não. Vai a julgamento e provavelmente pegará uns aninhos de prisão.

Nesse momento, Belém entrou na sala, fez um sinal para Rebeca de que precisava falar com ela e voltou a sair.

— Preciso ir agora. Eu ligo depois, pode deixar.

Rebeca ficou com o encontro de Miguel e Paul na cabeça. Pensar nele a deixava inquieta, e assistir às corridas aos domingos a deixava nervosa, mas não conseguia tirar os olhos da tela durante todo o GP. Era a única maneira de vê-lo, e precisava disso. Enquanto refletia, Belém voltou à sala.

— Tem um senhor aqui querendo falar com você.

— Quem é? — perguntou Rebeca, estranhando, já que não tinha nenhuma reunião marcada.

— Iñigo Rojo. É seu pai?

O rosto dela se transformou, refletindo diversas emoções. Primeiro pensou em mandá-lo embora.

Afinal, o que fazia ali? Então respirou fundo algumas vezes e decidiu que era hora de encarar o passado.

— Me dê só alguns minutos.

Belém saiu sem perguntar mais nada.

Rebeca inspirou devagar, levantou-se e foi até o banheiro jogar uma água no rosto. Assim que o secou, voltou para a mesa e avisou a Belém que Iñigo podia entrar. Então a porta se abriu e ali estava o pai, de pé à sua frente, com aquele olhar doce de sempre e o cabelo já ficando grisalho.

— Oi, Rebeca.

— Oi.

Após um silêncio desconfortável, ele perguntou:

— Posso sentar?

— Sim — respondeu ela, com um olhar gélido.

— Seu escritório é muito bonito — comentou Iñigo, olhando ao redor. — Eu sabia que você trabalhava aqui, mas não que era a chefe. — Então ele viu a barriga dela. — Nem imaginava que estivesse grávida.

Mas ela não queria entrar no assunto com ele.

— O que você quer? — perguntou, secamente.

Ao concluir que a filha não o trataria bem, ele levantou o queixo.

— Soube pelos jornais o que aconteceu. Quando vi o nome de Kevin, eu…

— Não me diga que está preocupado com ele. Desde quando tem um coração? — perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

Aquela frase o atingiu, mas Iñigo não desviou o olhar.

— Não me interprete mal, filha, eu só…

— Não me chame de "filha". Não sou sua filha — sibilou Rebeca, enfurecida.

Iñigo fechou os olhos. Procurou entender o lado dela, mas precisava que o escutasse. Tinha certeza de que as coisas melhorariam se conversassem. E o momento havia chegado.

— Rebeca, somos adultos e podemos falar como tal. Não sei o que ouviu naquela noite, ou o que seus irmãos disseram, mas se me der dois minutos de seu tempo posso contar a verdade.

— Que verdade? Só sei que mamãe sofreu muito ao seu lado.

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Todos sofremos. Foi uma situação terrível. Eu só queria conversar com você.

Incapaz de encará-lo por mais um segundo, Rebeca desviou o olhar.

— Não quero escutar — respondeu ela. — Não quero saber de você e não me interessa nada que te diga respeito.

— Entendo — disse ele, porém insistiu: — Mas me dê alguns minutos. Só isso. Se continuar pensando da mesma maneira, vou embora e nunca mais a incomodarei — pediu, com olhos suplicantes. — Prometo.

Rebeca quis gritar que não, que não queria escutá-lo nem por alguns minutos, mas não podia.

Seu pai sempre fora bom e carinhoso com ela e seus irmãos, e ela assentiu ao se lembrar disso.

— Está bem. Mas seja breve, estou no trabalho.

Ao ver aquela oportunidade, ele decidiu que não a desperdiçaria.

— Meu casamento com sua mãe foi por conveniência. Ela era uma linda jovem que tinha vindo morar na Espanha para estudar o idioma. Eu me apaixonei, mas sua mãe namorava um grande amigo meu na época. Quando ficou grávida, o amigo em que eu tanto confiava não quis saber mais dela e a abandonou.

Rebeca ficou arrepiada diante da revelação.

— Naquela época, não era fácil ser mãe solteira — continuou ele. — Quando seus avós ficaram sabendo, eles a deserdaram e a proibiram de voltar para o Kansas, com medo do que iriam falar. Eu não podia permitir que sua mãe fosse colocada na rua, mas ainda morava com meus pais, então decidi assumir o bebê e me casar com ela. Meus pais ficaram loucos, como era de se esperar, mas com o tempo acabaram aceitando. Fomos ao Kansas falar com os pais dela. Eles nem quiseram nos escutar, porque sabiam que eu não era o pai do bebê, mas depois concordaram com o casamento, para evitar um escândalo. Só pedimos uma coisa a eles: que nunca dissessem a ninguém que o filho não era meu. Seus avós aceitaram contentes a condição, e nos casamos.

— Você… você está me dizendo… — balbuciou ela — … que Donna não é sua filha?

Iñigo a olhou emocionado e assentiu.

— No meu coração, é. Amo sua irmã tanto quanto você e Kevin. Eu a considero minha filha, minha menina.

— Meu Deus!

— Seus avós cumpriram a promessa — prosseguiu ele — e ninguém ficou sabendo de nada. Mas não havia lugar para mim no coração da sua mãe. Ela nunca deixou de amar Gerardo. Com o tempo, nasceram vocês dois, e eu fui feliz com meus filhos, mas não no casamento. Gerardo sempre esteve entre mim e sua mãe.

— Por que você nunca contou isso?

Ele olhou para Rebeca com tristeza.

— Porque Donna era minha filha e eu não queria que ficasse chateada. — Ela assentiu, chorando. Ele continuou: — O casamento foi se deteriorando com os anos, e eu cheguei a pensar em divórcio, mas não queria perder vocês. Amava

os três mais que minha própria vida e sabia que sua mãe não ia facilitar as coisas. Até que um dia conheci uma mulher doce e carinhosa. Elena.

Tentei não me envolver, mas o amor é imprevisível e chega quando menos se espera. Contei a verdade a sua mãe, esperando que ela compreendesse e me ajudasse como eu a tinha ajudado. Mas ela disse que, se eu fosse embora, sofreria as consequências e nunca mais veria vocês. Discutimos milhares de vezes. Ela chegou a ameaçar contar toda a verdade a Donna. E isso eu não podia permitir. Não queria ver minha filha sofrer nem perder vocês.

Rebeca o escutava aturdida, lembrando ter ouvido a mãe dizer a ele mais de uma vez que ela é quem tomava as decisões no que se referia a Donna. Nunca havia parado para pensar naquilo, mas agora compreendia. Deixando as recordações de lado, voltou a escutar o pai.

— Terminei com Elena e ficamos dois anos sem nos ver, até que nos encontramos por acaso em um café e o sentimento voltou à tona, com ainda mais intensidade. Falei de novo com sua mãe.

Nossa vida conjugal era nula, mas a resposta foi a mesma: se eu saísse de casa, perderia vocês.

Talvez não devesse ter começado aquela relação com Elena, mas precisava que alguém me abraçasse e dissesse que me amava. Sua mãe nunca fez isso, porque nunca me amou. E eu sou de carne e osso, como você, e gosto de ser amado e de me sentir querido. Depois de um tempo, Elena ficou grávida, sua mãe sofreu o acidente, Dani nasceu, depois Susana, e acho que o resto você já sabe. — Rebeca assentiu, emocionada. — Não estou tentando me justificar, só quero que saiba a verdade. Não quero que pense que eu não amava sua mãe. De alguma maneira, ela sempre vai continuar no meu coração.

Fez-se um silêncio cheio de dor, sentimento e nostalgia. Então o homem sussurrou:

— Vim aqui para saber de Kevin e de você. Imagino que tenham passado por maus bocados e sinto muito por não ter podido ajudar.

Com a garganta paralisada pela emoção, Rebeca só pôde dizer:

— Kevin está mal, mas vai sair dessa. Somos fortes e temos um ao outro. Vamos superar.

Ele sentiu a frieza na voz dela, então assentiu e se levantou.

— Só queria saber se estavam bem. Vocês são meus filhos e eu os amo, ainda que não acreditem.

Havia muita tensão no ar. Convencido de que seu tempo tinha acabado, Iñigo se virou e se dirigiu à porta sem dizer mais nada. Tinha que ir embora.

Então Rebeca se levantou.

— Pai, eu…

Ele se deteve, olhou para a filha e se apressou em dizer:

— O que foi, querida?

— Sinto muito — disse ela, chorando. — Muito mesmo.

Sem tocá-la, pois não sabia como ela reagiria, Iñigo murmurou, emocionado:

— Não chore, meu bem. Não tem importância. Só quero que saiba que amo vocês. E sinto sua falta mais do que vocês podem imaginar.

— Pai…

— Tome — disse ele, tirando do bolso um lenço branco. — Não chore mais. Não é bom, no seu estado.

Mas ela não conseguia parar.

Talvez conhecer a crua verdade tivesse sido a gota d'água. Enfrentar tantos problemas em tão pouco tempo era demais para qualquer pessoa. Assustado, Iñigo fez com que ela se sentasse, mas Rebeca não parava de chorar.

O pai tentou consolá-la com palavras afetuosas, mas os soluços a sacudiam convulsivamente.

Por fim, ele a abraçou como não fazia havia muito tempo. Durante alguns minutos, fez carinho nela, embalou-a e beijou sua cabeça. Era daquilo que Rebeca precisava. Queria se sentir protegida, e naquele momento o pai lhe dava o melhor remédio que existia no mundo: amor.

Quando finalmente se tranquilizou, ela se deu conta da proximidade do pai e se surpreendeu ao perceber que não se sentia incomodada. Pelo contrário, lhe fazia bem.

— Está melhor, querida?

— Sim. Muito melhor.

Ao ver que sua respiração tinha se normalizado, ele a soltou. Os dois se encararam por alguns segundos, até que ele rompeu o silêncio:

— Bom, acho que é hora de ir.

Iñigo se levantou com pesar, mas seu coração se encheu de felicidade quando sentiu que a filha pegava sua mão.

— Vamos nos ver de novo?

Ele deixou algumas lágrimas escaparem e, depois de enxugá-las, assentiu, com um sorriso terno.

— Sempre que quiser, querida. Sempre — murmurou, emocionado.

Rebeca apertou a mão dele de um jeito que dizia muito mais que as palavras.

— Está bem — sussurrou ela, soltando a mão do pai.

Iñigo se dirigiu à porta, ainda emocionado, mas, antes de sair, virou-se para dizer:

— Filha, quero lhe pedir uma coisa. Não comente com Donna o que contei. Ela ficaria chateada com sua mãe por ter mentido e me odiaria ainda mais. Seria um sofrimento desnecessário, já que sinto que é tão minha filha como você. Tudo bem?

— Minha boca é um túmulo — concordou Rebeca, compreendendo os motivos dele.

Iñigo abriu a porta e foi embora. Assim que ficou sozinha, ela voltou a chorar. Pouco depois, Belém entrou.

— Está tudo bem? — perguntou, preocupada.

Recompondo-se, Rebeca sorriu.

— Claro.

— Mas você está chorando.

— São lágrimas de felicidade — disse ela, ainda com o lenço do pai na mão.

Naquela mesma tarde, Rebeca estava no hospital esperando ser chamada para a ultrassonografia, sem soltar o lenço do pai. Saber a verdade a fizera ter uma visão diferente de sua família.

Quando a chamaram, ela se levantou e se dirigiu à pequena sala de exames. Já conhecia os procedimentos, de modo que logo o médico começou o ritual com o gel.

— Como tem se sentido? — perguntou ele.

— Bem, embora cada vez mais gorda.

Os dois riram, e o médico começou a mover o aparelhinho sobre sua barriga.

— Vamos ver como está nosso amiguinho ou amiguinha.

— Será que hoje vai dar para ver o sexo?

Ele sorriu.

— Vamos tentar. O que você prefere: menino ou menina?

Rebeca pensou por alguns segundos e acabou dando de ombros.

— Acho que tanto faz. Só quero que seja saudável.

O médico sorriu com simpatia. Assim que se certificou de que estava tudo certo com o bebê, apontou para a tela.

— Muito bem! Posso garantir que é um menino. Está vendo?

— Um menino! — exclamou ela, encantada. — Que bom!

— Você não disse que não fazia diferença? — brincou o médico, enquanto lhe passava um papel para limpar o gel.

Com um sorriso radiante, Rebeca assentiu.

— Eu teria ficado contente da mesma maneira se tivesse me dito que era uma menina.

Vinte minutos depois ela saía do hospital com as imagens do ultrassom debaixo do braço, doida para chegar em casa e mostrar a Angela e Kevin. Talvez aquilo o

animasse. Ou não? Ultimamente, ela nunca sabia como se comportar com ele. Kevin não falava, não ria, não se comunicava. Passava o dia todo olhando pela janela ou para o teto, afundado em uma tristeza desesperadora. Rebeca pensou em contar sobre a visita do pai aquela manhã, mas acabou mudando de ideia. Não sabia como o irmão reagiria e não queria irritá-lo ou deixá-lo abalado. Futuramente faria isso.

Rebeca estacionou e entrou em casa radiante, mas se surpreendeu ao ver Kevin correr até ela, seguido por Angela.

— O que foi? — perguntou.

Aproximando-se com os olhos cheios de vida, seu irmão disse:

— É Pizza! Está tendo filhotes!

Sem acreditar na vitalidade dele e no que dizia, Rebeca largou suas coisas no sofá e o seguiu, balbuciando:

— Pizza…? Como…?

Quando entrou no quarto do irmão, sua surpresa foi maior ainda ao ver a cadelinha rodeada de cobertores, com dois filhotinhos minúsculos ao lado e outro tentando sair.

— Meu Deus… — sussurrou Rebeca, surpresa.

— Exatamente — disse Angela, agachando-se. — Como a gente não se deu conta de que a pobrezinha estava prenha?

— Era muita coisa na nossa cabeça, Angela. Muita coisa… — disse Kevin, ajudando o outro cachorrinho a sair, com um sorriso comovido.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Rebeca, ainda sem acreditar no que via: Pizza dando à luz e Kevin eloquente, alerta e brincalhão como antes.

— Foi incrível — contou ele. — Eu estava deitado e notei que Pizza tinha descido da cama.

Segundos depois, escutei um uivo estranho, então olhei e vi que estava sangrando. Que susto me deu essa filha da mãe! Desci para avisar Angela, e, quando subimos, vimos que ela tinha começado a parir. Descemos para pegar toalhas, e foi aí que você chegou.

Concentrada até então na cadelinha, Angela voltou os olhos para eles.

— Eu bem que disse que ela estava cada vez mais gorda! Ai, Jesus, aí vem outro.

Rebeca olhou emocionada para o irmão.

— E você está bem?

Kevin assentiu, sabendo a que se referia.

— Não se preocupe comigo. Estou bem. O mais importante agora é Pizza — respondeu ele, segurando o queixo da irmã.

Aquela tarde foi uma festa. Tudo voltou a ser como antes. Kevin estava vivaz, alegre e falador, e Angela não parava de rir e de brincar. À noite, Pizza dormia tranquilamente no quarto de Kevin com seus cinco filhotinhos. Rebeca olhou para eles antes de descer para a sala e, feliz, pensou que mais uma vez Pizza havia trazido felicidade à casa. Graças a ela e ao parto inesperado, Kevin estava reagindo. O médico tinha razão: era só uma questão de tempo.

Parou na escada ao ouvir Angela e Kevin conversando. Risos e vozes depois de meses de silêncio era maravilhoso. Os dois comentavam a barba de Kevin.

— Eu gosto. Acho que me dá um ar misterioso — dizia ele.

— Mas você tem um rosto tão lindo… Por que esconder atrás desse pelo todo? — perguntou a mulher, com as mãos na cintura.

— Não acha que pareço mais sério e maduro assim?

— E por que você quer parecer maduro, sendo jovem? Aproveite bem a juventude, porque depois vai ter bastante tempo para ser maduro. Não é, querida? — perguntou ela ao ver Rebeca.

Feliz por aquele acontecimento inesperado, ela terminou de descer a escada e se aproximou.

— Tem razão, Angela. A vida é para ser vivida. E, falando nisso, tenho uma notícia. Fiz outro ultrassom hoje. Está tudo ótimo e já sei o sexo!

— Também já sei: um pato — brincou Kevin.

— Eu entendo dessas coisas — disse Angela —, e já disse que quando a barriga é redondinha é menina, mas quando tem uma ponta é menino. E você está com a

barriga redondinha, então vai ser uma menina.

— Errou — disse Rebeca, rindo. — É menino!

Emocionado, Kevin não sabia se ria ou chorava, e abraçou a irmã.

— Um menino, que alegria! — gritou Angela, dando um tapa em Kevin. — Viu só? Não é um pato.

— Ai — queixou-se ele. — Angela, que mão pesada você tem!

— Pois pode pesar ainda mais — disse a mulher, arregaçando as mangas. — Então vamos todos jantar, ou ela vai entrar em ação.

Foi uma noite de muita alegria, emoção e risadas, com Kevin finalmente falante e bem-humorado. Rebeca fez questão de levar Angela em casa. Não ficava longe, mas ela não queria deixar que fosse andando sozinha àquela hora. Kevin se ofereceu para fazer isso, mas a irmã não deixou.

Ele se despediu com um beijo naquela mulher que amava como uma mãe. Quando viu que o carro se afastava e estava sozinho em casa, pegou o celular. Procurou um número na agenda e ligou. Vinte minutos depois, quando Rebeca chegou em casa, o irmão a esperava na sala, tomando um suco.

— Que rápido — comentou ele.

— É pertinho. — Kevin sorriu, e Rebeca acrescentou, animada: — Sabe o que vamos fazer agora?

— Diga.

— Ligar para Donna e dar as três boas notícias.

Ele assentiu com um sorriso. Donna ficou muito feliz ao saber que era um menino, surpreendeu-se com a descoberta de que Pizza tivera filhotes e chorou quando falou com Kevin e percebeu como estava animado. Seu amado irmão havia voltado!

Mais tarde, os irmãos se sentaram na cozinha para tomar um copo de leite. Kevin finalmente se abriu: disse que tivera vontade de morrer quando descobrira que Bianca o havia enganado e que sua vida seria sem ela. Ele realmente a amava, o que tornava tudo mais difícil. Mas, depois do que acontecera com Pizza, de algum modo ele tinha se dado conta de que a vida continuava e que havia entes queridos como Rebeca, Angela, Donna e Pizza que o queriam vivo e feliz.

Rebeca chorou ao escutar aquilo. Era um passo grande para o irmão.

Conversaram por mais de uma hora, e Kevin a obrigou a falar sobre Paul e o relacionamento rompido. Ela foi sincera. O irmão a escutou e, enxugando as lágrimas de seu rosto carinhosamente com um lenço, consolou, lembrando que na vida *quase* sempre havia solução para *quase* tudo e que, não importava o que acontecesse, ele estaria ao lado dela.

— Escuta, Rebeca, preciso agradecer por tudo o que fez por mim nos últimos meses.

Ela negou com a cabeça, emocionada.

— Que nada.

— Claro que preciso.

— Está bem. — Rebeca sorriu, enxugando as lágrimas. — Vá em frente.

— Sei que, na minha fraqueza, que me comportei de maneira ranzinza e cruel. Desculpe ter perdido a razão, e lamento por não ter conseguido seguir com a vida apesar de tudo. Agora percebi que tenho a melhor família e a melhor irmãzinha do mundo — murmurou Kevin, pegando as mãos dela.

Lágrimas de felicidade corriam pelo rosto de Rebeca.

— Tenho certeza de que você teria feito o mesmo por mim. E eu provavelmente teria me comportado de maneira ainda pior. Você sabe como sou teimosa e insuportável.

Kevin deu um sorriso carinhoso e um beijo na testa dela.

— Dá para acreditar que já é quase Natal de novo? — comentou ele, olhando fixamente para a irmã.

— Pois é.

— Com tudo o que aconteceu neste ano, a gente podia escrever um livro.

— Verdade — concordou ela. — Podia se chamar *Quase um romance*.

Os dois riram. Tinha sido um ano duro e decisivo na vida dos dois.

As confidências continuaram, com Rebeca contando sobre a reconciliação com

o pai. Kevin nem queria ouvir a princípio, mas ao final foi todo ouvidos. Rebeca repetiu o que ele havia dito, omitindo a parte de Donna. Guardaria aquele segredo pelo resto da vida.

Por fim, Kevin chegou à conclusão, com a ajuda dela, de que era o momento de falar novamente com o pai. Escutar o irmão dizer aquilo fechou um grande dia com chave de ouro. Já era madrugada, e eles decidiram ir dormir. Rebeca estava exausta. Eram muitas emoções para um único dia, ainda mais em seu estado. Mesmo que não tivesse mais Paul, ver seu irmão tão animado a alegrava muito.

Antes de dormir, passou no quarto de Kevin para ver Pizza. A cadelinha dormia profundamente, rodeada pelos filhotes. Os dois se aproximaram. Ela abriu um olho e balançou o rabinho, feliz em vê-los. Emocionada, Rebeca se abaixou devagar por causa da barriga e encheu de beijos amorosos o focinho dela. Após agradecer em silêncio pela alegria que aquela cadelinha sempre lhe havia dado, foi dormir. Como era de se esperar, sonhou com Paul.

48

Na manhã seguinte, Rebeca acordou esgotada. Assim que pôs os pés no chão, seu estômago se contraiu e ela foi correndo ao banheiro vomitar.

— Ai, ai… Quando isso vai parar? — sussurrou, olhando-se no espelho.

Vendo o rosto cansado e o cabelo todo revirado, pensou em tomar um banho, mas estava tão mal que voltou para a cama. Dez minutos depois, seu estômago parecia ter se normalizado, e ela ouviu barulho na cozinha.

Kevin deve estar fazendo alguma coisa gostosa.

Obrigando-se a lutar contra a preguiça, levantou-se. Estava com sede. Vestiu um roupão que mal fechava e foi até o quarto de Kevin com o cabelo todo desgrenhado, sem nem lavar o rosto. Ali estavam os filhotinhos de Pizza, meigos, indefesos e minúsculos, nas cores canela e branca. Mexiam as patinhas freneticamente. Não tinha como não sorrir diante daquela fofura. Em seguida, ela se dirigiu à escada com o andar pesado.

Lá vai a baleia, pensou, sentindo-se assim com a enorme barriga de sete meses. Viu Pizza, que subia, e se abaixou com dificuldade para tocar a cabeça da cadelinha, que deu uma lambida carinhosa nela em troca. Pizza então continuou seu caminho e Rebeca foi até a cozinha. O que viu quando chegou a deixou paralisada.

Ali estava o homem dos seus sonhos, mais lindo do que nunca, tomando café com o irmão dela.

Kevin foi o primeiro a vê-la. Em seguida foi Paul, que ficou paralisado.

— Bom dia, irmãzinha — cumprimentou Kevin, para quebrar o gelo.

Ela não conseguiu responder.

O que ele fazia em sua cozinha? Imediatamente, pensou em como estava horrível. Paul continuava boquiaberto. Sua expressão de surpresa dizia tudo, e ele se levantou sem saber o que dizer ou pensar.

— Você está… está…

Rebeca quis sair correndo, mas seus pés pareciam grudados no chão. Vendo os dois atônitos, Kevin resolveu se meter:

— Se está preocupado com a barriga, é que ontem ela comeu demais. Você sabe que Rebeca não consegue se controlar.

— Você está grávida? — Paul conseguiu finalmente perguntar, cravando os lindos olhos nela.

Seria tolice mentir. Ela olhou para a barriga proeminente, inspirou fundo e afirmou, com firmeza:

— Sim. Estou esperando um bebê.

Ficar cinco meses sem vê-la e sem saber dela havia sido uma tortura para Paul. Ele tinha tentado se concentrar no trabalho, na filha e nos amigos para esquecê-la, mas a lembrança o perseguia

noite e dia, onde estivesse. Agora, ali estava ela. Linda. De roupão e grávida. Sem tirar os olhos de Rebeca, ele se aproximou, nervoso.

— Você está bem?

Ela foi para perto de Kevin, com um enorme sorriso falso no rosto, e deu um pisão no pé do irmão que fez ver estrelas.

— Sim, não se preocupe — respondeu.

Ainda sentindo dor, Kevin se afastou da irmã. Ia conseguir o que queria.

— É um menino — disse, recebendo, em seguida, um olhar assassino dela.

Diante da expressão surpresa de Paul, Rebeca quis morrer. O que será que ele estava pensando?

Cada vez mais confuso, Paul continuava olhando para os dois irmãos. Mil perguntas se formavam em sua mente e ele esperava respostas. Com o coração quase saindo pela boca, Rebeca foi pegar um café. Estava precisando. Suas mãos tremeram quando ouviu a voz de Paul.

— Rebeca… Não sei se devo perguntar, mas ele…

Ai, meu Deus... Agora mais essa, pensou Rebeca, horrorizada, assentindo antes mesmo que Paul terminasse a frase.

— Sim. É seu.

Durante uma fração de segundo os dois se olharam, e ela viu o rosto dele se alterar. Impactado pelo que acabara de descobrir, Paul se apoiou no balcão e fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, sussurrou, confuso:

— Meu Deus.

— Eu ia contar, mas… é que eu…

Não conseguiu continuar. O olhar intenso de Paul a matava. Assustada, fechou os olhos à espera do maior sermão da sua vida. Sabia que tinha sido uma péssima ideia esconder a gravidez. Mas, de repente, os braços protetores do homem que amava a envolveram e ele começou a cobri-la de beijos.

— Por que não me contou?

Confusa, Rebeca se deixou abraçar e aceitou os carinhos. Era tudo o que mais queria. Mas, recordando aquela história de "nunca deixaria um filho meu aos seus cuidados", soltou-se dele.

— Você não vai tirar meu filho de mim.

Perplexo diante do ataque repentino, Paul perguntou, franzindo o cenho:

— O quê?

Rebeca se afastou.

— O bebê é meu! — gritou ela, histérica. — Juro que se tentar alguma coisa vou matar você com minhas próprias mãos. Ouviu bem?

Kevin achou graça naquilo.

— Meu Deus, irmãzinha, hoje você acordou querendo brigar.

Paul estava aturdido, sem entender o que acontecia.

— Do que você está falando? — perguntou ele.

— Você sabe.

Com as mãos no alto em sinal de rendição, ele se aproximou dela.

— Não sei, não.

Rebeca se afastou de novo.

— Você que disse!

— O que foi que eu disse? — perguntou Paul, atônito.

Para surpresa dos outros dois, começou a gritar como uma louca:

— Da última vez que nos vimos, você disse que nunca deixaria um filho seu aos meus cuidados

— sibilou ela. — E não vou permitir que destrua minha vida e a do bebê porque não acredita que posso ser uma boa mãe, porque eu sei que posso. Assim como sei que fui uma boa amiga de Lorena, e não uma egoísta que brincou com os sentimentos dela, como você acha.

Ele se aproximou de novo, finalmente compreendendo.

— Escute…

— Não. Não vou escutar nem vou permitir que tire meu filho de mim. Porque eu…

Paul não a deixou terminar. Aproximou-se dela e disse, sem tocá-la:

— Eu te amo.

Rebeca estava tão enlouquecida que não o escutou.

— Você disse coisas horríveis sobre eu não amar Lorena. Como eu poderia não amá-la? Aquela graça de menina, encantadora, cheia de vida. Quem não amaria? Você disse que eu era uma egoísta e que nunca amaria ninguém. Não é verdade! E disse também que eu usava as pessoas e que as deixava de lado quando perdia o interesse e que…

— Você me ouviu? Eu te amo! — insistiu Paul.

Mas Rebeca não escutava. Estava histérica, magoada e precisava dizer tudo o que havia guardado por meses.

— Fique calma — pediu Kevin, pegando o braço dela forçando-a a olhar para ele.

— Não. Não quero me acalmar! — gritava ela, tirando o cabelo do rosto. — Por que você o trouxe aqui? A última vez não foi o bastante? Por que insiste em se meter na minha vida, Kevin?

Desconcertado, Paul ficou em silêncio. Rebeca tinha razão. Da última vez que tinham se visto, ele se comportara como um babaca. Na época estava tão ferido por sua indiferença que não calibrou bem as palavras. Mas não. Aquilo havia acabado. Ele estava ali, diante dela, e só precisava reconquistar sua confiança e seu amor.

Kevin decidiu intervir ao ver a irmã enlouquecida.

— Quer saber por que eu me meto na sua vida?

— Sim! Por que fez isso de novo?

— Porque você precisa que eu faça.

— Não. O bebê e eu estávamos bem, você melhorou e eu finalmente ia poder seguir com a minha vida — gemeu ela, tocando a barriga. — Agora, tudo complicou de novo! Tudo!

— Não — disse Kevin, carinhoso. — Eu não compliquei nada, Rebeca. Se você se acalmar um segundo, posso explicar.

Sem olhar para Paul, que os observava com uma expressão indecifrável no rosto, ela voltou a perguntar:

— Por que você fez isso, Kevin?

— É muito fácil, irmãzinha. Você está sofrendo com a falta de Paul. Alguém tem que dar o primeiro passo para resolver esse mal-entendido.

— Mas eu não pedi que fizesse isso.

O irmão olhou para o cada vez mais desconcertado Paul e assentiu.

— Eu sei, Rebeca, eu sei. Mas vocês se separaram por minha culpa, porque você queria me proteger, então não podia contar o que estava acontecendo. Não tenho como seguir em frente sem que tudo fique esclarecido. Quero que seja feliz. Você merece, e eu preciso ver que alguém te ama e te trata bem. E esse alguém é esse homem. Você não consegue ver?

Paul fez menção de falar, mas Rebeca se adiantou:

— Você é um idiota, Kevin. Agora ele sabe do bebê e tenho que lidar com esse problema.

Cansado de só escutar, Paul se aproximou de novo de Rebeca.

— Não. O único problema aqui é que preciso fazer com que você volte a confiar em mim. —

Rebeca olhou para ele. — Kevin me contou tudo hoje, e finalmente entendi por que você escondeu de mim o que estava acontecendo. Quero que saiba que me sinto um idiota por não ter sido capaz de olhar para além do meu próprio umbigo. Se eu soubesse de tudo, teria ajudado e protegido você como merece. O fato de não ter me contado nada só prova que você é a melhor pessoa do mundo, e serei grato a vida toda por ter pensado em proteger minha filha antes mesmo de si mesma. — Uma lágrima rolou pelo rosto de Rebeca. — Eu não sabia o que agora sei. Tirei minhas próprias conclusões. Fiquei louco ao pensar que estava mentindo e escondendo coisas e…

— Não preciso de você, ouviu? — cortou Rebeca, apontando para ele. — Nem eu nem o bebê precisamos.

Kevin ia protestar, mas Paul indicou que ficasse em silêncio, então se aproximou dela e sussurrou:

— Mas eu preciso de você.

— Mentira.

Tão disposto quanto Kevin a conseguir o que queria, Paul repetiu:

— Preciso de você e te amo. Lorena e eu precisamos.

— Vamos, Rebeca… Paul te ama. Não consegue enxergar isso? — insistiu Kevin.

— Cale a boca, Kevin! — Ela cravou os olhos no homem que havia dito aquelas palavras maravilhosas de amor e sibilou: — Como é capaz de dizer que me ama? Se estou bem informada, você está saindo com uma modelo de Valência, e não quero interferir nem prejudicar algo que…

— Isso não é verdade, e você sabe — interrompeu Paul, desesperado. — As revistas de fofocas me arranjam uma namorada nova todo dia, mas eu só amo você, acredite. A única namorada, a única mulher que quero é você.

Rebeca bufou, mas Kevin sorriu. Paul derrubava suas acusações a cada resposta.

— Não estou disponível para namoro nem nada.

— Mas é a única que me interessa — insistiu Paul.

O coração dela estava amolecendo. Quando viu o próprio reflexo no micro-ondas, perguntou:

— Não viu como estou agora?

— Ela parece mesmo uma louca — brincou Kevin.

— Eu te amo, Rebeca — disse Paul. — Não vou parar de repetir isso até que acredite.

De pijama e roupão, com aquele cabelo maluco, Rebeca era a visão mais linda que ele tivera nos últimos meses. Percebendo que ela estava mais calma, Paul se aproximou e sussurrou em seu

ouvido.

— Você está maravilhosa. Mais do que nunca.

Aquela voz e aquelas palavras a arrepiaram. Não podia aguentar. As barreiras que havia erguido naqueles meses derreteram como manteiga. Sem se importar com mais nada, Rebeca apoiou a testa naquele peito forte.

— Você precisa de óculos.

Repleto de amor por aquela mulher, ele fechou os olhos e deu um beijo

apaixonado em sua cabeça, então sussurrou emocionado, sabendo que tudo acabara bem:

— Eu te amo e preciso de você, sua teimosa.

Rebeca sorriu e se deixou abraçar pelo homem que adorava. Então piscou para o irmão, que olhava para os dois enternecido, apoiado na geladeira.

Após vários beijos doces e sussurros amorosos, Rebeca perguntou, curiosa:

— E o que está fazendo aqui a essa hora?

— Kevin ligou ontem à noite me convidando para tomar café — esclareceu Paul, olhando para ele. — A princípio pensei que tivesse enlouquecido. Por que eu viria tomar café na sua casa? Mas ele insistiu que precisava falar comigo sobre algo que mudaria minha vida, e não pude recusar.

— E o que Kevin contou? — perguntou ela, curiosa, dando um beijo no irmão em agradecimento.

— Acho que isso ficou muito claro, irmãzinha.

Rebeca assentiu, sorrindo.

Comovido e agradecido, Paul sorriu. Por fim os dias de solidão, enlouquecendo ao pensar nela, tinham terminado. Rebeca estava em seus braços e ele nunca mais a soltaria.

Acabado o café, entre risos e brincadeiras, Rebeca murmurou, consciente de seu erro:

— Desculpe não ter contado antes sobre a gravidez. É que a minha vida saiu de controle de tal maneira nestes meses que…

— Shhhhh… Não importa, meu bem. O que importa é que todos os problemas se solucionaram e estamos juntos.

Após um doce beijo, Rebeca perguntou:

— O que acha que Lorena vai dizer quando me vir assim?

— Ela vai ficar louca quando souber do irmãozinho. E quando minha mãe descobrir que vai ser avó de novo… já sabe!

Kevin sentiu que estava sobrando ali. Tentando não fazer barulho, levantou-se, pegou a jaqueta e abriu a porta da cozinha para sair.

— Ei, amigo — chamou Paul, olhando para ele. — Tenho uma jaqueta igual a sua.

Com um sorriso afetuoso, Kevin olhou para o casalzinho reconciliado e disse:

— Então temos os dois muito bom gosto.

— Muito obrigado — disse Paul, abraçado a Rebeca.

Kevin assentiu, enfiou as mãos nos bolsos e saiu. Emocionado, Paul fechou os olhos. Sempre seria agradecido a Kevin. Uma vez só com Rebeca, voltou a beijá-la com suavidade e então a pegou em seus braços e a colocou no colo.

— Lembra o dia em que nos conhecemos naquela loja?

Ela assentiu, feliz e sentimental.

— Como esqueceria? — respondeu ela, cheia de amor. — Foi o dia em que, sem saber, me apaixonei por você.

Epílogo

Kevin, Rebeca e Iñigo se reuniram pela primeira vez em muitos anos. Assim que o pai começou a falar, Kevin o abraçou, comovido pela tristeza que via em seus olhos. O amor pela mãe o fizera tomar partido sem considerar que sempre é preciso ouvir os dois lados. Elena, por sua vez, demonstrou desde o primeiro dia como era maravilhosa. Preferiu esquecer o passado e começar do zero, mostrando-se muito carinhosa. Kevin conheceu os meios-irmãos e, como era de se esperar, desde o primeiro minuto eles o adoraram.

Quando ficaram sabendo da gravidez de Rebeca, Lorena e Tina pularam de alegria. Que aqueles dois tinham voltado e que logo mais um filho deles chegaria ao mundo eram as melhores notícias possíveis. Carla e Samuel também adoraram as novidades. Os problemas tinham ficado para trás e um lindo futuro se estendia à frente.

Donna foi para a Espanha com Miguel e Maria. Angela ficou encantada ao se ver rodeada por todos aqueles que tanto amava. A princípio, Donna foi reticente em relação ao pai, mas decidiu confiar no julgamento dos irmãos, que o haviam perdoado. Deu uma oportunidade ao pai e ele não a desperdiçou.

Kevin se recuperou em um ritmo acelerado, voltando a ser um espírito livre e chegando a sair algumas vezes para jantar com Belém, surpreendendo todos. Haveria algo entre eles?

Pizza era uma mãezona para seus cinco filhotinhos. Rebeca pensou em doá-los antes da chegada do bebê, mas acabou decidindo ficar com todos menos dois, de quem Kevin cuidaria. Ela iria morar com Paul, enquanto o irmão voltaria para sua antiga casa.

Dois dias após a chegada de Donna, Rebeca entrou em trabalho de parto e teve um lindo bebezinho, que recebeu o nome de Victor. Três meses depois, Paul e Rebeca se casaram em uma cerimônia íntima e emocionante, longe dos olhos dos paparazzi que sempre os rondavam.

Rita e Ivan respiraram com alívio ao saber que seus amigos por fim estavam felizes. Aquele era um novo começo, e sabiam que iam aproveitá-lo. Todos desfrutaram juntos de uma cerimônia cheia de afeto. Porque, quando Rebeca e Paul disseram “sim”, olhando-se nos olhos, fizeram isso com verdadeiro amor.



MEGAN MAXWELL é uma reconhecida escritora do gênero romântico na Espanha. De mãe

espanhola e pai americano, publicou vários romances, além de contos e relatos em antologias coletivas. Em 2010 ganhou o Premio Internacional de Novela Romántica Villa de Seseña e em 2010 e 2011 recebeu o Premio Dama de Clubromantica.com. Megan vive em um encantador vilarejo perto de Madri, na

companhia do marido, de seus filhos, seu cachorro, Drako, e seu gato, Romeo.

Copyright © 2013 by Megan Maxwell

Publicado no Brasil mediante acordo com a Ediciones Versátil, Espanha.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Casi una novela

Capa

Diana Cordeiro

Foto de capa

Corações: Yuliya Evstratenko/ Shutterstock

Fundo: Monbibi/ Shutterstock

Garota: Harvey Anderson/ Getty Images

Preparação

Sheila Louzada

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Luciana Baraldi

ISBN 978-85-438-0753-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

Epílogo

Sobre a autora

Créditos

Document Outline

- Rosto
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38

- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- Epílogo
- Sobre a autora
- Créditos